www.correiobraziliense.com.br
LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2025 — NÚMERO 22.676 • 54 PÁGINAS • R$ 5,00

Hoje é dia de Maratona

Carlos Vieira/CB/D.A Press





Carlos Vieira/CB/D.A Press



A corrida principal da Maratona Brasília será hoje, com largada em frente ao Museu da República. Seis mil atletas, vindos de várias regiões do país, vão competir, tendo cartões-postais da cidade como cenário. Entre os vencedores da primeira etapa realizada ontem (21km), estava Marcos Cruz (C).

Parabéns, nossa Brasília!

A capital da República e o Correio celebram, juntos, 65 anos. Caderno Especial destaca o jeito de ser brasiliense, que molda a identidade de uma cidade viva, com vocação para ser mais que um monumento



Brasília é composta de pessoas que fazem o concreto respirar. A capital é um grande tecido costurado por ações solidárias, de luta pelo meio ambiente, de inclusão social, de pesquisa, entre outras. Essa cidade cheia de memórias afetivas também é o tema que cronistas convidados pelo **Correio** destacaram nas páginas do Caderno Especial. Confira!



Confira vídeo especial sobre os 65 anos do Correio

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Fundada por brasilienses, startup tem satélite no espaço

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Voluntários levam amor e humor a hospitais

Ed Alves/CB/D.A Press



Inclusão digital é independência para idosos

Bruna Gaston/CB/D.A Press



Pesquisadores da Rede Biota do Cerrado: preservação

Instituto resgata a história da cidade

Ed Alves/CB/D.A Press

Muita música na Esplanada

Com a participação de Fagner (foto), segundo dia de shows na Esplanada atrai fãs de várias idades, que também aproveitaram a estrutura de lazer montada no evento. Apresentações de hoje começam às 14h.

Exposição no MAB

Mostra do Correio homenageia artistas do DF

CADERNO ESPECIAL E PÁGINAS 13, 14 E 22

É campeão do mundo!



Divulgação/ittf

O mesatenista Hugo Calderano fez história ao derrotar o chinês Lin Shidong, de virada, por 4 sets a 1.

PÁGINA 20

Tiziana Fabi/AFP



Surpresa na Páscoa

O Papa Francisco abençoou os quase 35 mil fiéis que lotaram a Praça São Pedro. Em mensagem lida por auxiliar, pediu cessar-fogo em Gaza e, depois, foi ao encontro do público no papamóvel. PÁGINA 9

Homem que atropelou e matou diarista se entrega

PÁGINA 17

Dor em Gaza

Bombas israelenses calam jornalista

Diretora de documentário sobre o massacre de palestinos, Fatma Hassouna foi morta durante bombardeio, aos 25 anos. PÁGINA 9

Crime na web

Jovens são presos ao tramar assassinato

Três jovens que planejavam matar uma pessoa em situação de rua e transmitir o ato pela plataforma Discord foram presos pela polícia ontem, no Rio de Janeiro. PÁGINA 6

40 anos de democracia



Após 39 dias, o adeus de Tancredo

Em 21 de abril de 1985, o presidente eleito entrega a vida em favor da Nova República. Momentos finais são marcados por sucessivas cirurgias, agravamento da condição do paciente e um país em oração.

PÁGINAS 2 E 3

ISSN 1808-2661



CLASSIFICADOS: 3342.1000 • **ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR:** 3342.1000  (61) 99158.8045 • assinante.df@dabr.com.br • **GRITA GERAL:** 3214.1166  (61) 99256.3846

Eufrázio

Trinta e nove dias de angústia. No fim, a tristeza

Desde a entrada no Hospital de Base, em 14 de março de 1985, Tancredo foi submetido a sete cirurgias, todas malsucedidas. Saúde do presidente piorou gradativamente e o Brasil mergulhou num antecipado e longo luto

» FABIO GRECCHI

Da internação de Tancredo Neves, em 14 de março de 1985, por conta da primeira cirurgia, à morte 40 anos atrás, em 21 de abril de 1985, foram 39 dias nos quais o país acompanhou, com a respiração suspensa, o drama do presidente eleito e os esforços para que, em algum momento, ocupasse o gabinete do terceiro andar no Palácio do Planalto — coroação de uma trajetória política que começou, em 1946, como deputado estadual, em Minas Gerais. Sete operações em um homem de 75 anos, sendo que a segunda, ainda em Brasília, não era preciso. As cinco que se seguiram, em São Paulo, foram tentativas malsucedidas de evitar o desfecho contra o qual lutou-se tanto.

No boletim da primeira cirurgia, de 15 de março e emitido às 4h32, os médicos que o assinam — Renault Mattos Ribeiro, Francisco Pinheiro Rocha e Gustavo Arantes — afirmam que Tancredo foi operado "de um quadro abdominal agudo", cujo "diagnóstico foi de Divertículo de Meckel com abscesso em formação. O ato cirúrgico transcorreu sem anormalidades". Houve, sim, uma anormalidade: a quantidade de pessoas dentro do centro cirúrgico — exatamente 34 —, que incluiu até mesmo Antônio Carlos Magalhães, que era médico de formação, embora estivesse ali como deputado pela Bahia.

Apesar de o boletim da cirurgia assegurar que tudo transcorrera normalmente, houve dois problemas gravíssimos. O primeiro, de informação. Não era um Divertículo de Meckel, mas, sim, um leiomioma (tumor benigno) ou, na observação do cirurgião Gustavo Ribeiro — convidado por Pinheiro Rocha para acompanhar o procedimento —, um leiomiossarcoma (tumor maligno). Com a aquiescência da família, os médicos decidiram dourar a pílula por dois motivos:

1) A equipe de saúde acreditava que a palavra "tumor" assustaria, por estar associada ao câncer. Não quiseram correr o risco de causar profunda comoção pública;

2) O momento político crítico. Receava-se sobre a postura dos militares.

O segundo problema do boletim médico era a garantia de que a operação fora um sucesso. Longe disso. Uma das irmãs de Tancredo, Ester, que era enfermeira padrão, confidenciou ao sobrinho e futuro ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, que a situação se agravara.

"Chico, mataram o Tancredo", avisou.

"Não diga isso", respondeu Dornelles, incrédulo.

"Mas é verdade, mataram o Tancredo. O médico fez tudo errado. Ele fez uma demonstração para a assistência", reforçou Ester, referindo-se a Pinheiro Rocha. O diálogo está registrado em *Sarney, a biografia*, da jornalista Regina Echeverria.

O ex-presidente confirma a versão, e dá mais detalhes sobre o fracasso operatório, em relato de 2015: "Pinheiro Rocha acha um tumor benigno, 'um leiomioma pedunculado necrosado em abcesso, a cerca de 50cm da válvula ilíaca'. Remove-se o tumor. É uma operação difícil. Quinze vezes tenta o anestesista introduzir uma sonda gástrica. A pressão e os batimentos cardíacos de Tancredo oscilam. Sofre muito. Tem uma paralisia respiratória: 'Dispneia intensa e progressiva, grande agitação para respirar'. Faz um edema pulmonar agudo, começa a entrar em choque. Os doutores Rocha e

> **"Nos últimos 50 anos, a vida pública de Tancredo Neves confundiu-se com os sonhos e com os ideais brasileiros de democracia. A emocionante corrente de fé e de solidariedade só fez crescer esse sentimento de união"**
>
> ***Trecho do anúncio da morte de Tancredo lido por Antônio Britto***

Renault, chamados, voltam correndo. Falavam à imprensa que a operação fora um sucesso. Os anestesistas lutam desesperadamente para recuperá-lo. Ele ressuscita. Irmã Ester, irmã de Tancredo, diz a Dornelles: 'Tancredo morre'." Os anestesiologistas eram Edno Magalhães (chefe), Maria Fátima Padilha, Francisco Ramos e Adonái Costa — conforme Luis Mir, em *O Paciente — O Caso Tancredo Neves*.

A ressecção

Surge, aqui, uma grande discussão entre os médicos que acompanharam a cirurgia de que o tumor foi extirpado de forma equivocada, com uma "ressecção em V" — ou em cunha, tal como decidido por Pinheiro Rocha. Isso é considerado um dos pilares para o agravamento do quadro de Tancredo, como explica Luis Mir na investigação que realizou.

"O critério cirúrgico para o que fora encontrado, estabelecido à época tanto para formas malignas como benignas, era a enterectomia ampliada (ressecção segmentar). Consensual que a retirada do segmento intestinal contendo a lesão não deveria ser feita em V (cunha), descartada tanto pela possibilidade de malignidade como, também, pela presença de vasos calibrosos e anômalos remanescentes próximos à base de implantação do tumor. Podiam ocorrer hemorragias pós-operatórias catastróficas. Como ocorreram", expôs Mir.

Ainda segundo *O paciente — O caso Tancredo Neves*, Aluísio Toscano Franca (1º cirurgião auxiliar e chefe da UTI do Hospital de Base) e Felipe Nery (2º cirurgião auxiliar) teriam ponderado com Pinheiro Rocha sobre o corte feito, em uma região hipervascularizada, para a retirada da parte adoecida. O cirurgião chefe nega que ambos o tenham abordado. Mas a contraindicação à "ressecção em V" é compartilhada por Wilson Pollara, cirurgião da equipe do médico Henrique Walter Pinotti, que começou a cuidar de Tancredo ainda em Brasília.

No livro de Luis Mir, Gustavo Ribeiro afirma que observou o tumor retirado de Tancredo, colocado numa cuba próxima a ele. Pelo que percebeu, era maligno, um leiomiossarcoma, pois operara três, recentemente, de pacientes que sofriam com o problema. E o fizera com ressecção segmentar.

"Comentei com o deputado Carlos Mosconi e com o senador Mário Maia (ambos médicos), que estavam junto de mim. Depois, aproximei-me de Pinheiro e sugeri, sem que fosse ouvido pelos demais: 'Talvez seja até um leiomiossarcoma'. Ele simplesmente respondeu com um 'OK'", registra Luis Mir.

Pela descrição que faz no livro, "devido ao tumulto na sala de cirurgia durante o ato cirúrgico, o anestesista Edno Magalhães quer terminar o quanto antes a anestesia". Tal manobra, porém, é complexa, sobretudo quando se tem na mesa um homem idoso submetido a uma longa intervenção, com perda sanguínea e necessitado de reposição do volume que dispendera — elementos que potencializam o risco de uma trombose venosa profunda e de embolia pulmonar. Luis Mir relata que o tempo de sedação estava quase no fim, mas Toscano Franca e Nery ainda não tinham fechado a parede abdominal de Tancredo. Nessa etapa, o anestesista "descurariza o presidente, retira o tubo orotraqueal (permite a conexão do ventilador mecânico com os pulmões). O paciente não consegue respirar espontaneamente e tem edema pulmonar por pressão negativa (esforço de expansão pulmonar). Os dois cirurgiões se desesperam e pedem para que ele mantenha a anestesia para que possam acabar a cirurgia" — o trecho é da página 126 do livro *O paciente — O caso Tancredo Neves*.

Luis Mir prossegue: "O edema teve instalação catastrófica, com dispnéia intensa e progressiva, grande agitação do presidente na tentativa de respirar, com secreção pulmonar abundante, às vezes sanguinolenta, decorrente de obstrução das vias aéreas superiores (VAS) após a extubação traqueal". É quando Toscano Franca sai em disparada da sala de cirurgia e chama o cardiologista de plantão da UTI do HDB, Getro Artiaga de Lima e Silva. Voltam correndo e o especialista em coração percebe que Tancredo não respirava. Faz as manobras para salvar o presidente.

"Ele teve uma acidose mista, respiratória e metabólica. Chegou a ter um pH muito baixo. O coração quase chegou a parar, foi muito difícil. Ele fez um edema agudo de pulmão. Posso dizer que salvei o presidente naquela noite", afirma Getro, no livro de Luis Mir.

No primeiro dia do pós-operatório, apesar de algumas preocupações, Tancredo esteve bem. Inclusive, recebeu Ulysses Guimarães, com o qual conversou por aproximadamente 15 minutos — encontro testemunhado por Renault. À saída do HDB, o presidente da Câmara disse aos repórteres que lá estavam que sua "expressão tranquila" atestava a boa recuperação do presidente.

Mas, por volta das 22h de 16 de março de 1985, vieram as complicações. Tancredo vomita, põe a culpa na troca do chá que vinha tomando como alimentação pós-operatória — indicada por Pinheiro Rocha. Na madrugada do dia 17, tem uma gravíssima crise respiratória e é atendido com tratamento de urgência. Também apresentava perda de líquidos e hemorragia, levando ao aumento dos batimentos cardíacos e da frequência respiratória. Com distensão abdominal, o presidente tinha vômitos biliosos. Uma radiografia detectou o começo de pneumonia.

O quadro piora velozmente. Ainda no dia 17, Renault tem duas reuniões decisivas: a primeira, com os generais Leônidas Pires Gonçalves (ministro do Exército) e Ivan de Souza Mendes (ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações/SNI),

Arquivo/EBN

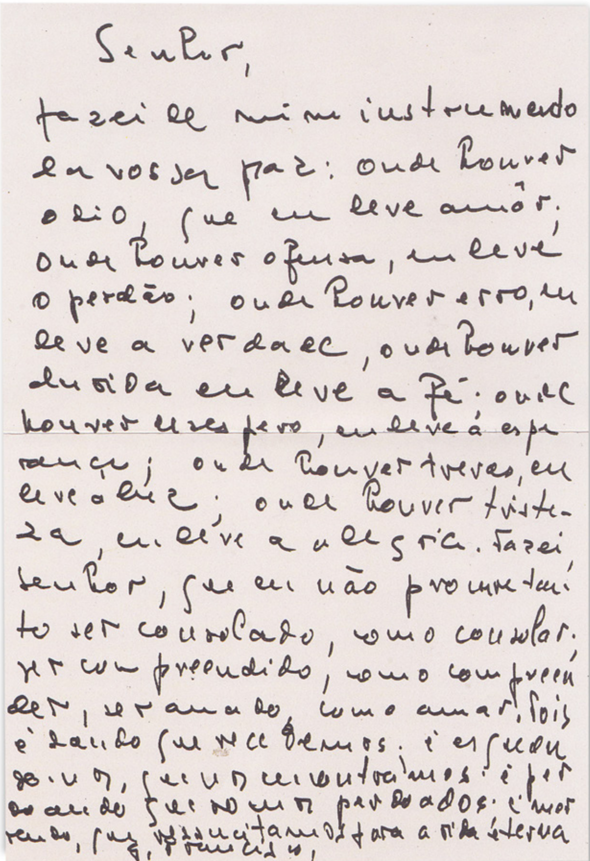


Adauto Cruz/CB/D.A Press



Esquife com corpo de Tancredo sobe a rampa do Palácio do Planalto para ser velado

Reprodução



Senhor,
fazei de mim instrumento de vossa paz: onde houver ódio, que eu leve amor; onde houver ofensa, eu leve o perdão; onde houver erro, eu leve a verdade, onde houver dúvida eu leve a fé; onde houver desespero, eu leve a esperança; onde houver trevas, eu leve a luz; onde houver tristeza, eu leve a alegria. Fazei senhor, que eu não procure tanto ser consolado, como consolar; ser compreendido, como compreender, ser amado, como amar. Pois é dando que recebemos. É esquecendo, que nos encontramos; é perdoando que somos perdoados; é morrendo, que ressuscitamos para a vida eterna

A Oração de São Francisco de Assis manuscrita que Tancredo levava na carteira

Crédito: Correio Braziliense / Reprodução



CORREIO BRAZILIENSE

1910 ✝ 1985

Tancredo morreu. Deixou a esperança

O legado de Tancredo

Perto das 22h30, a notícia que o Brasil não queria receber estampa a 1ª página

Crédito: Correio Braziliense / Reprodução



CORREIO BRAZILIENSE

Povo na rua canta, chora e se despede de Tancredo

Por quase 40 dias, o país se preparou para viver o luto pela morte do presidente

Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

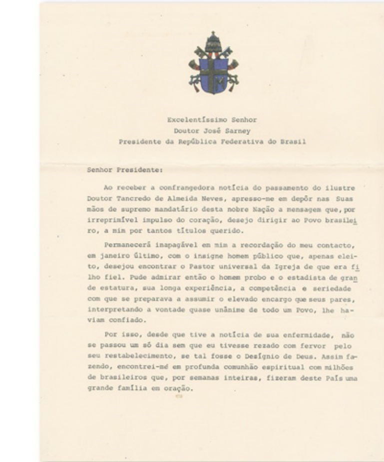






Última vivo com Risoleta e os médicos (E para D) Renault Mattos, Pinheiro Rocha, Resende Alves, Henrique Pinotti e Gustavo Arantes

Reprodução



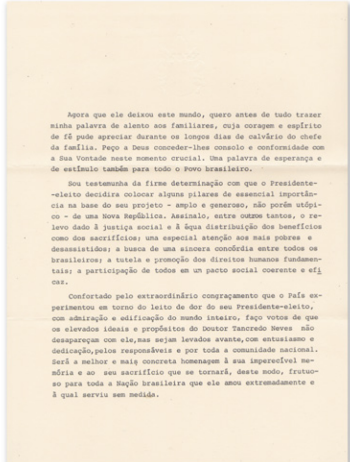
Excelentíssimo Senhor
Doutor José Sarney
Presidente da República Federativa do Brasil

Senhor Presidente:

Ao receber a confrangedora notícia do passamento do ilustre Doutor Tancredo de Almeida Neves, apresso-me em depôr nas Suas mãos de supremo mandatário desta nobre Nação a mensagem que, por irreprimível impulso do coração, desejo dirigir ao Povo brasileiro, a mim por tantos títulos querido.

Permanecerá inapagável em mim a recordação do meu contacto, em janeiro último, com o insigne homem público que, apenas eleito, desejou encontrar o Pastor universal da Igreja de que era filho fiel. Pude admirar então o homem probo e o estadista de grande estatura, sua longa experiência, a competência e seriedade com que se preparava a assumir o elevado encargo que seus pares, interpretando a vontade quase unânime de todo um Povo, lhe haviam confiado.

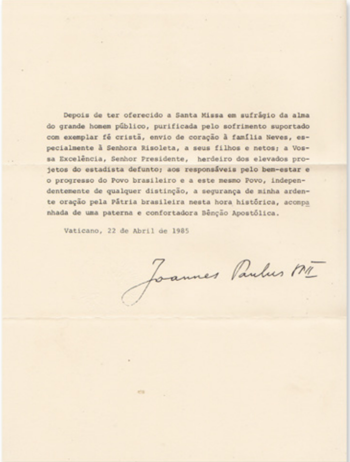
Por isso, desde que tive a notícia de sua enfermidade, não se passou um só dia sem que eu tivesse rezado com fervor pelo seu restabelecimento, se tal fosse o Desígnio de Deus. Assim fazendo, encontrei-me em profunda comunhão espiritual com milhões de brasileiros que, por semanas inteiras, fizeram deste País uma grande família em oração.



Agora que ele deixou este mundo, quero antes de tudo trazer minha palavra de alento aos familiares, cuja coragem e espírito de fé pude apreciar durante os longos dias de calvário do chefe da família. Peço a Deus conceder-lhes consolo e conformidade com a Sua Vontade neste momento crucial. Uma palavra de esperança e de estímulo também para todo o Povo brasileiro.

Sou testemunha da firme determinação com que o Presidente-eleito decidira colocar alguns pilares de essencial importância na base do seu projeto - amplo e generoso, não porém utópico - de uma Nova República. Assinalo, entre outros tantos, o relevo dado à justiça social e à équa distribuição dos benefícios como dos sacrifícios; uma especial atenção aos mais pobres e desassistidos; a busca de uma sincera concórdia entre todos os brasileiros; a tutela e promoção dos direitos humanos fundamentais; a participação de todos em um pacto social coerente e eficaz.

Confortado pelo extraordinário congraçamento que o País experimentou em torno do leito de dor do seu Presidente-eleito, com admiração e edificação do mundo inteiro, faço votos de que os elevados ideais e propósitos do Doutor Tancredo Neves não desapareçam com ele, mas sejam levados avante, com entusiasmo e dedicação, pelos responsáveis e por toda a comunidade nacional. Será a melhor e mais concreta homenagem à sua imperecível memória e ao seu sacrifício que se tornará, deste modo, frutuoso para toda a Nação brasileira que ele amou extremadamente e à qual serviu sem medida.



Depois de ter oferecido a Santa Missa em sufrágio da alma do grande homem público, purificada pelo sofrimento suportado com exemplar fé cristã, envio de coração à família Neves, especialmente à Senhora Risoleta, a seus filhos e netos; a Vossa Excelência, Senhor Presidente, herdeiro dos elevados projetos do estadista defunto; aos responsáveis pelo bem-estar e o progresso do Povo brasileiro e a este mesmo Povo, independentemente de qualquer distinção, a segurança de minha ardente oração pela Pátria brasileira nesta hora histórica, acompanhada de uma paterna e confortadora Bênção Apostólica.

Vaticano, 22 de Abril de 1985

Joannes Paulus PP. II

Carta do papa João Paulo II a José Sarney, que assumiria o mandato de Tancredo, lamentando a morte do primeiro presidente pós-ditadura

na casa do brigadeiro Octávio Moreira Lima (ministro da Aeronáutica), que também participa; e a segunda com Sarney, no Palácio do Planalto. Nesta, sugere que se crie uma junta médica para acompanhar Tancredo. O presidente em exercício deixa claro que não haverá restrição de recursos para amparar o presidente eleito.

Leva a proposta da junta médica à família de Tancredo, que concorda. Na noite daquele domingo, 17 de março, são disparados telefonemas para especialistas indicados por Renault, Pinheiro Rocha, Tancredo Augusto (filho do presidente), Aécio Neves (então secretário particular do avô) e Aloysio Neves (médico e primo de Tancredo).

Do Rio de Janeiro, vêm Jayme Landman e Lopes Pontes, indicados por Renault. De Belo Horizonte, Célio Nogueira e Wilson Luiz Abrantes — sugeridos por Pinheiro Rocha. E da capital mineira e de São Paulo, João Baptista de Resende Alves e Agostinho Bettarello, a pedido dos Neves. Henrique Walter Pinotti foi mandado pelo governador paulista Franco Montoro, por solicitação de Ulysses.

Se a relação entre os médicos não era de completa afinidade, com a junta médica sofre profunda fratura. Segundo Pinheiro Rocha, Pinotti desembarca dizendo que eram amigos e que, por isso, estava ali para ajudar — o cirurgião nega que fossem próximos, apesar de se conhecerem desde que fizeram um curso na França. A junta foi informada de que tratava-se de um tumor intestinal, mas todos concordam em sustentar a versão da diverticulite.

Cabeçadas

Na edição de 18 de março de 1985, do **Correio Braziliense**, fica claro que a piora na saúde do presidente não era mais segredo. Manchete da página 3: "Tancredo enfrenta problemas em sua recuperação — Boletins médicos são contraditórios. Mas Aécio garante que o avô está bem e de ótimo humor". O entorno do presidente eleito dá cabeçadas com declarações desencontradas.

No boletim lido às 20h50 pelo porta-voz da Presidência, o jornalista Antônio Britto, afirma-se que "o estado de saúde do presidente, depois do resultado das radiografias feitas à tarde do tórax e do abdome, é satisfatório". Porém, o filho Tancredo Augusto relatou à imprensa que encontrou o pai, por volta das 18h30, "aparentemente muito bem, com bom-humor e conversando normalmente". Já Aécio, que disse ter estado com o avô pouco depois, pelas 19h, afirmou que o estado de saúde era bom, "inclusive bem melhor do que ontem".

Os médicos também não se acertam nas versões. Renault dissera aos jornalistas de plantão, por volta das 18h30, que Tancredo estava com um princípio de pneumonia e negou que fosse um edema pulmonar. Às 19h, Pinheiro Rocha afirma exatamente o contrário: "Ele (o presidente) não tem pneumonia de forma alguma. Acabo de estar com ele. Estava sentado, conversando e muito bem-humorado. Não há anormalidade", assegurou.

Em 19 de março de 1985, a situação de Tancredo segue piorando. O abdome continua distendido, não há movimentos intestinais — apenas quando estimulados —, vomita e os pulmões estão infiltrados, conforme mostram as radiografias de tórax. Luis Mir frisa que o presidente eleito não voltou a se alimentar do dia da operação até o da morte. "Se há consenso estabelecido de que os médicos não deveriam ter forçado o retorno do peristaltismo, também há consenso de que ele se tornou um desnutrido crônico, com todas as consequências disso decorrentes para o organismo de um paciente idoso em pós-operatório complicado. Ele foi um dieta zero desde o pós-operatório imediato até o final", salienta, na página 157 do seu livro. Além disso, as tentativas de passagem de sonda machucaram Tancredo internamente e aumentaram o sofrimento.

Mas não era apenas a saúde do presidente eleito que deteriorava. O relacionamento entre os médicos também. Pinotti montou sua própria equipe, que trabalhava em paralelo à de Pinheiro Rocha e Toscano Franca. Chamou Wilson Pollara, Ivan Ceconello, Luiz Tarcísio Filomeno, José Eduardo Monteiro da Cunha, Telesforo Bachella e Bruno Zilberstein para compor o time. A única indicação de que o presidente poderia sofrer nova intervenção foi dada pelo ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal: "O estado de saúde do presidente é mais grave do que ontem e uma nova operação dependerá da decisão dos médicos", disse, ao ser interpelado pelos repórteres à saída do HDB, conforme registrado na página 3 do **Correio Braziliense** de 20 de março.

Manchete daquele dia: "Rumores assustam, mas médicos dizem que Tancredo passa bem — Junta examina o presidente e constata que ele só tem problemas no intestino". Não se falava em reabrir o paciente, mas avaliava-se o quadro institucional, incerto e tenso. Em artigo na página 3, o então editor de Política do **Correio Braziliense**, Armando Rollemberg, afirma que não se podia falar de posse diante de um quadro tão nebuloso. "Passadas as primeiras 120 horas da cirurgia, porém, o quadro clínico apresentado sugere uma reversão das expectativas. Mesmo que nada mais grave aconteça, o presidente dificilmente estará em condições de despachar nos próximos 30 dias", frisa.

Conflitos

Apesar da animosidade entre os integrantes da junta médica, é Pinheiro Rocha quem conduz a segunda cirurgia, que começa às 16h e termina pelas 19h45. A nova intervenção é motivada por uma divergência de diagnóstico — Resende Alves enxerga nos exames algo que os demais não viam, insiste na intervenção e o grupo concorda. Estava, porém, equivocado. Só que tal constatação fez-se apenas depois de aberto o paciente. Ou seja: não houve a necessidade de submeter Tancredo a tamanha exposição.

Ao contrário do primeiro procedimento, este de 20 de março é realizado na sala de operações do pronto-socorro, considerado um ambiente mais crítico do que o da cardiologia, local da primeira intervenção. Apesar de Pinheiro Rocha estar à frente da equipe cirúrgica, como um gesto de gentileza deixa para Pinotti o fechamento do abdome de Tancredo. Nesse momento, surge outro problema: o tipo de "costura" feita no presidente eleito pelo médico paulista — em "jaquetão". A sutura executada teria saído do centro de cirurgia já necrosada. Além disso, tal procedimento "subiu" o diafragma de Tancredo, que passou a ter problemas para respirar, segundo o anestesista Edno Magalhães.

Em 21 de março, na primeira página do **Correio Braziliense**", a dúvida sobre a necessidade do segundo procedimento: "Tancredo resiste à segunda operação — Médicos, políticos e familiares do presidente debateram a conveniência da cirurgia durante sete horas".

Segundo José Augusto Ribeiro, em *Tancredo Neves — A noite do destino*, não foi a conclusão da operação feita por Pinotti que azedou o relacionamento entre os médicos. O cirurgião paulista teria feito um comentário deselegante sobre uma questão técnica da primeira intervenção, conduzida por Pinheiro Rocha. Por causa disso, os dois, inclusive, por pouco não entram em luta corporal. Torna-se público que a junta médica rachara.

Até a madrugada de 25 de março, quando Tancredo teve uma severa hemorragia, apesar dos indicadores preocupantes, há algum otimismo. Fala-se em alta médica, posse e volta para casa. O presidente até promete a Pinotti, conforme depoimento que prestou ao Conselho Regional de Medicina de São Paulo, em 1986, que trabalharia em ritmo lento e que, "na Semana Santa, eu passo a receber um ministro por dia". Na noite de 24 de março, a equipe médica paulista participa de uma festa de despedida oferecida pelo ministro Fernando Lyra, da Justiça. Iria embora na manhã seguinte. Mas o telefonema de Pinheiro Rocha a Pinotti, de madrugada, acaba com a planejada volta para casa.

A foto

Havia, porém, um problema adicional: dar uma satisfação pública sobre a saúde de Tancredo. Estava bem? Estava mal? Não se sabia e a especulação corria. Era uma preocupação interna (da família, dos políticos e dos médicos) e uma cobrança externa (da imprensa e da sociedade). Decidiu-se que o presidente apareceria para pôr fim à boataria. Por volta das 11h do dia 25, é levado para a sala dos médicos no HDB, depois de preparada por d. Risoleta. É Antônio Britto quem conta, em *Assim morreu Tancredo*.

"O presidente vestiu o robe de chambre sobre o pijama e colocou uma echarpe para cobrir o pescoço, embora ali não tivesse nada. Ele tinha apenas duas sondas, uma de soro e outra de alimentação parenteral. Aí o presidente saiu de seu quarto, numa cadeira de rodas, acompanhado de d. Risoleta e enfermeira, que segurava os dois frascos de soro", lembra. E prossegue: "Eu, que só tinha visto o presidente entrando e saindo do centro cirúrgico, falei pela primeira vez com ele desde a internação. 'Como vai, Britto?', saudou-me. 'Tudo bem, presidente. Como vai o senhor? Vamos lhe incomodar um pouco', disse-lhe. Ele parecia mais pálido, cansado e um pouco inchado. O [fotógrafo] Gervásio Batista se emocionou muito ao vê-lo, e não se cansava de repetir: 'Mas, meu presidente, que bom lhe ver, meu presidente. Mas que bom!'. O dr. Tancredo se acomodou no sofá do centro, a enfermeira colocou os dois frascos de soro no chão, atrás do sofá, e saiu de cena."

Na foto, veem-se, da esquerda para a direita, Renault, Pinheiro Rocha, d. Risoleta (que, inicialmente, não quis aparecer), Tancredo, Resende Alves, Pinotti e Gustavo Arantes (diretor do HDB). O tórax do presidente está nitidamente inchado, mas sua expressão facial é boa. Gervásio tira várias fotos. "Quem se mostrava mais tranquilo era dr. Tancredo, que parecia estar gostando. 'Fiquem calmos. Façam o trabalho de vocês'. Ele conversava com o dr. Resende, ao seu lado, explicando: 'Isso é assim mesmo. Demora um pouco. Eles são muito cuidadosos'. E Gervásio insistia: 'Só um minuto, presidente'", relata Britto. A alegria daquele momento, porém, dura pouco. Tancredo sangra muito, enquanto as fotos se espalham na imprensa.

Embalado pelo otimismo, o **Correio Braziliense** dá como manchete na edição de 26 de março: "Tancredo deve assumir dia 21 — Data foi revelada pelo líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga. Aécio promete uma grande festa". O Dia da Inconfidência parecia premonitório e indissoluvelmente ligado à trajetória do presidente. Porém, naquela noite de 25 de março, uma reunião decide duas coisas: a primeira, que não se falaria mais em posse — determinação do ministro-chefe da Casa Civil, José Hugo Castello Branco; a segunda, que Tancredo iria para São Paulo.

São Paulo

O presidente chega à capital paulista por volta das 8h30 de 26 de março, levado em um avião inadequado — um jato da Presidência da República para transporte de autoridades. No voo, recebe várias bolsas de sangue. Após o desembarque, é removido imediatamente para o Instituto do Coração (Incor), onde se submete a uma cintilografia para determinar a origem do intenso sangramento — vinha da linha da sutura da primeira cirurgia. Tenta-se uma arteriografia para estancar a hemorragia, que fracassa. Levam Tancredo para a mesa de operação por volta das 16h45 e o terceiro procedimento dura, aproximadamente, 50 minutos. Dá certo, mas a condição geral é crítica.

A comoção popular que tomara Brasília muda de lugar. Até poucas horas antes, o HDB tornara-se local de romaria, de preces sentidas, de manifestações de apoio e de preocupação com a saúde de Tancredo. Agora, o santuário é o Incor. A população, que esperançosa e em silêncio fora receber o presidente eleito, em Congonhas, na sua última viagem vivo, manifestava toda aflição que sofria em frente ao local da internação. E rezava. E fazia correntes de vibrações positivas. E pedia a Deus pela vida daquele que reacendeu a esperança do brasileiro no futuro. Como no discurso da vitória, no Colégio Eleitoral, em janeiro daquele ano, todos passaram a acreditar, profundamente, no que Tancredo propusera ao país: "Não vamos nos dispersar. Continuemos reunidos, como nas praças públicas, com a mesma emoção, a mesma dignidade e a mesma decisão. Se todos quisermos, dizia-nos, há quase 200 anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, podemos fazer deste país uma grande Nação".

Porém, a realidade era mais dolorosa, mais injusta. Com as notícias sobre o presidente eleito, um clima de eliminação do Brasil para a Itália, na Copa de 1982, desalentava a população. O véu da tristeza cobriu o país. Esperava-se, para qualquer momento, que um dos boletins lidos por Britto trouxesse o inevitável — que Tancredo partira. Os brasileiros anteciparam o luto. Aquela farra das Diretas Já e da vitória sobre Paulo Maluf, na eleição presidencial indireta, não tinha sido suficiente para alimentar, fosse quem fosse o presidente, a fé na inflação mais baixa, em mais empregos, em melhor qualidade de vida, em educação pública decente, em saúde abrangente, em impostos menores, em violência sob controle, em políticos corretos, em dinheiro público bem aplicado. Era preciso que Tancredo indicasse o caminho para se alcançar tudo isso.

Nos boletins passados por Britto ao mundo exterior, agrega-se uma palavra aparentemente desimportante, mas que é o pior inimigo que alguém pode enfrentar dentro de um hospital: a infecção. No combate à guerrilha de bactérias e virus, o infectologista Vicente Amato Neto. Desdobra-se para conter um adversário implacável e traiçoeiro, que concede ao paciente momentos de equilíbrio e, aos médicos, dribles humilhantes e brutais ofensivas.

A quarta cirurgia acontece em 2 de abril de 1985 — a razão foi uma hérnia. Reacende-se o otimismo na equipe médica. Antes, em 27 de março, o presidente em exercício José Sarney visita Tancredo. Veem-se de longe. O presidente eleito faz um sinal positivo com o polegar direito e, com o indicador esquerdo, aponta para a barriga. O substituto sorri, acena, manda um beijo fraterno e sai.

No dia 4, a quinta operação — desta vez para a drenagem de abscessos. A infecção não cede e as crises se sucedem. Os médicos, literalmente, suavam a camisa na tentativa de manter o controle: "Levavam de 30 a 40 minutos naquilo, chegavam a sair suados dali", lembra Britto. Ao final, Tancredo entra em choque, a pressão arterial vai quase a zero. A esperança dos médicos se abala.

Em 9 de abril, o presidente eleito submete-se a uma traqueotomia para a retirada de uma sonda. Era a sexta cirurgia. Apesar da simplicidade do procedimento, no pós-operatório o coração de Tancredo para. Onde quer que tenha estado naqueles minutos, o fato é que voltou à custa de muitas manobras cardíacas. A manchete do **Correio Braziliense** do dia seguinte: "Tancredo em estado gravíssimo — Presidente eleito sobrevive à pior crise (queda de pressão e taquicardia) após a sexta intervenção".

Para conter focos de infecção, realiza-se a sétima cirurgia. Sabia-se, porém, que a guerra estava perdida. "Tancredo em lenta agonia — Quadro é irreversível. Tancredo já se despede dos médicos. Desativação dos aparelhos será fatal", é a manchete do **Correio Braziliense** de 11 de abril. No dia 12, o jornal anuncia a derradeira operação, mas deixa claro: "Chances de sobrevivência são remotas. Decisão de operar é uma desesperada tentativa dos médicos".

Em 19 de abril, o **Correio Braziliense** alertava, na manchete: "Estado de Tancredo é desesperador". No dia 20, o especialista em infecção pulmonar Warren Zapol, do Hospital Geral de Massachusetts, na cidade norte-americana de Boston, examina Tancredo, a pedido de Pinotti. O veredicto apenas confirma o que se sabia: nada mais há a fazer, a não ser esperar o passar das horas.

Domingo, dia 21, a luz de Tancredo começa a se apagar. Os Neves reúnem-se, choram entre eles, trocam lembranças. D. Risoleta tenta, da melhor forma possível, aguardar o ponto final. O dia passa e alonga o sofrimento. "Será ainda hoje?", perguntam-se todos.

O relógio aproxima-se das 22h30. Britto acomoda-se na cadeira e entra em cadeia nacional de rádio e tevê: "Senhores, por gentileza", pede aos jornalistas, que já sabiam o que seria anunciado a seguir. O comunicado é lido com voz firme: "Lamento informar que o excelentíssimo senhor presidente da República, Tancredo de Almeida Neves, faleceu esta noite, no Instituto do Coração, às 22h23. Acrescento o seguinte: nos últimos 50 anos, a vida pública de Tancredo Neves confundiu-se com os sonhos e com os ideais brasileiros de união, de democracia, de justiça social e de liberdade. Nos últimos meses, pela vontade do povo e com a liderança de Tancredo Neves, esses ideais se transformaram na Nova República. A emocionante corrente de fé e de solidariedade das últimas semanas, enquanto o presidente Tancredo Neves lutava pela vida, só fez crescer esse sentimento de união, que foi sempre ação, exemplo e objetivo de Tancredo Neves. Com a mesma fé, com a mesma determinação, o Brasil haverá, a partir de agora, de realizar os ideais do líder que acaba de perder — Tancredo Neves".

Britto levanta-se. Segue-se uma salva de palmas.

Manchete do **Correio Braziliense** de 22 de abril de 1985, uma segunda-feira: "Tancredo morreu. Deixou a esperança".

Eufrázio

ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

A vez do "núcleo de gerência"

STF começa a analisar, amanhã, denúncia da PGR contra acusados de pôr em curso manobras para consumação do golpe

» MAIARA MARINHO

O Supremo Tribunal Federal (STF) inicia, amanhã, o julgamento da denúncia oferecida pela Procuradoria-Geral da República do segundo grupo de envolvidos na tentativa de golpe de Estado para manter o ex-presidente Jair Bolsonaro no poder. Os cinco **(veja quem são no quadro abaixo)** foram classificados pela PGR como integrantes do "núcleo de gerência" e teriam sido incumbidos de praticar ações que criassem barreiras à impedir a vitória eleitoral, a posse de Luiz Inácio Lula da Silva e as ações iniciais do atual governo.

Entre as iniciativas contra o atual presidente, constava até que ele fosse impedido de assumir por meio de uma trama violenta — que previa que fosse assassinado, assim como o vice Geraldo Alckmin e o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal e então presidente do Tribunal Superior Eleitoral. Nesta etapa, os ministros da Primeira Turma — Cristiano Zanin (presidente), Moraes (relator das ações), Luiz Fux, Flávio Dino e Cármen Lúcia — apenas analisam os dados reunidos na denúncia entregue pela PGR.

As defesas dos acusados serão ouvidas amanhã e, na quarta-feira, os ministros iniciam a leitura dos votos para decidirem se os cinco tornam-se réus — e podem pegar até 43 anos de prisão em caso de condenação. Os crimes pelos quais estão sendo acusados são abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado, participação em organização criminosa com arma de fogo, dano qualificado contra o patrimônio da União e deterioração de patrimônio tombado.

Resposta do STF

Diante da campanha de que há exagero nas punições impostas aos golpistas do 8 de Janeiro — versão defendida pelos bolsonaristas —, a Corte rebateu as críticas feitas em artigo da revista *The Economist* de que diz que o ministro Alexandre de Moraes tem "poderes excessivos" e que o STF enfrenta "crescentes questionamentos". Nota assinada pelo presidente, ministro Luís Roberto Barroso, defende a atuação do magistrado e nega a alegada crise de confiança na Corte.

"O enfoque dado na matéria corresponde mais à narrativa dos que tentaram o golpe de Estado do que ao fato real de que o Brasil vive uma democracia plena, com Estado de direito, freios e contrapesos e respeito aos direitos fundamentais", destaca a nota.

A revista afirmou que o Supremo poderia agravar uma suposta crise de confiança junto à sociedade, caso o julgamento de Bolsonaro seguisse na Primeira Turma. Na resposta, Barroso afirma que o julgamento de ações penais contra autoridades segue o rito previsto no procedimento penal, que determina que esses casos sejam analisados pelas turmas, e não pelo plenário. "Mudar isso é que seria excepcional", destaca na nota.

O presidente do STF rebate a sugestão de suspender Moraes do julgamento de Bolsonaro. Segundo ele, o ex-presidente ofendeu quase todos os integrantes da Corte e "se a suposta animosidade em relação a ele pudesse ser um critério de suspeição, bastaria o réu atacar o tribunal para não poder ser julgado".

Barroso salienta que, apesar da reportagem citar "algumas das ameaças sofridas pela democracia" no país, deixou de mencionar as invasões às sedes dos Três Poderes, no 8 de Janeiro, por uma "multidão insuflada por extremistas". A nota cita, ainda, o plano de assassinato de Lula, de Alckmin e de Moraes. "Foi necessário um tribunal independente e atuante para evitar o colapso das instituições, como ocorreu em vários países do mundo, do Leste Europeu à América Latina", lembrou Barroso.

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil



A imprensa acompanhou de fora do STF sessão que tornou Bolsonaro réu. O mesmo esquema deve se repetir com a nova leva de denunciados

Quem é quem

Marcelo Camargo/Agência Brasil



MÁRIO FERNANDES
General da reserva, está preso preventivamente desde dezembro do ano passado. É acusado de ser um dos articuladores da trama golpista, após ter sido encontrado com ele um planejamento detalhado, chamado Punhal Verde e Amarelo, que envolvia o assassinato de Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes. Seria executado em 15 de dezembro de 2022, quatro dias antes da data-limite para a diplomação.

Reprodução/Redes sociais



FILIPE MARTINS
Ex-assessor para Assuntos Internacionais da Presidência da República, foi preso preventivamente em fevereiro de 2024 e solto em agosto. É acusado de redigir a minuta do golpe para impedir a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva após as eleições de 2022. Seus advogados solicitaram ao ministro Alexandre de Moraes para que ele circule em Brasília, além do trajeto estabelecido pela Corte — aeroporto-hotel-STF.

Minervino Júnior/CB/D.A Press



SILVINEI VASQUES
Ex-diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal (PRF), é acusado de tentar interferir no resultado das eleições de 2022, por causa das blitz no dia do segundo turno da corrida presidencial em cidades do Nordeste, onde estava a principal base eleitoral de Lula. Na ocasião, os eleitores foram impedidos pelos agentes de acessarem os locais de votação. As barreiras foram suspensas após Moraes ameaçar prendê-lo.

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



FERNANDO OLIVEIRA
Delegado federal, era secretário-executivo de Segurança Pública (SSP-DF) no governo de Ibaneis Rocha, quando os prédios da Praça dos Três Poderes foram tomados por ações de depredação. É acusado de ignorar, deliberadamente, as informações repassadas pelo diretor-geral da PF, Andrei Passos, para impedir a entrada de manifestantes na Esplanada dos Ministérios em 8 de janeiro de 2023.

Divulgação/CLDF



MARÍLIA ALENCAR
Delegada federal, foi nomeada por Fernando de Sousa Oliveira para ocupar o cargo de subsecretária de Inteligência na SSP-DF, dias antes da depredação dos prédios dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023. Ela é acusada de restringir a difusão de orientações da Polícia Federal sobre as ações que deveriam ser empenhadas pelas equipes de segurança do DF no dia das depredações dos bolsonaristas.

Estratégia anti-anistia

O Palácio do Planalto ainda não deixou clara a estratégia a que recorrerá para impedir o avanço do projeto de lei que pede anistia para os condenados pela tentativa de golpe do 8 de Janeiro. Com a possibilidade de a oposição recrudescer o movimento de obstrução a pautas de interesse do governo — sobretudo o PL que isenta quem ganha salário de até R$ 5 mil do pagamento de Imposto de Renda —, são duas as apostas entre os aliados: o presidente dar início a uma minirreforma no primeiro escalão ou cobrar que ministros do Centrão intervenham junto às bancadas para sepultar a anistia.

A possibilidade de discutir a dosimetria das penas aos golpistas, como sinalizar a ministra Gleisi Hoffmann, da Secretaria de Relações Institucionais, está afastada. A reação negativa dos ministros do Supremo Tribunal Federal levou ao abandono da ideia. Para os integrantes do STF, seria uma descortesia com a Corte e a capitulação do governo à versão bolsonarista de que as penas são exageradas.

Segundo Rodrigo Prando, cientista político e professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie, a negociar a dosimetria tiraria a "liderança do golpe de Bolsonaro e daqueles que serão julgados da última denúncia aceita pelo Supremo".

O líder do PL, deputado Sóstenes Cavalcanti (RJ), anunciou que procurará os líderes do PSD, do PP e do União Brasil para que estejam ao lado deles no Colégio de Líderes a fim de aumentar a pressão sobre o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), para que coloque o projeto da anistia para andar, conforme prevê o requerimento de urgência. O Palácio do Planalto pretende jogar também nessa seara para impedir que o texto avance.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva quer que os ministros do PP, do União e do PSD entrem em campo para barrar a anistia. Mas tal esforço tem tudo para não dar o resultado esperado pelo Palácio. Para o cientista político Sérgio Praça, a oposição no Congresso está ganhando.

"A discussão da anistia é um tema que interessa somente à oposição bolsonarista e isso o que a gente está discutindo há semanas já. O governo cometeu um erro ao superestimar a lealdade dos deputados da base", observou. **(MM com Fabio Grecchi)**



ROBERTO BRANT

EM TODOS OS CAMPOS DE ATIVIDADE DO NOSSO PAÍS, HÁ HOMENS E MULHERES DE ALTO NÍVEL, CAPAZES DE COMPETIR EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO. POR QUE SÓ NA POLÍTICA FALTA TALENTO?

A vontade dos homens e a vontade das leis

Num tempo distante, em que políticos de Minas eram admirados pela virtude e pela sabedoria, o governador Milton Campos, pressionado por seu partido para instrumentalizar o governo em seu benefício político, resistiu dizendo que ao governo dos homens preferia, sempre, o governo das leis. Na linguagem da política moderna, estava dizendo que a força das instituições deveria prevalecer sobre a vontade dos homens.

A democracia e a economia de livre mercado combinadas produziram o período de maior progresso e maior liberdade em toda a história da humanidade. Não foi um tempo em que grandes homens faziam a história apenas com sua vontade. Foi um tempo em que instituições políticas e econômicas impessoais asseguraram um ambiente de segurança jurídica e previsibilidade econômica, no qual empresas e pessoas puderam prosperar e cooperar.

Um dos grandes pensadores de nosso tempo, o filósofo austríaco Karl Popper, afirmava que a democracia não tinha o poder de garantir que só os melhores e os mais capazes seriam escolhidos para governar. Mas, para sobreviver, a democracia teria que ter os meios e os instrumentos para impedir que maus governantes pudessem fazer ao país males irremediáveis.

Nos Estados Unidos e na Europa, essa regra prevaleceu por muito tempo. Aqui na América Latina e também na Ásia, as instituições não se desenvolveram com a mesma potência. A maldição dos salvadores da pátria e dos "país dos pobres", com frequência, arruinaram a economia, mataram a liberdade e chegaram a alimentar uma cultura populista, que envenenou para sempre alguns países. Isso talvez explique um pouco por que nossos países ficaram para trás.

Por razões que variam de país a país, o prestígio da democracia liberal em todo o mundo está em recessão. Numa volta a um passado do que julgávamos sepultado, estamos assistindo ao crescimento das democracias iliberais, não fossem os dois termos tão contraditórios entre si. Essas chamadas democracias têm eleições regulares, mas não há separação dos poderes, nem garantia dos direitos individuais e a lei que prevalece é a vontade do governo. Podem muito bem ser chamadas de ditaduras disfarçadas.

O "monarca"

O avanço desses arranjos iliberais parece irrefreável. O caso da vez é nada menos que os EUA, o grande modelo de democracia resistente ao tempo — na verdade, a mais antiga das modernas democracias, que parecia a todos constituída para durar sempre. De repente, sem nenhuma pactuação institucional com o Parlamento ou a Justiça, o presidente converteu-se por iniciativa própria em um verdadeiro monarca absoluto. Governa por ordens executivas, sem consulta ao Congresso ou submissão ao Judiciário, sem nenhuma oposição dos demais Poderes e com a aparente concordância de parcela importante da população. Na contramão da advertência de Popper, está tomando decisões que afetarão irremediavelmente o futuro do seu país. As instituições cederam à vontade dos homens e a democracia norte-americana está sendo derrubada sem resistência, tal como foi um dia derrubado o Muro de Berlim, numa suprema ironia da história.

Entre nós, no Brasil, as instituições e as leis nunca tiveram o prestígio que necessitam para serem efetivas. Sofremos da tentação irresistível dos personalismos. Nunca tivemos partidos de verdade, sempre tivemos personalidades. Ainda agora, nossa vida política se resume ao confronto entre dois homens praticamente sem ideias, a cujos caprichos todos se curvam. Em um campo está o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, exercendo seu terceiro mandato e aspirando a um quarto, apesar da idade e do vazio de seu governo, que anunciou candidamente, na última terça-feira, que o ano de 2027 será o de um desastre fiscal.

No outro campo, o ex-presidente Jair Bolsonaro, embora inelegível, mantém paralisados todas as demais possibilidades eleitorais pela submissão dos possíveis candidatos a uma liderança sem ideias ou projetos de mudanças.

Em todos os campos de atividade do nosso país, há homens e mulheres de alto nível, capazes de competir em qualquer lugar do mundo. Por que só na política falta talento, virtude e mentes criativas?

Eufrázio



INSTAGRAM APRESENTA:

Contas de Adolescente

Proteções padrão sobre quem pode entrar em contato com eles e o conteúdo que podem ver

Privacidade da conta

Quem pode interagir com o adolescente

O que o adolescente pode ver

Gerenciamento de tempo

Saiba mais em instagram.com/contasdeadolescente

Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)



PERIGO NA INTERNET

Flagrados antes de espetáculo macabro

Polícia do Rio prende jovens que se preparavam para atacar morador de rua e transmitir na web. Um se dizia ambientalista

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» VANILSON OLIVEIRA

Reprodução/Instagram @policiacivil rj



Policiais conduzem um dos suspeitos de planejar o ataque a morador de rua: desafios na internet são tendência cada vez mais preocupante

Três jovens foram presos ontem, no Rio de Janeiro, sob suspeita de planejar a transmissão ao vivo do assassinato de uma pessoa em situação de rua. O esquema foi desmantelado antes da realização dos crimes, e as prisões ocorreram em Bangu, na Zona Oeste, e em Vicente de Carvalho, na Zona Norte.

A ação, denominada Operação Desfaçatez, foi comandada pela Polícia Civil do Rio, com apoio do Ministério da Justiça e Segurança Pública, por meio do Laboratório de Operações Cibernéticas (Ciberlab). Além dos três jovens presos, um menor de idade foi apreendido.

De acordo com as investigações, o grupo atuava em ambientes virtuais promovendo maus-tratos a animais, automutilação coletiva de meninas e outros atos violentos. O assassinato da pessoa em situação de rua estava previsto para as 15h de ontem. O crime, que seria transmitido pela plataforma Discord, ocorreria por meio do uso de coquetéis molotov, segundo forças de segurança do Rio.

De acordo com a polícia, o grupo planejava assassinar a pessoa em situação de rua no domingo porque ontem seria o dia de aniversário do ditador nazista Adolf Hitler. "Tivemos que agir logo porque eles pretendiam assassinar um morador de rua e transmitir o crime, hoje, que seria o aniversário de Hitler", afirmou a delegada Maria Luiza Armínio Machado, em coletiva de imprensa ontem.

Um dos jovens presos se chama Bruce Vaz de Oliveira, de 24 anos. De acordo com o secretário de Polícia Civil do Rio, delegado Felipe Curi, Oliveira era líder do grupo criminoso e se apresentava nas redes sociais como ativista ambiental. "Gostaria de destacar a prisão do Bruce Vaz. Ele dizia (sem provar) que era ativista na proteção de animais da ONU (Organização das Nações Unidas) e mediador de conflitos em países do Oriente Médio em guerra", disse o delegado.

Bruce Vaz de Oliveira é acusado de maus-tratos a animais, corrupção de menores, incitação ao crime e associação criminosa. Segundo a polícia, ele é apontado como líder de eventos de tortura e morte de animais, incitando outros membros do grupo a participarem. Além dele, foram presos Kayke Sant Anna Franco, de 19 anos, e Caio Nicholas Augusto Coelho, de 18 anos.

Segundo a polícia, Sant Anna Franco é acusado de maus-tratos a animais, indução à automutilação, estupro, pichação, incitação ao crime e corrupção de menores. Já Coelho, ainda conforme a polícia, é acusado por maus-tratos a animais, racismo, corrupção de menores, incitação ao crime e associação criminosa.

Nos grupos de bate-papo do Discord, Coelho teria incitado a prática de crimes contra moradores de rua e participado ativamente de eventos de tortura.

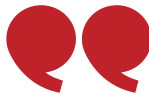
Crimes cibernéticos

Os primeiros meses de 2025 têm mostrado registros de crimes cibernéticos no Brasil. Na semana passada, a Polícia Civil de Mato Grosso do Sul desarticulou um grupo de incentivo a crimes de ódio liderado por um adolescente de 14 anos. As investigações apontaram que o grupo atuava em plataformas criptografadas, como Discord e Telegram, além de redes sociais, para atrair jovens e incentivá-los à prática de automutilação, maus-tratos a animais, propagação de discursos de ódio e sugestões de atos violentos.

Poucos dias antes, a morte de Sarah Raíssa, no Distrito Federal, mostrou o perigo letal das redes sociais para crianças e adolescentes. A Polícia Civil brasileira investiga a atuação de criminosos na morte da criança.

O aumento de casos e tentativas de crimes cibernéticos envolvendo crianças e adolescentes em apenas uma semana ligou o sinal de alerta no Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). No último sábado, de forma inédita, o governo federal lançou uma campanha digital nas redes do Canal Gov, no Instagram, para alertar pais e responsáveis sobre os perigos de desafios e crimes na internet.

O conteúdo da postagem ressalta que mães e pais precisam ficar atentos às redes sociais e ao avanço de organizações criminosas com atuação nacional, voltadas à prática de crimes digitais contra o público infantojuvenil. A iniciativa surpreendeu, pois, dias antes, a própria secretária de Direitos Digitais do MJSP, Lilian Cintra de Melo, havia descartado a realização de campanhas nacionais de alerta.



> **É preciso identificar essas tendências emergentes e fazer alertas públicos nas redes, especialmente na plataforma X, para que os pais conversem com seus filhos sobre esses conteúdos e fiquem atentos"**
>
> ***Michelle Prado,*** *fundadora da ONG Stop Hate Brasil*

Segundo a pesquisadora Michelle Prado, especialista em radicalização on-line e fundadora da ONG Stop Hate Brasil, ainda existem dois desafios circulando em plataformas abertas, como TikTok e Kwai. "É preciso identificar essas tendências emergentes e fazer alertas públicos nas redes, especialmente na plataforma X, para que os pais conversem com seus filhos sobre esses conteúdos e fiquem atentos. Muitos pais estão ocupados e não percebem os sinais. É fundamental prevenir antes que o pior aconteça", alerta.

O **Correio** entrou em contato com a plataforma Discord para comentar o caso do Rio de Janeiro, mas não obteve resposta até o fechamento da edição.

OBITUÁRIO

Cristina Buarque, a garimpeira do samba

» ALINE GOUVEIA

Reprodução/Rede Sociais



Cristina era respeitada pela Velha Guarda do samba e ganhou notoriedade por garimpar "pérolas" do gênero

O samba tocou uma nota de despedida. A cantora e compositora Cristina Buarque morreu ontem, aos 74 anos, após uma vida dedicada ao tradicional gênero musical. A morte foi anunciada pelo filho da artista, Zeca Ferreira, nas redes sociais.

Filha do historiador Sérgio Buarque de Hollanda e da pianista e intelectual Maria Amélia Buarque de Hollanda, Cristina era irmã de Chico Buarque, Miúcha e Ana de Hollanda. Também gravou discos, mas seguiu uma trajetória diferente dos irmãos que se tornaram celebridades.

"Uma cantora avessa aos holofotes. Uma vida inteira de amor pelo ofício e pela boa sombra. 'Bom mesmo é o coro', ela dizia, e viveria mesmo feliz a vida escondidinha no meio das vozes não fosse esse faro tão apurado, o amor por revirar as sombras da música brasileira em busca de pequenas pérolas não tocadas pelo sucesso, porque o sucesso, naqueles e nesses tempos, tem um alcance curto", escreveu o filho de Cristina no Instagram.

Zeca Ferreira termina o texto descrevendo um pouco da personalidade da mãe. "Ser humano mais íntegro que eu já conheci. Farol, chefia, braba, a dona da porra toda. Vai em paz, mãe", escreveu.

Cristina Buarque era conhecida pelo profundo conhecimento que acumulava de um dos estilos mais consagrados da música brasileira. Ganhou respeito em razão das "pérolas" que encontrava e compartilhava com amigos. Em nota, a Escola de Samba Portela rendeu homenagem à artista. "A Portela lamenta profundamente o falecimento da cantora Cristina Buarque, aos 74 anos. Toda a família portelense se solidariza com os familiares, amigos e fãs neste momento", escreveu a agremiação.

A estreia profissional de Cristina Buarque ocorreu em 1967, em participação no disco do compositor Paulo Vanzolini. No ano seguinte, ela foi convidada a formar uma parceria com irmão, Chico, que se preparava para lançar o terceiro álbum. Junto com ele, gravou *Sem fantasia*.

O momento marcante na carreira da cantora veio em 1974, com o álbum de estreia *Cristina*. No disco, ouvem-se alguns de seus maiores sucessos, como *Quantas lágrimas*, de Manacéia, compositor da Velha-Guarda da Portela. No mesmo disco, Cristina gravou composições de Ivone Lara, do Império Serrano, e de Nelson Cavaquinho e Cartola, ambos da Mangueira.

Nessa época, a cantora já se destacava por resgatar canções de antigos compositores das escolas de samba. O repertório privilegiado de Cristina Buarque serviu de referência para a geração seguinte de cantores de MPB, como Marisa Monte e Mônica Salmaso.

Também nas redes sociais, a cantora Alice Canto se manifestou. "Cristina era completamente avessa a homenagens e me avisou, quando quis homenageá-la em vida, pelos seus 70 anos: 'E já vou avisando, não quero homenagens quando morrer!' E mesmo sendo tão especialista no assunto, nunca se autoproclamou 'sambista', pois não tinha nascido 'lá', pois não era uma personagem, mas uma admiradora de fora", disse.

A cantora e compositora Teresa Cristina também comentou. "Tenho certeza de que a Cristina era a grande responsável pelo que todo mundo passou a chamar de revitalização do samba da Lapa, porque foi através das fitas e posteriormente dos CDs que começamos a enriquecer nosso repertório", contou. "E a Cristina tinha uma vontade de esparramar esse repertório pela cidade. Uma pessoa muito importante para o samba, avessa a qualquer tipo de holofote. Ela só queria cantar o samba dela, tomar a cervejinha dela, fumar o cigarrinho dela", relatou.

Em nota, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressou pesar. "Quero expressar meus profundos sentimentos pelo falecimento de Cristina Buarque. Cantora e compositora talentosa, teve um papel extraordinário na música brasileira ao interpretar as canções de alguns dos mais importantes compositores do samba carioca, ajudando a poesia e o ritmo dos morros do Rio a conquistarem os corações dos brasileiros. Aos seus familiares e ao meu amigo Chico Buarque, deixo minha solidariedade e um forte abraço", disse o presidente. (**Com Agência Estado e Agência Brasil**)

Eufrázio

Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)



Bolsas
Na quinta-feira
1,04% São Paulo
1,33% Nova York

Pontuação B3
Ibovespa nos últimos dias
127.682 — 126.650
14/4 15/4 16/4 17/4

Dólar
Na quinta-feira
R$ 5,803
(- 1,05%)

Últimos	
11/abril	5,870
14/abril	5,851
15/abril	5,890
16/abril	5,865

Salário mínimo
R$ 1.518

Euro
Comercial, venda na quinta-feira
R$ 6,600

CDI
Ao ano
14,15%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
14,36%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2024	0,39
Dezembro/2024	0,52
Janeiro/2025	0,16
Fevereiro/2025	1,31
Março/2025	0,56

» Entrevista | **MICHEL SANTOS E RICARDO FUJII** | EXECUTIVOS DO WWF BRASIL

Especialistas avaliam falta de sinergia entre a agenda de transição energética e exploração da Margem Equatorial, e apontam possíveis impasses nas negociações da 30ª Conferência sobre Mudanças Climáticas da ONU, sediada em Belém

COP30: crédito é desafio estrutural

» RAFAELA GONÇALVES

Uma das metas do Brasil na presidência da COP 30 — 30ª Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU) — é expandir o financiamento climático global de US$ 300 bilhões por ano para US$ 1,3 trilhão até 2035. Esse foi o grande desafio da última conferência, realizada em Baku, no Azerbaijão, no ano passado. A falta de uma sinalização concreta sobre os caminhos para multiplicar esse valor é uma das provocações do encontro que será sediado em Belém, no Pará, em novembro.

Em entrevista ao **Correio**, *o gerente de Políticas Públicas do WWF-Brasil, Michel Santos, e o especialista em Conservação da organização não-governamental (ONG), Ricardo Fujii, avaliaram alguns dos desafios para as negociações do fórum climático.*

A WWF, que tem a sigla traduzida no português para Fundo Mundial para a Natureza, realizou em Brasília, na semana passada, o evento "Conectando Clima e Natureza: Recomendações para Negociações Multilaterais", com o objetivo de alinhar diálogos entre as agendas de clima, biodiversidade e políticas públicas nacionais. "Sem financiamento em escala adequada, as metas globais continuam no papel. A meta de US$ 1,3 trilhão é proporcional à urgência da crise", apontou Michel Santos na ocasião.

Já na avaliação de Ricardo Fujii, a falta de sinergia entre o governo nas discussões sobre a transição energética é uma das questões mais preocupantes. "Essa divergência surge de visões distintas sobre como o petróleo e gás brasileiro se relaciona com nossa posição nas discussões sobre mudanças climáticas", apontou o especialista em Conservação.

Confira os principais trechos da entrevista:

Quais foram as tratativas do encontro realizado em Brasília?

Michel Santos — O seminário foi uma resposta direta ao chamado feito na COP16 da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), que adotou uma decisão importante sobre sinergias entre as três Convenções do Rio. A iniciativa busca fomentar a coordenação entre as agendas de clima, biodiversidade e desertificação, que compartilham causas estruturais e soluções integradas. Além disso, o evento é um passo estratégico para pautar o tema das sinergias na COP30 de clima, que será sediada pelo Brasil. É uma oportunidade concreta de mostrar que podemos liderar com coerência e integração de políticas públicas.

E quais são os principais desafios para mobilizar compromissos conjuntos e ações concretas à altura da urgência imposta pela crise climática?

Jacqueline Lisboa/WWF Brasil



"Mais do que prometer recursos, é hora de mostrar como esses valores vão chegar à ponta, com transparência, acesso simplificado e foco na justiça socioambiental"

Michel Santos, *gerente de Políticas Públicas*



O Brasil pode utilizar sua reconhecida experiência em energias renováveis para moldar a evolução do mercado global de energia, estimulando novos negócios e gerando empregos"

Ricardo Fujii, *especialista em Conservação*

MS — Existem alguns desafios estruturais. Um deles é a lacuna de financiamento, que ainda está muito aquém do necessário para enfrentar a crise climática e ecológica de forma integrada. Outro ponto é o desenho das próprias convenções, que têm obrigações específicas e marcos institucionais distintos — o que muitas vezes dificulta uma coordenação fluida, que perde de vista as sinergias entre as Convenções. Também precisamos superar o deficit científico e investir mais em dados, monitoramento e ciência aplicada à tomada de decisão. Superar esses desafios exige liderança política, vontade de cooperação e mecanismos concretos de articulação entre esferas nacionais e internacionais.

Na abertura do evento, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva reforçou a necessidade de sinergia para uma transição justa e planejada para o fim do combustível fóssil. Ao mesmo tempo, uma outra ala do governo tenta avançar na exploração de petróleo na Margem Equatorial. Como avalia esse impasse e o que ele pode impactar na Conferência?

Ricardo Fujii — Essa divergência surge de visões distintas sobre como o petróleo e gás brasileiro se relaciona com nossa posição nas discussões sobre mudanças climáticas. De um lado, há o entendimento de que as emissões de combustíveis fósseis são a segunda maior fonte de emissões no Brasil e que a transição energética justa e inclusiva não apenas contribui com as nossas metas climáticas, mas também com a nossa capacidade de influenciar os compromissos de outros países. De outro, a aposta que o petróleo não será substituído no ritmo necessário para que o Acordo de Paris seja obedecido e que extraí-lo não traria prejuízos para nós. Não assumir um compromisso claro com a transição energética e o phase-out (eliminação progressiva) do petróleo sinaliza aos outros países na COP30 que a ambição climática do Brasil é limitada e que a descarbonização do setor de energia, principal fonte de emissões no mundo, não será priorizada.

O discurso da pasta de Minas e Energia tem sido de que a demanda por petróleo no mundo está longe do fim e que seria "desperdício" não explorar o potencial econômico do combustível fóssil na região. O ministro Alexandre Silveira chegou a afirmar que o atraso no licenciamento ambiental estaria atrasando a transição energética. Como vê essas declarações?

RF — O ministro desconsidera dois aspectos essenciais da nossa estratégia energética. Primeiro, as vantagens competitivas do Brasil estão nas energias renováveis, tanto para a produção de eletricidade quanto para combustíveis alternativos, cuja demanda tende a crescer. Em contraste, Arábia Saudita, Emirados Árabes e Qatar conseguem produzir petróleo e gás com custos menores e emissões mais baixas que o Brasil. Isso pode resultar na perda de mercado para o petróleo e gás brasileiros em poucos anos, gerando desperdício de investimentos e frustração de expectativas, especialmente no Amapá e no Pará. Em segundo lugar, o Brasil pode utilizar sua reconhecida experiência em energias renováveis para moldar a evolução do mercado global de energia, estimulando novos negócios e gerando empregos internamente. Combustíveis sustentáveis de aviação (SAF), hidrogênio de baixo carbono e biocombustíveis de segunda geração são áreas estratégicas nas quais o Brasil tem potencial para se destacar no cenário energético global.

Qual a importância de fortalecer o multilateralismo no combate às mudanças climáticas, sobretudo diante da saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris?

MS — O multilateralismo é essencial. Não apenas para o clima, mas para a biodiversidade, a desertificação, a segurança alimentar e a justiça social. Nenhum país resolve sozinho os grandes desafios do século 21. As Convenções do Rio são exemplos de como a cooperação internacional pode gerar compromissos comuns e construir soluções sustentáveis. Fortalecer o multilateralismo é fortalecer a confiança entre países, valorizar a ciência, garantir financiamento justo e, acima de tudo, reconhecer que os impactos e responsabilidades são compartilhados — embora em graus diferentes.

O financiamento climático é um desafio constante em negociações da COP. Uma das metas do Brasil na presidência é expandir o financiamento global de US$ 300 bilhões por ano para US$ 1,3 trilhão até 2035. Qual a importância de uma sinalização concreta sobre os caminhos para multiplicar esse valor?

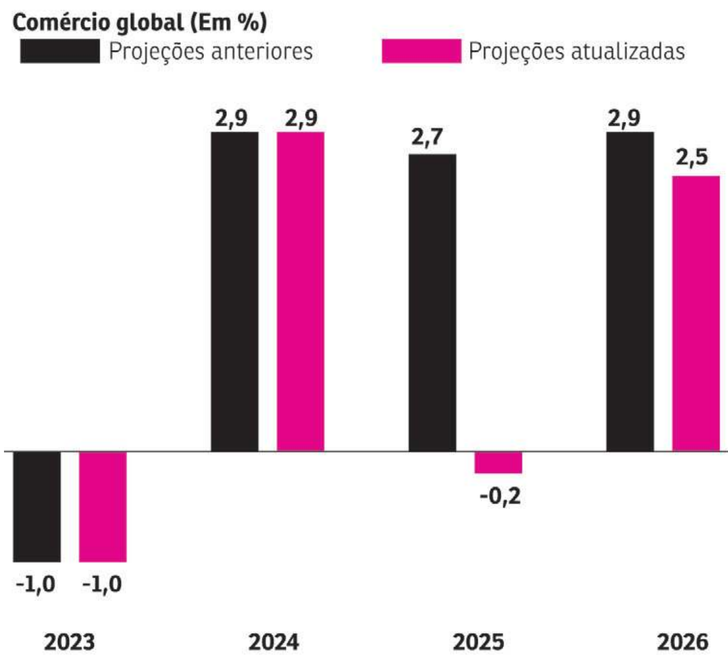
MS — Sinalizar de forma concreta o caminho para essa ampliação é essencial para a credibilidade da presidência brasileira na COP 30. Sem financiamento em escala adequada, as metas globais continuam no papel. A meta de US$ 1,3 trilhão é proporcional à urgência da crise. É também uma forma de reconhecer que países em desenvolvimento precisam de apoio justo para implementar suas ações climáticas, especialmente em adaptação, perdas e danos, conservação da biodiversidade e transição energética. Mais do que prometer recursos, é hora de mostrar como esses valores vão chegar à ponta, com transparência, acesso simplificado e foco na justiça socioambiental.

Quais as expectativas quanto às Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs)? No ano passado, na COP do Azerbaijão, as metas foram consideradas muito frouxas por ambientalistas. Quais os riscos da ausência de metas concretas?

MS — As NDCs são a espinha dorsal do Acordo de Paris e o termômetro das ambições dos países. Sem metas claras, mensuráveis e ambiciosas, o acordo perde sua força, o que significa na prática um colapso climático e social sem precedentes. O risco maior é de termos uma década decisiva marcada por inação, promessas vagas e resultados insuficientes para conter o aumento da temperatura global. A COP30 precisa ser um marco de virada — não apenas para revisar metas, mas para colocar de pé um novo ciclo de implementação real, com base em evidências, justiça climática e sinergias com a biodiversidade e a restauração de ecossistemas. O momento de aumentar a ambição é agora.

Efeitos do tarifaço

Com a perspectiva de desaceleração global, OMC passa a prever queda de 0,2% no comércio global, neste ano, sendo que a queda pode chegar a 1,5% se o quadro deteriorar



Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC)

Desempenho regional

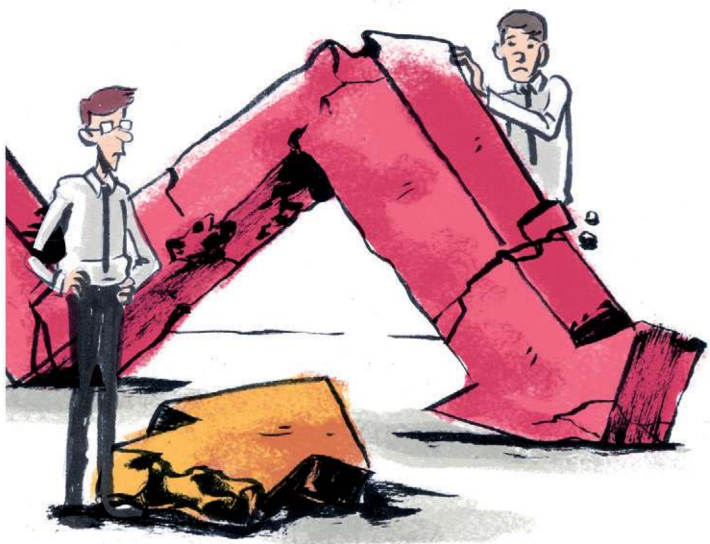
Projeções para as exportações atualizadas pela OMC

	Previsão anterior		Previsão ajustada	
	2025	2026	2025	2026
América do Norte	2,2	2,9	-12,9	-1,2
América do Sul	1,4	1,2	0,6	0,9
Europa	1,4	2,3	1,0	2,5
Ásia	3,3	3,3	1,6	3,5

Desaceleração

A OMC também revisou as projeções de crescimento do PIB. Confira o desempenho de algumas regiões

	Previsão anterior		Previsão ajustada	
	2025	2026	2025	2026
Mundo	2,8	2,6	2,2	2,4
América do Norte	2,0	1,6	0,4	1,1
América do Sul	2,9	2,6	2,7	2,4
Europa	1,4	1,5	1,2	1,4
Ásia	4,1	3,8	3,7	3,8



Pacífico/CB/D.A Press

O FUTURO DIGITAL
campanhas que conectam

No mundo digital, a presença online é essencial para construir marcas fortes e gerar resultados. Com estratégia, a mídia digital potencializa visibilidade e engajamento.

O **Correio Braziliense** promove o evento **"O Futuro Digital - Campanhas que conectam"**, com especialistas renomados, para debater as melhores práticas em campanhas digitais — desde criação até otimização de desempenho.

MEDIADOR
Marco Frade
diretor-executivo do MapaOOH

Luiz Mendes
diretor de Estratégias Digitais do Correio Braziliense

Júlia de Castro
co-CEO da Catraca Livre

Paulo Itabaiana
diretor nacional de Comercialização Multiplataforma do Grupo Record

José Luiz de Genova
diretor regional LATAM da Taboola

João Paulo
sócio-fundador da Media do Brasil e Space Adserver

06.MAIO
14h30
Auditório do Correio Braziliense
(SIG Qd. 2, Lt. 340)

Leia o QR Code e inscreva-se

APOIO: realize:
REALIZAÇÃO: Correio Braziliense · CB Brands

GUERRA TARIFÁRIA

OMC prevê recuo de 0,2% no comércio

Entidade alerta que queda neste ano poderá chegar a 1,5%, se houver piora no cenário atual, com aplicação das tarifas de reciprocidade de forma integral

» ROSANA HESSEL

O crescimento do comércio global está comprometido em 2025 devido às medidas protecionistas adotadas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Pelas novas projeções da Organização Mundial do Comércio (OMC), o intercâmbio comercial global de bens e serviços vai encolher 0,2% neste ano, em vez de avançar 2,7% como o esperado no início do ano pela entidade. O dado indica forte desaceleração em relação ao avanço de 2,9% nas trocas comerciais registrado em 2024. E, para 2026, a previsão OMC de expansão do comércio global recuou de 2,9% para 2,5%.

Apesar de, diante das ameaças de retaliação, Trump reduzir para 10% todas as tarifas de reciprocidade sobre produtos importados da maioria dos países, menos a China — maior exportador global e que foi taxada em 145% e retribuiu com um imposto de 125% sobre os produtos norte-americanos —, as novas estimativas da OMC não descartam um cenário pior ainda, com queda de até 1,5% no comércio global, caso o quadro se deteriorar mais e as tarifas de reciprocidade forem aplicadas integralmente.

O comércio de serviços, que não está diretamente sujeito ao tarifaço dos EUA — maior importador global — também será afetado devido ao aumento da incerteza global, que reduz os gastos discricionários com viagens e desacelera os serviços relacionados a investimentos. Com isso, a previsão da OMC é de que o volume global do comércio de serviços comerciais cresça 4%, em 2025, e 4,1%, em 2026 — bem abaixo das projeções iniciais de 5,1% e 4,8%, respectivamente, conforme as projeções da OMC divulgadas no último dia 16.

A América do Norte será a região mais afetada pela guerra tarifária, conforme os dados da OMC, com quedas de 12,6% nas exportações e recuo de 9,6% nas importações. E, pelas novas estimativas, o Produto Interno Bruto (PIB) global deverá crescer 2,2%, neste ano, e 2,4%, no ano que vem, abaixo das estimativas anteriores. **(Ver quadro acima)**

O economista e ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, sócio da Tendências Consultoria, reconhece que as projeções da OMC ainda podem piorar, pois há muita incerteza sobre as próximas decisões da Casa Branca, o que prejudica qualquer previsibilidade. Ele lembrou do tarifaço anterior dos EUA, de 1930, quando o então presidente norte-americano Herbert Hoover assinou a Lei Smoot-Hawley, que aumentou em 6,0 pontos percentuais as tarifas de importação e houve uma retaliação mundial.

"Como consequência, o comércio global encolheu 66% e essa medida não causou, mas acentuou os efeitos da Grande Depressão, que veio na sequência", destacou Maílson. O ex-ministro lembrou ainda que os percentuais das tarifas aplicadas por Trump são muito maiores do que naquela época.

Maílson classificou de "analfabetismo econômico" as decisões de Trump e alertou sobre o aumento das pressões inflacionárias nos EUA que vão pesar no bolso dos norte-americanos, de forma geral, porque "a China não vai ceder às pressões dos EUA" e a corda vai esticar e o custo das medidas deverá recair sobre o consumidor.

Aliás, quase 60% dos cidadãos norte-americanos são contra o tarifaço de Trump, e a desaprovação do presidente dos EUA está aumentando em várias categorias das pesquisas locais, lembrou Eduardo Velho, economista-chefe da Equador Investimentos.

"Trump já está buscando desviar o foco, porque a economia está dando sinais de piora", destacou Velho, em referência aos recentes ataques do republicano a Jerome Powell, presidente do Federal Reserve (Fed, banco central dos EUA), cogitando a sua demissão do cargo, o que vem provocando bastante volatilidade nos mercados. Ao que tudo indica, a Casa Branca pode tentar um instrumento jurídico junto à Suprema Corte para poder trocar os presidentes de agências federais e incluir o Fed. Mas vale lembrar que Powell foi indicado por Trump para o cargo em 2018.

Para Maílson, não há a menor chance de Powell ser demitido por Trump. "Um ponto pacífico nos Estados Unidos é que o Fed é independente por lei e não pode ser demitido por vontade do presidente da vez", afirmou. "Mas, se Powell sair é outro desastre. Seria uma catástrofe para a credibilidade das instituições norte-americanas", afirmou.

Mundo

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ORIENTE MÉDIO

Desde o início da guerra na Faixa de Gaza, 171 jornalistas perderam a vida em bombardeios israelenses. Um dos últimos, Fatma Hassouna, morreu com nove familiares, um dia depois de seu documentário ser selecionado em Cannes

Fotos: Fatma Hassouna/Divulgação









Sequência de imagens feitas por Fatma: família prepara pão, em Az-Zawaida, na região central de Gaza; homem chora diante de cadáver em mortalha; criança sorri entre os escombros; mulheres se abraçam, em meio à dor

A verdade como vítima

» RODRIGO CRAVEIRO

"Se eu morrer, quero uma morte retumbante. Não quero estar nas notícias de última hora ou ser um número dentro de um grupo. Quero uma morte que o mundo ouça, um impacto que dure para sempre e imagens imortais, que não serão enterradas pelo tempo ou pelo lugar." Fatma Hassouna escreveu essas palavras em junho de 2024, oito meses depois do começo da guerra na Faixa de Gaza. A repórter fotográfica e artista palestina foi morta à 1h (hora local) da última quarta-feira, aos 25 anos, enquanto dormia. Um bombardeio israelense destruiu a casa da família, no bairro de Al-Tuffah, na Cidade de Gaza. Além dela, morreram nove familiares, incluindo três irmãos, de 10, 15 e 20 anos, e uma irmã, de 23, grávida de seis meses; os pais ficaram feridos.

Fatma acabou se tornando estatística, um dia depois de saber que o seu documentário *Put Your Soul on Your Palm and Walk* ("*Coloque sua alma na palma da mão e caminhe*", pela tradução livre) foi selecionado para o Festival de Cinema de Cannes. Desde 7 de outubro de 2023, quando Israel começou a atacar a Faixa de Gaza, 171 jornalistas perderam a vida na guerra — em média, um a cada três dias.

Em 17 de janeiro de 2025, o também repórter fotográfico Mohammed Hiesham Salem, 29, conversou com Fatma. "Mohammed, se algo acontecer comigo, deixe que o mundo saiba sobre mim e minhas fotos. Eu não gosto de drama, mas confio em você", escreveu a amiga, em mensagem compartilhada por Mohammed com a reportagem. Ontem, ele enviou ao **Correio** dezenas de fotos de Fatma.

Um dos sete irmãos de Fatma, Mujahid Raed Hassouna, 23, contou ao **Correio** que ela sentia a morte próxima. "Dois dias antes (do bombardeio), Fatma falou sobre sua amiga Mahasin, que foi martirizada em um ataque da ocupação israelense. Ela me disse que sentia que seria a próxima a ser martirizada", lembra.

Mujahid revelou, ainda, que a irmã estava muito feliz com a escolha do documentário para o Festival de Cannes. "Ela era muito ambiciosa e amava a fotografia e o jornalismo", descreveu. Para ele, a morte de Fatma tem a ver com o fato de ela levantar a voz em prol dos palestinos. "Eles (israelenses) querem impedir que as vozes de civis inocentes, idosos e crianças ecoem pelo mundo afora", completou o irmão.

Diretora do filme feito em parceria com Fatma e ativista dos direitos humanos, a iraniana Sepideh Farsi afirmou ao **Correio** que trocou várias mensagens com Fatma, depois de saber da existência dela por um refugiado palestino, no Egito, em 2024. "Como as estradas estavam bloqueadas e eu não poderia entrar em Gaza, Fatma me ajudaria a ter uma voz lá dentro e a obter imagens. Nós nos falamos por chamadas de vídeo por quase um ano. As conversas se tornaram a base do documentário. Fatma é o centro do filme. Tentei lançar luz sobre a vida dela e sobre quem era. Meu foco era como as pessoas sobrevivem sob bombas e em meio à fome, às restrições, aos cortes de água e de eletricidade, aos bloqueios. De forma tão generosa, paciente, com humor e resiliência, Fatma respondeu às minhas perguntas e era ansiosa em conhecer o mundo. Ela nunca colocou os pés fora de Gaza e amava viajar", disse Farsi.

Stephane de Sakutin/AFP



Manifestação em apoio à imprensa palestina, em Paris: "Gaza, detenha o massacre de jornalistas, solidariedade para com os nossos colegas"

Jihad Hassouna



Fatma Hassouna: carreira promissora interrompida pelas bombas

Proposital

De acordo com a cineasta, Fatma tinha uma "energia incrível, além de generosidade e espontaneidade". "Ela brilhava, era rica em camadas, cantava, escrevia poemas, trabalhava com crianças traumatizadas pela guerra e distribuía comida para pessoas necessitadas. Fatma concordou em me enviar as fotos que fez. Parte das imagens está no filme. São fotos muito fortes, um grande testemunho da destruição sistemática e do genocídio em Gaza", acrescentou. Farsi não tem dúvidas: "O bombardeio foi direcionado devido ao trabalho de Fatma como fotógrafa, ao documentar o genocídio".

Mohammed Salem tem um palpite para o fato de tantos jornalistas serem mortos em Gaza. "Isso ocorre porque eles transmitem a verdade ao mundo, e porque a imagem nesta guerra faz diferença. Israel está interessado em assassinar jornalistas para obscurecer a verdade", desabafou. O jornalista Motasem Dalloul, por sua vez, disse ao **Correio** que conhece "muitos colegas" que perderam a vida nos bombardeios. "É uma tentativa de Israel de suprimir vozes e esconder os crimes israelenses", comentou. "Ser jornalista em Gaza é muito difícil, exaustivo, inseguro. Precisamos estar prontos para o choque ao vermos nossos familiares mortos."

Amigo de Fatma, o repórter fotográfico Hamza Al-Madhoun, 19, entende que jornalistas se tornaram alvo na guerra por conta da natureza de seu trabalho. "Eles sempre tentam transmitir uma imagem trágica da vida na Faixa de Gaza e tentam defender os seus direitos de documentarem os eventos", afirmou ao **Correio**. Ainda assim, Hamza não teme um destino trágico. "A morte é inevitável, todos estamos nesse caminho", justificou. Ele contou que Fatma era como uma "irmã mais velha" e um ser humano "maravilhoso". "Ela nada temia, a não ser Deus. Não tinha medo da morte. Pelo contrário, ela carregava a alma nas mãos e se arriscava para transmitir a imagem do seu povo."

Sepideh Farsi lembrou que as forças israelenses usam métodos diferentes de intimidação nos territórios ocupados contra a imprensa. "Um dos diretores de *No other land*, Hamdan Ballal, foi espancado por colonos e sequestrado. Israel também fechou os escritórios da rede Al-Jazeera em Gaza e a declarou ilegal. Quanto mais se mata jornalistas, e essa é uma realidade cínica, menos haverá a cobertura de fatos e a partilha da verdade", lamentou.

VATICANO

Papa Francisco aparece na Praça São Pedro

Ainda em recuperação de uma pneumonia que o deixou 38 dias internado, o papa Francisco desejou "Feliz Páscoa" aos milhares de fiéis reunidos na Praça de São Pedro, no Vaticano. Um mês após receber alta, a presença do pontífice de 88 anos era incerta. Às 12h (7h, no horário de Brasília), ele surgiu em uma cadeira de rodas na varanda da basílica, para a tradicional bênção Urbi et Orbi.

Dirigindo-se aos fiéis, Francisco denunciou "uma situação humanitária dramática e ignóbil" em Gaza e pediu um cessar-fogo. Também disse que "é preocupante o crescente clima de antissemitismo que está a se espalhar por todo o mundo". Sem a cânula com oxigênio, o papa precisou recorrer a um colaborador, que leu sua mensagem. "Não é possível haver paz onde não há liberdade religiosa ou onde não há liberdade de pensamento, nem de expressão, nem respeito pela opinião dos outros", destacou.

Depois, Francisco surpreendeu e percorreu a Praça de São Pedro no papamóvel, momento em que abençoou alguns bebês. Quase 35 mil pessoas acompanharam de perto a bênção do papa que, pela primeira vez desde que foi eleito, em 2013, não participou da maioria das celebrações da Semana Santa, como a Via-Crúcis próxima ao Coliseu na sexta-feira e a Vigília Pascal de sábado à noite.

No sábado, no entanto, pouco antes da vigília, Francisco fez uma breve aparição pública na Basílica de São Pedro para rezar diante da imagem da Virgem Maria e, depois, acenou para vários fiéis, além de distribuir doces entre as crianças.

A missa de Páscoa, que celebra a ressurreição de Cristo, começou ontem às 5h30 de Brasília em uma praça decorada com milhares de flores holandesas, na presença de 300 párocos, bispos e cardeais. A celebração foi presidida pelo cardeal italiano Angelo Comastri.

Visita

Durante a manhã, o papa recebeu o vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, em um "encontro privado de alguns minutos", dois meses depois de Francisco criticar a política migratória do governo de Donald Trump. Em um comunicado, a Santa Sé informou que ambos trocaram votos pela Páscoa. "É um prazer vê-lo em melhor estado de saúde", declarou Vance ao papa argentino. "Obrigado por me receber. Rezo por você todos os dias. Que Deus te abençoe", acrescentou.

O vice-presidente americano, um católico fervoroso, quer fazer de seu país um baluarte dos valores conservadores, limitando drasticamente a imigração. Em fevereiro, Francisco condenou, em uma carta aos bispos norte-americanos, as expulsões em massa de imigrantes. "O que se constrói à base de força, e não a partir da verdade sobre a igual dignidade de todo ser humano, mal começa e mal terminará", advertiu.

AFP



O pontífice surpreendeu e circulou entre fiéis no papamóvel

VISÃO DO CORREIO

Dois homens do seu tempo

Nesta segunda-feira, o país reverencia a memória de dois grandes brasileiros, nascidos em Minas Gerais, que tiveram sempre a liberdade como princípio, meio e fim. O 21 de Abril marca o dia da morte de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, expoente da Inconfidência ou Conjuração Mineira, enforcado em 1792. Também os 40 anos do falecimento de Tancredo Neves, eleito para a Presidência da República, embora não empossado por problemas de saúde que o levaram a óbito em 1985.

Centenas de páginas já foram escritas sobre esses homens vindos ao mundo na Região do Campo das Vertentes: Tiradentes, na Fazenda do Pombal, município de Ritápolis; Tancredo, em São João del-Rei. Ao primeiro, um mártir, se deve a presença heroica no movimento anticolonial contra a derrama — cobrança forçada de impostos atrasados — e a dominação da Coroa portuguesa. A Tancredo, morto 193 anos depois, o legado da democracia.

Primeiro presidente civil eleito no Brasil após 21 anos do regime militar, Tancredo saiu vitorioso no Colégio Eleitoral para escolha do novo presidente em 15 de janeiro de 1985. Era a nação emergindo das sombras da ditadura, vislumbrando horizontes e confiante no mineiro considerado conciliador. A eleição concretizou a Nova República e pavimentou o caminho para a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Com a morte dele, o vice na chapa, José Sarney, recebeu a missão de conduzir o país à redemocratização.

Na Nova República, voltava à Presidência um civil, e o país se despedia do tempo dos generais à frente do Executivo. "Esta foi a última eleição indireta do país", afirmou Tancredo, no discurso da vitória, perante "Deus e a nação". Diante do resultado, agradeceu a mobilização popular, principalmente a campanha Diretas Já, e destacou o brasileiro como um "povo que não se abate, que sabe afastar o medo e não aceita acolher o ódio".

Já Tiradentes não viu a pátria livre do jugo português. Foi enforcado no Campo da Lampadosa, no Rio de Janeiro, 30 anos antes de dom Pedro I proclamar a Independência. Em 2026, serão lembrados os 280 anos do nascimento do mártir, excelente oportunidade, portanto, para se pesquisar mais sobre a vida dele, dos demais inconfidentes e dos caminhos que levaram à Inconfidência Mineira.

Os caminhos da história — ela, a mestra de todos os tempos — se cruzam mesmo séculos depois. Quis o destino que os ideais de Joaquim José da Silva Xavier e Tancredo de Almeida Neves ecoassem Brasil afora e se encontrassem no dia 21 de abril. O primeiro, com sua sede de liberdade, se rebelando contra o domínio de Lisboa, a tirania colonial. O segundo, homem do seu tempo, pensando um Brasil democrático, de futuro, sem amarras. Afinal, aprendeu desde criança, no banco da escola, o lema da bandeira do seu estado: "*Libertas quae sera tamen*", que, em bom português, significa "Liberdade ainda que tardia". Herança dos inconfidentes.

RONAYRE NUNES
ronayrenunes.df@cbnet.com.br

Filhos de Brasília

Os 65 anos comemorados por Brasília hoje não a tornam uma cidade velha, pelo contrário. Entre as 27 capitais, Brasília é a terceira mais populosa do Brasil, com seus quase 3 milhões de habitantes — perde apenas para São Paulo e Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, a capital federal, entre as outras capitais, é apenas a segunda mais nova do Brasil — perde apenas para Palmas (TO), inaugurada em 1989. A tenra idade e o grande número de pessoas, contudo, refletem um fenômeno inusitado: ainda são poucos os "filhos de Brasília".

A expressão, que aprendi com uma professora de geografia na 5ª série em uma escola pública de São Sebastião, se refere àqueles que nasceram em Brasília. Na época, há uns 20 anos, foi a primeira vez que percebi que ser "filho de Brasília" era uma característica que nem todos os coleguinhas tinham.

Conforme o passar do tempo, os amigos de ensino médio e graduação iam ganhando apelidos relacionados à naturalidade. Era um tal de "carioca" pra lá, um "baiano" pra cá. Inúmeros "gaúchos". Nos corredores da Universidade de Brasília (UnB), a nacionalidade substituiu os apelidos de referência estadual.

Ser "brasiliense", de certa forma, me fazia sentir excluído na minha própria cidade. Não sabia responder qual era a comida típica da cidade, os times locais não estavam na Série A, meu sotaque não tinha uma característica marcante — com exceção do recorrente "vei".

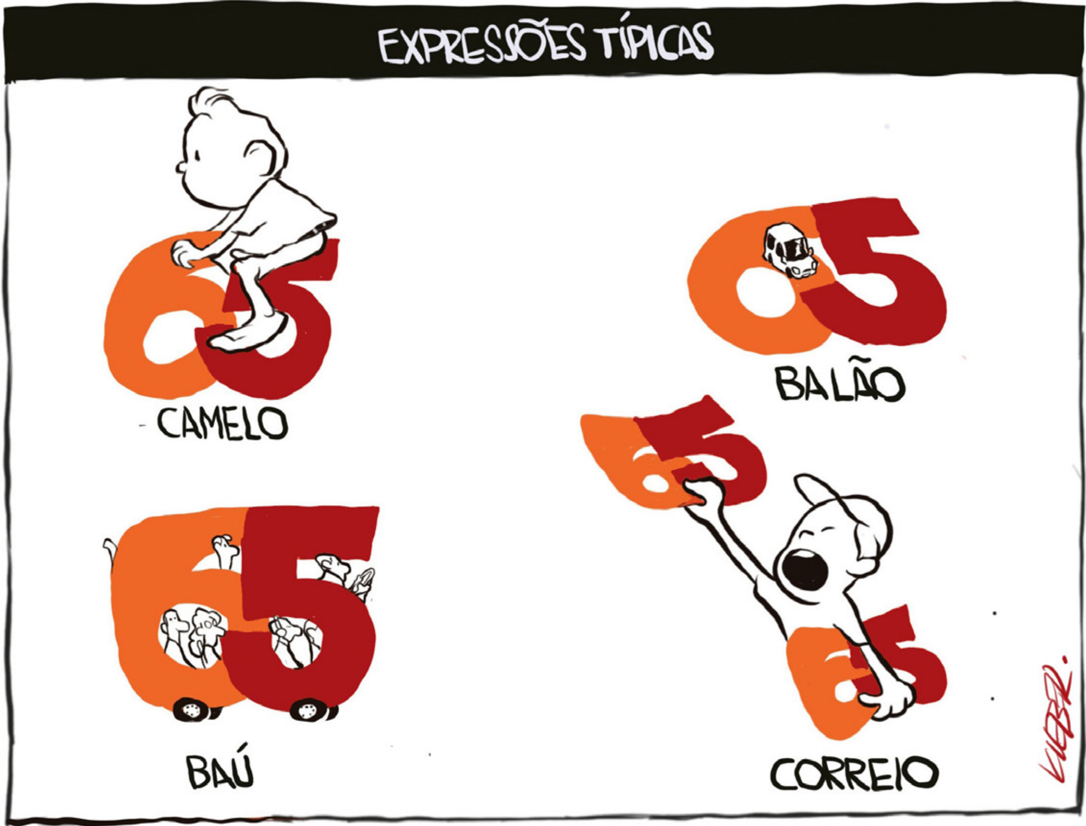
As primeiras gerações dos "filhos de Brasília" passaram por momentos de confusão com as raízes da cidade. Mas não foi tudo ruim. De certa forma, foi o melhor que poderia ter acontecido.

Ao longo da vida, aprendi que a cultura brasiliense é mais criada do que passada de pai para filho. É uma espécie de cultura metafísica, que ainda não pode ser ensinada. Algo abstrato para alguns sentidos, mas também muito concreto para a visão. Ser brasiliense ainda não é algo passado entre gerações.

Aprendi a trocar a ausência de um sotaque marcante pela vivência de lugares que só eu, como brasiliense, conheço na cidade. Sem um rebuscado prato típico, aprendi a apreciar um pastel de palmito com caldo de cana no Parque da Cidade. Tenho meu senso de direção quase como um superpoder, afinal, quem mais neste país conseguiria fazer uma tesourinha quase de olhos fechados além de um brasiliense?

E fui além: vi os defeitos da cidade. A assustadora diferença socioeconômica que divide Brasília de uma forma tão violenta. A dificuldade de locomoção (que não são curadas com passagens gratuitas). Os acessos bloqueados. Essa é a parte mais profunda de qualquer cultura. Isso é o que torna a capital um lugar tão real, apesar da tenra idade e os milhares de habitantes entrando e saindo a cada quatro anos.

Ser "filho de Brasília" foi uma verdadeira honra. Daqui a alguns anos, os brasilienses terão características únicas, entre tantas que formam o nosso país. Isso será ótimo para a identidade deles. Mas, lá no fundo, nada terá sido melhor do que descobrir as raízes de Brasília. De ter estado lá quando poucos estavam.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: *sredat.df@dabr.com.br*

Brasília, capital da esperança

Brasília, és a terra prometida,
que Dom Bosco sonhou, com muito amor,
para JK fazê-la construída,
pelas mãos de Niemeyer, construtor.

Brasília, sempre bela e tão florida,
com os Ipês que florescem multicor,
no olhar de Lúcio Costa concebida,
és um ecossistema todo em flor.

Brasília, capital da esperança,
no Estado de Direito tudo alcança,
para uma democracia ideal.

Brasília, contra o ódio e a vingança
dos que tentam agredir a segurança,
há de livrar nosso Brasil do mal.

» **Souza Prudente**
Brasília

Obrigado, Brasília!

No frenesi dos paus-de-arara, resolvi vir conferir se as boas notícias que ouvi sobre você, Brasília, eram verdadeiras. Sem eira nem beira, aboletei-me num velho caminhão GMC, deixei para trás a terra dos maracatus e, no quebra aqui quebra ali, aqui acheguei em janeiro de 1959. Sem preconceito, você abriu para mim as asas ainda em construção. Abrigou nelas, também, migrantes das mais diversas origens, raças, credos, costumes, línguas. Misturou pernambucanos com goianos, baianos, gregos e troianos. Teceu mosaico humano de mil e um sotaques e de mil e uma histórias. Resultado: surgiu uma nova família: a família brasiliense. Como disse, vim de mala e cuia. Sem estudo, sem profissão. Com uma mão na frente e outra atrás, eu fui bem acolhido. Depois de proporcionar-me oportunidades que não tive no meu sertão, testemunhei como verdadeiras as boas notícias que ouvira por lá. Então, transitando nos seus eixos e asas, das boas referências que tive pude tirar proveito. Prosperei e posso dizer que venci, como venceram também tantos outros filhos seus — adotivos ou legítimos. Como o espaço não permite que eu conte toda a minha história e expresse o tamanho da gratidão por tudo o que consegui sob seu abrigo, fico nestas poucas linhas. Pela minha família e por mim, receba os parabéns pelos 65 anos! Muito obrigado, pátria amada Brasília!

» **Arlindo Jerônimo Ferreira**
Asa Norte

Atualizações

Brasília completa 65 anos. Metrô com diversas linhas, que atendem toda a cidade, VLT, linhas de ônibus com horários precisos, semáforos temporizados, indicação eletrônica dos próximos ônibus nas paradas, edifícios-garagem para esvaziar os estacionamentos das ruas, todas as luminárias acesas à noite, não deixando nenhuma área no escuro, perfeita drenagem de águas pluviais, que impede alagamentos na época das chuvas... Essas são algumas atualizações para fazer de Brasília uma cidade moderna, antes de achar que a cobrança de estacionamento vai resolver alguma coisa. Brasília foi entregue pelo grande presidente Juscelino Kubitschek, em 1960 e lá ficou. Hoje, padece de falta de estacionamentos, vias congestionadas, pontos de alagamentos, que não são corrigidos de um ano para outro, semáforos ultrapassados, transporte deficiente, sinalização péssima, vias e superquadras em completa escuridão à noite, ausência total de policiamento, insegurança crescente, falta de estacionamento dentro das superquadras, cujos espaços poderiam ser redimensionados com pequenas alterações, que não alterariam a concepção original. Brasília vai continuar em 1960?

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Luz na alma

Ana Dubeux sabe que boas lembranças iluminam nossos corações (edição do **Correio** de 20/04). O **Correio Braziliense** e Brasília são irmãos de fé, convicções e sonhos. Nasceram e crescem juntos, alimentam as mesmas esperanças. A diretora de Redação do **Correio** exalta o orgulho por escrever, religiosamente, aos domingos. Dubeux produz textos empenhados em povoar a alma dos leitores e leitoras. Devotada aos fatos, com críticas procedentes e elogios merecidos. Jamais gratuitos. *Brasília, 65. Correio, 65* é mais um relevante trabalho de Ana Dubeux para a moldura amorosa de Brasília e do bom jornalismo.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Coisas que só o brasiliense entende: umidade a 10% e achar normal contemplar um ipê amarelo, sinal de vida na faixa de pedestre, apreciar o céu, trânsito bloqueado por manifestações ou eventos, ser chamado de autoridade em outro estado. Parabéns, Brasília.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Brasília e o **Correio Braziliense** vão celebrar neste 21 de abril seus 65º aniversários. O Dia é todo dela e dele. Parabéns, Brasília, pelos 65 anos de beleza e encantamento! Viva!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Atleta de 77 anos completa prova na maratona do aniversário de Brasília. Para mim, ela ficou em primeiro lugar! Ninguém a superou!

Edigleide Cruz — Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

*"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	**R$ 5,00**	**R$ 7,00**

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61)99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Eufrázio

Amor a Brasília e sua gente



» IBANEIS ROCHA
Governador do Distrito Federal

Há 65 anos nascia Brasília. Não apenas uma capital, mas um sonho erguido do concreto e da audácia, um projeto que uniu arquitetura, natureza e a coragem de milhares de candangos. Hoje, o Distrito Federal não é apenas símbolo do modernismo, mas da vida pulsante que habita suas asas, seus eixos, suas praças, suas cidades e o campo. Desta vez, é hora de celebrar com a grandeza que essa história merece.

Lembramos que, há cinco anos, quando Brasília chegou aos 60, as ruas estavam vazias, os abraços contidos, os festejos adiados em razão da pandemia da covid. Hoje, a cidade respira liberdade. É tempo de ocupar os espaços públicos com alegria, em uma confraternização que une shows gratuitos, exposições que contam nossa trajetória, feiras gastronômicas que misturam sabores do Brasil inteiro e transporte público liberado — um presente para quem construiu e vive esta cidade única.

Porque Brasília não é feita apenas de monumentos, mas de gente: do pedreiro que levantou seus pilares ao artista que coloriu seus muros, do servidor que mantém suas instituições à mãe que cria seus filhos. Se antes Brasília era a expressão máxima da arquitetura modernista, hoje ela se revela ao mundo por meio de sua gente. Uma mistura vibrante de sotaques, do Norte ao Sul do País, uma simbiose de raças que reflete o melhor do Brasil.

Em minhas caminhadas pela cidade, sempre busquei forças nesse contato: no aperto de mão do feirante, no abraço da professora, no sorriso da criança que brinca no Parque da Cidade. Foi essa esperança, tecida no cotidiano de quem escolheu chamar Brasília de lar, que me mostrou um caminho. E é por ele que seguimos trabalhando — para que cada um, seja quem for, tenha acesso à felicidade que merece.

Isso significa políticas públicas que gerem emprego e renda, mas também dignidade. Pela proteção da mulher que caminha sob o céu do DF, pela acessibilidade que permite a todos ocuparem a cidade, pelo respeito às minorias que enriquecem nossa cultura. Por escolas que transformam, por hospitais que acolhem, pela segurança alimentar de quem levanta cedo para trabalhar. Por um transporte que não seja apenas meio de locomoção, mas direito garantido. E, claro, por uma cidade que cuide de seus monumentos — não como relíquias do passado, mas como testemunhas vivas de que Brasília é, e sempre será, Patrimônio Cultural da Humanidade.

Houve um tempo em que chamavam Brasília de "ilha da fantasia" — como se fosse um projeto distante da realidade brasileira, um experimento arquitetônico habitado por uma população "de fora". Era um rótulo carregado de preconceito, que ignorava a força dos candangos que a ergueram e a vitalidade dos que, década após década, fizeram dela um lugar verdadeiramente vivo. Hoje, a realidade desmente qualquer reducionismo: Brasília é uma cidade jovem não apenas em sua história, mas em sua energia, comprometida com uma qualidade de vida rara entre as metrópoles do país.

Mas manter esse padrão não tem sido fácil. É um trabalho diário, coletivo, que exige participação ativa de todos. Aqui, nenhum plano avança sem ampla discussão — e isso não é um obstáculo, mas uma virtude. O legado de Lucio Costa, especialmente no que diz respeito à harmonia entre urbanismo e bem-estar, segue sendo respeitado como um farol. Quando atualizamos o PPCUB no ano passado ou debatemos o PDOT, não estávamos apenas cumprindo obrigações técnicas; estávamos honrando um pacto com o futuro, como se o próprio Lucio Costa nos observasse. Poucas cidades no Brasil envolvem tanto sua população em decisões que afetam seu cotidiano — e esse diálogo é um patrimônio tão valioso quanto o concreto de Oscar Niemeyer.

Os números nos orgulham: estamos no topo do IDH entre as metrópoles brasileiras, com o menor índice de analfabetismo do país (1,7%, contra a média nacional de 5,6%). Essas conquistas não são acidentes. São fruto de políticas públicas efetivas e, sobretudo, da resistência de um povo que trabalhou, confiou e acreditou. Brasília acolheu migrantes de todas as regiões — gente sofrida e lutadora que cavou lagos, ergueu ministérios, plantou jardins e asfaltou avenidas. Foram essas mãos calejadas que transformaram o sonho de Dom Bosco em realidade.

E o esforço continua. Porque Brasília, como o Brasil, está em constante transformação. As demandas mudam, mas a essência permanece: uma cidade feita para as pessoas. Tenho certeza de que cada avanço social que alcançamos veio da força do povo — das ruas, da voz que exige seus direitos. Por isso, repito: nosso guia são as pessoas. Seu bem-estar é a medida do nosso sucesso.

Feliz aniversário, Brasília. Que os próximos capítulos sejam tão ousados quanto teu nascimento — e tão humanos quanto tua gente.



Sarah Raíssa e o custo humano da sociedade da dopamina



» LÊDA GONÇALVES
Doutora em psicologia, professora do Programa Stricto Sensu da Universidade Católica de Brasília (UCB)

» LEANDRO FREITAS
Doutor em neurologia e neurociências. Professor do Programa Stricto Sensu da UCB

Sarah Raíssa, uma criança de apenas 8 anos, morreu no último dia 13, em Ceilândia, no Distrito Federal, após participar de um "desafio" viral de uma plataforma de vídeos curtos que consistia em inalar desodorante aerossol. Uma tragédia que não é isolada, mas é sintomática de um problema que vai muito além dos limites das redes sociais: a "sociedade da dopamina".

Dopamina é um neurotransmissor associado ao prazer, à recompensa rápida. Cada curtida, cada visualização, cada comentário nas redes sociais libera pequenas doses dessa substância no cérebro, criando um ciclo viciante que nos faz querer sempre mais estímulos. Para adultos, esse circuito já é difícil de controlar. Para crianças e adolescentes, cujo cérebro ainda está em desenvolvimento, torna-se ainda mais desafiador entender e resistir à sedução dessas gratificações imediatas, ficando presas num mecanismo que oferece aprovação rápida, fama instantânea, a ilusão viciante de serem vistas e "pertencidas".

A internet acentua a lógica do um "saber sintético", onde o conhecimento superficial é rápido e descartável, moldado pela lógica dos algoritmos e pelo imediatismo das plataformas digitais. A profundidade é substituída pela rapidez, a reflexão pela viralidade. Essa dinâmica digital explora justamente as fragilidades de um cérebro jovem, cujo córtex pré-frontal — região responsável por planejar, tomar decisões e medir consequências — ainda não está plenamente desenvolvido. O resultado é uma geração de crianças e adolescentes vulneráveis, com dificuldade de controlar impulsos e avaliar riscos, entregues ao consumo compulsivo de conteúdos que eles nem sempre conseguem compreender plenamente, mas que estimulam continuamente circuitos cerebrais ligados à recompensa imediata.

Precisamos de um debate urgente sobre o papel que as grandes empresas de tecnologia desempenham nesse contexto. Elas lucram bilhões com o tempo, a atenção e o engajamento das crianças e jovens, sabendo que seus algoritmos são projetados justamente para ativar áreas cerebrais associadas ao prazer instantâneo. Apesar disso, ainda são lentas e pouco eficazes em garantir ambientes seguros. Então, quem paga o preço por esse lucro exorbitante são crianças como Sarah. Será que elas deveriam ter acesso irrestrito a esse mundo digital, repleto de riscos disfarçados de entretenimento? A morte de Sarah não foi causada apenas por um desafio perigoso, mas por uma cultura que supervaloriza a aparência, a performance imediata e a satisfação rápida. Uma sociedade onde sucesso é medido por "curtidas de desconhecidos" que, de maneira perigosa, alimentam temporariamente a liberação de dopamina no cérebro, e não pela qualidade das relações humanas ou pelo aprofundamento do saber.

Em meio a tudo isso, é possível vermos nossas crianças e adolescentes distantes da "caverna digital", reapropriando-se do brincar junto, ocupando as ruas, com pés descalços em contato com a terra, as árvores, os bichos, enfim, valorizar o saber orgânico capaz de semear e germinar encontros entre pessoas e destas com a natureza. Casos como o de Sarah não podem se tornar apenas mais uma notícia esquecida em poucos dias. Precisamos parar de fingir que essas tragédias são acidentes isolados e começar a responsabilizar quem lucra com esse sistema perverso, projetado para explorar sem pudor cérebros em formação, incapazes de perceber que nem toda recompensa vale o risco. Está na hora de decidir que tipo de sociedade queremos ser: uma que protege e educa nossas crianças ou uma que as sacrifica no altar do entretenimento fácil e viciante.

Tarifa zero: pauta emergente no 65º aniversário de Brasília



» THIAGO TRINDADE
Professor do Instituto de Ciência Política da UnB, coordenador do Observatório das Metrópoles em Brasília

Brasília comemora em 2025 seus 65 anos de existência. Mas, à luz de nossos indicadores sociais, talvez não haja muito o que festejar. O Distrito Federal é marcado por desigualdades tão profundas que o tornam um dos territórios mais segregados do mundo. O relatório *Como anda Brasília*, produzido pelo IPEDF em 2023 (com dados da Pdad 2021), mostra que, enquanto a renda média do grupo de Regiões Administrativas (RAs) mais ricas era de R$ 18.127, no grupo das RAs mais pobres essa renda equivalia a R$ 2.787.

Todavia, o foco do relatório reside em outro aspecto da desigualdade no DF: a mobilidade urbana. Ao se analisar os deslocamentos diários para o trabalho, verifica-se que a maioria daqueles realizados por ônibus e a pé é feita pelas pessoas negras, enquanto que a população não negra utiliza mais o carro para essa finalidade. Adotando o gênero como recorte, os homens não negros são os que mais se deslocam com automóvel (61,1%), seguidos pelas mulheres não negras (53,9%). Por sua vez, as mulheres negras constituem o grupo que mais se desloca para o trabalho de ônibus (45,5%) e a pé (12,7%), seguidas pelos homens negros (32,5% e 9%, respectivamente).

Pelo critério renda, na faixa de até um salário mínimo, tanto homens como mulheres se deslocam mais de ônibus para o trabalho (42,8% e 54,5%, respectivamente), bem como na faixa de um a dois salários (48,2% e 63,5%). Para os grupos de renda mais alta, a relação se inverte: o uso do carro aumenta, enquanto a locomoção por ônibus diminui consideravelmente.

Os dados revelam que as condições com que os diferentes grupos e classes sociais se locomovem pela cidade, e dela se apropriam para diferentes fins (lazer, serviços públicos, emprego etc.), são bastante diferenciadas. Uma vez que a possibilidade de ter um automóvel está ligada à condição econômica, a grande maioria dos residentes das localidades mais pobres é a que mais depende do transporte público. Por isso, os grupos de menor renda têm seu direito de ir e vir seriamente prejudicado, já que os custos do deslocamento diário podem ser um obstáculo considerável para sua locomoção. Em suma, a população branca e rica tem maior mobilidade urbana, enquanto que a população negra e de baixa renda experimenta maiores dificuldades para circular pela cidade, sendo que o grupo mais afetado são as mulheres negras de baixa renda.

Logo, a tarifa cobrada no transporte público é um elemento decisivo na sustentação da estrutura urbana segregacionista no DF, impedindo a população negra de circular livremente e reforçando padrões históricos de exclusão. Vale lembrar que, em 2015, o transporte foi incluído como direito social na Constituição Federal (Art. 6º), constituindo-se desde então em um dever do Estado. A tarifa representa, portanto, uma violação de um direito constitucional de milhões de pessoas.

Nesse cenário, a proposta de tarifa zero no transporte público emerge como alternativa viável e necessária para democratizar a cidade e garantir uma vida mais digna a grupos sociais historicamente marginalizados. Antes vista como "utopia", a tarifa zero hoje é realidade em mais de 120 municípios brasileiros (beneficiando mais de 5 milhões de cidadãos e cidadãs). Em março, teve início no DF o programa Vai de Graça, que garante tarifa zero aos domingos. Embora há pouco tempo em vigor, os efeitos positivos na economia local já são percebidos.

É importante destacar que a tarifa zero não é uma política setorial; ao contrário, ela tem uma série de efeitos positivos que beneficia grande parte da sociedade. Simultaneamente, a tarifa zero é uma política de: i) distribuição de renda, já que anula o gasto com o transporte público e beneficia as pessoas de baixa renda; ii) combate às desigualdades raciais, pois permite maior liberdade de circulação à população negra; iii) garantia do direito constitucional de ir e vir para todas as pessoas; iv) redução das emissões de carbono, uma vez que tende a estimular um maior uso do transporte coletivo em detrimento do individual; e v) redução de mortes no trânsito, pela mesma razão.

É claro que a gratuidade no transporte público não resolve todos os nossos problemas, mas ela é um grande passo na construção de uma cidade mais democrática e menos desigual. O Vai de Graça é uma conquista importante, mas a tarifa zero precisa ser adotada todos os dias da semana, 24 horas por dia. Sabemos que é possível. No momento do seu 65º aniversário, Brasília tem a oportunidade de avançar — por meio da adoção da tarifa zero — na promoção de uma política de justiça socioambiental que a faria merecer, de fato, a alcunha de "cidade do futuro".

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

Mais segurança nas REDES ENERGÉTICAS

Estudo destaca os riscos dos ataques de injeção de dados falsos, estratégia que dispensa conhecimento profundo do sistema-alvo

» RAFAELA BOMFIM*

A crescente digitalização das redes elétricas, impulsionada pela expansão de fontes de energia distribuídas como baterias e painéis solares, trouxe também novos riscos cibernéticos. Um estudo publicado na revista *Engineering* chama atenção para uma ameaça em ascensão: os ataques de injeção de dados falsos (FDIAs), capazes de comprometer a estabilidade e o controle dessas redes. Com a presença de baterias e painéis solares, os sistemas elétricos passaram a depender de dados informatizados para operar com eficiência. Essa dependência expõe vulnerabilidades, como o acesso às informações de controle. Na tentativa de resguardar o sistema, pesquisadores trabalham para evitar que um FDIA distorça informações essenciais, provoque falhas operacionais e afete diretamente a confiabilidade da rede.

Os pesquisadores identificaram um novo tipo de ataque, o chamado FDIA de caixa-preta. Ao contrário das abordagens convencionais, que atuam na transmissão de dados, esse método atinge diretamente os dispositivos de medição. Usando uma rede adversária generativa (GAN), a incursão é executada de forma discreta, sem necessidade de conhecer a fundo o sistema, o que a torna ainda mais perigosa em aplicações reais.

Rodolfo da Silva Villaça, doutor em engenharia elétrica e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), detalha o funcionamento da denominada "técnica da caixa-preta". "É um método de ataque cibernético em que a ação não se baseia no conhecimento do funcionamento interno do sistema-alvo, no caso, o sistema elétrico. Em vez disso, essa técnica se concentra na manipulação das entradas e saídas observáveis do sistema para atingir seus objetivos, manipulando diretamente os módulos de medição de fontes de energia distribuídas."

Contra-ataque

A estratégia do desenvolvimento de uma técnica estima os parâmetros dos controladores e filtros usados nas fontes de energia distribuídas, permitindo que a reação ocorra com maior precisão, reduzindo falhas e aumentando sua eficiência. Em testes realizados em um sistema de 39 barramentos da Nova Inglaterra, o impacto foi claro. A exatidão do modelo TSP diminuiu de 98,75% para 56% os danos causados à confiabilidade das redes inteligentes. O método utiliza diferentes configurações, incluindo diversas arquiteturas de redes neurais e sistemas-padrão do IEEE (Instituto de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos).

O método utiliza ajustes em tempo real e integração física para gerar vetores de ataque que se assemelham muito a dados operacionais legítimos, desafiando a detecção de sistemas convencionais para diferenciar das falhas originais dos equipamentos ou variações operacionais transitórias. Para executar a tarefa, é aplicado um modelo A3D que usa autocodificadores baseados em atenção para identificar anomalias, reconstruindo condições operacionais normais e comparando-as com as atuais.

Os resultados mostraram que o vetor de ataque consegue enganar uma ampla variedade de alvos, afetando tanto infraestruturas menores e também maiores. O que reforça a urgência de desenvolver mecanismos de proteção mais eficazes, capazes de lidar com ameaças em escala. Segundo o pesquisador Villaça, embora as soluções de segurança estejam avançando, os ataques continuam evoluindo com rapidez. "As tecnologias de defesa cibernética têm progredido, mas os métodos de ataque também ficam mais sofisticados, criando um cenário de constante disputa. Em áreas críticas como o setor elétrico, as ameaças muitas vezes se desenvolvem mais rápido do que as soluções. Por isso, é fundamental investir em inteligência artificial e adotar uma postura preventiva na proteção das redes inteligentes."

***Estagiária sob a supervisão de Renata Giraldi**

MPF



Sala de controle, com rede computadorizada interligada

Três perguntas para

HELDER ROBERTO DE OLIVEIRA ROCHA, doutor em computação científica e sistemas de potência e professor do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

O Brasil está preparado para implementar soluções eficazes contra os ataques cibernéticos descritos no estudo, como os que envolvem integração de sistemas de energia renovável?

O Brasil ainda enfrenta desafios na implementação de medidas robustas contra ataques cibernéticos, especialmente devido à heterogeneidade da infraestrutura elétrica e à falta de regulamentação específica para a segurança do setor. Com a crescente adoção de fontes renováveis, que frequentemente dependem de sistemas descentralizados e da Internet das Coisas (IoT), a necessidade de proteção se torna ainda mais crítica. Para enfrentar essas ameaças de maneira eficiente, o país precisa investir mais em pesquisa, capacitação e regulamentação. As concessionárias de energia têm financiado pesquisas em universidades brasileiras sobre o tema. No entanto, tenho observado que, em quase todos os editais de projetos das concessionárias, há foco em inteligência artificial, enquanto poucos são voltados para a cibersegurança e a prevenção de ataques cibernéticos.

Como as redes adversárias generativas (GAN) para criar ataques furtivos podem afetar a operação de sistemas de energia no Brasil, tanto nas grandes cidades, como em áreas remotas?

Esses ataques podem causar um blecaute total no Brasil ou blecautes direcionados para determinadas cidades, e a restauração da rede pode levar dias, resultando em grandes prejuízos financeiros. Em áreas remotas com sistemas de energia distribuída, os ataques cibernéticos são mais fáceis de serem inseridos devido à menor proteção, embora também sejam menos visadas. Para mitigar esse risco, a implementação de sistemas de detecção baseados em IA, capazes de distinguir padrões artificiais de padrões naturais, torna-se essencial. As redes GAN podem ser utilizadas tanto para atacar quanto para proteger a infraestrutura elétrica. Essas redes são compostas por duas partes: uma responsável por gerar ataques e outra por identificá-los. Enquanto agentes mal-intencionados buscam aprimorar geradores de ataques cada vez mais sofisticados, os operadores do sistema elétrico precisam desenvolver identificadores eficientes para detectar e neutralizar essas ameaças.

A pesquisa mostra que os algoritmos de previsão de estabilidade transitória (TSP) são fundamentais para a operação das redes inteligentes. É possível aperfeiçoar a precisão e a segurança deles para evitar manipulações externas?

Podemos aprimorar a precisão e a segurança dos algoritmos de previsão de estabilidade de transitória baseados em caixa-preta por meio da incorporação de técnicas como o aprendizado federado, que possibilita o treinamento distribuído sem a necessidade de compartilhar dados sensíveis. Além disso, a implementação de métodos robustos de detecção de anomalias, estimação dos dados de rede e mecanismos avançados de criptografia pode reduzir significativamente o risco de manipulação externa.

SUSTENTABILIDADE

Baterias de lítio e íons reutilizáveis

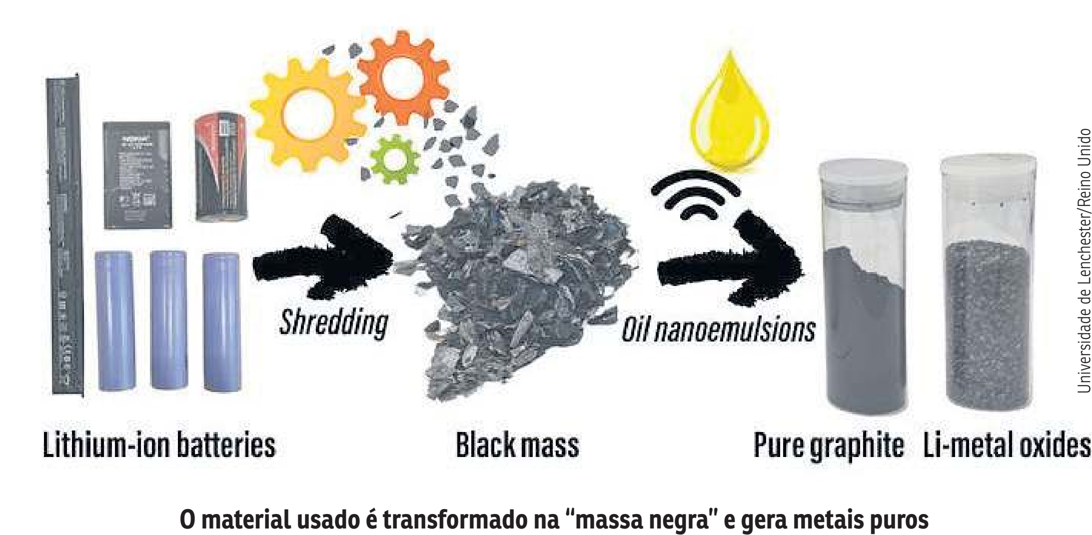
Com uma técnica inovadora e materiais específicos, pesquisadores das áreas de química e física da Universidade de Leicester, do Reino Unido, recuperaram metais em baterias já usadas. A iniciativa permitiu o reuso, o que antes era improvável. Para restaurar a chamada "massa negra", formada por íons de lítio, a base foi a água de torneira e temperatura ambiente e, em poucos minutos, o resultado apareceu. A substância, uma mistura de ânodo, cátodo e outros materiais de baixo valor, é transformada em óxidos metálicos puros, como lítio, níquel e cobalto (NMC).

A técnica é baseada no sistema de nanoemulsões preparadas com óleo de cozinha e que utiliza ultrassom. Esse sistema adere à superfície do carbono presente na massa negra, formando conglomerados que flutuam na água. Já os óxidos metálicos, por serem hidrofílicos, permanecem na solução e podem ser extraídos com facilidade.

De acordo com os pesquisadores envolvidos, o método apresenta um avanço significativo para a reciclagem sustentável de baterias, reduzindo a necessidade de extrair minérios e de novos recursos, minimizando danos ambientais. A simplicidade do processo facilita sua aplicação em larga escala, tornando a recuperação de metais mais acessível e eficiente para a indústria.

O trabalho se concentra em um projeto-piloto capaz de processar grandes volumes de massa negra. O objetivo é demonstrar sua viabilidade econômica e fornecer material de qualidade para a fabricação de novas baterias. De acordo com os cientistas, essa inovação, desenvolvida pela Universidade de Leicester, representa um avanço significativo na busca por soluções sustentáveis para o gerenciamento de baterias usadas. É que essa tecnologia tem o potencial de reduzir o impacto ambiental da produção e descarte de baterias, além de contribuir para uma economia circular eficiente.

Jake Yang, coautor do estudo, professor de química e física da Universidade de Leicester, está



Universidade de Leicester/Reino Unido

O material usado é transformado na "massa negra" e gera metais puros

bastante otimista sobre o futuro do projetor. "O próximo passo é escalar isso e colocá-lo como parte de uma linha piloto que estamos desenvolvendo atualmente. Temos certeza de que essa técnica pode ser usada em vários campos onde as fases hidrofílicas e hidrofóbicas precisam ser separadas."

A ideia de usar óleo de cozinha e água para reciclar baterias surgiu de tentativa e erro em busca de uma forma para criar energia renovável, segundo o professor do departamento de química e física da Universidade de Leicester, Andy Abbott que participou da pesquisa. "Achamos que os dois materiais que queríamos separar eram muito diferentes em sua hidrofobicidade, mas misturas simples de óleo e água não molharam nenhum dos materiais. Percebemos que precisávamos fazer as gotículas de óleo realmente pequenas e por isso, usamos ultrassom para criar uma nanoemulsão."

Testes

O método desenvolvido em Leicester oferece diversas vantagens em relação às técnicas de reciclagem tradicionais. É mais rápido, simples e barato do que os sistemas já em prática e não requer o uso de altas temperaturas ou ácidos corrosivos. A estrutura cristalina dos materiais recuperados não é danificada, o que permite a sua reutilização direta na fabricação de novas baterias.

Abbott, ressalta que trabalham com parte de um projeto para abordar todos os aspectos da reciclagem. "Devido à escala do problema, sabemos que o processo deve ser simples e barato, caso contrário, os fabricantes continuarão usando material virgem em vez de reciclado. Este é um passo importante devido à sua simplicidade, mas também ao volume que pode ser processado rapidamente e a um baixo custo."

O esforço agora, de acordo com os cientistas, é que essa tecnologia de fato revolucione os processos de reciclagem de baterias de íons de lítio no mundo. Com o crescente número de veículos elétricos e dispositivos eletrônicos, o reuso eficiente é fundamental para a transição para uma economia circular. **(RB)**

Editor: José Carlos Vieira (Cidades)
josecarlos.df@dabr.com.br e
Tels. : 3214-1119/3214-1113
Atendimento ao leitor: 3342-1000
cidades.df@dabr.com.br



Com apoio do **Correio**, tradicional evento da cidade atrai público de várias regiões do país. Prova principal começa hoje, às 5h30, com largada em frente ao Museu Nacional. Festa começou ontem com dois desafios

6 mil atletas nas ruas da capital

» LUIZ FELLIPE ALVES*
» LEONARDO RODRIGUES*
» LETÍCIA MOUHAMAD

No dia em que a capital do país celebra 65 anos, cerca de 6 mil pessoas ganham as ruas centrais para o evento principal da Maratona Brasília 2025, que integra o calendário oficial do Distrito Federal. A corrida conta com o apoio do **Correio Braziliense**, que nasceu com Brasília e também comemora aniversário hoje. O número supera os inscritos de 2024, que contou com 5 mil participantes.

A Maratona Brasília tem duas competições: o Desafio JK (21km + 21km) e o Desafio BSB 65 anos (21km + 42km). A meia-maratona realizada, ontem, contemplou 21km. Agora, os inscritos poderão concluir os desafios com mais 42km ou 21km. Além disso, há os percursos de 10km, 5km e 3km (veja **Hoje tem mais!**).

Segundo Miguel Jabour, assessor de Relações Institucionais do **Correio** e responsável pela organização da competição, a Maratona Brasília vai além do esporte e não é realizada no aniversário de Brasília por acaso. "Várias pessoas vêm para a cidade, passam de três a cinco dias, frequentam bares e restaurantes e ocupam os hotéis. A maratona não é só corrida, ela gira a economia da cidade em um evento", afirmou.

Carlos Vieira/CB/DA Press



Maratona Brasília 2025: corredores do DF e de diversos cantos do país e do mundo acordaram cedo para correr nos Desafios JK e BSB 65 anos

Carlos Vieira/CB/DA Press



Morador do DF, Marcos Cruz foi o 1º lugar masculino

Carlos Vieira/CB/DA Press



Na disputa feminina, Carmen Silva foi a 1ª colocada

Letícia Mahoumad / CB/DaPress



Adam Irons veio dos EUA e chegou em 3º lugar ontem

Desafio de 21km

Na meia-maratona, ontem, o primeiro lugar foi para o morador do Distrito Federal Marcos Cruz, 35 anos. Comerciante, ele divide o prazer pela corrida com uma rotina pesada de trabalho. "Treino todo dia à noite, depois do serviço. É duro, mas foi gratificante ganhar essa competição", afirmou.

O atleta completou a prova em 1h14, mas, reconheceu: esse não é o seu melhor tempo. "Eu já fiz em um tempo menor, cerca de 1h12. Apesar disso, é uma evolução chegar em primeiro lugar", comemora, exausto. Ano passado, o comerciante ficou em terceiro lugar.

Focado, Marcos pretende participar concluir o desafio hoje. "Seja o que Deus quiser. Vou tentar chegar em primeiro, mas é muita dureza", completou o participante, que treina no Centro de Atletismo do Paranoá e Itapoã (Capi).

Entre as mulheres, quem venceu foi Carmen Silva, 53, que concluiu a prova em 1h22. A professora de educação física concilia os treinos com a maternidade — de três adolescentes — e os estudos. Para o ano que vem, a atleta, que comemora seu bicampeonato consecutivo, promete empenhar ainda mais esforço. "Se tudo der certo, conquistarei o tricampeonato", pontuou. O segundo lugar foi conquistado por Raissa Marcelino, 32.

Quem cruzou a linha de chegada em segundo lugar, um minuto após Marcos, foi o morador de Taguatinga, Charlles Alves, 31, que corre há pelo menos 10 anos. Para ele, estar no pódio é sinônimo de dever cumprido. "A gente se prepara buscando o melhor resultado. Quando vem, é gratificante", contou o auxiliar de logística. Em 2024, Charlles conquistou o oitavo lugar.

Recuperando-se do esforço desempenhado na prova, o vice-campeão relatou que sentiu cãibras no final da corrida, no trecho próximo ao Palácio do Planalto. "Foi preciso ter paciência para esperar as dores passarem e eu conseguir concluir a prova. Neste final, que é cruel, ficamos com a musculatura bastante desgastada", explicou Charlles.

De Iowa, nos Estados Unidos, para o Brasil, Adam Irons, 33, visita a capital federal pela primeira vez. Encantado por corridas, ele não perdeu a oportunidade de se inscrever para a Maratona Brasília e concluiu a prova em 1h16 minutos, conquistando o terceiro lugar. "Eu adoro correr e faço isso há cerca de 15 anos, é a minha paixão. Me ajuda a ter disciplina e fortalece a minha saúde mental", argumentou.

Assim como Charlles, Adam relatou dificuldades no fim da corrida, durante a subida. "Se fazemos muito esforço no primeiro momento, chegamos sem forças nesse trecho. Foi preciso moderar para dar conta. Fiquei feliz, pois me senti acolhido pela equipe e pelos outros participantes", revelou.

A programação do norte-americano para hoje inclui um tour pela cidade. "Conhecer a arquitetura e a gastronomia de Brasília", acrescentou Adam.

Para todos os públicos

Símbolo de superação e resistência, a Maratona Brasília movimenta a capital desde 1991. De acordo com Miguel Jabour, a competição está preparada para atender todo mundo. "Além dos atletas, vai ter muita gente na pipoca. Estamos preparados, não pode faltar água para ninguém. Quem está inscrito vai receber medalha e lanche", avisou.

Um dos maiores atrativos do evento está nos detalhes da corrida. "É um ótimo percurso, eles (os atletas) vão correr enquanto passeiam pelos monumentos da cidade. Terão a oportunidade de ver obras do Oscar Niemeyer", afirmou Jabour.

Democrática, a Maratona Brasília recebe diferentes perfis de participantes. Entre os destaques está Mirene de Souza Muniz, 51, que alcançou o segundo lugar na categoria para pessoas com deficiência (PcDs), finalizando a corrida em 1h55. Em 2024, a moradora de Ceilândia conquistou o primeiro lugar.

"Me preparei bem, dentro das minhas possibilidades. Treinei, mas não deixei de cuidar da alimentação nem de me hidratar", disse. Sobre a experiência em corridas, ela é enfática: "O esporte é uma porta de libertação para os PcDs, a possibilidade de vencer desafios", acrescentou.

Quem pensa o mesmo é Ricardo Melo, 52, que cumpriu 1h22 de prova e ficou em primeiro lugar, entre os homens, na categoria PcD. Com mais de 25 anos de experiência em corridas, o advogado ressaltou que nada o impediu de superar seus obstáculos. "O que fica é um sentimento de realizações e superação. Com todos os problemas que a gente convive, é ótimo ter o esporte como uma válvula de escape", contou, orgulhoso.

Aos 82 anos, Carlos Braga é veterano nas maratonas. A edição de ontem marcou a 35ª meia-maratona de sua vida, que soma 391 corridas. Atleta há mais de 50 anos, ele foca na saúde para manter a disposição. "Eu corro na rua mesmo, saio de caso e fico correndo pela vizinhança. Embora eu esteja nos meus tempos mais longos, continuo firme e participo de competições todos os anos", contou.

De todo o Brasil

Além dos atletas brasilienses, muitos inscritos vieram de fora. Um deles foi o mineiro Bruno Santos, 40, cuja participação na meia-maratona serviu de preparação para competições futuras. Ele faz parte de uma equipe de 120 integrantes, chamada Sol Nascente, sempre presente em maratonas Brasil afora.

Apesar de o grupo completo não ter vindo para a capital, o competidor disse que os treinos em conjunto são fundamentais para aprimorar seu desempenho. "Corrida é um esporte que, sem dúvida, está em alta, nos motiva a buscar saúde. Aproveitei uma viagem com a família e decidi vir correr. Me senti bastante acolhido em Brasília", afirmou.

Direto de Tocantins, o corredor Bruno do Amaral Cristi, 35, fez sua primeira meia-maratona na capital. "Meu objetivo é fazer menos de duas horas, cada um dos dois percursos, tanto hoje quanto amanhã", diz. Além dos treinos, ele pretende conhecer e curtir Brasília. "Estou com boas expectativas, sei que conhecerei lugares muito interessantes", finalizou.

***Estagiários sob a supervisão de Patrick Selvatti**

Hoje tem mais!

» 5h30: largada para os 42km;
» 6h: largada para 21km;
» 6h30: largada para 3km, 5km e 10km

As saídas ocorrem em frente ao Museu Nacional. Com o fechamento da Esplanada devido às festividades dos 65 anos da capital, os corredores poderão estacionar no Sesi Lab, Teatro Nacional, anexos dos ministérios e plataforma superior da Rodoviária.



No calendário oficial de Brasília, evento reúne público diverso

Luiz Fellipe Alves



Carlos Braga participa de maratonas há mais de 50 anos

Leonardo Rodrigues



Bruno Santos competiu em uma meia-maratona a primeira vez

Luiz Fellipe Alves



Ricardo Melo, 1º lugar masculino PcD, tem 25 anos de estrada



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Companheiros de ofício

Compartilho com muitos um ofício por vezes penoso, mas também gratificante. Colocar no papel — impresso ou sobre um canva digital — as palavras é um desafio e grande responsabilidade quando elas têm o potencial de alcançar um público extenso. Seja na reportagem, seja no universo da crônica, tenho companheiros que sempre me lembram da importância dessa tarefa e que também inspiram o fazer diário.

Muito dessa trajetória vivi aqui no **Correio**, que hoje completa 65 anos. O sentimento é de dever cumprido sempre que uma nova edição circula, um dia de cobertura se encerra e o sol nasce para o próximo. São 365 dias de trabalho por ano, sete dias por semana, 24 horas por dia, em revezamentos de equipe que fariam inveja até mesmo em Usain Bolt e outros craques do atletismo. Um rende o outro, que passa o bastão para a frente.

Ao longo de todo esse tempo, ficam registradas nas páginas do jornal as histórias de tantos personagens, famosos ou anônimos, gravadas para a eternidade. Se uma busca na internet não resolve ou não responde à pergunta que não quer calar do dia, é nos acervos de bibliotecas e arquivos públicos, no caso do **Correio**, no Cedoc, que nos abrigamos para saber mais sobre o assunto que nos intriga.

Se quem poupa tem, quem guarda também. O amigo cronista Danilo Gomes, um dos pioneiros guardiões da memória de Brasília, me lembrou na última semana de um momento emblemático da cidade: a mudança de Jaguar para Brasília. Como muitos dos forasteiros que vieram para cá, em menos de um mês deu o braço a torcer e se rendeu aos encantos da cidade.

Não é para menos, já que o cartunista foi recebido com honrarias. Nas primeiras semanas ganhou estátua no Feitiço Mineiro, reduto de célebres moradores, brasilienses e visitantes, por anos. "Estou em ilustre companhia: Juscelino, equilibrando-se em cima de uma coluna em frente ao Memorial JK, e a estátua da Justiça, obra-prima de meu amigo Ceschiatti, com quem já tomei grandes porres", escreveu o também cronista.

O **Correio** noticiou o fato na edição de 25 de agosto de 2005, como gentilmente me lembra Danilo Gomes, explicando que a estátua era praticamente em tamanho real. "Agora vou ficar de plantão durante toda a noite no bar, de onde nunca deveria ter saído", brincou Jaguar.

E para coroar essa memória, ao lado do texto sobre o cartunista, o jornal estampava o lançamento do primeiro *Manual de Redação e Estilo dos Diários Associados*, escrito pela querida Dad Squarisi. O título adiantava: "Fórmula para fazer textos com qualidade". E era a mais pura verdade. Nossa professora faz muita falta, mas seguimos firmes na busca por textos e palavras transformadores.

ANIVERSÁRIO DE BRASÍLIA

Festa no coração da capital

Brasilienses e turistas se divertem em domingo de boas atrações na Esplanada dos Ministérios. Hoje, celebração continua

» MARIANA SARAIVA
» MARIA EDUARDA LAVOCAT

A comemoração dos 65 anos de Brasília transformou a Esplanada dos Ministérios em um palco a céu aberto, reunindo pessoas de todos os cantos da cidade — e até de bem longe. A grande festa toma conta do gramado com shows, atividades e muita animação, em uma celebração que exalta a alma brasiliense em todos os ritmos. Ontem, o público cantou junto com Fagner, curtiu a apresentação de Digão (ex-Raimundos) e emocionou-se com O Grande Encontro, projeto que une os ícones Alceu Valença, Elba Ramalho e Geraldo Azevedo. Para fechar com energia lá no alto, a cantora Mari Fernandez.

O cantor Miguel Santos fez parte da programação musical local e celebrou a oportunidade de representar o forró nordestino em um evento de grande porte. "Foi uma honra participar. A gente tem 23 anos de banda, estou há muitos anos na estrada, e tocar nesta megaestrutura é um privilégio", disse ele, que se considera brasiliense de coração. "Vim para cá com 9 anos, estou em Brasília há mais de 30."

Entre as fãs de Miguel estava Núclecia Moreira, 35, autônoma de Santa Maria Norte, que também acompanha Fagner desde a infância. "Meus pais ouviam muito e eu fui gostando também. Às vezes a gente acha que não combina com a nossa idade, mas quando toca no forró a gente vê como gosta", compartilhou. A amiga, Thalita dos Santos, 17, endossa. "Sou muito fã do Miguel e do Fagner. É a primeira vez que vejo o Fagner ao vivo e estou adorando!", completou. A estudante afirmou que estava ansiosa para ver Mari Fernandez e que pretende retornar hoje para assistir ao show do grupo de pagode brasiliense Menos é Mais.

Ed Alves/CB/D.A Press



O cantor brasiliense Digão foi uma das atrações na Esplanada dos Ministérios

Ed Alves/CB/D.A Press



Marina e André vieram de João Pessoa a trabalho e depararam-se com a festança

Ed Alves/CB/D.A Press



Parte da megaestrutura erguida no centro da cidade, a roda-gigante embelezou o por do sol

Ed Alves/CB/D.A Press



A tirolesa deu o tom de aventura e proporcionou uma bela vista da capital aniversariante

Sem fronteiras

Letícia Gabriela, de 18 anos, saiu de Formosa, em Goiás — a cerca de 80km da capital — só para curtir o evento. "Eu vim pelo cantor Digão e estou aproveitando bastante. Quero ficar até o fim e voltar amanhã de novo para curtir mais ainda", contou.

Até quem não esperava se apaixonou. Marina Soares e André Souza, ambos de 38 anos, vieram de João Pessoa (PB) a trabalho e foram surpreendidos pela festa. "A cidade nos encantou. Linda, organizada e cheia de vida. Quando vimos os shows gratuitos, não pensamos duas vezes. A estrutura é fantástica, queremos voltar mais vezes", disse Marina.

Amanda Chorlois, 25, de Sobradinho, estava especialmente ansiosa para ver O Grande Encontro. "Mas meu namorado gosta muito do Fagner, então estou curtindo ele também", contou. "Sou muito fã, meu pai escutava bastante quando eu era criança, então me tornei fã também", destacou Caio Vinicius da Silva, 28. O casal pretende voltar hoje. "Principalmente por causa da roda-gigante, que queremos aproveitar com mais calma."

Não perca

10h – Evento gospel
11h – Eli Lopes
14h – Doze por oito
15h10 – Benzadeus
16h20 – Adriana Samartini
17h30 – Leon Correia
19h – Menos é mais
21h20 – Bruno César e Rodrigo
22h30 – Zé Neto e Cristiano
1h – Encerramento

Roda-gigante e tirolesa

A megaestrutura do evento, aliás, é um show à parte: além do palco principal com telões gigantes, há passarela, camarotes, área kids, espaço pet, roda-gigante, tirolesa e uma praça de alimentação repleta de opções. E para facilitar o acesso de todos, o programa Vai de Graça está oferecendo transporte público gratuito durante todos os dias do evento.

Beatriz Lindt, 25, e a mãe, Cristina Éveline, 41, saíram de Samambaia com seus cachorros para um passeio diferente — e acabaram vivendo uma aventura nas alturas. "Aproveitei para curtir a tirolesa e convenci minha mãe a ir também. Foi pura adrenalina", conta Beatriz. Cristina, ainda entusiasmada com a experiência, completa: "Foi uma sensação indescritível ver Brasília lá de cima. Uma emoção que não dá pra explicar. A estrutura está incrível, tudo muito bonito".

E hoje a festa continua. No dia mais aguardado da programação, que marca o aniversário da capital o palco da Esplanada recebe o grupo brasiliense de pagode Menos é Mais, seguido pela dupla Bruno César e Rodrigo. Para encerrar, a dupla Zé Neto e Cristiano promete um show inesquecível sob o céu de Brasília.

PÁSCOA

Domingo de fé e reflexão

» ANA CAROLINA ALVES

Antes mesmo do início da missa das 10h30, o movimento era intenso nos arredores da Catedral Metropolitana de Brasília, que recebeu fiéis para a tradicional Missa de Páscoa. Pessoas de todas as idades e lugares se aproximavam. Dentro do templo, os cânticos religiosos e os vitrais iluminados pela luz da manhã refletiram a atmosfera de espiritualidade. O domingo foi de fé e emoção, com celebrações pela manhã e à noite.

A celebração matinal, presidida pelo Padre Agenor Vieira, enfatizou a importância da fé diante das adversidades e convidou os presentes à reflexão sobre a transformação pessoal que a ressurreição de Cristo representa. Entre os que acompanharam a missa de perto, estava Antonia Cruz, de 55 anos, ministra da eucaristia da Catedral. Visivelmente emocionada, ela destacou a alegria de ver a igreja cheia. "É só gratidão. Eu vejo essa catedral cheia e fico emocionada. Que Ele possa estar no coração de cada pessoa que passou por essa porta hoje e que recebam as bênçãos e a paz de Cristo", disse.

A emoção também estava presente entre os integrantes do grupo missionário católico Fogo Missionário, que compareceu em peso à missa. Com a maioria dos participantes sendo jovens, o grupo desenvolveu atividades de evangelização em diferentes comunidades do Distrito Federal e entorno ao longo da Semana Santa.

Ana Carolina Alves



Missa de Páscoa mobilizou fiéis ontem na Catedral de Brasília

Marlon Florencio, 30 anos, é morador da Asa Sul e um dos líderes do grupo. Segundo ele, participar da missa na Catedral ao final da missão é sempre um momento marcante. "Cada ano é uma experiência única, mas o mais importante é saber que conseguimos levar um pouco do amor de Deus para as pessoas", afirmou. Sobre a presença de crianças e adolescentes nas atividades missionárias, Marlon não escondeu a emoção: "Isso só faz sentido porque eles conhecem Jesus e dão tudo por Ele e pra Ele. Isso me deixa muito feliz e emocionado". "A Páscoa, pra mim, representa o amor de Cristo por todos nós", completou.

Dentre os mais jovens do grupo estavam João Gabriel Santana, de 10 anos, e Teodoro Inácio, de 11. Apesar da pouca idade, os dois demonstraram convicção ao falar sobre a celebração. Para eles, a Páscoa representa o amor de Cristo pelo mundo, uma mensagem que, segundo as crianças, é vivida na prática durante a Semana Santa e nas ações do grupo.

Durante toda a missa, a igreja permaneceu cheia e com fiéis em pé nas laterais. No momento da consagração, muitos dos presentes fecharam os olhos e se emocionaram em silêncio. Para Antonia, que acompanhou toda a organização, o clima foi de profunda espiritualidade e participação ativa da comunidade.

Com a igreja repleta de fiéis, a celebração da Páscoa preparou o caminho para o Jubileu da Arquidiocese, celebração religiosa que marca a evangelização e o serviço na capital federal, em comemoração aos 65 anos da cidade, hoje, às 10h.

Capital S/A

SAMANTA SALLUM
samantasallum.df@cbnet.com.br



> *Brasília deixou atrás de si um passado de derrotismo e pessimismo e inaugurou uma nova era de autoconfiança e otimismo.*
> **Juscelino Kubitschek**

DF ganha mais de 26 mil novos negócios em 2025

Divulgação/Sebrae



Os três primeiros meses do ano foram de alta na abertura de pequenos negócios no Brasil — o número de novos CNPJs passou de 567.835, em janeiro, para um total acumulado de 1.407.010 até março, com destaque para os microempreendedores individuais (MEI), que responderam por 78% desse total. No Distrito Federal, foram registrados 26.732. O que representa aumento de 36,3% comparado com o mesmo período do ano passado. O setor de serviços e de comércio são os que predominam na preferência dos empreendedores.

Alta de MEIs

Até março de 2025, o volume de MEIs registrados no país cresceu 35% em comparação com o mesmo período de 2024; já as micro e pequenas empresas tiveram um aumento de 28%. As informações foram levantadas pelo Sebrae nacional com base em dados da Receita Federal.

Por regiões

No recorte por regiões, Sudeste, Sul e Nordeste lideram a abertura acumulada de pequenos negócios, com São Paulo (28,6%), Minas Gerais (10,9%) e Rio de Janeiro (7,8%) nas primeiras posições entre os estados. Contudo, na comparação com o primeiro trimestre de 2024, Ceará, Piauí e Amazonas tiveram o maior avanço no cadastro de empreendimentos de pequeno porte, com 56,8%, 55,3% e 51,3%, respectivamente.

Indústria da transformação

Em março de 2025, o setor de Serviços obteve o melhor desempenho, com 257.156 pequenos negócios abertos (63,7% do total), seguido por Comércio, com 83.921 (20,8%), e Indústria da Transformação, com 30.859 (7,6%).

Mais inclusão

Para o presidente do Sebrae nacional, Décio Lima, os números comprovam que os pequenos negócios continuam sendo a principal força que impulsiona a economia brasileira. "Para o país, isso representa mais geração de empregos, maior arrecadação e mais dinheiro em movimentação e mais inclusão. A instituição atingiu, em 2024, a marca de mais de 60 milhões de atendimentos por todo país. O Sebrae está pronto para apoiar esses novos negócios", completa o presidente.

Incentivo à produção de queijos e mel

Depois do enoturismo, o GDF está preparando medidas de incentivo ao comércio e à produção de queijos. E a próxima cadeia que será fomentada pelo GDF é a de produção de mel.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Termo de cooperação com os Correios

Para incentivar o Distrito Federal como polo logístico de importação e exportação, o GDF está buscando assinar um termo de cooperação com os Correios para que o DF receba os produtos que são desembarcados em São Paulo e no Paraná, melhorando assim a distribuição para as regiões Norte e Nordeste. O assunto vem sendo tratado na esfera do Consórcio Brasil Central.

Reprodução/Viagens e Caminhos



Brasília: vocação para hub logístico

O secretário de Governo José Humberto Pires destaca neste aniversário de Brasília o potencial do DF para ser um hub logístico, considerando a posição central privilegiada para abrigar centros de distribuição e as medidas e investimentos do GDF. "Temos a vocação de Brasília como um polo. Estão aqui conosco o Mercado Livre e a Amazon. E os números que o Mercado Livre apresentou na última reunião para o governador Ibaneis foram animadores. O custo de distribuição deles com frete reduziu em 30%", informou.

Melhorias no Polo JK

José Humberto aponta uma nova visão estratégica para o Distrito Federal. Cita as ações do governo juwnto ao setor privado, como o aeroporto e o Porto Seco. "Estamos investindo mais de R$ 64 milhões no Polo JK com melhoria de todo o local, a partir da melhoria das vias urbanas e, sobretudo, das rurais, porque os produtos mais exportados pelo Distrito Federal são oriundos da agricultura. Isso tem agregado um valor muito grande aos produtos", disse.

Ed Alves/CB/D.A Press



PROPRIEDADE INTELECTUAL

Desafios e avanços na Proteção à Inovação



O **Correio Braziliense** e a Interfarma promovem o evento **"Propriedade Intelectual: desafios e avanços na protenção à inovação",** no formato de Summit.

Especialistas renomados, lideranças setoriais e autoridades debaterão os rumos da Propriedade Intelectual (PI) no Brasil. O evento apresentará novos dados acerca da evolução dos pedidos de patentes no Brasil, discutirá os impactos econômicos e sociais da inovação, além da integração da PI no Brasil às melhores práticas do sistema internacional de patentes.

SAVE THE DATE

29/04
a partir das 9h

Auditório do Correio Braziliense (SIG Qd. 2, Lt. 340)



Escaneie o QR Code e inscreva-se AGORA

REALIZAÇÃO: 35 anos interfarma um só futuro — CORREIO BRAZILIENSE

Eufrázio

Consumidor Direito + Grita

É obrigatório apresentar atestado médico para começar a malhar? Especialista explica a diferença entre recomendação e exigência. Conheça as quais garantias dos alunos

Entre pesos e contratos: como treinar com segurança em academias

» BÁRBARA XAVIER*

A prática de atividades físicas é apontada pelos médicos como uma necessidade básica para garantir uma boa saúde física e mental. Segundo o IBGE, mais de 30% da população brasileira pratica alguma atividade física com regularidade, e as academias são um dos principais locais escolhidos.

De acordo com o Sindicato de Academias do Distrito Federal, em 2024, cerca de 400 mil alunos estão matriculados em academias da cidade. O setor espera um aumento de 15% nas matrículas em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionado por pessoas que buscam melhorar a saúde e adquirir bons hábitos.

Preocupados em melhorar o bem-estar ou na beleza do corpo malhado, os frequentadores de academias, muitas vezes, não leem com atenção o contrato na hora de realizar a matrícula. Mas é justamente naquele documento em que podem estar especificadas algumas exigências como, por exemplo, a apresentação de atestado médico pelo aluno.

Do ponto de vista legal, nenhuma norma no DF obriga o aluno a apresentar um atestado médico para se matricular ou frequentar a academia, somente para as pessoas 70+. Em Goiás, por exemplo, existe uma regulamentação específica que prevê a aplicação de uma espécie de questionário de triagem, e a apresentação de atestado médico torna-se obrigatória, caso o aluno responda positivamente a alguma pergunta sobre suas condições de saúde.

O Código de Defesa do Consumidor (CDC) estabelece que práticas como essa só podem ser exigidas se estiverem previstas em contrato ou se forem justificadas por motivos de segurança. Ou seja, a academia pode sugerir, mas não impor essa exigência como condição para o uso dos serviços.

Apesar disso, tanto o Conselho Federal de Medicina (CFM) quanto o Conselho Federal de Educação Física (Confef) recomendam que o aluno passe por uma avaliação médica antes de iniciar qualquer atividade física, principalmente se tiver histórico de doenças crônicas, como hipertensão ou problemas cardíacos.

A academia

Enquanto prestadoras de serviço, as academias têm uma responsabilidade clara: garantir a segurança dos alunos durante os treinos. Isso inclui disponibilizar profissionais habilitados para orientar e acompanhar os exercícios, além de manter os equipamentos em boas condições. Caso o consumidor sofra alguma lesão em razão de negligência por parte dos profissionais das academias, o aluno pode acionar a Justiça.

"Se for comprovado que o acidente ocorreu por falta de orientação ou acompanhamento profissional adequado, o aluno pode acionar a academia na Justiça, pedindo indenização por danos morais, materiais e até estéticos, dependendo do caso. A responsabilidade da academia se estende aos seus funcionários e prestadores de serviço", explica a advogada Mariana Campos Pedroso, especialista em direito do consumidor.

Caso a pessoa perceba que foi vítima de negligência — falta de cuidado ou diligência que pode resultar em danos a terceiros — por parte da academia, ela pode buscar caminhos, como registar uma reclamação por meio do site do Procon, entrar com uma ação no Juizado Especial Cível, com o cuidado de sempre guardar provas, como fotos, testemunhas, exames médicos e o próprio contrato, para embasar a ação judicial.

Outro ponto importante diz respeito à comunicação entre aluno e academia. É fundamental que qualquer desconforto ou problema sentido durante a prática seja informado imediatamente ao instrutor responsável. "O aluno não pode se sentir constrangido em relatar dores, dúvidas ou inseguranças. O ambiente precisa ser acolhedor e transparente, e isso começa pelo diálogo", reforça Mariana. Ela lembra ainda que as academias devem manter registro dos atendimentos prestados e das fichas de avaliação física, o que também pode ser útil em casos judiciais.

O retorno

Depois de quase 10 anos sem fazer exercícios físicos com regularidade, a servidora pública de 40 anos, Paula Ribeiro decidiu mudar de vida. Moradora da Asa Norte, ela sempre adiou o início de uma rotina de treinos, seja por conta da falta de tempo, ou pelo receio de enfrentar limitações físicas. Mas, no começo de março, após uma conversa com o clínico geral durante um exame de rotina, ela resolveu dar o primeiro passo.

"Eu me sentia sempre cansada, com dores nas costas e bastante dificuldade para dormir. Meu médico sugeriu a prática de atividade física, mas com cautela, por causa da hipertensão que já existe há séculos na minha família. Foi aí que percebi que não dava mais pra adiar", conta.



Dicas

» *Procure saber sobre a política de cancelamento e reembolso da sua academia*

» *Verifique se existe presença de profissionais habilitados para orientação durante os treinos*

» *Tente fazer uma espécie de "vistoria" no local, para verificar a qualidade dos equipamentos*

Antes mesmo de procurar uma academia, Paula agendou uma consulta com um cardiologista. Por precaução, fez exames simples, como eletrocardiograma e teste de esforço. O resultado: liberada para treinos leves e moderados, com a recomendação de um acompanhamento profissional.

Paula se matriculou em uma academia de bairro, onde encontrou instrutores simpáticos e dispostos a adaptar o treino à sua realidade. Hoje, ela pratica musculação e faz 30 minutos de esteira três vezes por semana. Os resultados já começaram a aparecer: mais disposição, menos dores e, segundo ela, "uma sensação de bem-estar que estava esquecida".

"A academia não exigiu atestado, mas, pra mim, foi fundamental fazer essa avaliação médica. Não vejo isso como burocracia, e sim como um cuidado comigo mesma. O atestado não deve ser uma barreira, mas uma escolha consciente", avalia.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) é o órgão responsável por fiscalizar as condições físicas e de higiene das academias, além de verificar também as documentações. Segundo a agência, é importante que os equipamentos devem estar em perfeito estado de conservação, higiene e segurança, não podendo apresentar sinais de enferrujados, rachados, amassados, úmidos ou com qualquer defeito que possa comprometer a prática e a segurança do aluno.

Além disso, a Anvisa orienta que os estabelecimentos devem garantir ventilação adequada nos ambientes fechados, disponibilizar álcool em gel e manter os vestiários e banheiros sempre limpos e organizados. Em tempos de maior circulação de vírus respiratórios, como gripes e resfriados, essas medidas se tornam ainda mais relevantes para preservar a saúde coletiva.

Justiça

O analista de sistemas Renato Silva, de 23 anos, morador do Sudoeste, resolveu intensificar os treinos depois de anos malhando de forma descontraída e, até mesmo, sem compromisso. Mas o que era para ser uma fase de autocuidado virou dor de cabeça.

Durante uma aula de circuito funcional, Renato sofreu uma lesão no ombro ao realizar um exercício com halteres. Segundo ele, não houve correção de postura por parte do professor, que também estava acompanhando outros alunos ao mesmo tempo.

"Na hora senti uma fisgada forte, mas continuei o treino achando que era só esforço. No dia seguinte, não conseguia levantar o braço", lembra. Após buscar atendimento médico, descobriu que sofreu uma lesão no manguito rotador, que exigiu sessões de fisioterapia e afastamento das atividades físicas por três meses.

Ao procurar a academia para relatar o ocorrido, Renato afirma que foi tratado com indiferença. "Disseram que eu 'deveria conhecer meus limites'. Não houve nenhum tipo de acolhimento, nem registro do incidente."

Diante da falta de suporte, ele buscou orientação jurídica e decidiu mover uma ação judicial contra a academia. Com laudos médicos, comprovantes de sessões de fisioterapia e mensagens trocadas com a equipe do local, Renato espera que o caso sirva de alerta para que outros consumidores não passem pela mesma situação. "Não estou em busca de vingança, mas de justiça. Ninguém entra em uma academia pensando em se machucar — a gente vai pra melhorar, não pra sair de lá com sequelas."

***Estagiária sob a supervisão de Márcia Machado**

» CASAS BAHIA

COMPRA DE UM MÓVEL

"Comprei um sofá novo e ganhei dor de cabeça." A queixa é de Juliana, 33 anos, que espera há dois meses pela entrega do seu sofá novo e recebe promessas vazias. Segundo a moradora do Gama, a promessa de entrega seria em até 15 dias. Dois meses depois, o produto não chegou, e ela coleciona protocolos e ligações sem resposta.

Resposta

A empresa, informou que houve "atraso no fornecimento por parte da transportadora" e garantiu que a entrega será realizada "em caráter prioritário".



» VIVO

PREÇO IRREGULAR

A estudante Samara Rocha, 19 anos, diz ter sido vítima de uma propaganda enganosa de um plano de internet. A jovem assinou um contrato promocional pelo serviço, após ver um anúncio nas redes sociais da operadora, com a promessa de R$ 89,90 por mês, sem reajustes nos primeiros 12 meses. No segundo mês, a fatura veio por R$ 129,00. Após diversas tentativas frustradas de contato, ela levou o caso ao Procon.

Resposta

» *A empresa afirmou, em nota, que houve um "erro de processamento no sistema de cobrança" e que os valores serão corrigidos.*

RECLAMAÇÕES DIRIGIDAS A ESTA SEÇÃO DEVEM SER FEITAS DA SEGUINTE FORMA:

» Breve relato dos fatos
» Nome completo, CPF, telefone e endereço
» E-mail: *consumidor.df@dabr.com.br*
» No caso de e-mail, favor não esquecer de colocar também o número do telefone

» Razão social, endereço e telefone para contato da empresa ou prestador de serviços denunciados

» Enviar para: SIG, Quadra 2, nº 340 CEP 70.610-901 Fax: (61) 3214-1146

Telefones úteis

Anatel 1331 | **Anac** 0800 725 4445 | **ANP** 0800 970 0267 | **Anvisa** 0800 642 9782 | **ANS** 0800 701 9656 | **Decon** 3362-5935 | **Inmetro** 0800 285 1818 | **Procon** 151 | **Prodecon** 3343-9851 e 3343-9852

Eufrázio

PRISÃO

Autor de atropelamento se entrega

Daniel Henrique da Silva atropelou e matou a diarista Maria Núbia dos Santos Silva na última terça-feira. Ele se apresentou à polícia ontem e preferiu ficar calado

» MILA FERREIRA

Mila Ferreira



O delegado Paulo Noritika falou do descaso de Daniel pela vida alheia: "Não demonstra arrependimento"

O bancário Daniel Henrique da Silva, que atropelou e matou a diarista Maria Núbia dos Santos Silva na última terça-feira, se entregou à polícia ontem. O autor, que teria ingerido bebida alcoólica enquanto dirigia, estava foragido desde o atropelamento, que aconteceu no Noroeste. Acompanhado de seus advogados, ele se apresentou à 2ª Delegacia de Polícia, na Asa Norte, onde foi cumprido o mandado de prisão preventiva.

Em interrogatório, Daniel preferiu se manter calado, valendo-se de direito constitucional. O bancário ficará na carceragem do Departamento de Polícia Especializada (DPE) e deve ser transferido para o Complexo Penitenciário da Papuda após o feriado.

"Inicialmente, colhemos todas as provas para comprovar a autoria. Fornecemos ao juiz, que emitiu o mandado de prisão preventiva", disse o delegado-chefe da 2ª DP, Paulo Noritika. "Como ser humano, o descaso demonstrado pelo autor com a vida alheia causou uma grande comoção social. Ele não demonstra arrependimento após o fato, apenas olha e se afasta. Não chama socorro e nem as autoridades", completou.

Daniel responderá por homicídio qualificado, ou seja, o crime cometido teve circunstâncias que aumentam a pena, como omissão de socorro. A pena pode variar de 12 a 30 anos. Além de Daniel, a polícia interrogou três pessoas que teriam ajudado o autor a se esconder. Elas podem responder pelo crime de favorecimento pessoal, que é quando alguém auxilia um criminoso a escapar da ação da Justiça, seja escondendo, ajudando a fugir, ou de qualquer outra forma. A pena é de detenção de um a seis meses.

O caso

Segundo a polícia, na última terça-feira, após ter ingerido bebida alcoólica, Daniel retornava dirigindo de um bar no Setor Hoteleiro Sul, onde teria permanecido das 21h às 4h. Na altura do Parque Burle Marx, no Noroeste, o veículo se chocou com uma motocicleta, conduzida pela diarista Maria Núbia dos Santos Silva, que morreu na hora. Maria era moradora de Águas Lindas de Goiás e estava chegando ao trabalho quando foi atingida pelo carro. A mulher apresentava múltiplas fraturas e traumatismo craniano gravíssimo, de acordo com o Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. O óbito foi declarado no local por um médico do SAMU.

Daniel fugiu sem prestar socorro, mas teve a imagem registrada por câmeras de segurança próximas ao local do crime. Na última sexta-feira, a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) divulgou a imagem do autor e pediu ajuda à população para descobrir o paradeiro dele.

O **Correio** entrou em contato com os responsáveis pela defesa de Daniel Henrique da Silva, mas não obteve retorno até o fechamento desta edição.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: *cidades.df@dabr.com.br*

Sepultamentos realizados em 20/04/2025

» Campo da Esperança

Alzerira Francisca do Nascimento, 97 anos
Ana Cristina Queiroz Bastos, 67 anos
Antonella Vasconcelos Alves, menos de 1 ano
Carlos Antonio Ramos e Lima, 59 anos
Carlos Eduardo de Souza Soares, 18 anos
Dinah Moraes, 81 anos
João Torres de Oliveira, 86 anos
José Americo Teodoro, 84 anos
Joselita Tavares de Oliveira, 69 anos
Manoel Alves da Silva, 82 anos
Margarida Lopes do Nascimento, 72 anos
Mauricio Antonio Peixoto, 77 anos
Paulo Baltazar Carneiro, 81 anos
Valter Mariano Moura, 93 anos

» Taguatinga

Antonio Faustino Moreira, 58 anos
Artur Silva, 62 anos
Dilza dos Santos Tavares, 60 anos
Estelina Gomes da Silva, 83 anos
Fernando Cunha Pinheiro, 58 anos
Francisco Rocha de Sousa, 90 anos
Geane Nogueira da Silva, 55 anos
Geroncio Sousa Duarte, 83 anos
José da Silva Oliveira, 56 anos
José Dourado Martins, 60 anos
Kaue Victor Sousa, 17 anos
Manoel João do Nascimento, 53 anos
Maria Luiza Vieira da Rocha, 61 anos
Ravi Lucca Rodrigues Moura, menos de 1 ano

Gama

Benedita Maria de Almeida Franca, 65 anos
Celida Alva Brandão da Silva, 85 anos
Ednaldo Rocha da Silva, 62 anos
Expedito Martins de Sousa, 88 anos

Brazlândia

Antonio Mozar Ferreira, 72 anos
Joaquim Vieira da Silva, 87 anos
Wesley Kleber Alves Lopes, 42 anos
Sobradinho
João da Silva Cambraia, 67 anos
Luiza Maria de Lima, 79 anos
Manoel Pereira da Silva, 61 anos

Jardim Metropolitano

Evangelina Pereira Neves, 60 anos
Ana Maria Macêdo, 73 anos (cremação)
Raymundo Evangelista de Miranda, 91 anos (cremação)

BRASÍLIA 65 ANOS

A exposição "Quando os brasilienses se encontram" está aberta para visitações e convida a população a mergulhar em um universo repleto de fotografias, arte e memórias afetivas.

Este é um momento único para reviver a história da capital, contada através de ocasiões emblemáticas que marcaram gerações, captadas pelas lentes dos renomados fotógrafos do Correio Braziliense.

A entrada é gratuita e as visitas podem ser feitas todos os dias da semana

Acesse o site e fique por dentro do projeto!

9 a 23 de abril
em frente à Casa de Chá

QUANDO OS BRASILIENSES SE ENCONTRAM

apoio: FEBRABAN SESI SENAI ADEMI casa de chá Senac

realização: Correio Braziliense CB Brands

Para celebrar 65 anos de Brasília, do **Correio** e do Instituto Histórico e Geográfico (IHG-DF), pesquisadores da instituição destacam personagens ilustres da saga que foi a criação da capital da República

O inventor das ÁGUAS



» JORGE HENRIQUE CARTAXO*
» LENORA BARBO*
» Especial para o **Correio**

"É fácil compreender que, fechando essa brecha com uma obra de arte (...), forçosamente a água tornará ao seu lugar primitivo, e formará um lago em todos os sentidos." A observação do pouco lembrado Auguste Glaziou consta da sua carta encaminhada a Luiz Cruls, em 16 de novembro de 1894, definindo com precisão o lugar onde foi construída a barragem do Paranoá dando sentido e existência ao nosso lago. O que vale dizer, indicando o sítio do futuro Plano Piloto de Brasília.

O astrônomo, geodesista e militar belga Luiz Cruls conheceu Joaquim Nabuco — prestigiado diplomata e político brasileiro —, em setembro de 1874, num navio das Messageries Maritimes que partia de Pouillac, na França, com destino à La Plata, na Argentina, com escala no Rio de Janeiro. Já no Brasil, Cruls publicou, em 1875, um trabalho sobre métodos de repetição para leitura de ângulos. Sempre atento as artes e as ciências, Dom Pedro II o nomeou como adjunto no Observatório Imperial do Rio de Janeiro. Em 1877, o astrônomo publicou um novo estudo: *Carta Geográfica e História Física do Brasil*. Em 1881, com cidadania brasileira, foi designado como diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro.

Proclamada a República, a Constituição determina e o Congresso autoriza duas expedições ao Planalto Central sob a chefia de Cruls. A primeira em 1892, "Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil" para demarcar a área que abrigaria o futuro Distrito Federal; a segunda em 1894, "Comissão de Estudos da Nova Capital da União" para fixar, na área demarcada, o sitio destinado à nova capital do Brasil. É nesse segundo momento que o botânico francês Auguste Glaziou entra em cena emprestando raro talento, conhecimento e sensibilidade aos destinos da Nação brasileira.

Botânico autodidata, Glaziou chegou ao Rio de Janeiro em 1858, então com 30 anos de idade. Imigrante, sem recursos, o francês experimentou várias privações até ser notado pelo deputado F.J. Filho, encarregado por Dom Pedro II de conceber uma nova politica urbana para a cidade. Paisagista ágil e criativo e com uma experiência rica nos anos que trabalhou em Bordeaux, na França, rapidamente conquistou a inteligência refinada do Imperador. Em 1861 lhe coube a tarefa de restaurar o Passeio Público e, em 1869, a Direção dos Parques e Jardins da Casa Imperial. O reconhecimento e a notoriedade se fizeram presente em seguida: refazer os jardins da Quinta da Boa Vista, do Campo de Santana, do Parque São Clemente e do Palácio do Barão de Nova Friburgo, posteriormente Palácio do Catete, e tantos outros.

> Conhecido por seus projetos de jardins sinuosos, grutas e lagos artificiais, Glaziou não foi apenas o "jardineiro do Imperador Dom Pedro II". Ele trouxe grande contribuição para o estudo da botânica, como um intrépido naturalista que buscou em nossas matas, montanhas, restingas e cerrados os espécimes mais interessantes e ornamentais para semear nos jardins daqui e da Europa

"No Segundo Império, situa-se um novo período com Glaziou, cuja presença se faz sentir até hoje por meio dos trabalhos que deixou, em que associou plantas importadas dos grandes cultivadores europeus(...) e plantas da flora nativa(...) A alameda das Sapucaias, na Quinta da Boa Vista, pela sua beleza intrínseca e capacidade de persistência no tempo, mereceu a admiração de sucessivas gerações. Glaziou é considerado, sem favor, o autor da mais importante obra paisagística de nosso país", disse Burle Marx que, como Glaziou, trouxe a sua arte para o embelezamento e à construção de Brasília.

Nos relatórios do Ministério da Agricultura encontramos a documentação de um intenso relacionamento de Glaziou com os jardins botânicos europeus e alguns outros em colônias francesas em latitudes tropicais. Na Quinta da Boa Vista funcionava a sede da Sociedade Brasileira de Aclimatação, que tinha Glaziou como membro, espécie de filial da homônima francesa sediada em Paris. Em 1889, como delegado do Rio de Janeiro, foi ele quem representou o Brasil na exposição Universal de Paris. No pavilhão do Brasil foram exibidas 96 plantas nativas, cujo exemplares expostos não saíram daqui, mas do Museu Nacional de História Natural de Paris.

Conhecido por seus projetos de jardins sinuosos, grutas e lagos artificiais, Glaziou não foi apenas o "jardineiro do Imperador Dom Pedro II". Ele trouxe grande contribuição para o estudo da botânica, como um intrépido naturalista que buscou em nossas matas, montanhas, restingas e cerrados os espécimes mais interessantes e ornamentais para semear nos jardins daqui e da Europa. Glaziou foi contemplado ainda com o título de Doutor em Filosofia, em 1868, pela Academia Imperial Alemã.

Os relatórios das duas expedições, conhecidas como Comissão Cruls, nunca perderam a sua distinção como trabalho notável de compreensão e descrição do Planalto Central onde deveria e foi construída a nova capital do Brasil. Nas preciosas anotações e relatório do botânico Auguste Glaziou e em todos os estudos subsequentes até o emblemático Sitio Castanho eleito pela Comissão do Marechal José Pessoa, o lago Paranoá sempre esteve ali, como referência e lugar.

Não por acaso iniciamos esse texto, citando a frase de Auguste Glaziou. Certamente, Lucio Costa ao pensar e conceituar Brasília em sua Memória Descritiva do Plano Piloto, de 1957, já sabia que a nossa capital seria abraçada por um lindo lago, resultando numa cidade que "é, ao mesmo tempo, derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional".



*O jornalista Jorge Henrique Cartaxo é diretor de Relações Institucionais do IHG-DF

* A arquiteta Lenora Barbo é diretora do Centro de Documentação do IHG-DF

CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Liverpool próximo da taça

O Liverpool tem tudo para celebrar o 20º título do Campeonato Inglês em Anfield, no domingo, diante do Tottenham. A questão é se a taça virá com a necessidade da vitória ou por antecipação. O segundo colocado Arsenal encara o Crystal Palace no meio de semana e não pode perder. Ontem, em jogo mais complicado do que o imaginado, os comandados de Arne Slot ganharam fora de casa, por 1 x 0, e rebaixaram o Leicester, com gol sofrido de Alexander Arnold, aos 30 minutos da etapa final.

BRASILEIRÃO Novo líder, Palmeiras chega ao topo balançando a rede somente com estrangeiros. Ontem, gols do uruguaio Facundo Torres e do argentino Flaco López garantiram a vitória sobre o Fortaleza. Weverton pega pênalti e salva no fim do jogo

Ponta importada

DANILO QUEIROZ

O Palmeiras é o novo líder da Série A do Campeonato Brasileiro, mas isso só foi possível devido ao pé calibrado dos gringos do time paulista. Com caminho livre para assumir a ponta da competição nacional após tropeço do Flamengo contra o Vasco (empate por 0 x 0), o alviverde não se intimidou, teve efetividade e ganhou do Fortaleza, por 2 x 0, no Castelão, com gols do uruguaio Facundo Torres e do argentino Flaco López. No entanto, o brilho dos sul-americanos não se restringe ao jogo de ontem e um detalhe de toda a campanha chama a atenção: até aqui, somente jogadores estrangeiros balançaram as redes em jogos do alviverde.

Em cinco jogos, a torcida do Palmeiras comemorou sete vezes. Apenas na estreia, contra o Botafogo, o alviverde passou em branco. Enquanto os atletas brasileiros mantiveram o pé descalibrado, coube aos estrangeiros serem o fator de desequilíbrio e garantirem os resultados positivos em sequência contra Sport, Corinthians, Internacional e Fortaleza. Líderes da artilharia palmeirense na largada da Série A do Brasileirão, o argentino Flaco López e os uruguaios Piquerez e Facundo Torres têm dois gols cada. Também do Uruguai, Emiliano Martínez marcou uma vez.

O elenco do técnico português Abel Ferreira tem outros estrangeiros com papel de protagonismo: os argentinos Agustin Giay e Anibal Moreno, o paraguaio Gustavo Gómez e o colombiano Richard Ríos são constantemente utilizados e também ocupam lugares de destaque na equipe alviverde. O último deles, por exemplo, marcou gols importantes nas duas vitórias do Palmeiras na fase de grupos da Libertadores da América. Ou seja, a veia artilheira dos gringos palmeirenses está indo muito além da elite nacional.

Em evolução nas últimas partidas, o Palmeiras encontrou um Fortaleza pressionado pela crise. O Leão está na zona intermediária da classificação do Brasileirão e convive com críticas da torcida. O momento fez o time da casa se lançar ao ataque em busca de construir o resultado em casa. Perigoso, o alviverde se posicionava para contra-atacar. Assim, criou algumas jogadas de risco, incluindo duas bolas tiradas por zagueiros rivais quase em cima da linha. O gol, no entanto, veio apenas no último minuto do primeiro tempo. Aos 55, jogada 100% estrangeira, Richard Ríos finalizou e encontrou Facundo Torres no meio do caminho para marcar: 1 x 0.

O Fortaleza teve pouco tempo para esboçar reação no segundo tempo. Aos 12 minutos, Estevão puxou ataque em velocidade e deu passe preciso para Flaco López avançar e marcar o segundo alviverde no Castelão. Mesmo atrás do placar, o Leão não baixou o ímpeto e encontrou a reação na base da Lei do Ex. Autor de gol em final de título de Libertadores do Palmeiras, Deyverson aproveitou bola na área para castigar o ex-clube e diminuir a vantagem paulista. Os mandantes ampliaram a blitz no final. Nos acréscimos, tiveram um pênalti, mas brilhou a estrela do goleiro Weverton, autor de bela defesa em chute de Lucero.

Cesar Greco/Palmeiras



O uruguaio Facundo Torres comemora gol contra o Fortaleza: foram sete bolas na rede estrangeiras do alviverde na competição nacional

Flu vacila no fim

Outro time com possibilidade de assumir a liderança da Série A do Campeonato Brasileiro na quinta rodada, o Fluminense se sentiu o gostinho da primeira colocação por cerca de 10 minutos, mas terminou a rodada lamentando um empate em casa. Após ganhar duas vezes seguidas com gols no fim do jogo, o tricolor viu o Vitória utilizar a mesma arma para arrancar um empate. Germán Cano abriu o placar para os donos da casa no primeiro tempo. O resultado positivo estava encaminhado até os 44 minutos da etapa final, quando Lucas Braga igualou e segurou o Flu na terceira colocação.

São Paulo se impõe em clássico

Enfim, o São Paulo venceu a primeira partida no Campeonato Brasileiro. Após quatro empates, a equipe superou o Santos, por 2 x 1, em duelo válido pela quinta rodada, ontem, no MorumBis. A vitória afasta o time tricolor da zona de rebaixamento e o coloca no meio da tabela. Os santistas entraram no Z-4.

O clássico mostrou ser possível o São Paulo não depender de nomes específicos. Com Oscar, Lucas e Calleri lesionados e Luciano no banco, a equipe teve superioridade sobre o Santos com dois garotos no meio e, de novo, o brilho de Ferreirinha.

O tricolor demonstrou mais afinco ao buscar o ataque no começo, mas sem criar algum perigo. O próprio lance do primeiro gol parecia apenas mais um. Entretanto, a abertura do placar, com Ferreirinha, aos nove minutos, ilustra qualidades táticas do time de Luis Zubeldía. André Silva, sai da área para ser opção ao camisa 11. Ele cruzou e o companheiro completou.

Melhor em campo, o São Paulo ampliou. Matheus Alves arrancou e cruzou para André Silva empurrar para o gol. O garoto, junto de Lucas Ferreira, também titular, mostraram maturidade emocional e tática para substituírem Oscar e Lucas Moura. Mesmo com o Santos desorganizado, houve desconto, com Tiquinho Soares, de pênalti. A chance foi assinalada após Enzo Díaz saltar com o braço aberto e atingir a bola.

Foram do São Paulo as principais chances do segundo tempo. A partir dos 30 minutos, Zubeldía aceitou o risco de chamar o Santos para atacá-lo. O ritmo passou a ser ditado pelo Peixe. Os 52 mil torcedores devem ter visto em câmera lenta quando Rafael saltou, aos 49, para tirar quase de dentro do gol o que seria o empate, em cabeçada de Rollheiser.

Paulo Pinto/São Paulo



Gols no primeiro tempo garantiram vitória do tricolor contra o Santos

Atlético-MG vence e empurra crise para o Botafogo

LUCAS BRETAS

Belo Horizonte — Não faltou entrega ao Atlético-MG, na tarde de ontem, para conquistar a primeira vitória na Série A do Campeonato Brasileiro de 2025. No Estádio Mineirão, em Belo Horizonte, o Galo contou com gol de cabeça do atacante argentino Tomás Cuello para superar o Botafogo, por 1 x 0, pela quinta rodada da competição nacional.

Reedição da final da Libertadores 2024, quando os cariocas levaram a melhor, o confronto entre Galo e Fogão foi intenso do início ao fim no Gigante da Pampulha. Depois de um primeiro tempo de pouca inspiração ofensiva, o time de Cuca cresceu consideravelmente com o tento marcado no começo da etapa complementar e com a expulsão do zagueiro adversário David Ricardo — além de substituições do intervalo que surtiram o efeito esperado.

Se a preocupação era "evitar crise", como alertaram as palavras do próprio treinador paranaense após a derrota para o Santos, o Atlético-MG cumpriu o papel com atuação correta diante de um carrasco histórico. Motivo de festa, é claro, para os torcedores do Galo no Gigante da Pampulha. Agora, a instabilidade está do lado do Botafogo. O Glorioso não ganha no Brasileirão há três rodadas e está distante das principais disputas: duas derrotas e um empate.

Com o resultado, o clube mineiro chegou aos cinco pontos e deixou a zona de rebaixamento da competição nacional, assumindo a 15ª posição na tabela de classificação. Já o Botafogo caiu para a 14ª colocação, com os mesmos cinco pontos — mas com vantagem em relação ao Galo no saldo de gols (0 a -2 no critério).

Pedro Souza/Atlético



Tomás Cuello marcou o gol do alívio atleticano no Estádio Mineirão

NO JACONI

Goleado pelo Flamengo, por 6 x 0, na quarta-feira, no Maracanã, o Juventude não conseguiu se recuperar no Campeonato Brasileiro ao empatar com o Mirassol, por 2 x 2, no Estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul, na manhã de ontem, pela quinta rodada. Ênio e Batalla marcaram para os gaúchos, mas Iury Castilho e Reinaldo igualaram o placar.

NA FONTE NOVA

Uma partida isolada será disputada na noite de hoje e vai encerrar a quinta rodada do Campeonato Brasileiro. Às 20h, o Bahia recebe o Ceará na Arena Fonte Nova, em Salvador. Os times vêm em fases distintas. Enquanto os baianos estão na zona de rebaixamento, os cearenses podem encerrar a rodada no G-4 da competição.

SÉRIE B

O Athletico-PR chegou ao terceiro resultado positivo consecutivo na Série B do Campeonato Brasileiro. Ontem, o Furacão ganhou confronto direto por vaga no G-4 contra o CRB, por 1 x 0, e ultrapassou os alagoanos da ponta da classificação. Alan Kardec marcou o gol do triunfo paranaense na divisão de acesso nacional.

SÉRIE D

A largada do Ceilândia na Série D do Campeonato Brasileiro foi com vitória. Ontem, o Gato Preto duelou contra o Goianésia, fora de casa, e bateu por adversários, por 2 x 1. O zagueiro Lucas Mingoti e Luís Fernando (contra) marcaram os gols do alvinegro candango. Jackson descontou para a equipe goiana.

SÉRIE A1

No Defelê, o Real Brasília mostrou poder de reação para impedir uma derrota. O time perdia para o Juventude até 55 minutos do segundo tempo, mas contou com um gol salvador da zagueira Petra para garantir o 1 x 1. Com o resultado, as Leoas do Planalto estacionaram em 10º lugar. O próximo jogo será no domingo, contra o 3B da Amazônia.

SÉRIE A2

Na segunda divisão do Brasileirão Feminino, o dia foi de vitória. Ontem, o Minas Brasília estreou na competição nacional, fora de casa, e bateu o São José, por 2 x 0. Rafa Barros e Monse marcaram os gols do importante resultado. Líder do grupo A, o time candango volta a campo no domingo, quando recebe o Vasco, às 16h, no Bezerrão.

Eufrázio

ESPORTES

TÊNIS DE MESA Hugo Calderano fatura Mundial e rompe barreiras na modalidade

Divulgação/ITTF

O dono do mundo!



MARCOS PAULO LIMA

A medalha não veio nos Jogos Olímpicos de Paris-2024, mas Hugo Calderano precisou de menos de um ano para iniciar o ciclo rumo a Los Angeles-2028 com autoridade. Ontem, noite em Macau, o mesatenista conquistou o título da Copa do Mundo ao derrotar o chinês Lin Shidong, de virada, por 4 sets a 1, com parciais de 6/11, 11/7, 11/9, 11/4 e 11/5. Jamais um atleta de fora da Ásia ou da Europa havia subido ao degrau mais alto do pódio no torneio.

Emocionado, Calderano comentou o resultado depois do triunfo. "Eu não sei, é maluco falar sobre isso. Antes do torneio, eu não poderia imaginar. Estou muito feliz pelo título. Ganhar de adversários tão fortes e, agora, do número 1 do mundo, é algo doido para mim. Coloquei meu nome na história do tênis de mesa", afirmou.

Recuperado mentalmente do baque em Paris, quando foi eliminado na semifinal e perdeu a disputa do bronze, Calderano falou tranquilamente sobre a frustração compensada com a taça da Copa do Mundo. "É muito importante ganhar um título como esse, principalmente depois dos Jogos Olímpicos. Sempre trabalhei muito e acreditei em mim. Há um mês, eu estava muito mal. Queria agradecer todo mundo pelo apoio, sempre leio as mensagens", avaliou o mesatenista, chorando.

Hugo Calderano jogou-se no chão depois do match point, repetindo o gesto feito depois de superar o também chinês Wang Chuqin, nas semifinais. A fisionomia era de incredulidade diante do resultado. Aos 28 anos, o carioca derrubou todos os favoritos e não foi diferente com o jovem chinês. Frio, técnico e agressivo, o brasileiro atropelou o rival líder do ranking, com uma apresentação magistral, e fez Shidong parecer uma mesatenista comum.

"Não imagina ganhar do número 3, do 2, do 1. É muito louco colocar meu nome na história do tênis de mesa mundial", afirmou o brasileiro, espantado com a conquista. "Mas trabalhei muito, sempre acreditei em mim", completou, antes de dar uma pausa para chorar.

Calderano não começou bem o primeiro set e foi dominado pelo chinês, que deu o ritmo das trocas, e fechou em 11/6. Se reergueu na segunda parcial e deixou o número 1 do mundo desconfortável. Os saques começaram a encaixar e o brasileiro passou a controlar os pontos até fechar a parcial, com certa tranquilidade, por 11/7, e empatar a partida.

O carioca seguiu melhor no duelo, superou o ímpeto do rival e fechou o set mais equilibrado da partida em 11/9. Na quarta parcial, Calderano se soltou, foi dominante desde o início e atropelou o chinês: 11/4. A ansiedade fez o brasileiro baixar o nível no quinto set. O pedido de tempo, porém, fez bem a Calderano. Ele se recompôs, abriu vantagem e confirmou a vitória que pôs o Brasil no topo do tênis de mesa.

FÓRMULA 1

Piastri larga bem, vence GP da Arábia Saudita e lidera Mundial

Novo líder do Mundial de Fórmula 1, após a vitória no GP da Arábia Saudita, Oscar Piastri, da McLaren, creditou o triunfo à boa largada no circuito urbano de Jeddah, ontem. Com o resultado, o australiano assumiu a liderança do campeonato, com 99 pontos. Max Verstappen, da Red Bull, chegou na segunda posição, e Charles Leclerc, da Ferrari, completou o pódio.

Piatri largou na primeira fila, ao lado de Max Verstappen, da Red Bull, dono da pole position. Os pilotos chegaram à primeira curva lado a lado. Verstappen conseguiu manter a posição inicial, ao sair da pista e voltar à frente do rival.

Mais tarde, foi anunciada uma punição de cinco segundos para o tetracampeão mundial, cumprida na parada para a troca de pneus. Verstappen lideraria até então, mas voltou à pista atrás de Piastri e terminou na segunda posição. Após cinco etapas, o piloto da Red Bull ocupa a terceira posição no Mundial, com 87 pontos, atrás de Piastri e de Lando Norris, da McLaren, com 89.

Apesar da vitória e da liderança no campeonato, Piastri não se mostrou totalmente satisfeito. "Ainda precisamos de um pouco mais, Max estava um pouco perto demais para o meu gosto. Foi uma corrida bem difícil. Fiquei muito feliz por ter vencido", avaliou.

Questionado sobre a manobra e a punição, Verstappen não fez comentários. "Vou ser breve. É o que é", afirmou o piloto da Red Bull. "Quero agradecer imensamente aos fãs. Adoro a pista aqui, e nos vemos em Miami", completou, referindo-se à próxima etapa da F-1, de 2 a 4 de maio.

Vice-líder do Mundial, Norris fez uma corrida de recuperação em Jeddah, largando da décima posição e chegando em quarto lugar. "Foi o melhor que poderíamos ter feito hoje, mas é sempre triste perder um pódio", afirmou.

Destaque do dia

Dia de prata e bronze

O Brasil terminou a etapa de Brasília do Circuito Mundial de Vôlei de Praia com duas medalhas. Ontem, no último dia de competições na arena montada no Parque da Cidade, a dupla Carol Solberg **(foto)**/Rebecca ficaram com a prata após perder a final para as americanas Nuss/Brasher, por 2 sets a 0, parciais de 22/20 e 21/19. Na luta pelo bronze, Duda/Ana Patrícia triunfaram. as brasileiras ganharam das holandesas Van Driel/Bekhuis, por 2 sets a 1, de virada, com parciais de 19/21, 21/15 e 15/12.

Divulgação/FIVB



MARATONA BRASÍLIA 2025

20 e 21 de abril 2025
Esplanada dos Ministérios
Em frente ao Museu Nacional

PROGRAMAÇÃO DE HOJE, 21.04

04h30 – Abertura da Arena
05h00 – Início do primeiro aquecimento/alongamento
05h15 – Abertura do local de largada da prova
05h25 – Largada da Prova PCD 42km
05h30 – Largada Pelotão Elite e Público Geral dos 42km
05h25 – Largada da Prova PCD 21km
06h00 – Largada Pelotão Elite e Público Geral dos 21km
06h10 – Início do segundo aquecimento/alongamento
06h20 – Abertura do local de largada da prova
06h30 – Largada 3km (caminhada), 5km e 10km
08h00 – Início da cerimônia de premiação 21km
09h00 – Início da cerimônia de premiação de 5km e 10km
10h00 – Início da cerimônia de premiação 42km
11h00 – Início da cerimônia de premiação 42km (Faixa etária)
12h00 – Encerramento do evento

Desafie seus limites na Maratona Brasília 2025!

PATROCÍNIO: banco BRB
APOIO: exame Medicina Diagnóstica, DECATHLON, Neoenergia Brasília, POSITIVA gráfica e editora
PROMOÇÃO: Correio Braziliense, Arena Comunicação, Clube FM 105.5, TV Brasília, cb.dooh mídia digital
REALIZAÇÃO: Social Prevencionista
PARCERIA: Secretaria de Esporte e Lazer, GDF

HORÓSCOPO

www.quiroga.net // astrologia@oscarquiroga.net

POR OSCAR QUIROGA

Data estelar: Lua quarto minguante em Aquário.
A saída da crise não é o interior nem o autoconhecimento nem muito menos as atividades místicas que a urgência da angústia demandam, a saída da crise está na constituição de laços de solidariedade e colaboração nos relacionamentos pessoais, nos negócios, nas empresas entre si, na relação dos cidadãos com os órgãos governamentais, a saída da crise não reside na força individual, mas na coletiva. A crise está sendo enfiada goela abaixo do reino humano por alguns grupos que temporariamente têm poder suficiente para provocar distúrbios, e para que essa crise prospere é nutrida a divisão, o confronto e a divergência, com o medo como cereja do bolo.
A saída da crise está onde sempre esteve e onde sempre estará, na união colaborativa e solidária entre as pessoas.



ÁRIES
21/03 a 20/04

Matematicamente, há muito mais para dar errado do que para dar certo, porém, isso, de acordo com a matemática que nossa humanidade conhece, porque a do Universo é uma matemática muito mais ampla e misteriosa.



TOURO
21/04 a 20/05

As limitações da atualidade não durarão para sempre, portanto, evite estender os sustos que a realidade imprime em sua alma, mas se recuperar o mais rapidamente possível para continuar tocando a bola em frente.



GÊMEOS
21/05 a 20/06

Em vez de ficar remoendo no que seria impossível modificar, procure tocar a bola para frente, porque ainda há muito jogo para você se envolver, e você vai poder progredir, apesar das condições prevalescentes.



CÂNCER
21/06 a 21/07

Os murmúrios, comumente chamados de fofocas, parecem exercícios normais da sociedade humana, mas provocam efeitos colaterais nocivos muito acentuados, e as pessoas que os promovem fingem que não têm nada com isso.



LEÃO
22/07 a 22/08

Para você não perder tempo com o que não merece, será necessário desvalorizar as picuinhas que as pessoas enxergam como importantes, porém, sem que isso seja visto como se você desvalorizasse essas pessoas. Equilíbrio.



VIRGEM
23/08 a 22/09

Ainda que pareça impossível superar as condições limitantes, não deixe, por isso, de continuar tentando, porque o pouco que você conseguir avançar será o muito de vantagem que terá num futuro nada distante. Em frente.



LIBRA
23/09 a 22/10

De vez em quando dá vontade de fazer algumas maldades, todas, evidentemente, legitimadas por argumentos convincentes. Nada de muito errado nisso, a não ser que o exercício se transforme em atividade cotidiana.



ESCORPIÃO
23/10 a 21/11

Como anda tudo muito confuso e bastante desnorteado, agora é um momento de prestar atenção a essas pessoas que se aproximam prometendo soluções que ninguém, entre o céu e a terra, poderia garantir. Cuidado com golpes.



SAGITÁRIO
22/11 a 21/12

Se a atividade cotidiana é subvertida por acontecimentos inexplicáveis, procure se adaptar o mais rapidamente possível, sem buscar razões para isso, apenas seguindo a corrente para não se perder. Melhor assim.



CAPRICÓRNIO
22/12 a 20/01

Encaixar todos seus desejos no estreito espaço da realidade concreta é um exercício que precisa ser feito com a serenidade de quem conta com a eternidade, e não com a precipitação de quem se orienta pela ansiedade.



AQUÁRIO
21/01 a 19/02

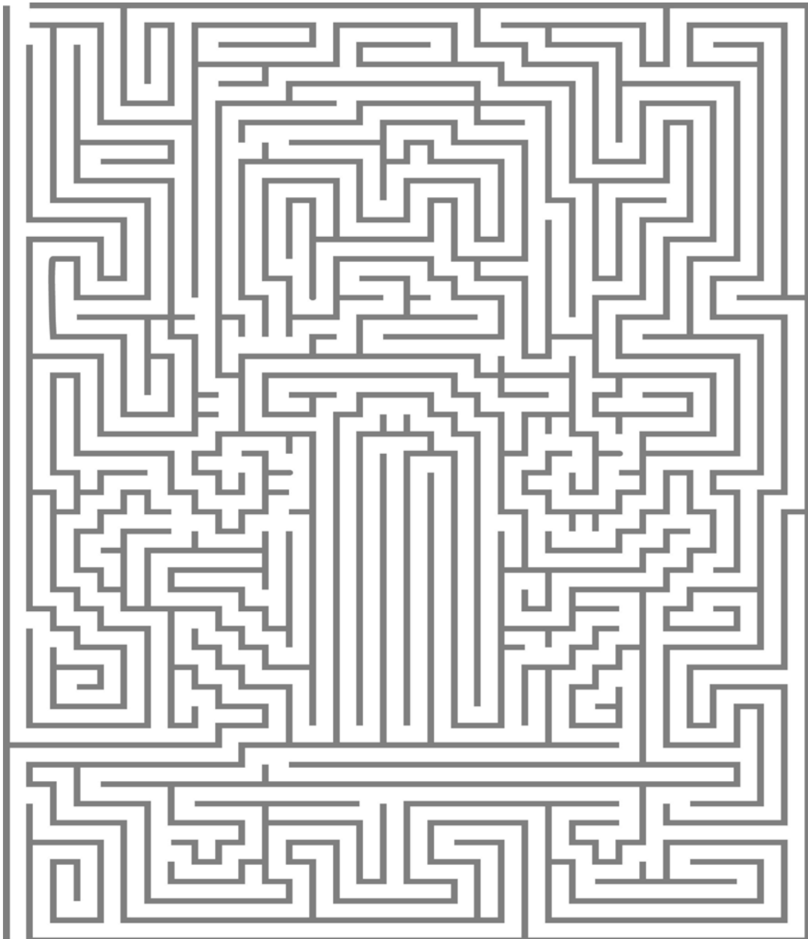
A vertigem que os acontecimentos provocam em sua alma há de ser temperada com muito bom senso, porque apesar de intensa, não tem, por enquanto, nenhuma informação relevante para lhe transmitir. Deixe passar.



PEIXES
20/02 a 20/03

O que você não quer e o que você deseja, está tudo misturado nesta parte do caminho, e você não deveria perder tempo se surpreendendo com a mistura, mas seguir em frente sem olhar para trás nem para os lados.

LABIRINTO



CRUZADAS

- Medalhista olímpica brasileira de maratona aquática
- Time de futebol em que Richarlison atua
- O número 3,1416 (Mat.)
- Narcóticos Anônimos (sigla)
- Ressalva estatística de toda pesquisa eleitoral
- 1, em romanos
- Bater (as horas)
- Nativas do Japão
- Número de cordas do berimbau
- Escola de engenharia aeronáutica (SP)
- Profissional (abrev.)
- Sulca a terra
- O pior é aquele que não quer ver (dito)
- Matéria-prima do chocolate
- Perder o entusiasmo (fig.)
- Recusam; refutam
- Carlos Saura, cineasta
- Conectivo aditivo de frases (Gram.)
- Grande divisão da história da Terra
- Sabrina (?), apresentadora de TV
- Órgão do qual o Brasil é parceiro chave
- Pronome demonstrativo (fem. pl.)
- Walter (?), cineasta
- Incerto; vacilante
- Valtteri (?), piloto finlandês de F1, reserva na Mercedes (2025)
- Ave doméstica de bico achatado
- Cantor de "Máquina do Tempo"
- (?) Versolato, estilista brasileiro
- Rui Barbosa, jurista brasileiro
- Produtor de planta andina
- Forma das rampas de skate
- Cada artigo de um contrato
- Atividade econômica de Aruba (abrev.)
- Sentar, em inglês
- Não é? (red.)
- Exame para estudantes do Ensino Médio (sigla)
- Carta que inicia o naipe do baralho
- Filme de Denis Villeneuve
- Cercanias de uma cidade

BANCO 3/sit. 6/bottas — ocimar. 9/tottenham. 15/ana marcela cunha.

67

© Ediouro Publicações — Licenciado ao **Correio Braziliense** para esta edição

SUDOKU-1

		7	6		8			
4	9	8					5	
		2						1
6			7		5			
			2				3	
			3	1			8	
						3	7	
2	1							5
9			5				2	

SUDOKU-2

	6	2			4			1
		4				5		
								4
9	2				7			
7		5					3	
		6		5		8		
				7	5			
	3			6		9	7	
					2		8	

SOLUÇÕES

SUDOKU-1

1	5	7	6	9	8	2	4	3
4	9	8	1	3	2	7	5	6
3	6	2	4	5	7	8	9	1
6	3	9	7	8	5	4	1	2
8	4	1	2	6	9	5	3	7
7	2	5	3	1	4	6	8	9
5	8	6	9	2	1	3	7	4
2	1	4	8	7	3	9	6	5
9	7	3	5	4	6	1	2	8

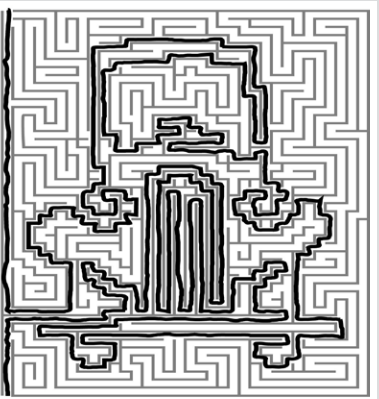
SUDOKU-2

5	6	2	7	8	4	3	9	1
1	7	4	6	9	3	5	2	8
8	9	3	5	2	1	7	6	4
9	2	8	1	3	7	4	5	6
7	1	5	8	4	6	2	3	9
3	4	6	2	5	9	8	1	7
6	8	9	3	7	5	1	4	2
2	3	1	4	6	8	9	7	5
4	5	7	9	1	2	6	8	3

CRUZADAS

	A			T					M	
	N	I	P	O	N	I	C	A	S
	A		I	T	A		P	R	O
U	M	A		T		C		G	A
	A	R	R	E	F	E	C	E	R
E	R	A		N	E	G	A	M	
	C		C	H		O	C	D	E
	E	S	S	A	S		A	E	
	L	A		M	A	T	U	E	
P	A	T	O		L	R		R	B
	C	O	C	A	L	E	I	R	O
	U		I	T	E	M		O	T
E	N	E	M		S	I	T		T
	H		A	S		D	U	N	A
	A	R	R	E	D	O	R	E	S

LABIRINTO



#FaçaCoquetel
Assine e receba no conforto da sua casa!
www.assinecoquetel.com.br
Acesse nosso site!
@coquetel / editoraCoquetel
COQUETEL

cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Músicos e irmãos Clodo, Climério e Clésio Ferreira

Maestro Cláudio Santoro com o poeta Thiago de Melo

Banda Legião Urbana

A editora de Opinião do jornal Correio Braziliense, Dad Squarisi

Gog, rapper

Lucilia Garcez, escritora

Vladimir Carvalho, cineasta

Adirson Vasconcelos, jornalista e escritor

Lourenço Cazarré, jornalista e escritor

Andre Luiz Oliveira, cineasta

SEIS DÉCADAS E MEIA DE CULTURA

Athos Bulcão, artista plástico

Glauber Rocha, cineasta

EXPOSIÇÃO NO MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA REÚNE IMAGENS DO ACERVO DO **CORREIO BRAZILIENSE** PARA CONTAR A HISTÓRIA CULTURAL DA CIDADE

Fernando e Adriano, diretores de teatro

Nicolas Behr, poeta

» NAHIMA MACIEL

Brasília nasceu de uma visão que tinha na cultura um pilar fundamental. Se a arquitetura, o urbanismo e o desenvolvimentismo eram a base, a utopia do progresso associado ao que o Brasil tem de melhor culturalmente não ficava para trás. É para celebrar esse aspecto do nascimento da cidade que a exposição *65 anos de cultura*, em cartaz a partir de hoje no Museu de Arte de Brasília (MAB), reúne fotografias de alguns dos nomes mais importantes na criação da cena cultural da cidade nas últimas décadas.

As 65 imagens selecionadas pelo Centro de Documentação e Memória (Cedoc) do **Correio Braziliense** têm como foco os atores da cultura na cidade. "São 65 personagens que, juntos, formam a identidade cultural de Brasília. Alguns viveram aqui a vida toda, outros não, mas todos têm uma identidade forte com a cidade, fizeram carreira aqui e foram inspirados por Brasília. É uma exposição sobre quem são as pessoas que fizeram o caldeirão cultural da cidade", explica Cilene Vieira, curadora e gerente do Cedoc.

A mostra faz parte da programação do Brasília Photo Show, que ocupa o MAB até 31 de maio com exposições, workshops, palestras e rodas de conversas sobre fotografia. "É muito importante essa exposição dentro do nosso espaço, porque o projeto tem uma ligação muito forte com Brasília. Essa exposição vai conseguir mostrar o lado de grandes personalidades, grandes nomes da cultura brasileira, e reconhecer os talentos que, muitas vezes, as pessoas nem sabem que são de Brasília", garante Rodrigo Nimer, diretor e produtor do Brasília Photo Show.

Mostrar os talentos brasilienses na área da cultura também pode ser, segundo Nimer, uma forma de estimular e incentivar os futuros artistas da cidade. "Muitas vezes as pessoas acham que tem que ser de São Paulo, do Rio de Janeiro, mas Brasília também tem uma tradição com bons fotógrafos e bons profissionais em todas as áreas, inclusive na cultura", garante. "As 65 imagens da exposição mostram personalidades da cultura, que ao longo de vários anos, tiveram sucesso internacionalmente. É realmente muito importante, muito bacana."

Os nomes foram selecionados em todas as áreas da produção cultural. Figuras incontornáveis como Athos Bulcão, nas artes plásticas; Claudio Santoro, na música; e Nicolas Behr, na poesia; não

podiam ficar de fora. Há representantes de gerações mais recentes, como o cineasta José Eduardo Belmonte, o compositor Hamilton de Holanda, a companhia de comédia Melhores do Mundo, as bandas de rock Legião Urbana e Plebe Rude e os diretores de teatro Fernando e Adriano Guimarães. O desafio maior foi escolher os nomes que entrariam e deixar outros de fora, já que o Cedoc do **Correio Braziliense** tem imagens de praticamente todos os agentes culturais que fazem a cena de Brasília ser rica em todas as áreas. Segundo Cilene Vieira, o material é tão vasto que seria possível fazer uma exposição com mais de 300 personalidades da área.

O mesmo desafio de seleção foi enfrentado para montar *Quando os brasilienses se encontram*, em cartaz ao ar livre, na Praça dos Três Poderes, em frente à Casa de Chá. São 42 imagens que fazem parte do acervo do **Correio**e retratam momentos históricos em que as pessoas se juntaram para ocupar os espaços monumentais da capital. As duas exposições fazem parte de uma série de cinco idealizadas pelo Cedoc para mostrar ao público parte do acervo de mais de 6 milhões de imagens do Correio. "Queremos mostrar o quanto o acervo do Correio é rico em termos de conteúdo da história de Brasília", explica Cilene. "Como o **Correio** está aqui desde o início, ele é o diário da cidade. E não tem como falar da cidade sem pesquisar nesse acervo."

Asta Rose, bailarina

Ellen Oléria, cantora

Hugo Rodas

Hamilton de Holanda, músico

Ana Miranda, escritora

Mestre Teodoro

Darlan Rosa, artista Plastico

Ary Pára-Raios, ator

65 ANOS DE CULTURA

Curadoria: Cilene Vieira e Severino Francisco. Visitação até 31 de maio, de quarta a segunda, das 10h às 19h, no Museu de Arte de Brasília (MAB - SHTN Trecho 1, projeto Orla)

Stela Maris Rezende, escritora

Rapper X (d) e demais integrantes da banda Câmbio Negro


Fotos: Paola Antony/CB/D.A Press; Eugênio Novais/CB/D.A Press; Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press; Paula Rafiza/Esp.CB, Barbara Cabral/Esp. CB; Rafael Ohana/CB; Marcelo Ferreira/CB; Gilberto Alves/CB; Barbara Cabral/Esp. CB/D.A; Iano Andrade/CB/D.A Press; Beto Barata/CB/D.A Press; Arquivo CB/CB/D.A Press; Daniel Ferreira/CB/D.A Press; Jorge Cardoso CB/D.A Press; Edílson Rodrigues/CB; Carlos Vieira/CB; Arthur Menescal/Esp.CB; Monique Renne/CB; Kleber Lima/CB/D.A Press; Cadu Gomes/CB/D.A Press; Luis Nova/Esp. CB; Jorge Cardoso/CB/D.A Press; Cadu Gomes/CB/D.A Press e Carlos Vieira/CB

CLASSIFICADOS

Brasília, Distrito Federal, segunda-feira, 21 de abril de 2025

1 IMÓVEIS COMPRA E VENDA

1.1 Apart Hotel
1.2 Apartamentos
1.3 Casas
1.4 Lojas e Salas
1.5 Lotes, Áreas e Galpões
1.6 Sítios, Chácaras e Fazendas
1.7 Serviços e Crédito Imobiliário

1.1 APARTHOTEL

CLASSIFICADOS
GOSTOU DESSE ESPAÇO?
PATROCINE UMA RETRANCA!!!
DEIXE SUA EMPRESA OU SERVIÇO MAIS VISÍVEL E FÁCIL DE ENCONTRAR POR 30 DIAS
PREÇO ESPECIAL
ANUNCIE AQUI !
ENTRE EM CONTATO CONOSCO 61 3342-1000 - OPÇÃO 5

INVEST FLAT VENDE
BIARRITZ FLAT apto 1qto com 66m², 16 andar. 3033-3865/ 98581-0151 cj21229

1.2 APARTAMENTOS

ÁGUAS CLARAS

1 QUARTO

MEU IMÓVEL IMOB
LUGARCERTO Melhores imóveis prontos e na planta em todo DF você encontra aqui!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

INVEST FLAT VENDE
BIARRITZ FLAT apto 1qto com 66m², 16 andar. 3033-3865/ 98581-0151 cj21229

1.2 ÁGUAS CLARAS

2 QUARTOS

TRATO FEITO IMÓV
R DAS PITANGUEIRAS Apto 2 qtos 53m2 1 su çite 1 vaga 99418-8477 cj21694

SORAYA CORRETORA
LUGARCERTO.COM.BR Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

3 QUARTOS

ACHEI IMÓVEIS DF
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

ASA NORTE

QUITINETES

PLANO EMPREEND.
IMOBILIÁRIOS Os melhores imóveis de BSB você encontra aqui:lugarcerto.com.br



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

3 QUARTOS

PLANO EMPREEND.
106 NORTE 154m2 3qts 3 banheiros, 1 vaga. área nobre de Bsb 98313-0206 cj5179

1.2 ASA NORTE

4 OU MAIS QUARTOS

PLANO EMPREEND.
110 NORTE Luxuoso Res. Caravelas 4qts 238m2 Alto padrão, canto c/ 3 vagas 3032-7700 98313-0206 cj5179

ASA SUL

1 QUARTO



INVEST FLAT VENDE
PARK SUL excelente apto 1 qto 50m2 . Tr: 3033-3865/ 98581-0151 cj21229

INVEST FLAT VENDE
PARK SUL excelente apto 1 qto 50m2 . Tr: 3033-3865/ 98581-0151 cj21229

3 QUARTOS

315 SQS Vdo Apto 03 qtos, suíte, gar andar alto. ›timo Preço! Tr: 61 99983-1953 Creci 3149

COMPRO URGENTE
PARA CLIENTES 2, 3 4qts Asa Sul/Asa Norte 61 99842-6366 c3594

315 SQS Vdo Apto 03 qtos, suíte, gar andar alto. ›timo Preço! Tr: 61 99983-1953 Creci 3149

COMPRO URGENTE
PARA CLIENTES 2, 3 4qts Asa Sul/Asa Norte 61 99842-6366 c3594

1.2 CRUZEIRO

CRUZEIRO

3 QUARTOS

PLANO EMPREEND.
QD 1201 Bairro novo 63m2, 3qts 1 suite 2 banhs Reformado c/ elevador 3032-7700 98313-0206 cj5179

GUARÁ

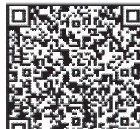
2 QUARTOS

CLASSIFICADOS
GOSTOU DESSE ESPAÇO?
PATROCINE UMA RETRANCA!!!
DEIXE SUA EMPRESA OU SERVIÇO MAIS VISÍVEL E FÁCIL DE ENCONTRAR POR 30 DIAS
PREÇO ESPECIAL
ANUNCIE AQUI !
ENTRE EM CONTATO CONOSCO 61 3342-1000 - OPÇÃO 5

J RIBEIRO VENDE
AE 02 SRIA Guará II Resid Via Boulevard vdo Apto de canto 56,24m2 ár útil cj5211 3322-3443

J RIBEIRO VENDE
AE 02 Dolce Vitta cobertura linear, 152m2 CJ 5211. Tr: 3322-3443

ADELSON IMÓVEIS
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

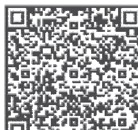
J RIBEIRO VENDE
AE 02 SRIA Guará II Resid Via Boulevard vdo Apto de canto 56,24m2 ár útil cj5211 3322-3443

J RIBEIRO VENDE
AE 02 Dolce Vitta cobertura linear, 152m2 CJ 5211. Tr: 3322-3443

1.2 GUARÁ

3 QUARTOS

TRATO FEITO IMÓV
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

LAGO NORTE

3 QUARTOS

ACHEI IMÓVEIS DF
CA 08 apto 3qtos 228m² cond fechado 98311-5595 c/19540

NOROESTE

3 QUARTOS

ACHEI IMÓVEIS DF
SQNW 102 Ap 101m2 3 qtos 2 vgas 98311-5595

NÚCLEO BANDEIRANTE

2 QUARTOS

RITA LANDIM
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

SAMAMBAIA

2 QUARTOS

TRATO FEITO IMÓV
QN 412 Apto 2 qtos 49m2 1 suíte 1 vaga 2 banheiros Tr: 99418-8477 cj21694

1.2 SANTA MARIA

SANTA MARIA

2 QUARTOS

MEU IMÓVEL IMOB
QD 400 Res Porto Pilar Apto Garden 2 qtos, 1 vaga, 72m2 área de lazer. 99562-4472 cj25698

SUDOESTE

3 QUARTOS

ACHEI IMÓVEIS DF
SQSW 500 Moderno apto 3qtos 109m2 2 vagas. Tr: 98311-5595

COMPRO URGENTE
PARA CLIENTES 2, 3 4qts Sudoeste/Noroeste 61 99842-6366 c3594

TAGUATINGA

2 QUARTOS

ACHEI IMÓVEIS DF
QSF 01 Apto 2qt 60m² 1 vaga 98311-5595/ 99112-3991 c/19540

VALPARAÍSO

2 QUARTOS

INVEST FLAT VENDE
PARQUE ESPLANADA apto 2qtos sala banh coz planejda c/elevador Tr: 3033-3865 cj21229

1.3 CASAS

ÁGUAS CLARAS

4 OU MAIS QUARTOS

ACONTECE IMOBILIÁRIA
QS 06 reformada 2 pavimentos casa 5 qtos porcelanato 226m2 área construída 2 vagas 2 banhs 3344-4112

GUARÁ

3 QUARTOS

ADELSON IMÓVEIS
QE 26 3 qtos laje lote 200m2, 180m2 construída R$ 850.000. Ac financ 99985-7115 c1533

1.3 GUARÁ

4 OU MAIS QUARTOS

ADELSON IMÓVEIS
QE 38 sobradão 4qtos 2 stes 300m2 ar construída arms 2gar. Ac financ 99985-7115 c1533

NÚCLEO BANDEIRANTE

3 QUARTOS

RITA LANDIM VENDE
3ª AV Casa 245m² 3qtos 1suite 2 vagas 2 banhs 99673-2538

PARK WAY

3 QUARTOS

MEU IMÓVEL IMOB
QD 05 SHA, 3 qtos, 2 suítes, lote 340m2, casa 280m2, reformada 4 vgs 995624472 cj25698

MEU IMÓVEL IMOB
QD 05 SHA, 3 qtos, 2 suítes, lote 340m2, casa 280m2, reformada 4 vgs 995624472 cj25698

4 OU MAIS QUARTOS

ADELSON IMÓVEIS
QD 01 MSPW (5 stes) 4 gar lt 2.500m2 504m2 const. Ac. Apt Guará 3q 99985-7115 c11533

RITA LANDIM VENDE
QD 01 casa c/ 4 qtos 400m2 de á.constr. terreno de 2.500m2 3552-4358 c/12179

RITA LANDIM VENDE
QD 01 casa c/ 4 qtos 400m2 de á.constr. terreno de 2.500m2 3552-4358 c/12179
QD 18 Belíssima 4stes moderna lazer completo 98199-6100 c12388

1.3 SOBRADINHO

SOBRADINHO

2 QUARTOS

PEDRO JÚNIOR
ESCRITÓRIOIMOBILIÁRIO. Os melhores imóveis estão aqui! lugarcerto.com.br



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

3 QUARTOS

PEDRO JR C 12778 VENDE
AR 10 Casa 2 qtos 128m2, 2 vagas sl de estar coz. 98481-4268

PEDRO JR C1278 VENDE
QD 02 casa 120m2 3 qtos, 1 suíte, 2 vagas 98481-4268/ 3591-1306

TAGUATINGA

3 QUARTOS

CONVICTA IMÓVES VENDE
QNL 18 casa 3qts 120m2, área serv. garagem 3386-9000 cj22002

4 OU MAIS QUARTOS

RITA LANDIM VENDE
COND PREMIUM excel casa 280m2 cond fechado, porteiro 24 horas 3552-4358 c/12179

MEU IMÓVEL IMOB
R 03 Casa 4 qtos laje suíte closet piscina lote 805m2. Contato: 99562-4472 cj25698

REGINA NEVES
CONSULTORA IMOBILIÁRIA
CRECI 19395
OS MELHORES IMOVEIS DE GOIÂNIA
QUER MORAR OU INVESTIR EM GOIÂNIA?
TENHO AS MELHORES OPÇÕES PRA VOCÊ!



(62) 98280-1111

VENDER, COMPRAR, ALUGAR, CONTRATAR, DIVULGAR

O Classificados do Correio Braziliense é o lugar ideal para quem deseja fazer um bom negócio!



Entre em contato para maiores informações

61 98167-9999



Siga-nos nas redes sociais e acompanhe todas as novidades e promoções

 **Instagram:** @classificadoscb

 **Facebook** @classificadoscb

1.3 VICENTE PIRES

1.3 CASAS

VICENTE PIRES

4 OU MAIS QUARTOS

MEU IMÓVEL IMOB
R 05 Recanto Mineiro casa 5 qtos 3 suítes 5 vagas 450m2 , piscina Tr: 99562-4472 cj25698

1.4 LOJAS E SALAS

LOJAS

GUARÁ

ADELSON IMÓVEIS
AE 02 prédio comerc/ resid 2lj + 2ap lt 200m2 R$1.050.000, ac cs Guará Tr.99857115 c1533

SALAS

ASA NORTE

INVEST FLAT VENDE
ED FUSION WORK e Live - Sala 37m² 10 andar. Tr: 3033-3865/ 98581-0151 cj21229

ASA SUL

ACONTECE IMOBILIÁRIA
SHS QD 06 Complexo Brasil 21 Asa Sul vendo vaga de garagem 12m2 área comercial 3344-4112

SUDOESTE

INVEST FLAT
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as Ofertas!
Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

1.5 LOTES, ÁREAS E GALPÕES

ASA NORTE

TRATO FEITO IMÓV
SAAN QD 02 Lote à venda no Bairro Asa Norte, 2.500m2 área 99418-8477 cj21694

CLASSIFICADOS
GOSTOU DESSE ESPAÇO?
PATROCINE UMA RETRANCA!!!
DEIXE SUA EMPRESA OU SERVIÇO MAIS VISÍVEL E FÁCIL DE ENCONTRAR POR 30 DIAS
PREÇO ESPECIAL
ANUNCIE AQUI !
ENTRE EM CONTATO CONOSCO 61 3342-1000 - OPÇÃO 5

1.5 GAMA

GAMA

PEDRO JR C 12778 VENDE
COND ALTO da Boa Vista excel lote 504m2. Preço ocasião. 98481-4268

PEDRO JR C1278 VENDE
COND ALTO da Boa Vista lt 504m2 R$ 400.000,00. Tr: 98481-4268/ 3591-1306

EXCELENTE LOCALIZAÇÃO
QI 06 Terreno à venda no Setor Leste Industrial do Gama. rea com 10.500 m². Tratar: (62) 98112-0219

LAGO NORTE

J RIBEIRO VENDE
SHTQ QD 04 Excel. lote Bairro Taquari 742m2, quitado, esquina, ótima localização CJ 5211 3322-3443

SAMAMBAIA

PLANO EMPREEND.
SAMAMBAIA SUL lote quitado c/ área 275m2 regularizado 3032-7700 / 98313-0206 cj5179

1.6 SÍTIOS, CHÁCARAS E FAZENDAS

DISTRITO FEDERAL E ENTORNO

RITA LANDIM VENDE
PADRE BERNARDO GO linda chác. 14.000 m2. 3552-4358 c/12179

OUTROS ESTADOS

VALE DO PARANÃ - GO
ÚLTIMA FRONTEIRA Agrícola do Estado de Goiás. Distante 270Km de Bsb 2.800 Ha, 1.500 Ha formado, bastante água, 40 divisões de pasto, boa sede, 2 currais ót preço 61 99978-1485

2

IMÓVEIS ALUGUEL

2.1 Apart Hotel
2.2 Apartamentos
2.3 Casas
2.4 Lojas e Salas
2.5 Lotes, Áreas e Galpões
2.6 Quartos e Pensões
2.7 Sítios, Chácaras e Fazendas

2.2 APARTAMENTOS

ASA NORTE

3 QUARTOS

CLN 408 Bl D 3qts c/ armários cozinha e copa c/arms 2wc reformado R$ 2.300,00 Tr. 99157-7766 c9495

STN SOF Norte Qd 02 Bl B lt 13 ap 102 al 3q ref a.emb sl cz wc asv $ 1.400 991577766 c9495

2.2 ASA SUL

ASA SUL

2 QUARTOS

J. RIBEIRO
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!

Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

GUARÁ

1 QUARTO

CONVICTA IMÓVES ALUGA
AE 02 apto 45m2 1 qto sl coz á99112-3703 / 3386-9000 cj22002

SUDOESTE

2 QUARTOS

ACONTECE IMOBILIÁRIA
LUGARCERTO.COM. BR Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui!

Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

2.3 CASAS

CRUZEIRO

1 QUARTO

TRATO FEITO IMÓV
QD 10 Alugo casa 1 qto sala grande, quintal, sozinha no lote, próx a tudo 99418-8477 cj21694

RECANTO DAS EMAS

2 QUARTOS

CONVICTA IMOVEIS
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!

Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

SUDOESTE

3 QUARTOS

ACONTECE IMOBILIÁRIA
101 BLOCO I alugo apto 3 qtos 110m2 1 su çite Tr: 3344-4112

2.3 TAGUATINGA

TAGUATINGA

3 QUARTOS

CONVICTA IMÓVES ALUGA
QSF 05 casa 3 qtos 120m2. 99112-3703 / 3386-9000 cj22002

2.4 LOJAS E SALAS

LOJAS

CANDANGOLÂNDIA

CONVICTA IMÓVES ALUGA
QOF conj G loja 40m2 para alugar Tr: 3386-9000 cj22002

SALAS

ASA SUL

J RIBEIRO ALUGA
SHLS 716 sala 54m2 no C. Clínico Sul 5211 3322-3443

4

CASA & SERVIÇOS

4.1 Construção e Reforma
4.2 Moda, Vestuário e Beleza
4.3 Saúde
4.2 Comemorações, e Eventos
4.5 Serviços Profissionais
4.6 Som e Imagem
4.7 Diversos

4.3 SAÚDE

PSICOLOGIA



GERONTO VIDAS Há 20 anos atuando na área! Atendimento especializado no idoso com equipe completa, formada por médico, enfermeiro, fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo e nutricionista. Valorizamos a sua história e prezamos pela sua saúde. Atendemos em consultório e em sua residência. Informações: (61) 3543--7471/ (61) 99927-0028

4.5 SERVIÇOS PROFISSIONAIS

SERVIÇOS DE INVESTIGAÇÃO

DETETIVE ALESSANDRA
A Nº 1 Em fotos, filmagens, flagrantes. Sigilo e discrição total. Whatsapp / Gps / Monitoro 24h. Todas as áreas 61 99810-6976

5

NEGÓCIOS & OPORTUNIDADES

5.1 Agricultura e Pecuária
5.2 Comunicados, Mensagens e Editais
5.3 Infomática
5.4 Oportunidades
5.5 Pontos Comerciais
5.6 Telecomunicações
5.7 Turismo e Lazer

5.2 COMUNICADOS, MENSAGENS E EDITAIS

MÍSTICOS

AMOR DE VOLTA EM 6 HORAS
ABA faz pacto de riqueza, cura impotência sexual , ejaculação precose, frieza sexual, afasta rivais,fornece números da sorte para jogos de loteria. Garantido em contrato. Atendemos também aos feriados. Falar c/ a Prof Jana (61) 9.9149-8430

5.7 TURISMO E LAZER

SERVIÇOS

TEMPORADA

LADY GAGA-COPA Apto 2qtos mobil (2 camas de casal), 5 dias, R$ 800,00 cada. Entr. 30.04 saída 05.05 Tr. (61)99159-1059 Claudio

6

TRABALHO & FORMAÇÃO PROFISSIONAL

6.1 Oferta de Emprego
6.2 Procura por Emprego
6.3 Ensino e Treinamento

6.1 OFERTA DE EMPREGO

NÍVEL BÁSICO

ATENDENTE c/ exp. chocolates, capuccino, sucos, vitaminas, cuscuz, tapioca, misto e outros. Folga aos domingos. CV : benditagula17@gmail.com

MASSAGISTA PRECISA-SE
COM OU SEM Experiência p/Semana ou Fim Semana. Pagamento diário. Tr: 61 98474-3116

SOLUÇÃO PARABRISAS
CONTRATA Ver vagas: www.solucaoparabrisas.com.br/vagas Brasília, Vicente Pires e Taguatinga. Enviar Currículo para WhatsApp: (61) 99882-2256.

NÍVEL MÉDIO

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO Habilidades em word, licitações e editais. Pref. na área de ar cond. CV: centroestear df@gmail.com

6.1 NÍVEL MÉDIO

A BRASFORT ESTÁ OFERECENDO OPORTUNIDADES PARA
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Interessados devem enviar currículo junto com laudo para e-mail: recrutamento pcd@brasfort.com.br

CONCEITUADO RESTAURANTE NA ASA SUL CONTRATA
CHEF DE COZINHA necessário experiência na área. Enviar currículo p/ buscaderh@gmail.com

CONTRATAMOS
ORÇAMENTISTA COM EXPERIÊNCIA comprovada em licitações, pregão eletrônico e orçamentos na área de engenharia civil/instalações. CV c/ pretensão salarial p/ E-mail: avantebrasil44@gmail.com

PRECISO DE
DOMÉSTICA De Quarta a Domingo. Dormir no emprego: Sexta Sábado e Domingo. No Lago Sul QL 14, Brasília. Inf. somente por msg WhatsApp 61 98122-8159

ROSSONI RESTAURANTE E BAR CONTRATA
GARÇOM, COPEIRO e Barman Tr: 307 Asa Sul 61 99654-9350

6.1 NÍVEL MÉDIO

Esplanada
VAGAS EXCLUSIVAS Para PCD S Esplanada Serviços Terceirizados, contrata para vagas administrativas (PCD), CLT + Benefícios. Ensino médio e superior. Interessados encaminhar currículo +laudo para: cadastro.esplanadaservicos@gmail.com

NÍVEL SUPERIOR

CONTRATA-SE
ESTAGIÁRIO (A) EM RH Ou Adminsitração direto com a Faculdade com bolsa. Interessados enviar CV para e-mail: premoldadosvagas@gmail.com

COLÉGIO NA ASA NORTE SELECIONA
PROFESSOR (A) LÝNGUA PORTUGUESA/ REDAÇ O c/ experiência comprovada - mínimo 3 anos. Interessados (as) enviar currículo lattes, até às 23h de 22 de abril de 2025 para: processoselecaoprof75@gmail.com

6.2 PROCURA POR EMPREGO

NÍVEL BÁSICO

DIARISTA OFEREÇO-ME 2x por semana 99679-6174

PROCURO por emprego de doméstica para trabalhar e morar que seja casa. (61) 99192-5326

PARA CADA MOMENTO DA VIDA, EXISTE UM LUGAR CERTO.
Acesse e encontre o seu.
Informações completas
Fotos e vídeos
Busca rápida e descomplicada
Experiência personalizada
+ de 200 mil ofertas
LUGARCERTO.COM.BR
O portal de imóveis para quem quer comprar ou alugar.
CONFIRA TAMBÉM OFERTAS NO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE.
lugarcerto .com.br
CORREIO BRAZILIENSE Você à frente de tudo

CLASSIFICADOS



atenção

estaremos FECHADOS

Nos dias **18, 19, 20 e 21 de abril,** nossa loja e central de anúncios estarão **fechadas.**

Retomaremos com o nosso atendimento normalmente **terça-feira, 22/04.**



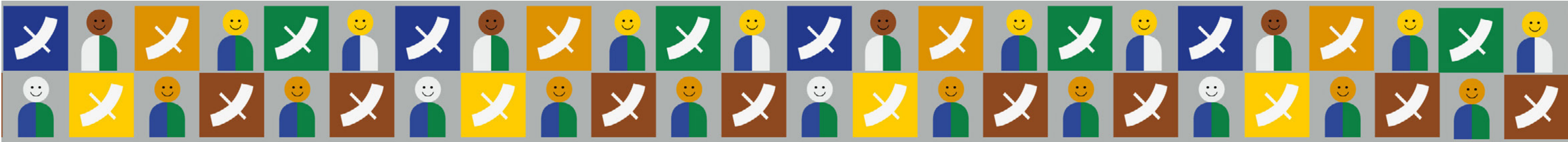
BOM FERIADO!

ESPECIAL
Brasília 65 Anos
Correio Braziliense
Brasília, segunda-feira, 21 de abril de 2025

O jeito de ser brasiliense

Conheça histórias emocionantes de pessoas que ajudam a moldar a identidade de Brasília. Solidariedade, preocupação com o meio ambiente e inclusão digital estão entre as ações que reforçam a vocação humanista da capital do país.

Eufrázio



APRESENTAÇÃO

A gente que faz a cidade, a cidade que faz a gente

Foi num 21 de abril como este, com poucas chuvas e o frio se aproximando, que Brasília veio à luz, de mãos dadas com candangos de todas as partes do país. Esses trabalhadores/sonhadores começaram a moldar o tecido identitário da Capital da Esperança que, até hoje, vem sendo costurado por novas gerações.



Confira vídeo especial sobre os 65 anos do Correio

Brasília é composta de gente que fez o concreto de Oscar Niemeyer respirar, sorrir, lutar e oferecer interconexões que nos distinguem de outras cidades brasileiras. É aí que está o jeito brasiliense de ser, resiliente, voluntário, colaborador, solidário.

Nesta edição especial, a equipe de repórteres do **Correio** apresenta perfis e trajetórias emocionantes dessa gente, suas interações e os impactos dessas vidas no desenvolvimento de uma cidade única.

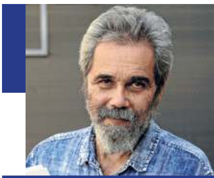
Em cada ação, Brasília se revela um mosaico de iniciativas individuais, que, juntas, constroem um estado de bem-estar e de trabalho por um futuro melhor. Gente que se une por meio da colaboração para inovar e promover a inclusão, que se dedica à ciência e à descoberta de novas tecnologias que, somadas, impulsionam o desenvolvimento social, econômico e cultural da capital.

Brasília completa 65 anos com gerações de brasilienses nascidos e crescidos aqui e continua acolhendo sonhos de vários lugares, acrescentando outras cores ao grande tecido multicolorido da cidade.

Para esta edição, sugerimos a cronistas da cidade o tema "A minha Brasília", e eles trouxeram perspectivas diversas e afetivas sobre a capital e sua gente.

Em 1960, neste mesmo dia, o **Correio Braziliense** nascia. Trazia estampada na primeira página a manchete "Brasil, capital Brasília". Era início de uma relação de amor e de comprometimento com a capital de um país cheio de esperança, e essa relação perdura até hoje, com novas plataformas digitais e um jornal impresso que mantêm o compromisso com a informação desde os primeiros dias.

José Carlos Vieira, *editor*
Adriana Bernardes, *coordenadora de produção*



Minha Brasília

SEVERINO FRANCISCO

Utopia cultural

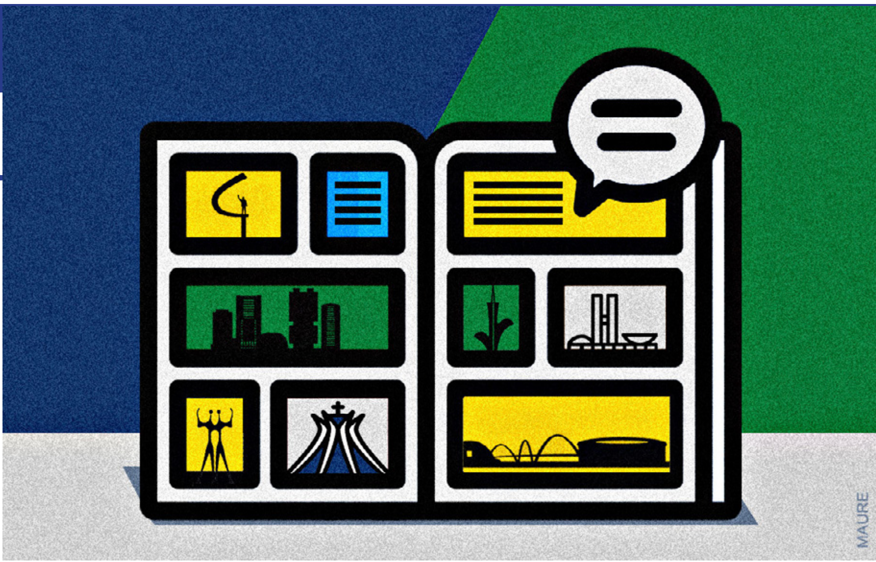
Na primeira vez em que vi o Plano Piloto eu devia ter uns 7 anos. Na época, colecionava gibis. Meu pai me levou até a Esplanada dos Ministérios e, quando divisei os edifícios de brancura espectral, a impressão que tive foi de avistar uma cidade das historietas de Flash Gordon, envolvida nas nuvens de poeira. A espacialidade me causou fascínio e angústia. Os prédios pareciam próximos, mas estavam longe.

Sem saber, talvez tenha feito um percurso clássico da maioria das pessoas em relação à cidade. Reza a lenda que Brasília sofre da síndrome de três dês. O primeiro é o do desespero, ao se deparar com a imensidão do espaço, a ausência de esquinas e a perda de referências das cidades tradicionais.

O segundo é o deslumbramento de constatar que, passado o estranhamento, ao viver a cidade cotidianamente, ela vai revelando suas qualidades. É uma cidade-parque, pontilhada de jardins, árvores, pássaros e luminosidade. Respira-se ar puro. A escala monumental irradia a beleza dos monumentos em interação com as nuvens em mutação. Mas o aprofundamento da vivência leva ao terceiro estágio, o do desencanto. Os desmandos de governos que complicam a cidade. O desencanto é benéfico, pois leva a uma visão mais realista.

Muito tempo depois dessa primeira visão, sinto que marquei e deixei-me marcar pela cidade. Alguns sentem falta do fervilhamento de outras cidades, em que se esbarra a todo momento em outras pessoas. De minha parte, eu dispenso essa situação. Morei em São Paulo, durante quatro anos, esbarrava nas pessoas e nunca me senti tão solitário. Eu gosto da contemplação do silêncio visual de Brasília.

A minha relação com Brasília sempre foi mediada pela arte. "Sobre a cabeça os aviões/Sob os meus pés os caminhões/Aponta contra os chapadões/Meu nariz". Eu tinha 13 anos quando ouvi, pelo rádio, em São Paulo, a canção-manifesto *Tropicália*, de Caetano Veloso. Ela caía como um objeto não identificado sobre a minha cabeça. Eu estava acostumado a ouvir canções que narravam uma historinha, com começo, meio e fim.



Com sua letra estilhaçada e seu arranjo épico, *Tropicália* explodia com o modelo convencional de narrativa e me deixava perdido, sem entender nada, sem lenço e sem documento. Mas, estranhamente, ao mesmo tempo, eu tinha a sensação de que algo me era familiar. Na terceira vez em que ouvi *Tropicália*, identifiquei o que me era familiar e encontrei uma brecha e uma chave para entrar na canção de Caetano: Brasília.

Quem não gosta de arte não gosta de Brasília, porque ela é uma cidade criada por artistas e por um presidente com alma de artista. E isso está inscrito na estrutura da cidade. Brasília é uma utopia cultural. A beleza de Brasília não é uma qualquer para decorar, enfeitar ou compor um cenário para o poder. Não é mero cenário para um faroeste caboclo. A minha Brasília é uma cidade que Lucio Costa pousou no Cerrado com a sabedoria de um arquiteto do cosmos, nas palavras do poeta Francisco Alvim.

Foi Lucio Costa que nos colocou pertinho do céu. E, por isso, não são apenas os monumentos de Niemeyer que precisam ser preservados, mas também a escala bucólica, os vazios, vazados e a espacialidade. É um equilíbrio delicado que pode ser quebrado por intervenções desastradas, sob o risco de apagar o céu.

O **Correio** organizou uma exposição, em cartaz na Casa de Chá, com 42 fotos de momentos em que Brasília se encontrou para chorar a morte de Tancredo Neves, para se despedir de Juscelino Kubistchek, para celebrar o título de campeão mundial de 2002, para extasiar-se com o Concerto Cabeças no Parque da Cidade, para fazer uma pedalada coletiva no Eixão do Lazer ou para pedir paz no trânsito.

É comovente ver um mar de brasilienses mobilizados para as pequenas e as grandes utopias. Apesar de todas as desinteligências e dos acidentes da história, eu ousaria dizer, parafraseando Lucio Costa, contra todas as evidências, que Brasília não tem vocação para a distopia.

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

Ana Dubeux (diretora de redação), **José Carlos Vieira** (produção e edição), **Wanderlei Pozzembom** (editor de fotografia), **Adriana Bernardes** (coordenadora de produção), **Luiz Fellipe Alves***, **Henrique Sucena***, **Leonardo Rodrigues***, **Ana Carolina Alves***, **Letícia Mouhamad**, **Mila Ferreira**, **Arthur de Souza**, **Maria Eduarda Lavocat**, **Carlos Silva**, **Isabela Berrogain**, **Mariana Reginato**, **Eduardo Fernandes**, **Pedro Ibarra**, **Mariana Saraiva** (repórteres), **Ed Alves**, **Minervino Júnio**r e **Luís Nova** (fotógrafos), **Kleber Salles**, **Maurenilson Freire, Caio Gomez e Lucas Pacífico** (ilustração), **Diego Lucas, Eliezer Santos e Tiago Motta** (diagramação), **Lula Cardoso** (projeto comercial) e **Jairo Motta** (Opec). *Estagiários sob a supervisão de **José Carlos Vieira**.



Compromisso com o patrimônio

"Quem conhece, cuida". Este é o sentimento de cidadania que apaixonados por Brasília destacam para as novas gerações

» LETÍCIA MOUHAMAD

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Lenora Barbo e Jorge Henrique Cartaxo atuam no Instituto Histórico e Geográfico do DF e são defensores do patrimônio de Brasília



As dimensões de arquitetura e urbanismo, paisagem natural e cultura são absolutamente extraordinárias para o desenvolvimento de qualquer economia"

Jorge Henrique Cartaxo, *integrante do IHG-DF*

Maior conjunto urbano moderno do mundo, Brasília encanta pela arquitetura arrojada e por sua fundação que, de forma particular, uniu um pouco de todas as culturas do país, formando um espaço único. Não por acaso, diversos grupos da sociedade civil lutam pela preservação do patrimônio da cidade, que envolve, além de instrumentos legais, institucionais e financeiros, o compromisso da comunidade. Um exemplo de engajamento está nos amigos Jorge Henrique Cartaxo, 69 anos, e Lenora Barbo, 67.

"Mais do que responsabilidade do Estado, preservar a cidade inclui questões como cidadania, identidade e amor pelo lugar dos seus filhos e habitantes", diz Cartaxo, que é diretor de relações institucionais do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF). Graduado em jornalismo, ele veio de Fortaleza, em 1978, para estudar na Universidade de Brasília (UnB) e aqui permaneceu. "Me formei, trabalhei, tive filhos e fiz toda a minha vida profissional e pessoal em Brasília, a melhor e mais bela cidade do país", destaca.

Lenora, arquiteta e diretora do Centro de Documentação do IHG-DF, reforça que, semelhante a cidades como Paris, Florença, Amsterdã e Roma, a capital federal encanta pela beleza e acolhimento, mas se destaca, principalmente, por ser Patrimônio da Reserva da Biosfera, classificação dada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). "É um título pouco conhecido e absolutamente oportuno e contemporâneo diante do crescente desafio climático", pontua.

Brasília também é reconhecida pela Unesco como Cidade Criativa do Designer, rede de localidades que atuam em cooperação para aprimorar as estratégias de desenvolvimento por meio de sete pilares da indústria cultural e criativa: design e artesanato, literatura, artes midiáticas, gastronomia, artes folclóricas, música e cinema. Vale lembrar que, desde 1987, a capital é considerada Patrimônio Cultural da Humanidade, tornando-se o primeiro bem contemporâneo reconhecido pela organização.

Valor da memória

Devido ao seu valor simbólico, material e financeiro, Cartaxo e Lenora defendem ser preciso entender que a preservação de Brasília não engessa nem prejudica a economia da cidade. Pelo contrário, amplia suas possibilidades. "As dimensões de arquitetura e urbanismo, paisagem natural e cultura são absolutamente extraordinárias para o desenvolvimento de qualquer economia", ressalta Cartaxo. Daí a importância da educação patrimonial para as novas gerações.

"A única capital razoavelmente preservada no Brasil é Brasília. As demais foram, de certo modo, descaracterizadas pela visão estritamente imobiliária do uso do espaço urbano. Você só ama e protege aquilo que você conhece. As novas gerações precisam se identificar com a memória, a história, os atores e a cultura da sua cidade", explica Lenora, que se mudou para o DF em 1962. "Meu pai, Manuel Demósthenes, era um mudancista fervoroso que, na década de 1940, escreveu um livro sobre a importância da construção da capital no Planalto Central. Vivo nessa cidade que adotei como minha, pela qual me apaixonei desde que cheguei", acrescenta.

Arquivo pessoal



Planejamento cuidadoso

A resposta para conciliar a preservação de Brasília com o inevitável processo de crescimento está no planejamento cuidadoso, na leitura atenta do seu território e na valorização da participação cidadã. É o que defende Ivelise Longhi, 69, arquiteta, urbanista e líder do Eixo de Desenvolvimento Urbano do Conselho de Desenvolvimento Econômico, Sustentável e Estratégico do DF (Codese-DF). "Brasília carrega um legado urbanístico raro, pois representa o modernismo e a utopia de um Brasil do futuro", afirma.

Para Ivelise, o desafio é preservar uma ideia — o plano, as escalas urbanas, o vazio, o traçado. "Isso exige uma abordagem técnica, contínua e consciente, que articule preservação com dinamismo urbano. Não se trata de congelar a cidade, mas de permitir que ela evolua sem perder sua identidade", diz ela, que também integra o Conselho Diretor da UnB e o Conselho de Planejamento Territorial e Urbano do DF (Conplan). "Isso envolve educação patrimonial, que deve estar presente na escola, nos espaços culturais e, principalmente, na forma como ocupamos e cuidamos da cidade. Quem conhece, entende. E quem entende, cuida", enfatiza.

Das particularidades de Brasília, as que mais encantaram Ivelise, quando aqui chegou, foram a amplitude do céu, seus largos horizontes, a escala generosa dos seus espaços e a liberdade de brincar livremente nas áreas verdes da SQS 107, onde morou. "Percebi que havia algo diferente aqui, incluindo a arquitetura moderna e até a lógica das ruas, com suas siglas em vez de nomes. Isso despertava minha curiosidade. Mais tarde, ao me tornar arquiteta e ingressar no serviço público do DF, esse olhar de encantamento se aprofundou, e passei a compreender a complexidade e a riqueza do projeto urbanístico de Lucio Costa", conta a arquiteta.

Outro aspecto que a atrai é a diversidade cultural da capital, feita por brasileiros de todos os cantos, que trouxeram seus sotaques, suas tradições e histórias para formar uma identidade coletiva única. "Isso me dá um sentimento profundo de brasilidade. Brasília é, para mim, um lugar de profundo pertencimento. Brasília é, ao mesmo tempo, cenário e protagonista da minha vida", afirma.



Brasília é, para mim, um lugar de profundo pertencimento. Brasília é, ao mesmo tempo, cenário e protagonista da minha vida"

Ivelise Longhi, *arquiteta, urbanista e líder do Eixo de Desenvolvimento Urbano do Codese-DF*

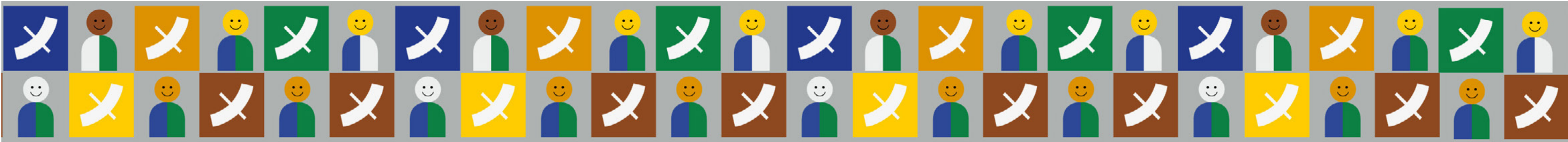
65 BRASÍLIA ANOS

O melhor tempo é agora.

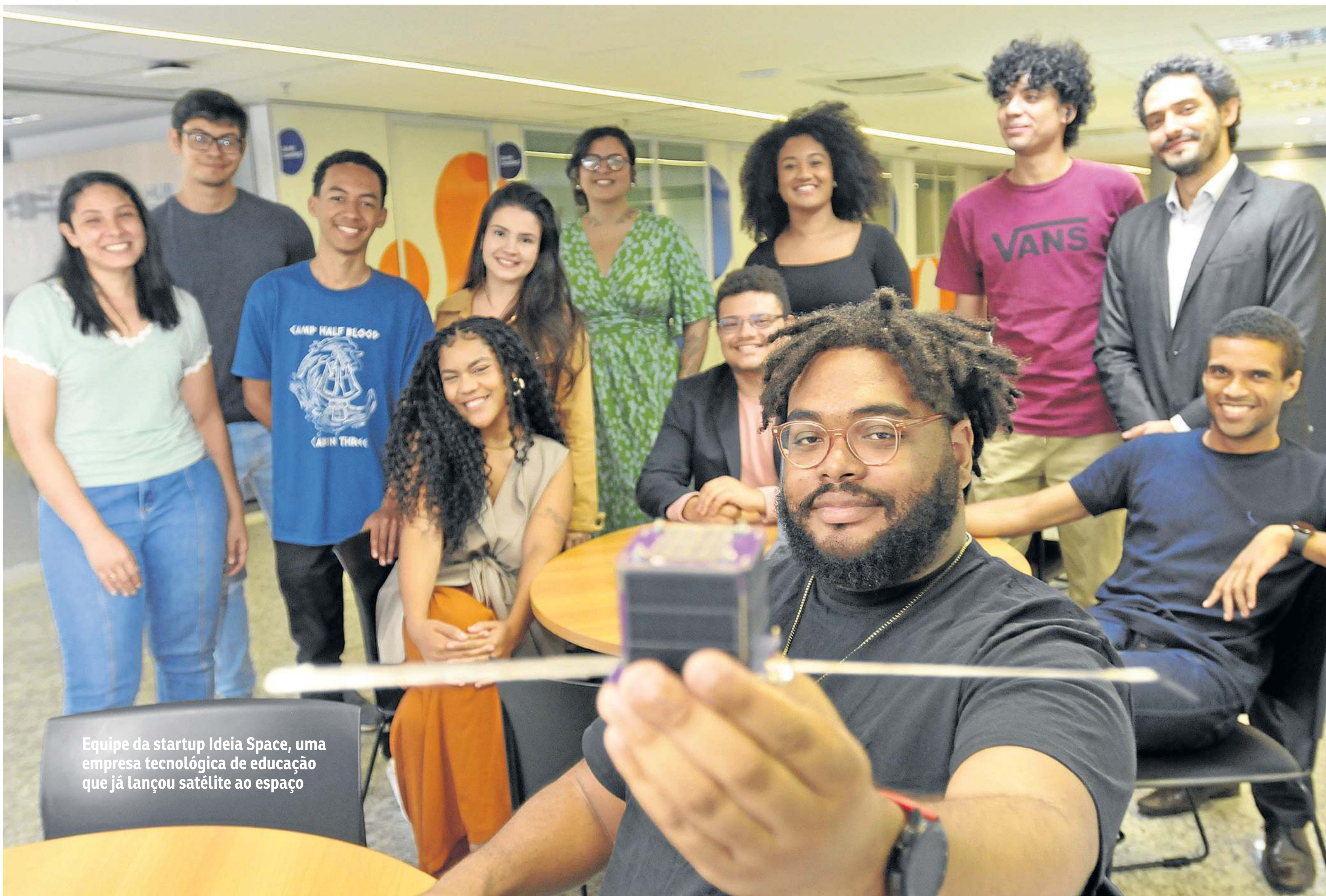
GDF

São 65 anos e uma história repleta de personagens, cheios de histórias para contar e com muitos motivos para comemorar. Parabéns a todos que ajudaram e ajudam a construir esta cidade tão especial e a todos que têm o privilégio de viver aqui.

Para saber mais, acesse:



Minervino Júnior/CB/D.A Press



Equipe da startup Ideia Space, uma empresa tecnológica de educação que já lançou satélite ao espaço

Possibilidades para o futuro

A capital do país abriga, desde 2022, a única startup de educação espacial do Brasil criada por quatro brasilienses

» MILA FERREIRA

Brasília tem se firmado, cada vez mais, como um celeiro fértil de inovação do Brasil. Berço de grandes empresas inovadoras, a capital do país conta com 1,2 mil startups, como a Ideia Space, única do Brasil a ter enviado um satélite orbital para o espaço. Criada por quatro brasilienses com menos de 30 anos em 2022, a empresa oferece cursos focados na temática espacial para crianças, adolescentes e adultos, com o intuito de buscar soluções criativas e tecnológicas para diferentes problemáticas.

Nascido no Hospital Universitário de Brasília (HUB), um dos fundadores da startup, Leonardo Souza, 29 anos, foi o primeiro de sua geração na família a nascer na cidade, o que gerou um sentimento de pertencimento que reflete no trabalho desenvolvido na empresa. "A cidade faz parte da minha vida e da minha rotina. Fui criado no Entorno, na Cidade Ocidental, morei um tempo no Gama e hoje sou morador da Asa Norte. Estudei na UnB, onde tem laboratórios e projetos incríveis para quem quer seguir o caminho que segui", ressalta. "Brasília é um dos principais polos de desenvolvimento que a gente pode ter no setor espacial brasileiro. Tive oportunidade de visitar empresas fora do Brasil, e tudo que eles têm dentro da empresa a gente tem nos laboratórios dentro da Universidade de Brasília", acrescenta.

Um projeto social desenvolvido pelos quatro fundadores em uma casa de acolhimento no Distrito Federal inspirou a fundação de uma startup de educação focada na temática espacial. "Ministramos o curso para as crianças e, no início, perguntamos aos alunos o que eles queriam fazer quando crescessem. A maioria respondeu que queria ser policial, advogado ou delegado. No fim, perguntamos novamente, e todos eles passaram a acreditar que podiam se tornar engenheiros e cientistas", conta Leonardo Souza.

Pelo menos 430 alunos de escolas públicas da capital do país foram contemplados com cursos de introdução à tecnologia espacial ministrados pela Ideia Space, graças a uma parceria com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

Por meio dos cursos e soluções espaciais criadas, a startup atua como instrumento cultural transformador e emancipador. Lançar um satélite ao espaço era algo inimaginável para o



> **Brasília é um dos principais polos de desenvolvimento que a gente pode ter no setor espacial brasileiro"**
>
> ***Leonardo Souza,*** *um dos fundadores da startup*

morador do Itapoã Cauã dos Santos, 18 anos. O jovem conheceu a Ideia Space em agosto de 2024, quando os representantes da empresa foram ministrar o curso de educação espacial no Centro Educacional Darcy Ribeiro, do Paranoá, onde Cauã cursava o ensino médio. "Para mim, isso era uma coisa muito distante da minha realidade. Mas no meio do ano passado, eles foram à minha escola e trouxeram esse curso, que durou de agosto a dezembro", relembra.

Cauã concluiu o ensino médio em 2024 e foi aprovado no Programa de Avaliação Seriada (PAS) para o curso de relações internacionais na Universidade de Brasília (UnB). Por ter sido um dos alunos mais interessados e dedicados do curso ministrado pela Ideia Space, foi convidado para trabalhar na empresa, e hoje é um dos estagiários da equipe. "Como a empresa tem parceria com vários países, existe a oportunidade de aprender a minha própria profissão, além de trabalhar com marketing, vendas e redes sociais", conta.

Soluções e parcerias

Uma das soluções desenvolvidas por alunos do curso de educação espacial foi um projeto para mitigar idas desnecessárias ao hospital. "A ideia é fazer o monitoramento de umidade aqui em Brasília e enviar alertas de hidratação via satélite para pessoas em locais com menor índice de umidade", conta Leonardo.

Por meio de parceria com o governo federal, a empresa leva o curso de forma gratuita a alunos de escolas públicas. "O curso é voltado a jovens de ensino fundamental II, ensino médio e até mesmo ensino superior. Mas também temos soluções de educação espacial que podem ser aplicadas para o ensino fundamental I e o infantil", detalha o fundador. "Conseguimos fazer com uma criança de 10 anos possa dizer todos os subsistemas de um satélite de maneira perfeita. Naquela idade, ele não tem capacidade cognitiva para criar a solução da missão, mas ele consegue entender os conceitos básicos de uma engenharia de sistema, e isso acaba sendo uma semente importante para que a gente consiga ter mais alunos interessados em ciência, tecnologia, engenharia e matemática", acrescenta.

Ainda em 2025, por meio das parcerias da startup com empresas e governos ao redor do mundo, haverá o lançamento de mais oito satélites ao espaço. "Já estamos desenvolvendo um trabalho árduo para colocar mais satélites em órbita no ano que vem. Temos conversas promissoras com países do continente africano e também na América Latina. Em breve, estaremos atendendo quase todos os continentes", ressalta Leonardo.

"Temos orgulho de falar que somos uma empresa nascida e criada em Brasília há menos de três anos. Nosso colaborador mais velho tem 30 anos de idade. Somos uma equipe jovem e com histórias diversas que nos dão a oportunidade de construir coisas incríveis em conjunto", destaca o fundador.



Minha Brasília

CLIMÉRIO FERREIRA

Eu, morador do Plano Piloto

Quando cheguei aqui, em minha primeira viagem de avião, o medo foi suplantado pela minha crença no futuro do nosso país, uma crença firmemente representada pela ideia de centralização da capital, pela ousadia arquitetônica e pelo planejamento humano dos espaços urbanos. Além disso tudo, havia o irresistível sonho de cursar a Universidade de Brasília, com seu currículo moderno e presença dos professores mais significativos do pensamento brasileiro da época.

Muita gente que pensava igual a mim veio de todas as partes do Brasil participar da construção desse futuro sonhado. Como vim em 1962, a cidade tinha apenas dois anos, com muita coisa sendo construída, o que possibilitou a convivência de diferentes classes sociais, com diversos sotaques regionais do nosso imenso país, num cenário no qual tudo estava coberto por uma poeira vermelha e povoado de habitações, igrejas, lojas, farmácias, bancos, cinemas de madeira. Pouco tempo depois que cheguei, veio toda minha família, e eu saí do Núcleo Bandeirante e fui morar em Taguatinga.

Depois que terminei meu segundo grau, passamos ao mesmo tempo, eu e meu irmão Clésio, no vestibular da UnB. O golpe militar de 1964, dois anos depois da minha chegada, deu início à destruição do nosso futuro, demitindo e prendendo professores, invadindo várias vezes a universidade, que a transformou numa real aula de defesa permanente da democracia.



Foi no correr desses anos trágicos que eu e meus irmãos Clodo e Clésio decidimos compor canções, participar de festivais e imaginar discos. Pessoalmente, acho que a cidade não deveria sofrer a tragédia tão violenta e cruel das armas contra a democracia. A beleza dos palácios, do teatro, das igrejas sempre indicava um futuro novo de convivência humana, e há na sua arquitetura uma ideia de harmonia e igualdade.

Desde quando pude vir morar no Plano Piloto, senti-me feliz de poder viver quase tudo de que precisava indo a pé. Os prédios residenciais de seis andares permitem aos moradores nas janelas uma vista livre do encantador céu do Planalto Central. Ao sair de casa, a gente anda sob árvores frondosas, algumas frutíferas, nas quais os mais variados tipos de pássaros constroem seus ninhos e cantam seus cantos.

Há calçadas para uma ligeira caminhada, e nos fins de semana e feriados as pessoas podem usar o Eixão para exercitar-se, andar de bicicleta, passear com a família, fazer churrascos — e ouvir grupos musicais de diversos tipos de repertórios, ler ou simplesmente encontrar amigos. Afora isso, nas superquadras encontramos bons restaurantes, pequenos e aconchegantes barzinhos. Toda minha experiência existencial de Brasília resume-se ao Plano Piloto, mais precisamente na Asa Norte.

Brasília e Correio Braziliense 65 anos escrevendo a história

Brasília nasceu do desejo coletivo de construir um país mais unido, moderno e cheio de possibilidades. Com sua arquitetura exuberante, espírito vanguardista e papel decisivo na história do Brasil, é uma capital que sempre olhou para o futuro.

Desde o primeiro dia, o **Correio Braziliense** esteve lá. Presente em cada capítulo dessa jornada que orgulha os brasilienses e inspira o país.

Os bancos sempre estiveram presentes, incentivando sonhos, apoiando projetos, promovendo a inclusão e ajudando a transformar Brasília e a vida financeira dos brasileiros.

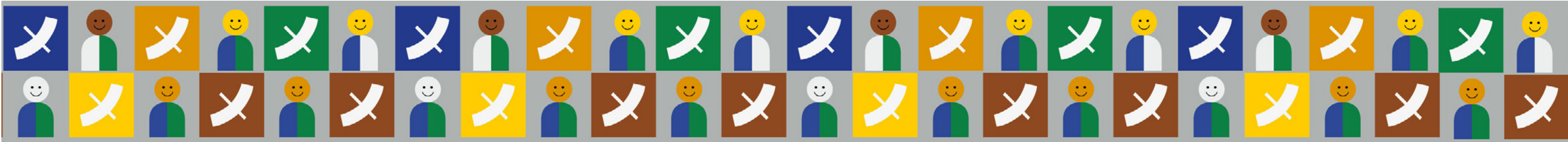
Neste 21 de abril, celebramos mais do que uma data. Celebramos uma cidade construída por muitos, fortalecida pelo tempo e movida por gente que acredita no amanhã.

Parabéns, Brasília. Parabéns, Correio. E parabéns a cada brasiliense que faz parte dessa história.

65

FEBRABAN FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS

portal.febraban.org.br



Empreendedorismo que **transforma**

Programa reúne jovens com foco no desenvolvimento tecnológico e socioeconômico da capital, em busca de soluções inovadoras

» LETÍCIA MOUHAMAD

Ed Alves CB/DA Press



O Programa Multincubadora da UnB foi responsável por incentivar diversas startups e empresas

Imagine impulsionar a criação de negócios e, de quebra, contribuir para o desenvolvimento de soluções criativas e socialmente transformadoras? Esse é o papel do Cocreation Lab DF, um programa que disponibiliza o suporte técnico e metodológico de estímulo, apoio e promoção ao desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação do Distrito Federal e da Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno (Ride), levando ao desenvolvimento socioeconômico. O projeto resulta da integração entre universidades, governo, empresas e sociedade civil. Nesta rede brasiliense interconectada, o foco é compartilhar conhecimentos.

Atualmente, o programa se estrutura por meio da parceria entre a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) e a Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec), em parceria com o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT) da Universidade de Brasília (UnB), onde passa pelo Programa Multincubadora, que incentiva a criação de empreendimentos. "Ao promover a cocriação e a colaboração, o projeto contribui para um ecossistema de inovação mais inclusivo e sustentável, com um olhar especial para as necessidades locais e regionais", destaca a professora Renata Aquino, decana de Pesquisa e Inovação da UnB e integrante do programa.

Os projetos, desenvolvidos em uma rede de espaços de criação colaborativa de negócios, incluem iniciativas de sucesso, como a KrillTech Nanotecnologia Agro S.A. "Fundada por pesquisadores da UnB, pelo Programa Multincubadora, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a empresa concebeu o Arbolin Biogenesisum, uma linha inovadora de produtos inspirada na natureza, com nanoestrutura orgânica, atóxica e biocompatível", diz Renata, doutora em físico-química e química analítica.

O aumento da produtividade foi comprovado nas culturas de morango, feijão, tomate, trigo, soja, algodão e hortaliças. Marcelo Rodrigues, fundador da empresa, ressalta que programas institucionais, como o da Multincubadora, estimulam o pesquisador a ir além do artigo científico. "Hoje, estamos caminhando para o lançamento de novos produtos para atender cadeias produtivas antes difíceis de serem acessadas, como ativos para o milho e a cana", diz.

Força da ciência

Com dinâmica híbrida (on-line e presencial), as startups oferecem workshops, palestras, oficinas, mentorias, monitoramentos, acompanhamento intensivo e uma metodologia TXM (usada na construção e gestão de marcas), com uso de plataforma gamificada exclusiva. A Einstein Jr., por exemplo, é uma startup criada por professoras do Instituto de Química da UnB que promove o ensino de ciência para crianças, professores e pais por meio de oficinas-show, kits de experimentos e livros didáticos.

Suas atividades incluem demonstrações práticas, como reações químicas e uso de nitrogênio líquido, de maneira lúdica e com o intuito de despertar o interesse científico desde a infância. A Einstein Jr. já capacitou centenas de professores e fortalece a extensão universitária da UnB ao popularizar a ciência de forma inovadora e acessível. "Conseguimos desenvolver habilidades fundamentais para um profissional do futuro, como criatividade, autonomia e gosto pelo saber. Os resultados com melhoria da socialização e aprendizado de crianças neurodivergentes são impressionantes", diz Matheus Reis, sócio fundador e diretor administrativo.

Outra startup de sucesso que nasceu no Cocreation Lab é a Escrita com Ciência, que oferece soluções educacionais para potencializar a produção de textos científicos, como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), artigos e monografias. Com o slogan "Somos um acelerador de oportunidades", a empresa auxilia a escrever mais, melhor e rapidamente, sobretudo textos formais, seguindo bases científicas.

Segundo Érika Gadelha, sócia fundadora da iniciativa, mais de 2 mil alunos já foram impactados pelas aulas e mentorias. "Nossos clientes são desde graduandos e pós-graduandos até empresários do setor educacional. Utilizamos um método inovador e exclusivo chamado RAC, que associa técnicas de escrita ágil, habilidades socioemocionais, criatividade, autoconhecimento e inteligência artificial, sanando as dores daqueles que querem escrever e não sabem por onde começar", detalha Érika. Com o apoio da Escrita com Ciência na elaboração de projetos de fomento, cerca de R$ 2 milhões foram captados por diversas instituições.

Potencial

Segundo a professora Renata Aquino, que foi coordenadora-executiva do Cocreation Lab, Brasília apresenta um grande potencial no campo do empreendedorismo aliado à transformação social, principalmente devido à sua infraestrutura sólida e ao ecossistema de inovação bem estruturado. "A cidade conta com universidades e instituições tecnológicas de ponta, além de um apoio robusto de entidades que promovem o desenvolvimento de novos negócios e a formação empreendedora. Também temos um mercado com acesso à capital e inovação", explica.

Ed Alves CB/DA Press





Ao promover a cocriação e a colaboração, o projeto contribui para um ecossistema de inovação mais inclusivo e sustentável, com um olhar especial para as necessidades locais e regionais"

Renata Aquino, *decana de Pesquisa e Inovação da UnB*

ARTIGO



GABRIELA TENÓRIO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UnB

As pessoas acolhem Brasília

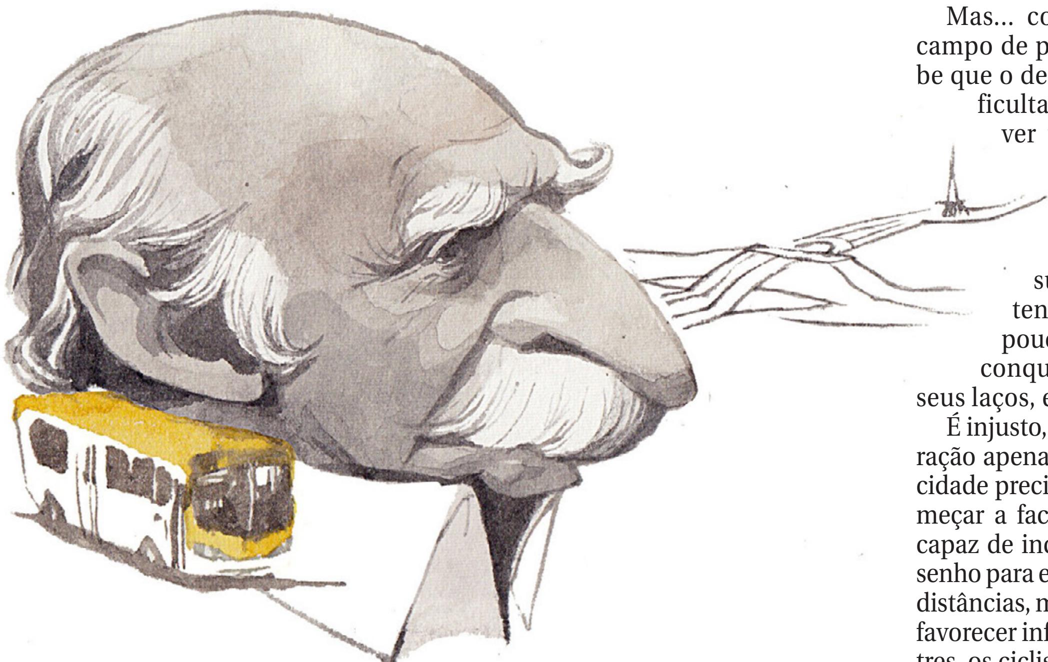
"Brasília é uma mãe que acolhe a gente", me disse uma empregada doméstica, baiana, moradora de Ceilândia, que diariamente pegava o ônibus para ir de sua casa ao Plano Piloto. Essa mulher, numa pesquisa que fiz sobre a imagem do centro de Brasília, ao ser perguntada se sentia alguma emoção específica no trajeto casa/trabalho, respondeu: "Sim. Quando o ônibus faz a curva para entrar na outra pista. Nunca contei para ninguém, para ninguém achar que eu sou boba, mas outro dia comentei com uma senhora, que disse que sentia a mesma coisa". Ela se referia à curva que o ônibus faz ao sair da Rodoviária, no sentido da Esplanada, para depois subir o Eixo Monumental. Justamente o trecho que Lucio Costa descreve no item 10 do Relatório do Plano Piloto:

"O sistema de mão única obriga os ônibus na saída a uma volta, num ou noutro sentido, fora da área coberta pela plataforma, o que permite ao viajante uma última vista do Eixo Monumental da cidade antes de entrar no eixo rodoviário-residencial — despedida psicologicamente desejável."

Fiquei admiradíssima. A intenção — materializada — do arquiteto criador da cidade, descrita em um documento singelo e sucinto, foi percebida anos depois por uma pessoa que não terminou o ensino fundamental e nunca leu o Relatório do Plano Piloto.

Minha entrevistada é uma dentre milhões de pessoas que vivem em Brasília, que se encantam com o Plano Piloto, que constroem aqui a sua história. A cidade a acolheu, mas apenas a 30km de onde ela conseguiu trabalho. Ela não reclama. "Brasília é minha cidade, Ceilândia é meu lugar", disse, confirmando o que é preciso reconhecer: Brasília é todo o Distrito Federal.

O desenho da cidade modernista, que traz estranhamento e deslumbre, que faz brilhar os olhos de seus cidadãos com sua paisagem urbana marcante, seus ícones arquitetônicos, seu verde em profusão, seu horizonte de 360 graus, seus vazios, também traz embutidas características desfavoráveis a uma série de outros aspectos, que acabaram sendo agravadas por decisões políticas tomadas ao longo de sua história, desde a criação das primeiras cidades-satélites. A segregação socioespacial, as grandes distâncias, a especialização de setores e bairros, a dependência do centro, o imenso favorecimento ao automóvel, o descaso com o pedestre, tudo isso se agravou com o modelo de expansão urbana e de provimento de moradia adotados ao longo dos anos.



Mas... como a arquitetura é um campo de possibilidades, a gente sabe que o desenho da cidade pode dificultar ou facilitar o nosso viver urbano, o nosso ir e vir, mas não os determina. Assim, cada cidadão toca sua vida da forma que lhe é possível, superando as dificuldades, tentando tornar a cidade um pouco sua, esforçando-se para conquistar nela seu lugar, criar seus laços, exercer suas liberdades.

É injusto, no entanto, deixar a superação apenas por conta das pessoas: a cidade precisa parar de dificultar e começar a facilitar. Ela é perfeitamente capaz de incorporar princípios de desenho para eliminar barreiras, diminuir distâncias, misturar os usos e as gentes, favorecer infinitamente mais os pedestres, os ciclistas e os usuários de transporte público, sem que nada disso suprima ou minimize os atributos que a fazem tão indelével.

Neste 21 de abril, gostaria de celebrar não apenas a Brasília tombada, patrimônio cultural da humanidade, mas a Brasília abrangente, completa, a mãe que acolhe seus mais de 2 milhões e 900 mil cidadãos, dos quais mais de 90% nem mora no Plano Piloto, e desejar que ela se torne cada ano mais justa, bela e generosa.



Cada cidadão toca sua vida da forma que lhe é possível, superando as dificuldades, tentando tornar a cidade um pouco sua"

Fotos: Divulgação



Inovação para a capital: Exame Medicina Diagnóstica aposta em ressonâncias magnéticas aceleradas com IA

TECNOLOGIA REDUZ RUÍDOS DE IMAGEM E DIMINUI EM 40% O TEMPO PARA ENTREGAR O DIAGNÓSTICO, OFERECENDO MAIS SEGURANÇA, COMODIDADE E EFICIÊNCIA PARA OS PACIENTES

Apresentado por:

exame
Medicina Diagnóstica

Matéria escrita por Gabriella Collodetti, jornalista do CB Brands, estúdio de conteúdo do Correio Braziliense

Os avanços tecnológicos na área da saúde têm permitido diagnósticos mais precisos e rápidos. Em Brasília, o Exame Medicina Diagnóstica tem se destacado por permitir a integração de ressonâncias magnéticas com recursos de Inteligência Artificial, possibilitando resultados em até 10 minutos.

Na prática, são utilizados algoritmos de aprendizado profundo (deep learning) que atuam em tempo real durante a execução do exame, permitindo reconstruções mais rápidas e com melhor definição, mesmo com menos tempo de aquisição. A iniciativa, considerada pioneira no Brasil, surgiu na capital do país. A marca celebra os 65 anos da cidade trazendo melhorias no atendimento à saúde da população.

"Isso se traduz em exames mais curtos com menos necessidade de repetição de sequências, além de maior conforto para o paciente – especialmente em situações de dor ou limitação de movimento", explica Gleidson Viana, diretor médico do Exame Medicina Diagnóstica, referência em Brasília e marca pertencente à Dasa, empresa líder em medicina diagnostica no Brasil.

De acordo com o especialista, a ressonância magnética com inteligência artificial, como aplicada pelo Exame, representa uma evolução importante no processo de aquisição das imagens. Com a inovação, chamada de Projeto de Inteligência Artificial, houve redução de ruídos de imagens e diminuição em 40% no tempo de realização dos exames.

"É algo especialmente relevante em exames de coluna e articulações, que demandam imobilidade prolongada. Com fluxos mais eficientes, conseguimos entregar resultados com agilidade, beneficiando o processo diagnóstico como um todo", contextualiza.

Exame aposta em outros recursos de inteligência artificial para entregar cuidado mais ágil e personalizado

Med-PaLM2: parceria com o Google que proporciona mais assertividade na detecção de doenças com laudos complexos. O recurso otimiza e agiliza o acompanhamento médico a partir da coleta de respostas disponibilizadas por um painel de profissionais do setor. Assim, o algoritmo estrutura os dados complexos, como as descrições de doenças que têm apresentações múltiplas e ambíguas, por exemplo, de nódulos hepáticos – que podem ser malignos ou benignos.

Algoritmos de NLP: avaliam mais de 10 mil laudos por dia em busca de mais de 40 doenças diferentes. Quando um paciente que passou pela Dasa tem um achado identificado, seu médico é alertado e consegue reduzir de 17 para 7 dias o próximo passo no tratamento.

Hoje, esse algoritmo da IA roda em 80 máquinas de ressonância magnética na Dasa e contribui para a sustentabilidade do setor como um todo. No laboratório Exame, o serviço está disponível nas unidades Mega Asa Norte (SHLN Bloco G - Lote 09, Ed. Biosphere) e na Mega Asa Sul (SHLS 716, conjunto B, bloco 02, Centro Médico Brasília).

"Ao utilizar algoritmos e dados para prever riscos, reduzindo, por exemplo, complicações causadas por doenças crônicas e encurtando, de maneira efetiva e segura, a jornada entre o diagnóstico e o tratamento, estamos contribuindo para a redução dos desperdícios do sistema e melhorando o desfecho clínico da população brasileira", Leonardo Vedolin, vice-presidente da área médica da Dasa.

Análise clínica aprimorada

Na Dasa, a formação de equipes multiprofissionais trouxe um avanço significativo para a área de saúde. Em 2017, a iniciativa atuou para permitir a integração de médicos, engenheiros de software e cientistas de dados para combinar competências técnicas e clínicas.

Essa mudança promoveu o desenvolvimento de soluções mais inteligentes, com foco na melhoria da jornada do paciente. Para tanto, foram testadas dezenas de soluções de empresas nacionais e internacionais, desenvolvendo in house mais de 30 modelos de IA incorporados na rotina da Dasa.



O futuro da IA no diagnóstico

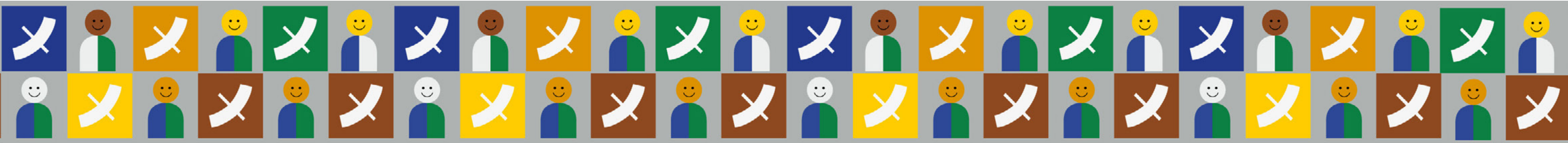
A utilização da IA trouxe pontos positivos expressivos para o processo de diagnóstico de doenças. No entanto, Gleidson Viana pontua que esse modelo não substitui a análise clínica. "Na verdade, a ferramenta aprimora a execução do exame, trazendo benefícios tanto para o paciente quanto para a operação da unidade", indica.

Além disso, o médico explica que a IA, como aplicada atualmente na Dasa, reforça o papel do profissional de saúde. "Ao automatizar processos técnicos e repetitivos, libera tempo para que médicos e técnicos possam se concentrar mais na experiência do paciente e na qualidade assistencial. Essa é a essência da inovação com propósito: tecnologia a serviço do cuidado", afirma.

Para os próximos anos, o diretor do Exame Medicina Diagnóstica acredita que a IA na saúde caminhará em duas frentes complementares: a otimização contínua da realização dos exames – com laudos mais rápidos, personalizados e com menor impacto para o paciente – e, progressivamente, o apoio à análise clínica, por meio de algoritmos que ajudarão na triagem, detecção de padrões e priorização de casos.

"Para doenças da coluna e musculoesqueléticas, isso significará diagnósticos mais precoces, fluxos integrados e planos terapêuticos mais bem direcionados", destaca. Nesse âmbito, dois aspectos principais serão, cada vez mais, aperfeiçoados: melhoria da experiência do paciente e, em alguns casos, diminuição da necessidade de sedação; e reconstruções mais precisas com menos artefatos, incluindo pacientes com dificuldade de imobilização prolongada.

Eufrázio



O poder do voluntariado na saúde

Conheça pessoas e grupos de apoio que doam seu tempo em hospitais da cidade, como Doutores com Riso e o SAV

» CARLOS SILVA

Em Brasília, a variedade das necessidades sociais, por vezes, cria desafios que parecem insuperáveis. No entanto, é justamente esse panorama que espelha a generosidade das ações voluntárias. Em particular, o trabalho nos hospitais da capital federal revela um lado humano e acolhedor. Entre jalecos e protocolos médicos, brasilienses de diversas partes do Distrito Federal dedicam-se a acolher pacientes, apoiar familiares e contribuir com ações que amenizam o impacto emocional de quem passa por longos períodos de internação.

Quando pensamos em pessoas que atuam em um hospital, a imagem que vem à cabeça é de minimalismo e roupas em cores suaves. Mas há quem escolha usar nariz vermelho, roupas coloridas e uma boa dose de empatia para oferecer alento a quem enfrenta dias difíceis. É o caso dos voluntários do Doutores com Riso, grupo que há quase 10 anos atua no Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB), levando leveza e humanidade a pacientes, acompanhantes e até profissionais da saúde.

Patrícia Andrade, 41 anos, coordenadora do grupo e também conhecida como "Dra. Zenhoca", conta que os integrantes atuam semanalmente com o objetivo de transformar a experiência hospitalar em algo mais leve. "O palhaço hospitalar não é apenas um agente de humanização, mas um verdadeiro promotor de saúde, com impactos positivos na redução da dor, na melhora do sono, da alimentação e até da imunidade das crianças", explica a bancária, que há oito anos faz parte do grupo.

Com uma escala organizada de plantões, os voluntários percorrem alas como internação, ambulatório, UTI e até setores administrativos. A preparação, no entanto, começa antes, com um curso de iniciação com mais de 70 horas. As aulas estão distribuídas em 26 horas de conteúdo a distância (on-line) e 44 horas presenciais. Além disso, há um período em que os alunos-voluntários vão ao hospital apenas como observadores e depois passam por outro período de atuação supervisionada no hospital. A partir daí, podem atuar em duplas.

Para Leandro Rito, 47, o "Dr. Sovaco", a motivação é algo simples e profundo: estar presente. "Às vezes, um olhar, um gesto simples ou uma risada partilhada é capaz de atravessar a dor e trazer um pouco de alívio, de humanidade", diz. Entre tantas histórias marcantes, os voluntários acumulam lembranças emocionantes, desde comemorar altas com piqueniques e aniversários até estar ao lado das famílias nos momentos mais difíceis. "Cada encontro deixa nosso coração mais forte e nos lembra por que escolhemos estar aqui", completa.

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Irena Ortlieb: "Eles precisam de alguém que escute as mágoas deles"

Como se Inscrever

Serviço Auxiliar Voluntários (SAV)

» **Requisitos:** Ter disponibilidade de um turno semanal (segunda a sexta-feira). O turno escolhido deve coincidir com os horários dos grupos de trabalho.

» Comparecer à entrevista com mais de 18 anos e levar 1 foto 3x4.

» **Horário de Funcionamento do SAV:** Segunda a sexta, 8h às 12h; Segunda a quinta, 14h às 17h (sem atendimento sexta à tarde e final de semana).

» **Entrevistas:** Primeira quarta-feira de cada mês, das 10h às 14h.

» **Formulário:** Preencher o formulário online (https://forms.gle/NgyARVEsQs5RVdEZ6) antes da entrevista.

Doutores com Riso

» Participar do Curso de Formação de Voluntários da Abrace para conhecer a missão e se preparar.

» **Inscrição no Curso:** Por meio do site www.abrace.com

» **Acompanhamento dos Programas:** Redes sociais Instagram *@abraceoficial* e *@doutorescomrisooficial*.

Legado de cuidado

No epicentro da maior unidade de saúde pública do Distrito Federal, também pulsa um coração gigante, tecido por mãos que doam tempo, afeto e esperança: o Serviço Auxiliar de Voluntários (SAV) do Hospital de Base (HBDF). Presente na unidade de saúde há quase 60 anos, a associação se mantém como um farol de solidariedade, iluminando os corredores e leitos do hospital.

Movidos por um idealismo puro, esses voluntários tecem uma rede de apoio que acalma a dor. Terapias integrativas oferecem uma cura para uma alma ferida, enquanto o apoio ao leito traz a companhia que afugenta a solidão dos longos dias de internação. Corte de cabelos ainda resgatam a autoestima fragilizada pela doença. E kits de higiene representam um gesto de cuidado essencial.

A presidente da iniciativa, Vandelícia Rodrigues, 63, encontrou no voluntariado uma forma de realizar um antigo desejo. "Sempre tive muita vontade de fazer um serviço voluntário, mas devido ao trabalho e à família, fui adiando. Assim que me aposentei, fui atrás de um serviço que tivesse o meu perfil", conta. Desde então, são sete anos de atuação, sendo seis deles voltados ao setor de psiquiatria do hospital.

No setor de psiquiatria, por exemplo, atividades como a horta terapêutica ajudam a aliviar a rotina dos pacientes internados. "Teve uma paciente que acompanhou todo o ciclo da cenoura, desde a semeadura até a colheita. Fizemos um bolo de cenoura com cobertura de chocolate e distribuímos para todos. Foi muito especial", relembra Vandelícia, emocionada.

A aposentada Irena Ortlieb, 85, compartilha o sentimento da colega. A rotina da idosa durante as visitas é feita com sensibilidade e atenção aos pacientes. Para ela, escutar é o principal gesto de cuidado. "Eles precisam de alguém que escute as mágoas deles. Isso é importante", conta.

Mesmo com as limitações da idade, o sentimento de fazer diferença a move. "Saio daqui melhor do que eu entro. Saio cansada, mas talvez tenha feito alguém um pouquinho mais feliz", diz. Para ela, o trabalho voluntário é uma forma de manter o mundo mais humano. "Ninguém é uma ilha. Vivemos juntos. Temos que nos conectar e ver um pouco as necessidades do outro", conclui.



Doutores com Riso: o grupo que há quase 10 anos atua no Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB)

Luis Nova/Esp. CB/D.A Pres

Minha Brasília



NICOLAS BEHR

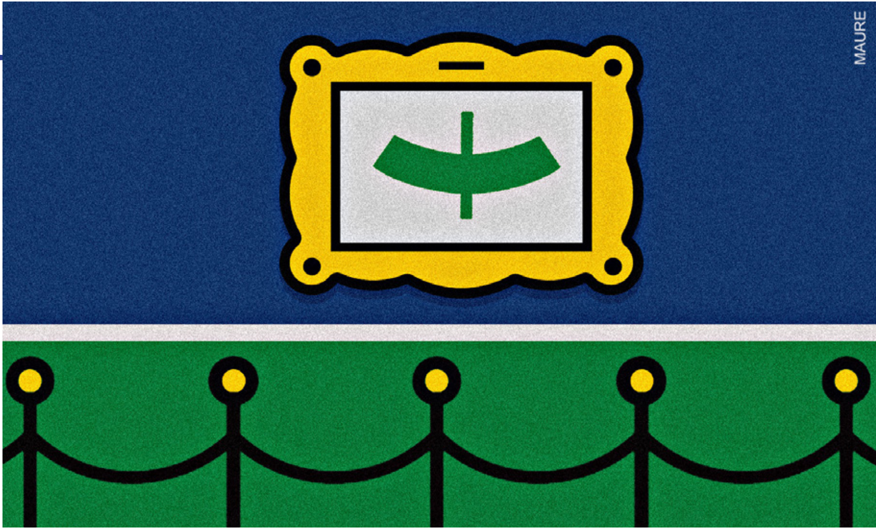
Braxília: Arte, não-poder

A arte é que vai dissociar Brasília da ideia de poder. Estigmatizada, nossa cidade carrega a mácula de ter sido capital antes de ser cidade. Sim, nossa relação com o poder é, portanto, umbilical, e disso não temos como fugir. Quando se pensa em Paris, lembra-se do Louvre; em Roma, do Vaticano; em Atenas, da Acrópole; em Madrid, do Museu do Prado; em Londres, do Museu Britânico; em Lisboa, do Mosteiro dos Jerônimos, e assim por diante.

Anos atrás, numa cidade nordestina, fui abordado por um presente: você é da terra do Renato Russo!!! Ops... uma nova referência para a nossa cidade. Renato como habitante de Braxília, essa cidade-além-da-utopia. Não-capital. Não-poder. O processo de dissociar Brasília da ideia de poder (insisto) já começou e vai levar séculos.

As grandes capitais do mundo começaram como aldeias. Nós começamos fruto de canetadas e decretos. Somos o maior museu de arte moderna a céu aberto do mundo. Mas isso ainda não sabemos. E aí vem o poder para fazer sombra à essa beleza incomparável. Felizmente fomos reconhecidos pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, senão o Plano Piloto já teria se tornado em uma Águas Claras com asas. Águas Claras é a anti-Plano Piloto por excelência. Mas ser Patrimônio Cultural da Humanidade tem seu preço: os brasilienses querem o bônus, sem querer pagar pelo ônus de ser uma cidade tombada, protegida, com restrições que a indústria imobiliária (veja o mais recente PPCUB) insiste em ignorar.

Brasília, quando foi construída, representou a capacidade criativa do povo brasileiro. E o mundo nos invejou, maldizendo Brasília com cidade-maquete por ter sido construída em um, então, país em desenvolvimento. E foram operários



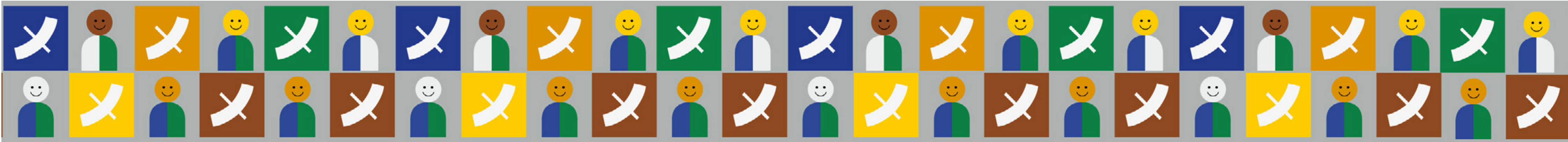
MAURE

mal treinados, vindos de áreas rurais, os heroicos candangos, que ergueram este monumento vivo, simbolizando a nossa ousadia. Infelizmente essa ousadia burocratizou-se. Hora de resgatar a coragem de propor soluções efetivas, por exemplo, para a crise no nosso sistema de transporte público, que dá um outro nome a Brasília: Cidade do Automóvel. Voltando à questão da arte como forma de dissociação de Brasília e o poder.

A arte quebra a lógica racional e muitas vezes autoritária que marca a imagem da nossa cidade no inconsciente coletivo nacional. Os festivais, os coletivos independentes, os eventos colaborativos, na maioria das vezes à margem das instituições oficiais, questionam a ordem espacial e social ditada pelo poder. A arte desloca o olhar do espectador para intervenções urbanas, abre rachaduras no concreto das narrativas oficiais, por onde passa a poesia, a música, o gesto, a forma... A arte ocupa a cidade de forma criativa, resignifica-a, revelando uma nova cartografia por meio da arte urbana, reinvindicando nosso direito à cidade. Resumindo, a arte é uma linguagem que escapa ao controle oficial, revelando uma cidade-capital contraditória, múltipla, caleidoscópica.

Queremos uma cidade de afetos, e não de setores. Tudo bem, Brasília também é poder. Mesmo que não a mereça. Fruto da generosidade de seus fundadores, Brasília foi pensada como uma cidade socialista fundada em um país capitalista. O resultado: a cidade brasileira com maior desigualdade social. Com maior renda per capita do país e também com índices de pobreza que ultrapassam a indignação, iceberg exposto do nosso fracasso enquanto sociedade de que se quer cristã, igualitária e justa.

Ainda temos um longo e doloroso caminho a percorrer. Já começamos a caminhada.





Unidas por uma sociedade mais acessível e inclusiva, Janaina Parente e Nazaré Silva se conheceram em projetos sociais que distribuem solidariedade, escuta e orientação às famílias de pessoas com Síndrome de Down

Luís Nova/Esp./CB/D.A Press

Muito **amor** e **resiliência**

Unidas por um bem comum, duas mães atípicas lutam por acessibilidade e respeito para pessoas com Síndrome de Down

» LETÍCIA MOUHAMAD

Unidas por uma sociedade mais acessível e inclusiva, Janaina Parente, 50 anos, e Nazaré Silva, 51, se conheceram em projetos sociais que distribuem solidariedade, escuta e orientação às famílias de pessoas com Síndrome de Down. Mães atípicas, elas sonham com um futuro no qual não apenas seus filhos, mas todas as crianças com Down sejam respeitadas e tenham seus direitos garantidos, inclusive no que diz respeito à infraestrutura das cidades.

Foi após o nascimento da filha Aurora, atualmente com 7 anos, que Janaina engajou-se na luta pelos direitos das pessoas com Down. "Vi a necessidade de não apenas me informar melhor sobre a síndrome, como também acolher aquelas famílias que passaram pela mesma experiência de entender e se adaptar ao diagnóstico. Temos, por exemplo, um projeto terapêutico focado na saúde mental dessas mães atípicas, chamado Cuidando de quem cuida, que visa criar essa rede de apoio. Afinal, superação e resiliência são sobrenomes de qualquer mãe atípica", ressalta.

Por trás do Ápice Down e do projeto Cromossomos do Amor, Janaina e Nazaré, respectivamente, trocam experiências e formam uma grande rede de apoio, capacitando pais em áreas de saúde e educação, promovendo passeios culturais e realizando ações sociais para a comunidade. "Estamos desenvolvendo um projeto revolucionário chamado Casa de Vivências. Será um espaço para atividades terapêuticas e sociais, com sebo de livros, café, oficinas profissionalizantes e auditório, onde essas famílias serão acolhidas", adianta a mãe de Aurora.

Empatia

Formada em pedagogia, Nazaré trabalha com empoderamento social e mobiliza a comunidade de mães atípicas em prol de um atendimento clínico mais ágil e efetivo para as crianças, possibilitando terapias e exames. No que tange à educação, elas fortalecem seus laços para garantir a inclusão, sem preconceitos, dos pequenos nas salas de aula. "Com a Janaina, reforçamos esses cuidados no apoio emocional às famílias, além de fazermos uma ponte entre Ceilândia (onde Nazaré mora) e o Plano Piloto, oferecendo assistência com olhar humano", diz a mãe de Samuel José, 11.

O resultado dessa lição de empatia vem, para ambas, em mensagens de carinho das famílias atendidas. "Perceber que estamos ajudando é, certamente, o indicador mais gratificante", pontua a presidente do Ápice Down. "Poder acolhê-las (as mães) é transformador e fortalece nossa luta", completa Nazaré. A dupla recomenda àqueles que desejem ajudar que procurem instituições sérias. "Seja por trabalho voluntário, seja por apoio financeiro, contribuir com esses projetos é positivo para os outros e para si", conclui Janaina.

Além de lutarem pelas mesmas causas, Janaina e Nazaré têm em comum o carinho por Brasília que, segundo elas, constitui uma miscelânea de histórias e culturas. Natural do Maranhão, a pedagoga chegou à capital com 25 anos e aqui permaneceu. "Sinto-me filha desta cidade, que me acolheu no momento em que mais precisei", conta Nazaré.

"Temos um dos maiores índices de instrução educacional do país, o que nos torna uma sociedade que busca informação constantemente. Isso é determinante para interagirmos com os líderes de entidades e governo. Nascemos dentro do centro do poder e nas vias largas de espaços abertos, tornando-nos íntimos do engajamento social e cívico. Então, quando penso em Brasília, vejo um futuro feito de agentes de transformação da sociedade", declara Janaina, que nasceu no Plano Piloto e cresceu visitando as feiras da Torre da TV e os shows de rock no Teatro Garagem.

Ed Alves/CB/D.A Press



Claudia Chabalgoity é ex-tenista olímpica e coordena o projeto de tênis integrativo Tô no Jogo

Raquetes **solidárias**

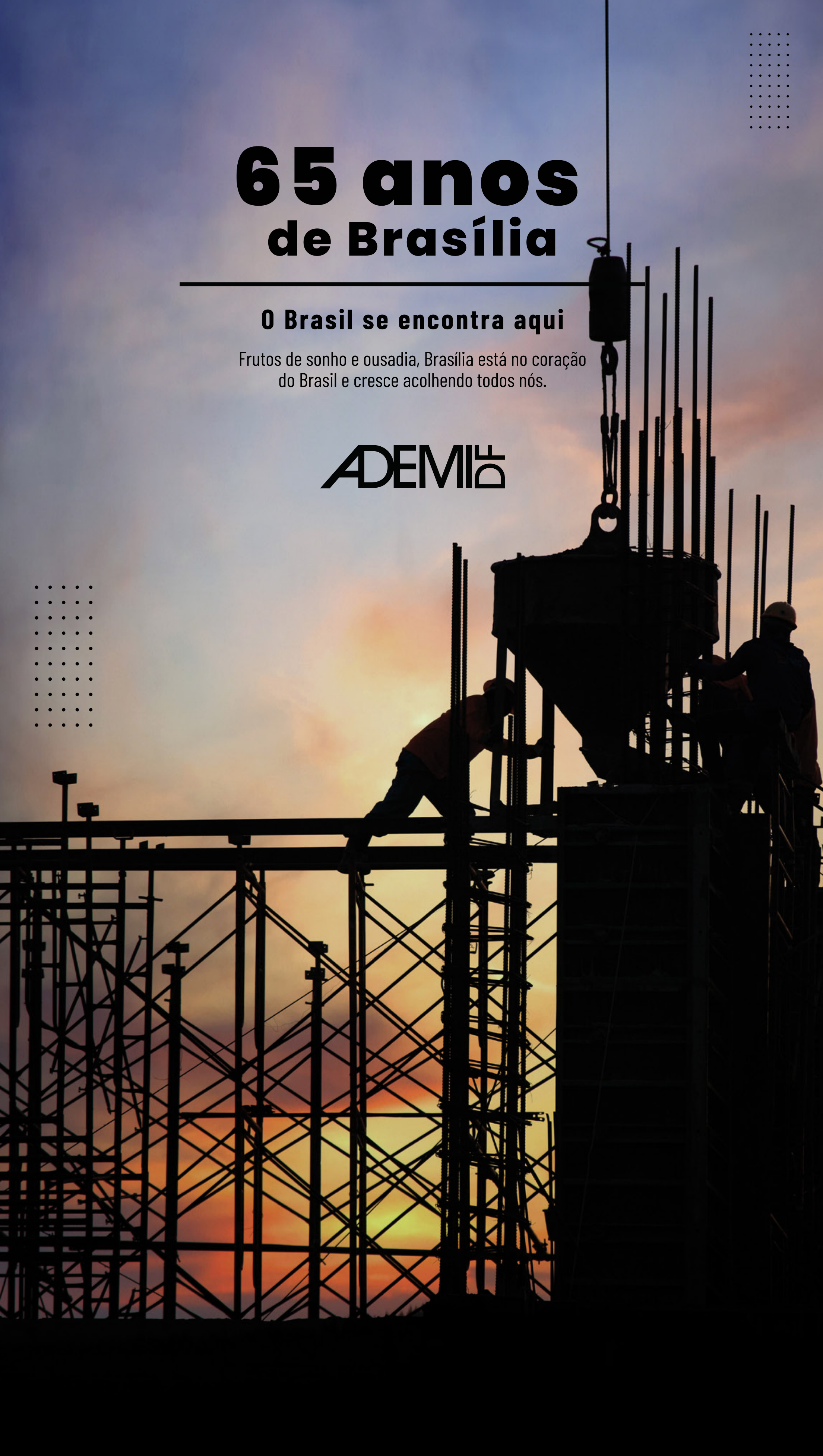
O desejo de mudar a vida das pessoas também move — literalmente — Claudia Chabalgoity, 54, que ensina tênis integrativo para pessoas com deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down e cadeirantes, por meio do projeto Tô no Jogo. A brasiliense, tenista profissional, acumula prêmios em competições nacionais e internacionais e chegou a representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. A modalidade, segundo ela, ajuda a melhorar a percepção do próprio corpo, trabalhando aspectos como atenção, raciocínio, coordenação e autoestima.

"Durante a transição da minha carreira (Claudia encerrou o trabalho como tenista profissional em 1993), busquei por algo que me fizesse novamente feliz. Então, em 1999, quando conheci o tênis em cadeira de rodas, meus olhos brilharam para o esporte novamente. Era a oportunidade de unir a modalidade a um trabalho social, porque me descobri não competitiva e, sim, colaborativa", explica a treinadora. Ao engatar nesse projeto, Claudia promoveu, por seis anos, o Brasil Open de Cadeira de Rodas, torneio que integrou o circuito internacional de Tênis em Cadeira de Rodas, em Brasília.

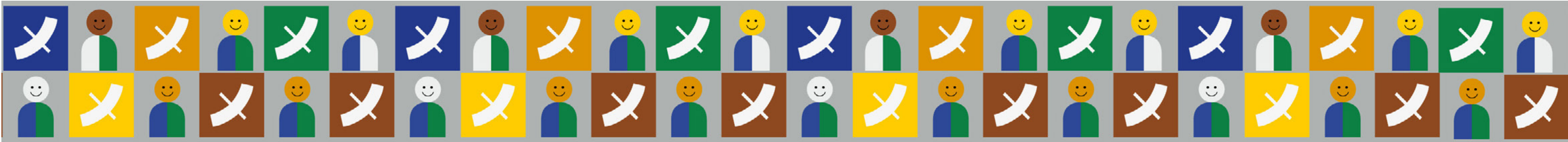
Mais tarde, a tenista deu um novo passo na carreira e iniciou a graduação em psicologia. "Nesse período, busquei estudar com mais profundidade o autismo, ainda pouco falado na faculdade. A partir disso, surgiu o Tô no Jogo, com um método integrativo, que une o físico, cognitivo, técnico e energético. Isso porque, quando nos exercitamos, atingimos um equilíbrio energético necessário, principalmente para o autista que, devido às ligações neurais, tem um excesso de sinapses", diz.

Atualmente, Brasília conta com três núcleos de tênis integrativo — Associação Pestalozzi de Brasília, Ampare e Centro Especial 1 do Guará —, contemplando 80 alunos. "Sinto muito orgulho, pois meu sonho era exportar esse método para o Brasil, de forma que a capital fosse percursora nessa massificação do esporte para pessoas com deficiência intelectual, autismo e Down". Claudia se deu conta de que o projeto estava ajudando os outros quando começou a ajudá-la também. "Os meus alunos me ensinam todos os dias, pois aprendo virtudes que, nós, neurotípicos, às vezes esquecemos", constata.

> **"Durante a transição da minha carreira, busquei por algo que me fizesse novamente feliz. Então, em 1999, quando conheci o tênis em cadeira de rodas"**
>
> ***Claudia Chabalgoity,*** *professora de tênis*



Eufrázio



Hortas que colhem **solidariedade**

No Hospital Universitário de Brasília e no Parque do Sudoeste, voluntários cultivam produtos e mudam vidas num espaço de afeto

» BRUNA PAUXIS
» ARTHUR MONTEIRO*
» MARIANA REGINATO*

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



Voluntários se reúnem na horta comunitária do Hospital Universitário de Brasília (HUB): um espaço de acolhimento e de cuidado, além de uma preocupação social

Na horta comunitária do Hospital Universitário de Brasília (HUB), L2 Norte, crescem muito mais que frutas e vegetais. As amizades que são semeadas e colhidas mudam a vida corrida de muitos funcionários do hospital que recebe, diariamente, pessoas acometidas pelas mais diversas doenças. O projeto, coordenado pela chefe do Setor de Hotelaria do HUB, Maria Da Conceição Portela, de 56 anos, reúne voluntários do hospital para plantar e colher na área verde, cuidada há mais de um ano para a iniciativa.

"A ideia é interagir com cada funcionário e também com o paciente, principalmente os que vêm da área psiquiátrica, para poder desfrutar desse espaço verde. Pegar no solo, plantar as sementes e mudas e, depois, colher os frutos. É como uma terapia", ressalta Conceição. Segundo ela, a horta reúne mais de 100 tipos de ervas aromáticas, verduras e frutas. Segundo a coordenadora, a quantidade de pessoas no grupo é bastante variada. "Tem dias que aparecem mais de 100 pessoas aqui para colher. Para plantar é um pouco menos, mas sempre ficamos felizes quando mais gente vem. Recebemos uma quantidade de boa de funcionários, que realmente metem a mão na massa, ou melhor, na terra!", conta Conceição.

Quando a horta começou, contou com o apoio da equipe da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que ajudou a estudar e preparar o solo para que as primeiras mudas fossem plantadas. Hoje, as pequenas árvores cresceram e, de seus frutos, os funcionários fazem sucos, compotas e lanchinhos. Nos dias de colher, os voluntários levam para casa um kit de grande variedade de produtos. Entre eles, milho, mandioca, melancia, mamão, acerola e hortaliças. Além disso, durante o dia a dia no hospital, também passam na horta para buscar capim-santo, hortelã, entre várias outras ervas aromáticas para fazer chás que acalmam um pouco o cansaço do trabalho em um grande hospital.

Viviane Torres, 45, é ouvidora do hospital e, desde o início do projeto, consegue ver em sua rotina a diferença que o espaço e o convívio com os outros voluntários faz. "É um local de paz. Desde o princípio, eu falei que aqui, como a gente trabalha em ambiente hospitalar, é um ambiente de muito adoecimento mental e psicológico. Para mim, aqui (na horta) é um espaço realmente de terapia. A gente vem, fica aqui no silêncio, em contato com a natureza. É muito gostoso, faz toda a diferença", diz Viviane. A ouvidora não abre mão de passar na horta. "Acabo vindo todo dia, ver as plantas crescendo, o cheiro das ervas aromáticas e, também, ver amigos. Essa iniciativa acabou aproximando nós funcionários", completa.



Ikuyo Nakamura, de 81 anos: paixão pelas plantas

Plantando cura

Aos 81 anos, todo dia Ikuyo Nakamura acorda, toma seu café da manhã e vai até a Horta Comunitária do Parque do Sudoeste para cuidar de suas plantas. Enfermeira aposentada, ela diz que cuidar é sua missão no mundo e, por isso, planta com todo cuidado cada mudinha do seu jardim. Além do frutos e ervas medicinais, ela também rega, de carinho, as pessoas, que passam a participar do projeto, muitas vezes, como uma forma de cura.

"A gente conhece pessoas incríveis. Há muitas pessoas procurando ajuda psicológica e, por intermédio da planta, a pessoa vai melhorando, fica menos estressada, menos apreensiva. Tem dias que acabo nem trabalhando, fico mais ouvindo as histórias dos outros e acolhendo", conta Ikuyo. "Brasília é a cidade do concurso. Muitas pessoas passam nas provas, largam suas cidades e vêm sozinhas para trabalhar ou trazem os pais que vêm acompanhar os filhos. Eles não conhecem ninguém, muitas vezes se sentem sozinhos. É uma forma de criar laços", completa.

A horta, que hoje é gerenciada por Ikuyo, começou com a ideia de outro morador do Sudoeste, que não mora mais no bairro. "Aqui era uma esquina para jogar entulhos. Um morador que teve a ideia de iniciar a horta e começou a limpar o terreno. Acho ele um visionário. No ano seguinte, eu estava aposentada e comecei a cuidar do espaço", relata a idosa, que conta como o projeto foi crescendo com a passagem de várias pessoas. "Hoje em dia temos cerca de 10 voluntários, mas há outras 60 pessoas que atualmente demonstram interesse em participar. Sempre convido para vir conhecer e ver como é. Quem decide ficar, fazemos um batismo, que é uma foto segurando uma enxada", brinca Ikuyo.



Confira hortas que também colhem solidariedade

Nas escolas

O Projeto Germinar traz a horta comunitária para o Centro de Ensino Especial 2, na 612 Sul. Criada pelo professor de geografia,Georlando Alves Menezes, em 2005, a horta visa à conscientização ecológica para as escolas da rede pública e passar a mensagem de preservação e sustentabilidade do meio ambiente para gerações futuras. O professor é natural do Ceará e tem uma família de agricultores, o que aumentou seu interesse pelo projeto.

A horta conta com a plantação de hortaliças, frutas e ervas medicinais e é utilizada para atender às necessidades da escola. "O projeto também contribui para a complementação alimentar da merenda escolar. A merendeira pode utilizar os produtos cultivados na horta, garantindo uma alimentação mais fresca e saudável para os alunos. Aqui, não usamos agrotóxicos, apenas métodos naturais de controle de pragas", relata Georlando.

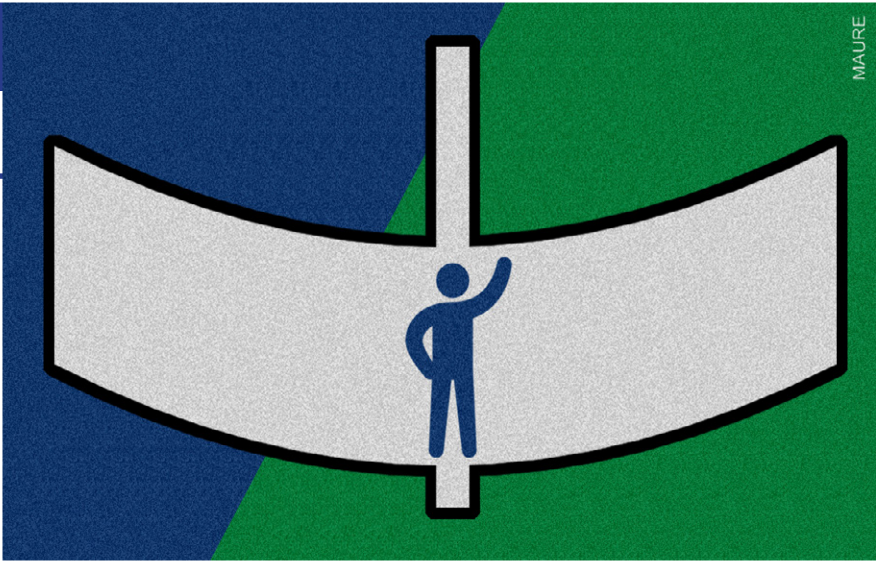
Os alunos podem participar do cultivo da horta e, segundo o professor, eles se interessam pelo meio ambiente e demonstram interesse em participar das atividades. "Os alunos têm a oportunidade de ver coisas bonitas crescendo e usufruir do espaço rural, o que é um privilégio para eles, especialmente para aqueles com limitações. Aqui, eles podem transitar com segurança e se beneficiar de uma saúde mental positiva, observando a natureza e aprendendo sobre a importância da preservação", finaliza o professor.

***Estagiários sob a supervisão de José Carlos Vieira**



Minha Brasília

LUÍS JORGE NATAL



Uma reta sinuosa

Brasília apareceu de repente na minha vida. Eu não vim para Brasília, fui trazido para cá, em março do longínquo 1962. Confesso que me lembro pouco do início da nova cidade. Mas me recordo da 308 Sul com um chão vermelho e pouquíssimas árvores, baixas, retorcidas.

Nasci em Natal, a cidade, e minha família veio para cá para realizar um sonho de meu pai. Desde cedo, movido pela necessidade, Seu Rossini sabia que deixaria o Rio Grande do Norte. Durante a Segunda Grande Guerra, muito novo, trabalhou como almoxarife na base aérea de Parnamirim — cidade ao lado da capital — utilizada, então, pelos americanos. De lá partiam as tropas ianques para a África. Eram tempos do Trampolim da Vitória.

Esse trabalho despertou um sentimento cosmopolita no jovem nordestino, que, logo depois da guerra, passou a correr o mundo sem sair do Brasil. Primeiro, o Rio de Janeiro, a capital; depois, São Paulo. A vida o obrigou a voltar para Natal, onde sentou praça. Namorou, noivou e se casou com uma linda conterrânea, como são todas as nossas mães. Trouxe para Natal o hábito de ler o jornal *Última Hora* do Rio e a paixão eterna pelo Botafogo.

Foi no jornal do Samuel Wainer que leu sobre Brasília. Juscelino Kubitschek havia dito em Jataí-GO que iria cumprir a constituição e trazer a capital do país para o interior. Foi ler a notícia, que chegava com um dia de atraso, e dizer para a jovem Enói que era onde iriam morar. Em 1961, foi transferido pelo Banco do Brasil e trouxe a família no início de 1962: três filhos pequenos e uma quarta veio se juntar à turma no ano seguinte. Assim começava a vida na nova cidade. Porém, o projeto foi abruptamente interrompido pelo golpe militar de 1964. Punido por exercer militância contrária à ditadura, meu pai teve como castigo voltar para uma pequena cidade do Rio Grande do Norte. Menos mal que era o estado onde estava a família ampliada. Avós, tios, tias, primos e amigos atenuaram a frustração.

A vida seguiu e, depois de um inquérito, conquistou o direito de voltar. Retornamos em 1968 (antes do AI-5) para a mesma 308, agora já gramada e com árvores plantadas. Um novo começo.

É, poderia dizer que faço parte da geração dos verdadeiros pioneiros, aqueles que foram trazidos no colo dos pais. Na nova capital, começaram a criar turmas, ganhar identidade. Nas quadras avermelhadas, juntaram-se dezenas de amigos que não esqueci até hoje. Além das meninas. Eram tempos de Bolinhas e Luluzinhas.

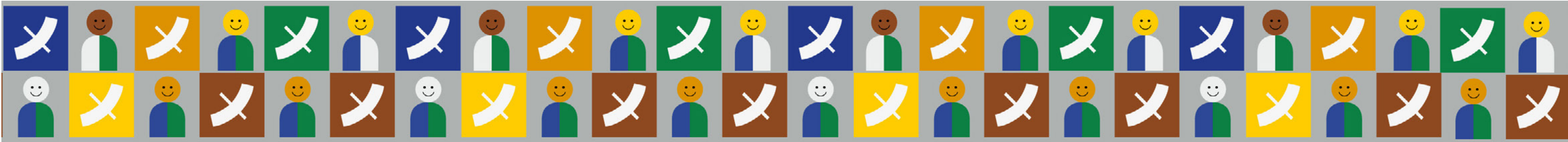
Na escola, conheci colegas de uma vida inteira — sem citar nomes, para não cometer injustiças. Nunca parei de fazer amigos. Fazer lista é complicado, sempre sobra alguém querido.

Mas vamos lá: a editora me pediu para, na primeira pessoa, escrever sobre a minha Brasília. Achei impossível sem contar como vim parar aqui, onde ganhei o nome de Natal e, como numa música do Roberto e Erasmo, vivi muitas emoções.

Tenho várias Brasílias. Morei em tantos lugares, estudei em tantas escolas, joguei muitas peladas, dancei em inúmeros clubes, conheci cada cidade-satélite, trabalhei em várias empresas e órgãos públicos, sempre fazendo amizades. Tem também os bares, onde tudo se resolve, para o bem ou para o mal. A minha Brasília é tudo isso aí, extrapola o quadradinho. E agora o meu bairro vai ter uma praça chamada Paulo Pestana, amigo que escolhi para homenagear todos aqueles que carrego no peito.

Para encerrar, me casei, tive três filhos candangos e agora um netinho. E recorro de memória, à definição criada, como não poderia deixar de ser, por um poeta, Aldo Justo: "Brasília é reta e sem bunda, mas é gostosa demais".

Eufrázio



A **manobra social** do skate

Esporte une brasilienses de realidades e experiências distintas no Setor Bancário Sul, um dos pontos mais centrais da cidade

» PEDRO IBARRA

Um dos esportes radicais mais populares do mundo e recentemente adicionado ao calendário olímpico, o skate nem sempre foi respeitado como uma prática de valor. Foram as ações de brasilienses pioneiros dessa modalidade que conseguiram pavimentar um caminho para novas gerações. No Plano Piloto, essa turma se junta no Setor Bancário Sul.

O local, principalmente em frente à agência do Banco do Brasil, é ocupado pelos skatistas por ter o piso bom para as rodinhas, além de bancos e plataformas que se transformam em obstáculos ideais para as manobras. O espaço aberto é um dos berços do talento brasiliense nas pranchas de quatro rodas. De lá, saíram nomes grandes como o atleta olímpico Felipe Gustavo, por exemplo.

Com o passar do tempo, a point foi ganhando mais cara de skate parque, com novos corrimões e rampas que os próprios praticantes foram trazendo. "Todo espaço aqui foi feito pelos skatistas. A gente aproveita a área da melhor forma possível", conta Bruno Lucca, 28, instrutor de skate e frequentador do local desde criança.

A cultura do skate de Brasília foi se desenvolvendo lá, cada um ajudando o outro a se desenvolver no esporte, que também oferece lazer e socialização. O skate é um estilo de vida, e a coletividade é crucial nesta prática. "O skate é uma contracultura, a galera começou e sempre foi muito discriminada. Por isso, os skatistas se ajudam, eles se juntavam para praticar e viver nessa mesma vibe", avalia Bruno. "O skate é o esporte individual mais coletivo que existe. Não dá para fazer o skate sozinho, ele precisa dessa energia de união", complementa.

Fotos: Pedro Ibarra/CB/D.A Press



Setor Bancário Sul é a casa do skate brasiliense: uma tradição que passa para as novas gerações

Portanto, antes de ser sobre notas e manobras radicais, o skate é sobre a união entre as pessoas que ali estão praticando juntas. "O esporte traz uma socialização diferenciada. Não existe raça, credo, cor ou classe social dentro do skate, a gente se torna família", reforça Robson Diego de Menezes Oliveira, 42, skatista que criou e coordena o projeto social gratuito Brasil Skate School.

Robson sempre frequentou o Setor Bancário, mas não conseguia levar os alunos para o local. Dessa forma, dava aulas em Taguatinga Norte. Com o advento da tarifa zero nos finais de semana, o skatista passou a levar os alunos para socializarem com os outros frequentadores do local. "Queria selar a união dos meus alunos com os skatistas raízes, pessoas que fizeram a história e que até hoje praticam nesse icônico lugar", conta.

O instrutor vê muito potencial em Brasília quando enxerga a cidade pela ótica do skate. "A capital do país tem muitas pessoas que acreditam, poderia ser mais, mas se não fossem as pessoas que apoiam, o meu projeto e este lugar não seriam possíveis", reflete. "Eu acredito no potencial que as pessoas de Brasília têm para fazer o bem. Fazer bem ao próximo é uma atitude contagiante, e quanto mais gente nisso, melhor fica", completa.

Ensinamentos

Robson se diz salvo pelo skate. O projeto de ensinar crianças a praticarem o esporte o reinseriu na sociedade pouco tempo depois dele sair da prisão. O agora instrutor era usuário de drogas e se envolveu com o tráfico, por isso, acabou na cadeia, cumpriu pena e ressocializou-se. "O fato de estar fazendo bem para o próximo me faz ter forças todos os dias e evita que eu volte para as drogas e a criminalidade. Estou sempre atuando pensando no bem coletivo do projeto", relata.

Para além da bonita história de superação de Robson, o skate também faz a mudança nos pequenos detalhes. O estudante Leonardo Verri, 12, por exemplo, aprende todos os dias, desde que decidiu fazer aulas do esporte há dois anos. "Ele entendeu a importância de esperar a própria vez, que tem pessoas menores que ele e que é bom admirar e se sentir incentivado por pessoas mais avançadas", comenta Lilian Naddeo, 47, fisioterapeuta e mãe do Leo.

Incentivo

Ela admite ter torcido o nariz quando o filho pediu para praticar o esporte. "Honestamente, tinha um certo preconceito, porque não era do meu mundo", lembra Lilian, que agora está muito feliz de ter aceitado e incentivando o filho na prática. "Achei que era uma fase, mas não passou. Ele está há dois anos praticando e amando. Aquele preconceito não existe mais, eu vejo o skate de outra forma", completa.

A forma de ver o mundo é alterada pelo skate. "Uma pessoa passa por um banco e vê algo normal, a gente olha para aquele banco e enxerga uma possibilidade de manobra", diz André Willian, 28, skatista profissional, instrutor de Leonardo e frequentador do Setor Bancário desde os 10 anos de idade. "Eu gosto de mostrar para os meus alunos os lugares que me empolgaram quando eu era mais novo, sinto que estou continuando o legado", destaca.

Se todos esses skatistas são uma família, o lugar em que eles criam memórias torna-se uma casa. "Basicamente, todas conexões duradouras da minha vida eu fiz aqui", afirma Yuri Fonseca, 38, fisioterapeuta e frequentador do local há mais de 25 anos. Ele chegou ao Setor Bancário porque o pai trabalhava no local. Entretanto, ele não se lembra de uma vida antes de fazer manobras naquele local de chão liso. "Eu ando de skate desde novo, não lembro da minha vida sem skate. Para mim, a vida sempre foi skate, trabalhei com skate, fiz minhas escolhas de vida baseadas no nesse esporte, tudo sempre foi skate", ressalta. "O skate mudou, mas esse lugar não deixa de ser importante para mim", finaliza.

Viva a Brasília que somos.

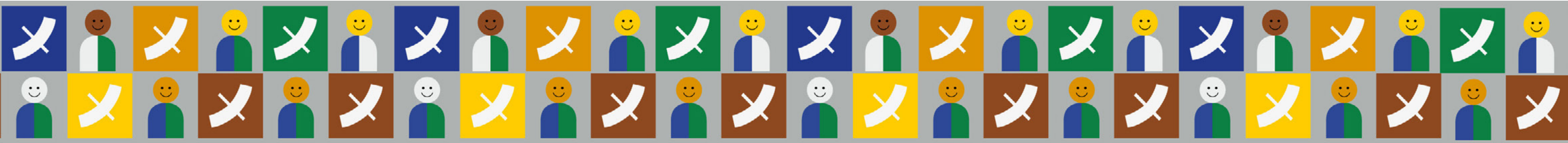
Viva a Brasília que conquistamos.

Moramos numa das melhores cidades do Brasil para se viver. Comemorar Brasília é olhar para o passado com gratidão, olhar para o futuro com esperança e viver o presente com alegria! Nesses 65 anos, vemos uma cidade que avança com a força das suas gerações. Uma cidade que é sinônimo de progresso e, também, retrato da determinação, da criatividade e do trabalho daqueles que, como a CLDF, nunca param de realizar por ela.

CLDF. Celebrando os 65 anos de Brasília junto com você.



Eufrázio



Ocupando **novos espaços**

Idosos ganham independência tecnológica com o projeto de inclusão digital e celebram cada aprendizado

» ISABELA BERROGAIN
» LUIZ FELLIPE ALVES*

Às sextas-feiras, das 9h às 11h, o laboratório webclass do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) se torna ponto de troca entre novas e antigas gerações. É lá que ocorre o projeto gratuito de inclusão digital para idosos, projeto que reúne alunos dos mais diversos cursos da área de computação e o público 60+ interessado em estreitar laços com o mundo virtual. Sem necessidade de cadastro ou inscrição, os idosos aprendem semanalmente a como aprimorar o uso de ferramentas do celular e computador.

Professora e coordenadora do projeto, Kerlla Luz destaca que a principal característica da turma é não funcionar em um regime tradicional. “Percebemos que o formato de encontros é mais interessante para os idosos. Antes da pandemia, trabalhávamos como um curso mesmo, com professor na frente e os alunos prestando atenção. Hoje, funcionamos como um plantão de dúvidas, onde os alunos 60+ vêm e tiram todas as dúvidas que têm”, explica.

Uma das participantes do projeto, Margarida Rodrigues, 71 anos, afirma estar bem antenada com a tecnologia. “Sem esse aprendizado, nós ficamos para trás”. Margô, como gosta de ser chamada, aponta os avanços conquistados a partir dos encontros. “Tudo que aprendemos aqui é útil. Facilitou o dia a dia. Conseguimos falar com as pessoas, marcar um encontro com as amigas, ter uma conta no banco e ficar por dentro do que está acontecendo com o nosso dinheiro, até mesmo ver os preços dos itens no supermercado. Isso, para nós, é muito novo. Sem o projeto para nos ajudar, eu nem sei o que seria da gente”, declara.

Antes de entrar no curso, Margô não tinha nenhum tipo de integração com a tecnologia. “Eu não sabia nem abrir um celular. Muitas vezes, compramos um novo celular e pensamos “E agora?”. É aí que entram projetos como esses, que nos ajudam bastante para que a gente consiga interagir com a tecnologia e seguir em frente”, afirma.

Apesar dos inúmeros aprendizados até então, a aluna ressalta que não pretende parar de ir aos encontros. “Eu ainda tenho muita coisa para aprender. Todo dia o celular tem coisa nova. Ainda temos muito o que aprender”, complementa.

Assim como Margô, Sônia Maria, 77, formada em pedagogia pela própria UDF, voltou à universidade para se familiarizar mais com a tecnologia. “Eu dou algumas derrapadas com o celular novo, que ganhei do meu genro, por isso, os encontros estão sendo muito úteis para mim, para tirar minhas dúvidas”, relata.

Parafraseando o músico Gonzaguinha, Sônia conta que se sente como “uma eterna aprendiz”. “Eu gosto de enfrentar novos desafios. Não é porque somos idosos e aposentados que temos que ficar dentro de casa”, afirma.

“Por isso, esse trabalho com a professora Kerlla tem sido maravilhoso. É muito importante para nós, idosos. Da pandemia para cá, o mundo ficou cada vez mais virtual, então, durante a quarentena, foram importantes esses aprendizados para a gente se conectar com o mundo”, diz.

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



O projeto de inclusão digital da UDF ocorre todas as sextas, de forma gratuita



Lorena Santos (D), 20, orienta Margarida Rodrigues, 71, no uso do celular e do computador

> **“Eu recebo algo diferente com cada pessoa que eu ajudo. Eles têm muitas vivências, muitos ensinamentos para compartilhar”**
>
> ***Lorena Santos,*** *monitora do projeto*

No curso, um dos principais diferenciais para Sônia é a participação ativa dos monitores. “Temos um atendimento personalizado, trazemos nossas perguntas e somos atendidos maravilhosamente”, elogia. Para ela, a diferença de idade entre as gerações não é uma barreira: “Há um intercâmbio muito saudável. A troca de saberes intergeracional é importante e muito boa para todo mundo”.

Vivências

Para os jovens monitores, o projeto se converte em horas complementares e também vale como estágio obrigatório não remunerado no histórico acadêmico. Porém, o tempo passado dentro do laboratório de informática da faculdade vai muito além das obrigações universitárias. Estudante de análise de desenvolvimento do sistema, Lorena Santos, 20, afirma que, com os idosos, ela aprende mais do que ensina. “Eu recebo algo diferente com cada pessoa que eu ajudo. Eles têm muitas vivências, muitos ensinamentos para compartilhar”, reconhece.

Monitor do curso há cerca de dois meses, Matheus Azevedo, 18, aplica alguns dos aprendizados adquiridos na vida pessoal: “Eu falei para um dos alunos que queria começar a investir, e agora ele está me ensinando sobre o mundo financeiro”, compartilha o aluno de engenharia de software.



Confira vídeo com participantes do projeto de inclusão

“Outra aluna minha, que é médica, estava me passando algumas recomendações para eu cuidar melhor da minha saúde. Então, é uma via de mão dupla, ensino algo para eles, e eles me ensinam de volta”, acrescenta o estudante que pretende continuar no projeto até o fim da graduação.

Segundo Matheus, que auxiliava o avô com questões tecnológicas, o curso é importante para que os idosos se tornem mais independentes. “Com as aulas, podemos evitar com que eles caiam em golpes ou ajudá-los em coisas básicas do dia a dia, como pedir um transporte de aplicativo ou fazer uma transferência bancária segura pelo celular, por exemplo”, cita.

Segundo Lorena, muitos dos alunos chegam à monitoria sem nem saber por onde começar. “Muitas vezes, eles não sabem nem o que perguntar, porque não sabem o que precisam aprender ou estão fazendo de errado, é nosso papel mostrar”, explica. “Portanto, quando os vemos comemorando ao conseguir fazer algo sozinhos é muito gratificante. Muitos se acham incapazes, ficam com medo de fazer alguma besteira, nós ensinamos, e eles entendem, é muito satisfatório para os dois lados”, afirma.

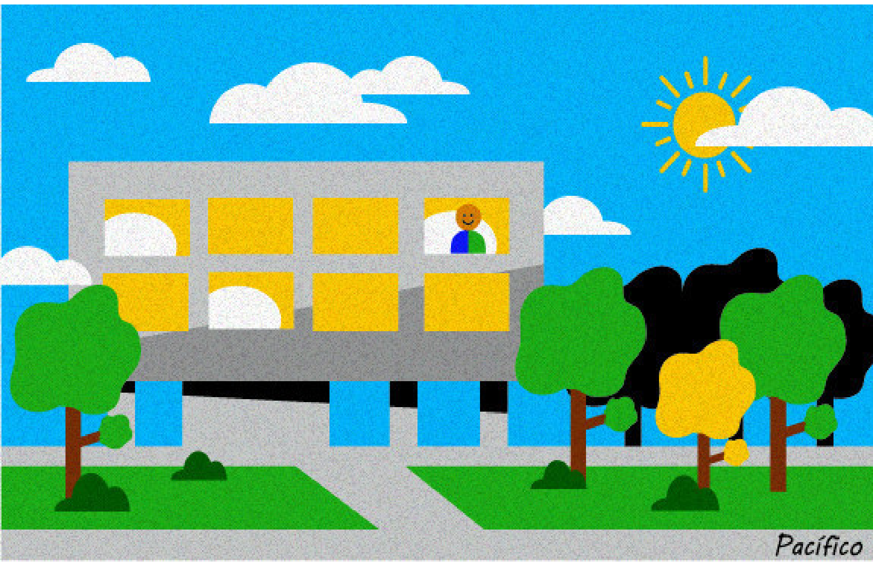
***Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira**



Minha Brasília

MARIANA NIEDERAUER

Meu berço esplêndido



Qual é a sua Brasília? Que Brasília te move, te inspira, te acolhe, te acalma? Entre um ou outro eixo, entre as cidades que formam uma capital jovem e potente, o que te faz sentir em casa nessa terra seca, quente e árida fincada no meio de um planalto ornamentado e alimentado pelo cerrado?

A minha Brasília é a dos parques. A das esquinas invisíveis. A da confusão organizada das tesourinhas. Dos sotaques diversos. Da timidez dos barulhos. É o vão infinito aberto pelos pilotis nas superquadras, com direito a bate-papo e a brincadeira de pique-pega, andanças de bicicleta pelo Eixão ou por outros eixos que se formam no Plano Piloto de Lucio Costa.

Brasília, para mim, é berço. Esplêndido. Numa volta despretensiosa pela cidade, encontro o hospital onde nasci, os outros onde dei à luz, o prédio que meu avô construiu, o primeiro em que meu pai morou nessas terras, as igrejas que marcaram casamentos, batizados e despedidas.

Quando contei para minha filha que todos os bisavós dela eram mais velhos do que Brasília, ela se impressionou. Afinal, como é possível uma pessoa ter mais anos de vida do que uma cidade? Pois aqui o impossível acontece: o céu é o limite para a realização dos nossos sonhos. E como o de Brasília se estende no horizonte sem-fim, com tons de laranja e rosa no fim de tarde, a poesia do firmamento se torna combustível para ir mais longe.

Entramos na terceira geração de brasilienses. Os pioneiros desse projeto ousado que se tornou a capital federal criam seus bisnetos sobre o solo onde, antes, só viam o barro vermelho. As memórias daquele tempo ainda são palpáveis no relato deles. É um privilégio ter contato com pessoas que viveram a história e podem contá-las sob seus pontos de vista.

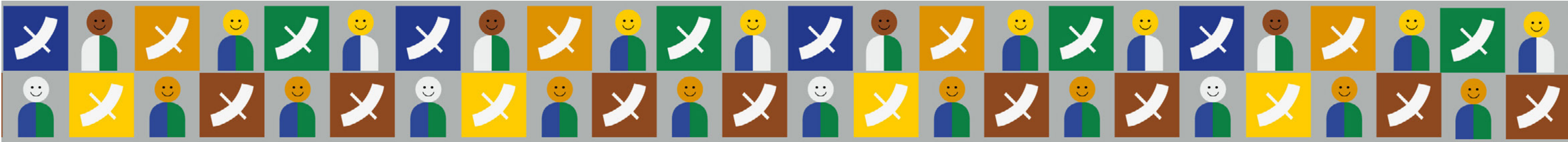
São médicos, arquitetos, profissionais da segurança, pedreiros, eletricistas, músicos, porteiros, vendedores, bancários, diplomatas, servidores públicos, jornalistas, escritores, políticos e tantos outros que transformaram esse espaço em lar e preencheram cada canto do quadradinho com monumentos que completam as obras de Niemeyer.

Essa visão nostálgica da cidade é a que ainda permanece no meu imaginário. Sinto segurança e liberdade ao andar pelas ruas ou buscar um endereço para tomar um café e descansar no fim de semana. É esse sentimento de pertencimento que nutre meu amor pela cidade e o respeito que espero transmitir para cada um dos cidadãos — brasilienses ou não — pelos quais eu esbarre por aqui.

Em sua Sinfonia da Alvorada, Vinicius de Moraes descreve bem a contradição em forma de cidade que se ergueu no centro do Brasil. “No princípio era o ermo / Eram antigas solidões sem mágoa. / O altiplano, o infinito descampado / No princípio era o agreste: / O céu azul, a terra vermelho-pungente / E o verde triste do cerrado. / Eram antigas solidões banhadas / De mansos rios inocentes / Por entre as matas recortadas. / Não havia ninguém. A solidão / Mais parecia um povo inexistente / Dizendo coisas sobre nada.”

O feito de construir a cidade nesse cenário exigiu dos bravos candangos homenageados na Praça dos Três Poderes sangue, suor e lágrimas. Hoje, não é diferente. Brasília se transforma nas suas contradições e enfrenta desafios de grandes centros urbanos — privilegiada no centro e castigada na periferia.

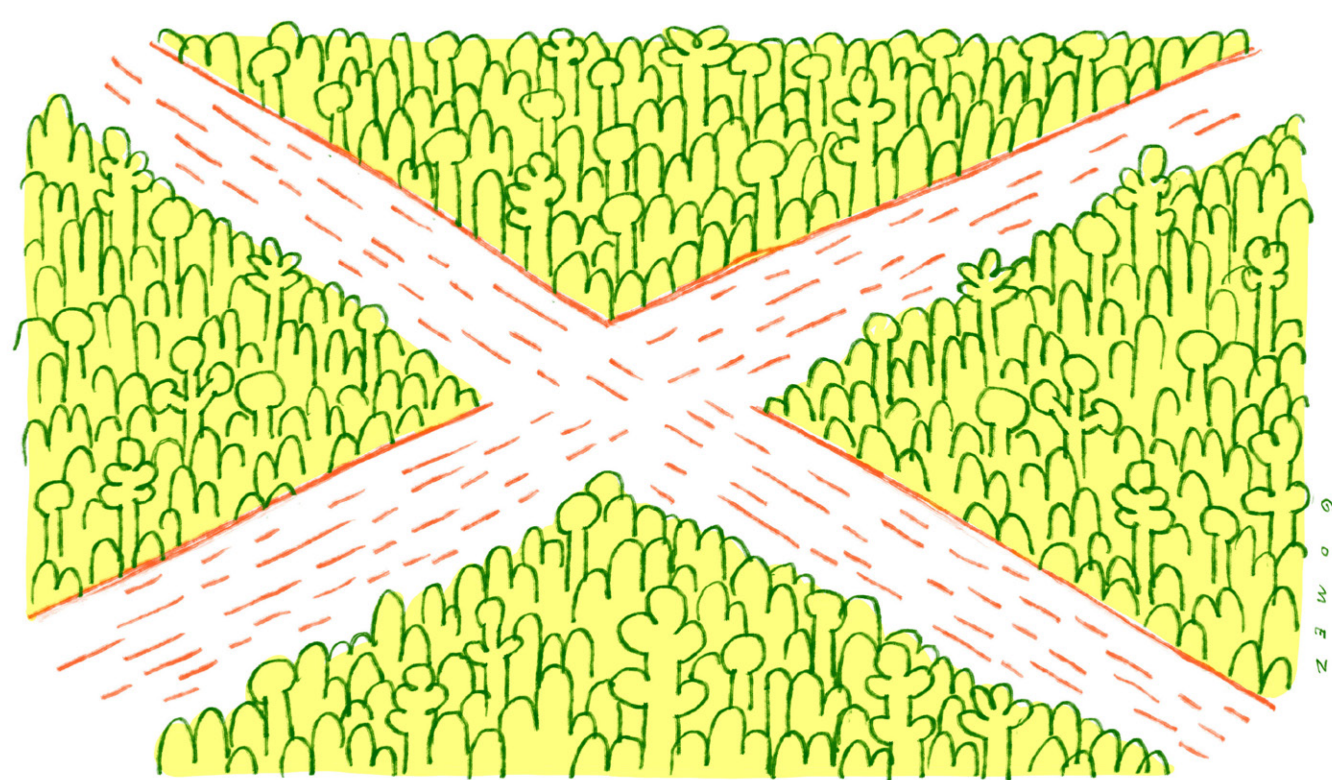
Mas há algo aqui que envolve e cativa, um espírito empreendedor entranhado nas vigas de concreto montadas a muitas mãos. A minha Brasília é essa que transborda descobertas e ativa um caldeirão de cultura.



ARTIGO

SILVESTRE GORGULHO, JORNALISTA E EX-SECRETÁRIO DE ESTADO DE COMUNICAÇÃO E DE CULTURA DO DF

Brasília 65 anos — O 'X' de Fontenelle e o sino de Tiradentes



Brasília saiu do papel para o concreto em 1956, quando Ernesto Silva, diretor da Novacap, publicou, em 30 de setembro, o edital para o concurso do Plano Piloto. Do edital, aberto em 11 de março de 1957, havia 26 projetos participantes. A comissão julgadora selecionou 10 projetos, depois de uma inusitada polêmica. O representante do IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil), Paulo Fagundes, se recusou a votar em um dos 10 escolhidos.

Justamente o projeto de Lucio Costa. Fagundes justificou: "Não era um projeto. Era apenas uma ideia com alguns desenhos". O representante do IAB pediu que o projeto de Lucio Costa fosse retirado e entrasse o 11º em seu lugar". Israel Pinheiro, presidente do júri, pediu que Paulo Fagundes, do IAB, fizesse um voto em separado. Colocou-o em votação. Por maioria, a comissão negou o pedido.

O projeto de Lucio Costa foi salvo graças ao empenho e clarividência do consultor inglês Sir William Holford e pela determinação do arquiteto Oscar Niemeyer, que usou de sua autoridade para definição do primeiro lugar. Assim, em 16 de marco de 1957, foi anunciado o projeto vencedor: o Plano Piloto de Lucio Costa, inventivo, inovador e revolucionário, com uma cidade em quatro escalas. Monumental, que confere à cidade o caráter de capital, onde se concentram as principais atividades administrativas, com destaque para a Esplanada dos Ministérios, Catedral e Praça dos Três Poderes. Gregária, no cruzamento dos dois eixos, onde se situam os setores bancário, hoteleiro, comercial e de diversões.

Residencial, onde estão localizadas as superquadras que reinventaram a forma de morar. Além dos blocos de pilotis, há áreas destinadas a escolas, clubes, comércio e igrejas. E a Bucólica, permeando as três escalas, para formar as áreas livres e arborizadas, conferindo a Brasília o caráter de Cidade-Parque.

Assim começou a gestação da cidade. Era a burocracia das ordens e das leis antes do ronco dos tratores.

Depois de um mês de estudos, o engenheiro Augusto Guimarães Filho, braço direito de Lucio Costa, permitiu que os tratores da Novacap abrissem a primeira clareira: o "X" de Mario Fontenelle. Este Sinal da Cruz é a marca seminal da nova capital, que espelha a aventura geopolítica mais épica do povo brasileiro. O mecânico de avião, Mario Fontenelle, que ganhou uma câmera fotográfica do presidente JK, cravou sua lança no coração do Cerrado. A foto dos eixos, ainda coberts de vegetação, tornou-se o ícone do início da construção.

E o que tem a ver o "X" de Fontenelle com o sino de Tiradentes? Aí entra a sensibilidade cívica e cultural do fundador, presidente Juscelino Kubitschek. Como ex-seminarista e seresteiro, JK conhecia a linguagem dos sinos. Ele sabia que sinos falam. Sabia que cada sineiro está preparado para tocar várias linguagens. Cada toque tem um significado diferente. Pode dar notícia de nascimento ou fúnebres, de festa e hora da missa. Os repiques e os dobres sonoros são uma orquestra de bronze, ecoando por montanhas e vales.

Mas onde Tiradentes e Brasília entram na história dos sinos? Na inauguração de Brasília, o presidente JK mandou buscar o sino da capela do Padre Faria, de Ouro Preto, para ser instalado na Praça dos Três Poderes e anunciar a boa nova: inauguração da cidade. Veja o ressonante simbolismo do pedido de JK. Ele queria o mesmo sino que anunciou e chorou a morte de Tiradentes, em 21 de abril de 1792, anunciando a inauguração de Brasília. Por que este mesmo sino? Porque o sino da capela do Padre Faria foi o único sino do Brasil que pranteou a morte de Tiradentes, desobedecendo às ordens da Corte Portuguesa, que obrigava todos os sinos da Colônia a tocar a alegria da morte de um traidor.

Profundo simbolismo desse ato. O presidente JK fez questão de que o único sino brasileiro que pranteou a morte de nosso Herói da Liberdade, Joaquim José da Silva Xavier, estivesse com sua forte carga de emoção e de história entre os pilares laterais do prédio do Supremo Tribunal Federal, onde foi armado o altar para a celebração da missa rezada pelo cardeal Cerejeira, o legado pontifício.

Na quarta-feira, 20 de abril, às 23h30, o sineiro ouro-pretano Amador Gomes exibiu sua arte com repiques e dobres festivos do sino da capela do Padre Faria, enquanto o cardeal Cerejeira abençoava a Nova Capital. Logo em seguida, por rádio-mensagem direto do Vaticano, o papa João 23 exaltou o "laborioso e generoso povo brasileiro" com sua bênção apostólica.

O "X" de Fontenelle e o sino que pranteou o enforcamento de Tiradentes revivem os 65 anos de Brasília com uma mensagem mais do que simbólica. Tão real quanto atual, clamando por Independência e Liberdade. Cada servidor do Legislativo, Judiciário e Executivo precisa servir ao povo brasileiro, e não se servir do Brasil.

POR AMOR A BRASÍLIA: SENAC-DF GERA OPORTUNIDADES COM EDUCAÇÃO ACESSÍVEL

Apresentado por:





Em uma cidade que nasceu do sonho e da ousadia, o Senac-DF segue escrevendo sua própria história de transformação. Em 2025, quando Brasília completa 65 anos, a instituição reforça seu compromisso com a capital federal por meio de iniciativas que unem formação profissional, inclusão social e amor genuíno pela cidade e por seu povo.

O Senac-DF acompanha esse ritmo, contribuindo ativamente para que a capital continue sendo um lugar de oportunidades e crescimento. Entre os muitos presentes recebidos pela cidade, dois deles se destacam pela força transformadora que carregam: a consolidação do Café-escola Senac-DF Casa de Chá como ponto de referência cultural e gastronômico, e a inauguração do novo Centro de Educação Profissional Miguel Setembrino, no coração do Setor Comercial Sul.

As ações fazem parte do compromisso do Senac-DF com o desenvolvimento humano e profissional da capital federal, promovendo oportunidades, gerando impacto social e valorizando a educação como pilar do progresso. A instituição, braço do Sistema Fecomércio-DF, tem investido fortemente em iniciativas que aproximam ensino e prática, teoria e mercado. E os resultados são visíveis.

Casa de Chá: experiência, formação e sabor em um só lugar

Inaugurado em junho de 2024, o Café-escola Senac-DF Casa de Chá virou ponto de encontro de quem aprecia chás, cafés especiais e gastronomia de qualidade. Mas o que poucos percebem à primeira vista é que cada atendimento e cada prato servido ali fazem parte de uma engrenagem poderosa de formação profissional. Por trás do balcão, estão alunos dos cursos do Senac-DF colocando em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, com supervisão técnica e foco na excelência.

"A Casa de Chá é um ambiente de aprendizado, excelência e troca de experiências", afirma o diretor regional do Senac-DF, Vitor Corrêa. "Ver mais de 100 mil pessoas passando pelo café-escola é a prova do impacto positivo que geramos na comunidade e na formação de profissionais da gastronomia."

Além de sabor e hospitalidade, o espaço oferece oportunidades reais de vivência prática — um dos diferenciais mais valorizados pelo mercado de trabalho atual. O projeto também reforça o papel do Senac como agente de inclusão social, ao capacitar jovens e adultos para atuarem de forma qualificada no setor de alimentos e bebidas, um dos que mais emprega no Brasil.

Novo Centro Miguel Setembrino: estrutura de ponta no coração de Brasília

Outro marco importante é a inauguração do novo Centro de Educação Profissional Miguel Setembrino, localizado na quadra 4 do Setor Comercial Sul. Com 6.180 m² distribuídos em nove andares, a nova unidade já nasce como a maior do Senac-DF. E a proposta é ambiciosa: oferecer uma formação profissional moderna, com foco nas demandas do mercado, e contribuir diretamente para a revitalização de uma das regiões mais emblemáticas da capital.

"O Senac-DF reforça sua presença na região e amplia as oportunidades de qualificação profissional, ao mesmo tempo em que contribui para a valorização do Setor Comercial Sul, um polo econômico e cultural fundamental para Brasília", afirma José Aparecido Freire, presidente do Sistema Fecomércio-DF.

A nova unidade tem capacidade para atender até 5 mil estudantes e já iniciou suas atividades com um corpo docente de 90 instrutores. São mais de 30 cursos ofertados, com ênfase nas áreas de bem-estar, saúde, turismo e gastronomia — entre eles, capacitações em alta demanda como camareiro(a), barista, técnico em enfermagem e massoterapia. Os laboratórios de alta fidelidade para cursos de saúde permitem simulações realistas e contato com tecnologias avançadas, um diferencial que prepara os alunos para os desafios do mundo real.

"O nosso objetivo é formar profissionais altamente qualificados, proporcionando uma experiência de aprendizado inovadora, com infraestrutura de ponta e equipamentos modernos", explica Vitor Corrêa.

Impacto social e geração de oportunidades

Com iniciativas como a Casa de Chá e o novo centro no Setor Comercial Sul, o Senac-DF mostra que sua atuação vai muito além da sala de aula. Mas há muito mais em andamento

— e ainda mais por vir. Com cursos acessíveis, ensino de excelência e projetos que dialogam com as necessidades reais da população, o Senac-DF reafirma seu compromisso com Brasília e com cada pessoa que escolhe mudar de vida por meio da educação. Essa é a Brasília que queremos. E essa é a Brasília que o Senac-DF ajuda a construir.

Trata-se de um trabalho com impacto direto na vida das pessoas, no fortalecimento do comércio e serviços locais, e na valorização de espaços urbanos que precisam ser ressignificados. Esses esforços fazem parte de uma visão estratégica: oferecer educação profissional de qualidade, de forma acessível, e que gere efeitos concretos tanto para os alunos quanto para o desenvolvimento do Distrito Federal.

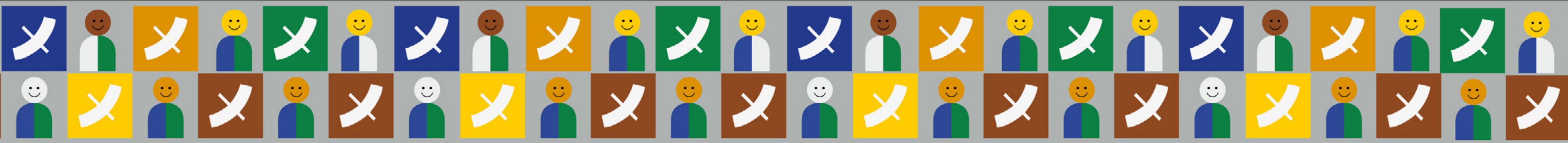
O presidente da Fecomércio-DF, José Aparecido Freire, reforça esse compromisso com a sociedade. "Estamos investindo no futuro profissional dos trabalhadores brasilienses. Mais do que capacitar, queremos transformar vidas, estimular o empreendedorismo e fortalecer a economia local", destaca.

Ao combinar formação técnica, inovação pedagógica e compromisso social, o Senac-DF consolida sua posição como uma das instituições mais relevantes para a transformação do cenário profissional no DF. As conquistas recentes demonstram que, quando se investe em educação com foco no futuro e com os pés na realidade, os resultados aparecem — em forma de empregos, inclusão e desenvolvimento regional.

O Senac-DF é um lugar de oportunidades!

CB Brands ESTÚDIO DE CONTEÚDO | ESTÚDIO DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO PARA ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO DE MARCAS.

Eufrázio





ARTIGO

POR LUCIO RENNÓ, PROFESSOR ADJUNTO DO INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

Desafios e **oportunidades econômicas e sociais** do DF



Distrito Federal tem características econômicas e sociais marcantes, que se mantêm estáveis ao longo das décadas, demonstrando enorme resiliência. A primeira é a concentração da economia no setor de serviços, com forte presença da administração pública. Praticamente toda a economia local — 95%, conforme estudos do IPEDF sobre o Índice de Desenvolvimento Econômico (Idecon) — é dominada por esse setor.

Ademais, há uma concentração territorial dos empregos de mais alta remuneração nas regiões administrativas centrais — o Plano Piloto em particular. Os empregos do serviço público, com remuneração média quase três vezes superior à da iniciativa privada, estão localizados na área central, enquanto nas demais regiões prevalecem empregos em outros tipos de serviços — principalmente gerais — e no comércio.

Por último, a taxa de desemprego tem caráter quase estrutural, oscilando em torno de 15%, com níveis duas vezes maiores para jovens de 16 a 24 anos. O primeiro emprego segue sendo um enorme desafio, especialmente para aqueles de mais baixa renda, conforme estudos da Pesquisa de Emprego e Desemprego do Dieese e IPEDF. Além desses elementos, há dois adicionais que impactam o crescimento local: o alto custo da mão de obra e da terra, que dificultam a atração de novos negócios.

Essa dinâmica coloca desafios para o desenvolvimento econômico da região com inclusão social e sustentabilidade ambiental — preceitos fundamentais para qualquer estratégia de crescimento. Uma economia mais diversificada, com maior presença da indústria e articulação com o setor agropecuário, agregando valor a bens produzidos localmente, abriria alternativas de geração de empregos qualificados.

O Zoneamento Econômico Ecológico visava orientar esse processo no DF, mapeando características sociais e ambientais da região, mas foi relegado ao esquecimento. Outros projetos apostaram na criação de polos para impulsionar indústrias específicas em determinadas localidades, distribuindo empregos na região. No entanto, o impacto foi baixo: o polo de modas do Guará virou empreendimento imobiliário, e muitos outros nem saíram do papel.

> **O DF apresenta oportunidades relevantes: a renda média é uma das mais altas do país, o PIB per capita é o maior do Brasil, os níveis de escolaridade são elevados, assim como o uso e o acesso à internet"**

A concentração de empregos bem remunerados na área central gera problemas de mobilidade urbana, com um sistema de transporte público radial, baseado em ônibus, saturado, caro e com longos tempos de deslocamento. Isso reforça a dependência do carro. Pesquisas do Observatório de Políticas Públicas do DF (ObservaDF) mostram a insatisfação da população com os ônibus. Já estudos do IPEDF indicam que os carros no Plano Piloto vêm da própria RA ou de regiões adjacentes (Lago Sul e Norte, Jardim Botânico, Sobradinho II e Guará). Os habitantes das cidades mais pobres vêm de longe e de ônibus.

Por fim, o problema do emprego, especialmente o primeiro, passa pela qualificação do trabalhador para a realidade local, focando nos setores que mais oferecem vagas e melhor remuneram. A formação técnica deve ser guiada pelas demandas do setor produtivo. Assim, o desenvolvimento de uma estratégia orientada por dados torna-se central para qualificar o trabalho na região.

Apesar dos desafios significativos, o DF apresenta oportunidades relevantes: a renda média é uma das mais altas do país, o PIB per capita é o maior do Brasil, os níveis de escolaridade são elevados, assim como o uso e o acesso à internet. Há um mercado consumidor para produtos de alto valor agregado e um público que investe em cultura e entretenimento. A região também conta com inúmeras universidades, podendo se tornar um polo de inovação. Investir nessas vantagens comparativas é um caminho que merece ser melhor explorado.

Sindivarejista DF | 55 Anos

contribui para a expansão da economia





Passados 55 anos desde a sua fundação em 1970, o Sindicato do Comércio Varejista do Distrito Federal (Sindivarejista) contribui para o fortalecimento da economia com a geração de empregos e renda. Ele atua desde a sua criação tanto no Plano Piloto como nas regiões administrativas.

Mantendo contatos frequentes com seus associados, diretores e conselheiros, o presidente do Sindivarejista, empresário Sebastião Abritta (foto), radicado em Brasília desde 1987, argumenta que "esses encontros servem para que se tenha um perfil atualizado do setor em todo o DF. É nossa função ouvir os varejistas e suas reivindicações voltadas para a expansão e atualização de seus negócios. Os pleitos são encaminhados a diferentes setores governamentais. Reunindo hoje mais de 40 mil estabelecimentos, o segmento emprega cerca de 120 mil pessoas", observa Abritta.

Ele atribui a expansão do Sindivarejista "a todos os comerciantes que contribuíram e contribuem para a existência vitoriosa da instituição ao longo dos últimos 55 anos".

CURSOS

Uma das preocupações do sindicato é a de promover com outras entidades – como Sesc e Senac – cursos de atualização profissional para quem trabalha em lojas de rua e de shoppings.

"A excelência no atendimento é uma das metas que sempre buscamos para fazer do comércio varejista um setor atuante e moderno", afirma Abritta.

Neste sentido, o sindicato criou nos anos 1980 o Balcão de Empregos, onde quem deseja trabalhar em lojas deixa os dados pessoais no site www.sindivarejista.com.br e passa a esperar a convocação.

SERVIÇOS OFERECIDOS

O Sindivarejista oferece a seus associados serviços como consultoria jurídica, exames médicos, certificados para empresas que precisam comprovar categoria profissional ou exclusividade de produtos e/ou serviços para participação em licitações públicas, por exemplo, exames médicos admissionais, demissionais e periódicos, além de homologação de atestados médicos para funcionários de empresas associadas.

Anualmente, o Sindivarejista participa da Convenção Coletiva de Trabalho juntamente com o Sindicato dos Empregados no Comércio. A convenção estabelece em quais feriados o comércio vai abrir ou fechar, salários dos comerciários e rescisões, entre outros pontos.

O Sindivarejista funciona em prédio próprio no Setor Comercial Sul, quadra 6, Edifício Newton Rossi, 4º andar.

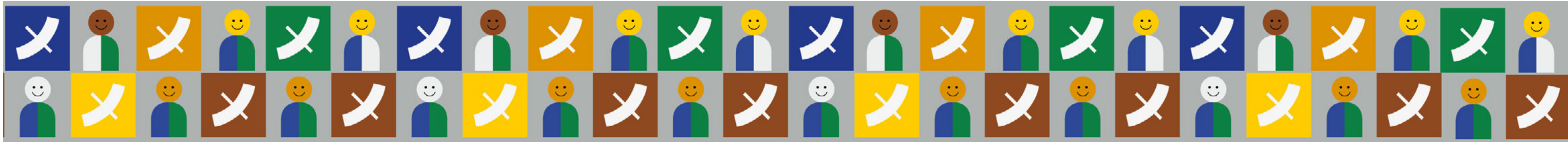
PESQUISAS

Para saber o comportamento do varejo, o Sindivarejista realiza pesquisas relacionadas ao comportamento das vendas em datas especiais como Natal, Carnaval, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Black Friday e Páscoa.

"Esses estudos contribuem para nortear lojistas e consumidores", frisa Abritta.

O Sindivarejista tem como vices-presidentes os empresários Talal Abu Allan, Antônio Matias e Geraldo César de Araújo.

Telefone do Sindivarejista: (61) 3012-9090 | E-mail: sindivarejista@sindivarejista.com.br



Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Miguel Galvão à frente dos parceiros: o Infinu é um modelo que traz o futuro

Economia criativa e comunidade

Espaços como o Infinu se destacam na cidade e atraem ideias e público num ambiente cultural e gastronômico

» MARIANA SARAIVA
» LUIZ FELLIPE ALVES*

O nome Infinu entrega o recado: um espaço onde as possibilidades se estendem além do óbvio. Localizado na 506 Sul, esse refúgio urbano é um ponto de encontro vibrante onde arte, moda, gastronomia, cultura, inovação e empreendedorismo se entrelaçam em um só corpo pulsante.

Inaugurado em junho de 2020 pelos criadores do consagrado evento PicniK, o Infinu rapidamente tornou-se o epicentro da economia criativa brasiliense. Um verdadeiro laboratório cultural a céu aberto, onde ideias ganham vida, marcas florescem e a diversidade artística encontra seu palco.

Entre lojas colaborativas, estúdios de tatuagem, salões de beleza e operações gastronômicas, o espaço ainda sedia eventos como shows, feiras e palestras. Tudo isso contribuindo ativamente para a revitalização da icônica avenida W3 Sul — um movimento que reacende o brilho cultural da região.

Miguel Galvão, um dos sócios e idealizadores do projeto, destaca a importância do Infinu. "A ideia é que a pessoa respire a criatividade candanga — seja tomando um suco, cortando o cabelo ou assistindo a um show. A gente defende a criatividade como o emprego do futuro", explica.

E o futuro, aqui, já é presente. Segundo Miguel, criar um hábito cultural demanda constância. "Cultura é um músculo, precisa ser exercitado. Por isso, a importância de termos um espaço permanente, que dialogue com a cidade no cotidiano", enfatiza.

Para ele, Brasília é uma galeria a céu aberto. "Poucas pessoas no mundo têm o privilégio de viver numa cidade que é, por si só, uma obra de arte. Isso tudo potencializa o nosso mercado criativo. O Infinu é uma vitrine viva, que acolhe tanto os experientes quanto quem está começando."

O impacto vai além da arte. Em apenas um ano, o espaço recebeu cerca de 400 shows. "Tem o músico, o técnico de som, o bar, o público. É uma cadeia produtiva que movimenta muita gente. Ver isso tudo se movimentando inspira — é uma transformação que reverbera em rede", completa.

Confira entrevista sobre e economia criativa e a Infinu

Sabores e histórias

Na cozinha do Infinu, os temperos também contam histórias. E nenhuma é igual à outra. Camilo Vanni, sócio do restaurante Yakiton, trouxe para o espaço sua fusão de sabores asiáticos com a alma brasileira. "A proposta sempre foi trazer uma culinária oriental quente, com releituras de pratos tailandeses, japoneses e chineses, mas com um tempero nosso", diz.

Após passar por regiões como Vila Planalto e SIA, a escolha da 4ª unidade foi a Infinu. "Aqui é uma vitrine cultural. As pessoas vêm aqui buscando experiências. E o melhor, ninguém aqui vê o outro como concorrente. Somos uma comunidade."

A Alfredo's Pizzaria também encontrou no Infinu o lugar ideal para expandir seu legado de 17 anos. Aylton Tristão, fundador da marca, criou a pizzaria por pura necessidade. "Saía dos bares à noite e sentia falta de uma boa comida leve e rápida. Queria algo como na Itália — sem frescura, sem talher, comendo com a mão mesmo." Quando conheceu o Infinu, identificou-se de cara. "Não vim focado no lucro. Vim pelo acolhimento. O lugar é descolado, informal, diverso. Aqui todo mundo cabe", ressalta.

Sustentabilidade

Na vitrine da moda, a pegada também é verde. Luana Paiva é fundadora de uma marca de calçados ecológicos que une consciência ambiental com estética contemporânea. "Queríamos oferecer conforto, versatilidade e sustentabilidade — tudo num só produto", diz.

A escolha pelo Infinu foi estratégica. "O público aqui entende e valoriza a moda consciente. E o mais curioso: achávamos que só atrairíamos jovens, mas temos clientes de 83 anos que adoram nossas estampas", conta a proprietária. Fazer parte da comunidade, para ela, é mais do que ter um ponto físico. "Todo mundo se ajuda, se incentiva. É uma rede onde um acredita no sonho do outro — e consome o que o outro cria."

Divulgação



Eduardo e Mônica: Marquinho Vital, Rony Meolly e Diogo Villar são mais que um grupo

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Luana Paiva: fazer parte da comunidade é mais do que ter um ponto físico

O bloco que virou **memória coletiva**

Se há algo que traduz a alma cultural de Brasília, é o bloco Eduardo e Mônica. Criado em 2017, o projeto nasceu da vontade de celebrar a música brasiliense — e se tornou uma das expressões carnavalescas mais queridas da cidade. "O ponto de partida foi a música da Legião Urbana. Ela representa o espírito irreverente, romântico e autêntico de Brasília", conta Rony Meolly, vocalista e idealizador do bloco. "Queríamos um carnaval com afeto, identidade e pertencimento."

O bloco faz questão de fortalecer a cena local, reunindo músicos, marcas e artistas do DF. "É um motor da economia criativa. A experiência afetiva que oferecemos ajuda a impulsionar talentos e negócios com a cara da cidade", acrescenta.

Para Rony, música é memória. "Quando cantamos *Eduardo e Mônica*, ativamos lembranças que unem gerações. O bloco é uma celebração da nossa identidade — um manifesto coletivo de orgulho cultural", afirma.

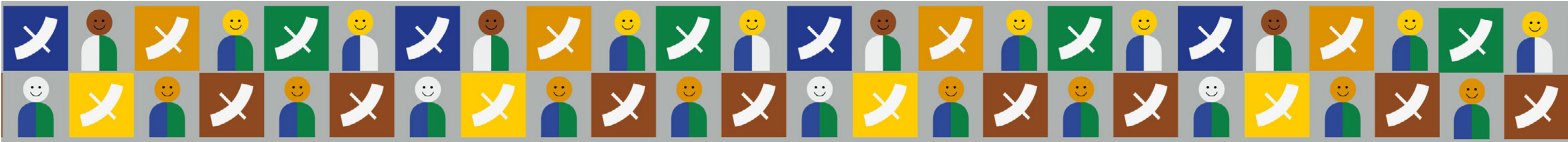
***Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira**

65 ANOS

Pinheiro faz 65 anos.
E Brasília também.
Gigantes desde o começo.

pinheiro FERRAGENS DESDE 1960

Eufrázio



Versos espalhados nas quadras

O Coletivo Transverso utiliza a poesia para estabelecer um diálogo entre a arquitetura de Brasília e seus habitantes

» NAHIMA MACIEL

Pode ser no Clube do Choro, nas placas das superquadras, numa tesourinha, numa parada de ônibus e até numa caixa de luz, as frases e poemas do Coletivo Transverso pregadas em forma de lambe (cartaz em papel) pela cidade carregam uma certa familiaridade para quem circula por Brasília. São pílulas de diálogo entre o passante e a cidade, elaboradas por pessoas que, um dia, deram-se conta de como o coletivo é transformador.

Criado em 2011 por Patrícia del Rey, Patricia Bagniewski e Cauê Maia, o Coletivo Transverso nasceu da vontade de colocar nas ruas poemas que dialogassem com a cidade e seus habitantes. De lá para cá, a formação mudou — saiu Patricia Bagniewski e entrou Rebeca Damian —, mas a proposta continuou a mesma, e todas as frases foram criadas em conjunto. "A gente faz questão de não assinar. Nossa assinatura é a própria estética, exatamente para as pessoas verem essas poesias como se fossem da própria cidade", explica Patrícia del Rey, uma baiana que chegou a Brasília na adolescência e ficou abismada com o modo de vida no Planalto Central. "Para mim, era revolucionário ter uma cidade sem grades, com pessoas no meio da rua se encontrando. A gente, do coletivo, tem uma relação de afeto muito grande com a cidade, e de escuta também", diz. "E a gente recebe essa provocação da cidade, usa as paredes como páginas em branco para escrever esses poemas: a cidade é tema, tela e a própria obra."

Para a artista, a graça do lambe é ver Brasília movimentando-se por meio das frases, dos comentários, das pessoas que param para ler. "Aí a gente testa o que é arte, o que é política, o que é sonho e o que é concreto", garante. Uma das intenções dos lambes é romper com o ritmo burocrático e planejado, como se a poesia devolvesse a cidade àqueles que a habitam e a vivem. "Mas com olhar mais crítico, mais sensível e mais presente", avisa Patrícia. A arte do Transverso é um convite para a pausa, a reflexão e a participação ativa na paisagem.

Nascido em São Paulo, Cauê cursava mestrado em literatura na Universidade de Brasília (UnB) quando conheceu o Transverso. Na época, o artista fazia intervenções na rua misturando a aplicação de spray sobre stencil e haikai, um formato de poemas curtos em três versos. "Começamos fazendo poemas curtos e imagens em moldes vazados e saindo para aplicar com spray em Brasília. A proposta foi tomando corpo, e percebemos um desejo mútuo de incluir mais poesia na cidade", conta.

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Patrícia del Rey: "Nossa assinatura é a própria estética, exatamente para as pessoas verem essas poesias como se fossem da própria cidade"

Coletivo Transverso



Lambes pelas ruas de Brasília do Coletivo Transverso

Coletivo Transverso



A poesia ocupa e chega a qualquer espaço da cidade

Coletivo Transverso



Urbanidade se humaniza com os versos do grupo

Paula Caruba



Rebeca Damian e Patrícia del rey, do Coletivo Transverso

O artista acredita que a intervenção artística no meio urbano promove formas mais generosas e menos violentas de conviver no espaço público sem a mediação do dinheiro. "As pessoas podem até discordar, mas o convívio com o diferente e a possibilidade de transformar nossas realidades são elementos fundamentais da vida em sociedade", diz. Para ele, a arte instaura novas esferas de diálogo, novos usos sociais dos territórios compartilhados e novos desejos capazes de transformar o mundo em um lugar mais acolhedor e justo. "É parte de um sonho utópico e talvez irrealizável, mas capaz de evidenciar aquilo que precisamos mudar", acredita.

Educação

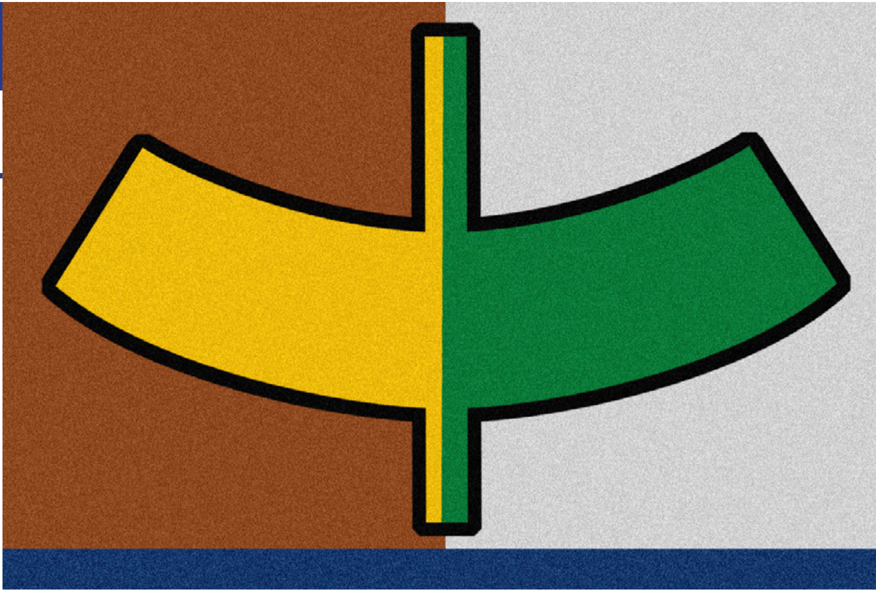
Além dos lambes com poesias, o Transverso também desenvolve um trabalho de arte-educação por meio de uma série de atividades. São oficinas realizadas periodicamente e abertas à comunidade para que todos criem, juntos, novas frases e poemas. Os mutirões são organizados para colar os pequenos cartazes pela cidade. "Nas oficinas, onde a gente conversa sobre a cidade, fazemos exercícios de escrita criativa e saímos andando pela cidade. Pedimos às pessoas para anotarem os sons ou o próprio observar delas, e isso vai sendo lapidado em conjunto", conta Patrícia. "Porque a potência do coletivo é ser uma voz múltipla."

Cauê encara a própria atuação como artista como um meio para dialogar com as pessoas que habitam a cidade. "Desde o início do nosso trabalho, a arte-educação foi uma das nossas principais atividades. Se meu desejo de expressão era uma motivação inicial, o desejo de compreender o outro e de instaurar novas superfícies de criação colaborativa no espaço público rapidamente se mostrou a parte mais potente do trabalho", garante.

Patrícia del Rey projeta o coletivo para o futuro da cidade. O Transverso veio, ela diz, para escrever a cidade. "E para olhar essa dramaturgia urbana que está acontecendo. A gente quer que Brasília continue sendo um espaço de criação que ajude na reinvenção da cidade. É uma cidade de jovem que carrega muitos silêncios, mas esses silêncios incitam perguntas." Para ela, é importante que Brasília continue sendo escrita não pelos que mandam temporariamente, mas pelos que vivem diariamente o cotidiano dos eixos e das tesouras, pelos artistas, poetas e trabalhadores.

Minha Brasília

GRAÇA SELIGMAN



Entre sonhos e realidades

A minha Brasília tem um céu azul de tirar o fôlego, amarela ocre nos meses da seca e com o tempo tornou-se verde, muito verde. Brasília é uma cidade única, nascida do sonho de ocupar o interior do Brasil e da visão ousada do Presidente Juscelino Kubitschek. A escolha do projeto urbanístico de Lucio Costa e a genialidade de Oscar Niemeyer na arquitetura modernista deram vida a esta cidade monumental.

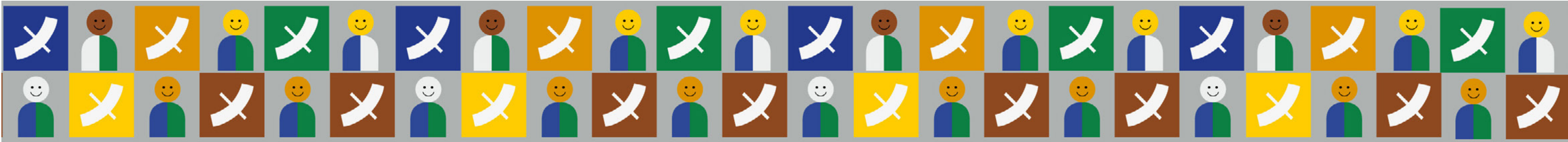
Artistas como Athos Bulcão, Alfredo Ceschiatti, Burle Marx, Marianne Peretti, Dulcina de Morais, Cândido Portinari, José Pedrosa e muitos outros contribuíram para transformar esse sonho em realidade. A música também encontrou seu espaço, com nomes como Odette Ernst Dias, Dilermando Reis, Pernambuco do Pandeiro, Assis Carvalho, Jacob do Bandolim e o grande Waldir Azevedo, que fizeram do chorinho a trilha sonora de Brasília. O Clube do Choro, liderado por Reco do Bandolim, conquistou a todos. Este projeto, em todas as suas dimensões, é um ícone mundial, um verdadeiro símbolo do sonho moderno.

O planejamento urbano faz de Brasília uma cidade funcional e organizada, com suas amplas avenidas, áreas verdes e setores bem definidos para comércio, serviços e residências. A diversidade de origens, credos, cores, religiões e paixões é a base de sua cultura. A cidade atrai pessoas de todo o Brasil e do mundo, criando um caldeirão multicultural que se reflete na culinária, nas festividades e nas artes locais. Os eventos culturais são tão variados quanto interessantes, e a presença do governo federal traz um dinamismo único à cidade.

E as pessoas? Ah, as pessoas! Convivendo com os brasilienses, você encontra um povo aberto e amigável. Brasília me presenteou com tantos amigos! Gosto de ver o lado bom da cidade, mas não posso ignorar que minha Brasília tem sérios problemas. Alguns problemas persistem porque não são enfrentados com determinação, e interesses mesquinhos atrapalham.

O transporte público é um exemplo disso, um enigma que parece sem solução, mas não é. É como se a vontade política tivesse tirado férias permanentes! O transporte público em Brasília é um desafio que persiste há décadas, afetando a vida de muitos. Ele não cobre eficientemente as áreas mais distantes, e a frequência é, digamos, imprevisível. Sem mencionar a situação precária dos ônibus, que são desconfortáveis e colocam a segurança dos usuários em risco. E o custo? É muito salgado em relação à renda da população. Precisamos entender e acreditar na frase bastante conhecida que diz "um país desenvolvido não é aquele onde o pobre tem carro, mas, sim, onde todos, ricos e pobres, usam o transporte público".

Outro problema grave é o nível intolerável de agressões e assassinatos de mulheres. Brasília lidera vários rankings de feminicídio, e essa parece ser uma epidemia que se alastra e está longe de ser contida. Vem de muito longe essa cultura de desrespeito e ódio às mulheres. Mas piorou. Será que é sinal dos tempos, das redes sociais, do encontro de um grupo social urbano e cosmopolita com outro rural e vindo de pequenas cidades? Não sei, mas teremos que enfrentar esse ódio e desrespeito às mulheres como um dia criamos a cultura de respeitar a vida do pedestre, ensinando a todos a beleza de parar na faixa, a beleza de respeitar o outro e fazer a vida em sociedade muito melhor.



ARTIGO

ROZANA REIGOTA NAVES, REITORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

"Univer(s)-cidade: do **sonho-conceito** aos **nossos dias**"

Brasília e sua universidade federal. O sonho de interiorizar a capital do Brasil tomou forma por decisão política do então Presidente Juscelino Kubitscheck de construir Brasília no planalto central. Dos documentos do concurso em que foram selecionados os projetos arquitetônico, de Oscar Niemeyer, e urbanístico, de Lucio Costa, extrai-se o conceito: "Será ao mesmo tempo uma cidade derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional. Será monumental pela simplicidade em seu traçado". O projeto contemplava uma ampla área, no Plano Piloto, destinada à universidade da nova capital, na qual não tardaram a ser erguidas as primeiras edificações.



A Universidade de Brasília (UnB) na capital do país. O sonho da universidade moderna, autônoma e universal, capaz de responder aos problemas do país, foi tornado realidade pelo trabalho incansável de Darcy Ribeiro. O conceito pedagógico, sustentado pela experiência do educador Anísio Teixeira, estava descrito no Plano Orientador da UnB: "Uma universidade nova, inteiramente planificada, estruturada em bases mais flexíveis". A Capital da Esperança inaugurava, dois anos depois, a possibilidade de o Brasil esperançar pela via da educação superior. Cidade e universidade, nascidas da utopia coletiva de mulheres e homens que vieram construir e habitar a região central do país. Não se concebe Brasília, e sua expansão, desarticuladamente da UnB, que hoje alcança, por intermédio da sua estrutura multicampi, diferentes regiões, como Planaltina, Ceilândia e Gama.

Completamente integrada à cidade, a Universidade de Brasília recebe estudantes de todas as regiões administrativas do Distrito Federal e do entorno, realizando a importante missão de formar cidadãos e cidadãs críticos(as) e conscientes do seu papel social no desenvolvimento científico e tecnológico do país, em um contexto em que a diversidade está representada e a pluralidade de ideias constitui os pilares do debate democrático.

Assim, a história da cidade e da UnB se imbricam. Enquanto o país estava submetido ao regime militar sediado em Brasília, a universidade resistia. Quando a sociedade foi às ruas pela democratização, a universidade se constituía como a base da luta. Música, cinema e arte no DF tiveram (e tem) origem na universidade, que também se fez (e se faz) na formulação de políticas públicas locais, regionais e nacionais, em diversos campos de expressão pluricultural.

Quando a pandemia de covid-19 afligiu todo o DF e o território nacional, a universidade abriu os seus espaços e laboratórios para a pesquisa avançada, e o seu hospital para a assistência aos pacientes. Resiliente, a universidade resistiu aos cortes orçamentários e tem sido um bastião no enfrentamento a conservadorismos e autoritarismos. A presença da Universidade de Brasília na cidade é sentida não apenas pelo ensino graduado e pós-graduado e pela pesquisa e inovação, mas também pela extensão.

Os inúmeros projetos e parceiros, em todas as áreas do conhecimento, revelam a relação intrínseca entre Brasília e a UnB — a universidade necessária, plural e conectada com o território. O sonho de experienciar essa universidade-conceito e de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e comprometida com o meio ambiente e com a justiça social ainda hoje faz brilhar os olhos de milhares de pessoas de todas as idades. Por isso, nesta data especial, queremos nos congratular com a cidade que nos acolhe e com todas as pessoas que compreendem a relevância social da universidade pública, gratuita e de qualidade na capital federal.

Parabéns para Brasília e para a UnB!

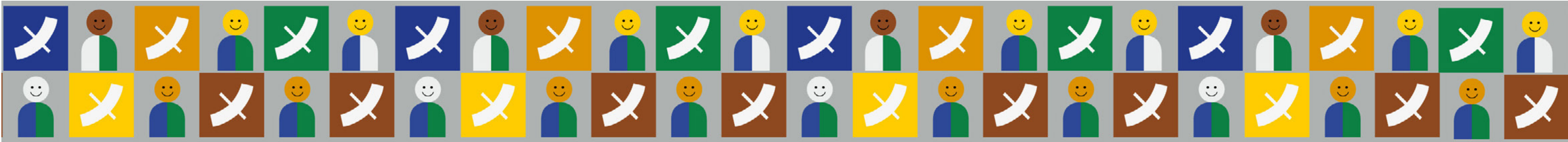
LEIA O QR CODE

Acesse o nosso site
memoriabrasal.com.br
e conheça a história de quem
nasceu junto com Brasília!

Brasal

Parabéns
Brasília
pelos seus 65 anos!

Brasal e Brasília,
histórias que inspiram.



Saúde e mente tranquilas

Cada vez mais brasilienses praticam yoga e meditação em busca de calma e relaxamento, além de interagir com outras pessoas

» MARIANA REGINATO*

Fotos: Luís Nova/CB/D.A Press





Aline: "A relação com as pessoas são trocas que nos fortalecem"

Segundo os praticantes, yoga aproxima as pessoas, contribuindo para uma rede com afinidades genuínas

Para curtir a cidade, os brasilienses têm muitas opções, como correr no Parque da Cidade, praticar esportes radicais ou fazer atividades no Lago Paranoá. Mas alguns moradores preferem a do yoga e da meditação. Apesar de parecer uma atividade individual, o momento de exercício e relaxamento pode se tornar um local de amizades e de cura.

O yoga é uma prática milenar que surgiu na Índia e promove o equilíbrio entre o corpo e a mente. Localizada na 805 Sul, a Embaixada da Índia oferece aulas gratuitas todas as terças e quintas, às 18h, e aos sábados, às 8h30. Jane Carmem de Souza, professora de yoga de 42 anos, é residente em Brasília há 21 anos e teve seu primeiro contato com o yoga em 2005. Atualmente, a professora atua na embaixada e proporciona aulas para alunos de diversas idades.

Ela explica que a palavra yoga vem da raiz verbal yuj, que significa união. "Por meio do seu próprio significado, é possível ver sua importância, tanto na relação com a gente mesmo, bem como na relação com as pessoas, o meio ambiente, nas nossas relações profissionais e com a própria espiritualidade", destaca a professora. Para ela, o yoga permite a compreensão de que cada ser tem sua importância, e foi em Brasília que Jane construiu um laço eterno com a prática. A professora destaca que a atividade entrou na sua vida como cura. Inicialmente, Jane estava em um processo de cura de um câncer e, em vários momentos, o yoga ajudou com a ansiedade e depressão.

Caminho

Para José Marcelo de Luna, praticante há 15 anos e professor do mestrado e do doutorado em direitos humanos na Universidade de Brasília (UnB), o caminho foi similar. "Embora eu tenha tido vontade de me envolver com a prática antes, foi só a partir de um problema emocional que me motivei a começar e me manter em atividade constante", comenta.

José Marcelo havia praticado individualmente, mas a atividade em grupo, para ele, é fundamental no exercício do yoga. "Os grupos são essenciais à vida humana. Para mim, que à cidade cheguei há menos de dois anos, relacionar-me de forma integrada à prática do yoga é pertencer a uma comunidade que deseja o melhor para o mundo. Pratiquei noutras cidades e países onde morei, e é sempre pelo yoga que me sinto unido", ressalta. Atualmente, o professor participa do projeto Mover Juntos na Universidade de Brasília.

O Mover Juntos existe há mais de 15 anos e tem como intuito oferecer o yoga para todos. As aulas acontecem no Centro Olímpico da UnB, nas terças e quintas, às 18h. Aline Fernandes, de 41, é instrutora de yoga e uma das coordenadoras do projeto. Sua trajetória na prática iniciou da necessidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal de outras pessoas. "As relações com as pessoas são trocas que nos fortalecem, extremamente enriquecedoras para ambas as partes. O yoga aproxima as pessoas, principalmente por conta da filosofia de vida que a compõe, contribuindo para uma rede com afinidades genuínas", detalha a instrutora.

Meditação

Além do yoga, a meditação também traz calmaria para grupos de brasilienses. A Sociedade Vipassana de Meditação é um dos locais que oferece encontros gratuitos três dias da semana. Na quarta-feira, às 8h, a meditação guiada é realizada de forma on-line e o condutor está aberto para perguntas. Na quinta, a prática é realizada na Sociedade de Vipassana, na 909 Norte, e é chamada de quinta da bondade amorosa.

O encontro reúne 12 temas relacionados ao equilíbrio emocional, como compaixão e amorosidade, e também fala sobre estados de desequilíbrio como culpa, raiva e medo. Aos sábados, a prática acontece, à tarde, com 30 minutos de yoga seguidos de 45 minutos de meditação.

Rosângela Lins, diretora da Sociedade de Vipassana de Meditação, conheceu a prática da meditação há mais de 14 anos e acreditava que não teria perfil para a atividade. "Minha mente era muito agitada, depois que consegui entrar na meditação e percebi que me fazia muito bem, queria compartilhar isso para outras pessoas", conta a diretora. Além do bem-estar da própria vida, Rosângela decidiu ser instrutora após ver o quanto poderia ajudar na vida dos outros.

Em relação ao grupo, a diretora acredita que é uma das partes principais. "Todo dia, conviver com o grupo de voluntários, com o grupo de diretores, com os participantes que chegam nas práticas da meditação e nos cursos, tudo isso é transformador. É uma pessoa que fala uma palavra, que traz um conhecimento, traz um livro, são como pequenos tijolinhos, vão me formando e consolidando mais ainda a prática em mim", destaca Rosângela.

***Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira**

O equilíbrio do **tai chi chuan**

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Carlos Vieira/CB/D.A Press



As aulas são ministradas diariamente entre a 104 e 105 Norte, mais conhecida como Praça da Harmonia

O tai chi chuan também é uma das práticas que caíram no gosto do brasiliense. A prática é uma arte marcial milenar que combina movimento, respiração e concentração em um exercício corporal de natureza meditativa. Apesar de sua origem como técnica de defesa, ao longo do tempo foi se consolidando como uma atividade voltada ao equilíbrio entre corpo e mente, incorporando elementos da medicina tradicional chinesa.

Graças ao grão-mestre Moo Shong Woo, natural de Taiwan, essa prática chegou à capital em 1968 entre as quadras 104/105 Norte. A leveza e a harmonia dos exercícios chamaram a atenção dos moradores da região, que logo se interessaram por aquele gestual leve e sutil. Assim, o mestre passou a oferecer aulas gratuitas diariamente no local — uma tradição que permanece viva até hoje. Atualmente com 94 anos, Moo Shong Woo não ministra mais as aulas, que hoje são conduzidas por professores voluntários.

Entre os inúmeros benefícios, o tai chi melhora o equilíbrio, a coordenação motora, fortalece os músculos e as articulações, estimula a circulação sanguínea e contribui para o bom funcionamento do sistema cardiovascular. O exercício passou a ser considerado um caminho para a longevidade. Um exemplo dessa teoria é Igara Revoredo, que no último dia 9 completou 94 anos. Nascida em Natal, a aposentada veio para Brasília em 1971, após se divorciar, para exercer sua profissão de assistente social em uma empresa que construía casas populares.

Igara passou a frequentar as aulas de tai chi chuan em 1975, graças a uma amiga que a convidou. "Ela vinha de Anápolis, se hospedava na minha casa, e um dia me chamou: 'Você não quer ir comigo?' Fui — e nunca mais deixei de ir. Desde então, venho todos os dias, sem falhar", afirma. "Acordo cedo, faço yoga em casa, tomo meu café e sigo para a prática. Aqui, encontrei não só saúde, mas também convivência, alegria e sentido", completa.

O tai chi chuan também auxilia o aposentado Víctor Jiménez, de 72 anos, diagnosticado em 2013 com Parkinson. Em busca de qualidade de vida e controle dos sintomas da doença, ele conheceu o exercício por meio de um projeto da UnB, voltado para pessoas com a condição.

Desde 2016, Víctor participa ativamente de grupos de tai chi em Brasília e criou o grupo Viver Ativo com Parkinson, baseado na ideia de que é fundamental manter-se em movimento, mesmo com a doença. Ele grava e compartilha vídeos das aulas e eventos no YouTube, para que outras pessoas possam acompanhar de casa. "Acredito que a prática é um meio de cuidar do corpo, da mente e do espírito, favorecendo a longevidade e reduzindo o isolamento social", destaca.

Minha Brasília

SIBELE NEGROMONTE

Sou, sim, candanga!



Costuma-se dizer que o forasteiro que chega a Brasília achando que passará uma breve temporada e logo retornará à terra natal acaba fincando raízes e nunca mais deixa o Quadradinho. Quando desembarquei por aqui, no início dos anos 2000, sempre que ouvia essa teoria, gargalhava. Na minha cabeça, aquele seria um momento transitório, e o Recife, sim, era o meu lar. Passadas mais de duas décadas, recentemente, peguei-me repetindo a mesma frase para uma amiga recém-chegada à capital. Assim como eu, ela riu.

Retornando a março de 2001, minha chegada a Brasília foi, no mínimo, confusa. Era noite, e chovia forte, com trovoadas e ruas alagadas. Como assim? No imaginário de quem é de fora, nunca chove por essas bandas! (E aqui abro um parênteses: em pouco tempo, já fazia parte do clube dos que amam falar mal da seca, mas que ficam desesperados quando começa a chover sem parar). Na bagagem, trazia duas malas, a cabeça aberta para o futuro e o desafio de, pela primeira vez, viver uma vida a dois — que depois se tornou a três e, finalmente, a quatro.

De cara, fui apresentada ao Lago Paranoá. Um casal de amigos tinha um veleiro e nos introduziu, eu e meu marido, a esse universo da vela. Qual não foi nossa surpresa ao saber que Brasília, apesar de não ter mar, era detentora da terceira maior frota náutica do país. Entramos nas estatísticas. Compramos o nosso próprio barquinho e, da água, acompanhamos a construção da Ponte JK nos passeios de fim de semana.

Tive o privilégio de observar — mais que isso, participar — a transformação de uma jovem cidade, então quarentona. Segui o movimento de ocupação dos parques e das áreas públicas, como o Eixão do Lazer, onde meus filhos podiam correr livremente. Observei uma geração, agora formada por pessoas nascidas aqui, sentir orgulho de ser brasiliense. Assisti à queda de mais um mito: Brasília não era mais aquele lugar que ficava deserto nos fins de semana, porque os políticos voltavam aos seus estados. Agora, ela tinha sua própria identidade, que incluía, sim, ser o centro do poder, mas que ia muito além disso.

Também vi o despertar de algumas mazelas comuns a grandes cidades brasileiras — escalada da desigualdade social, com mais pessoas em situação de rua espalhadas pelo Plano Piloto; aumento da violência urbana e do sentimento de insegurança; engarrafamentos dignos de uma cidade grande. Problemas que nós, jornalistas, acompanhamos de perto e com olhar atento.

Fui, também, passando por uma metamorfose, comum ao amadurecimento. Construí uma família, ganhei amigos que se tornaram irmãos, vivi muitas alegrias — e muitos perrengues.

Com os enjoos da gravidez, o nascimento dos filhos e a necessidade de suprir os interesses sociais infantis, vendemos o nosso veleirinho, e acabei me afastando do lago por anos — logo ele, que tinha me acolhido de braços abertos quando cheguei aqui cheia de medos. Passada uma pandemia e superado um câncer de mama, o Paranoá voltou a ser o meu ponto de equilíbrio.

Há três anos, comecei a praticar canoa havaiana, e as águas do Paranoá passaram a ser meu refúgio diário, o lugar onde busco energia para tentar manter a sanidade na correria do cotidiano. Que privilégio ter esse espaço tão democrático a nosso dispor. Que prazer desejar um bom -ia às pessoas que navegam em outras embarcações ou que margeiam o lago em corridas e passeios matinais.

Que sorte a minha que a profecia repetida por tanta gente se concretizou. Hoje, grito aos quatro ventos, com muito orgulho, que sou, sim, candanga!

Eufrázio



Artes cênicas **engajadas**

Há 38 anos, a mostra teatral Cometa Cenas tem sido palco para artistas brasilienses iniciantes ou não, que se conectam e constroem relação sólida com a cultura da cidade

Ed Alves/CB/D.A Press



Cometa Cenas chega à 77ª edição em 2025 e se consolida como um ponto de conexão e de vivência

» MILA FERREIRA

Ponto de encontro e descobertas para os estudantes, professores e artistas de Brasília, a mostra Cometa Cenas é mais do que um projeto de extensão do curso de artes cênicas da Universidade de Brasília (UnB), é um espaço consolidado de intercâmbio cultural aberto para quem quer explorar tudo que a cidade tem a oferecer em termos de produção cultural, teatro e vivências artísticas. Em 2025, a mostra semestral chega à sua 77ª edição e acontecerá entre os dias 16 e 24 de julho.

O projeto é coordenado por alunos de diferentes regiões administrativas do DF, o que gera possibilidades e visões múltiplas de Brasília na exploração das inúmeras linguagens artísticas. Todos os semestres, é escolhido um recorte temático ou uma pessoa para homenagear. Geralmente, são pessoas e temas relacionados à efervescência cultural de Brasília. Em uma das edições do ano passado, o tema foi *Mulheres da cena candanga, um salve às que vieram, estão e virão*. "Celebramos as mulheres da cidade que estão envolvidas com as artes cênicas de modo geral. Atrizes, dramaturgas, diretoras, jornalistas, costureiras, camareiras, maquiadoras, figurinistas, entre outras", conta a coordenadora docente do Cometa Cenas, professora Kenia Dias.

Todos os aspectos que impactam na vida em Brasília refletem diretamente na exploração das temáticas do Cometa Cenas. A 75ª edição, realizada em 2024, precisou ser interrompida por conta das queimadas que assolaram Brasília e interferiram na qualidade do ar. Para alertar sobre a crise climática, na edição seguinte, o grupo escolheu o tema *Ideias para cultivar o amanhã*. "A relação do Cometa Cenas com Brasília é direta. Entramos no calendário da cidade. Recebemos trabalhos de vários grupos do DF, não somente da UnB. Abrimos para coletivos e artistas que, muitas vezes, começaram aqui, montaram os próprios grupos e estão fazendo arte em Brasília", destaca a professora Kenia Dias. "O Cometa Cenas é um celeiro de formação de artistas. É uma experiência agregadora, forte e encorajadora", completa.

Espetáculos teatrais, aulas abertas, seminários, performances, exibição de filmes, entre outros produtos apresentados se transformam em um universo de possibilidades de conexões e aprendizado entre artistas, pesquisadores, estudantes e amantes das artes cênicas em todas as suas formas. "É um evento da UnB, mas ele se expande para outros espaços de Brasília. É um espaço de compartilhamento de pesquisas, cenas, debates e reflexões. Isso é de muita valia para o processo artístico e pedagógico do artista e do público", explica Kenia.

Vivências artísticas

Moradora de Ceilândia, Luana Parreiras, 20 anos, faz parte da coordenação técnica do Cometa Cenas e celebra a mostra por ser uma oportunidade de se conectar com todas as possibilidades artísticas dentro do fazer teatral. "Estou no quinto semestre e, desde o primeiro, me encontrei na iluminação. Hoje, trabalho na equipe de iluminação do grupo de comédia G7, um grande nome do teatro em Brasília", compartilha. "A mostra me ajuda a me conectar também com outros grupos e multiplicar as possibilidades de exercer essa função de que tanto gosto, que também é uma linguagem artística", acrescenta.

Larissa Fernandes, 20, é da equipe de produção da mostra e enxerga a oportunidade como um caminho para se aperfeiçoar na produção teatral, um ofício que faz parte de várias atividades artísticas e de economia criativa, mercado que vem crescendo em Brasília. "Me encontrei aqui, é uma área que quero seguir dentro das artes cênicas", comenta a moradora de Brazlândia. "Trabalhar com artes cênicas não é só estar no palco, então, o Cometa Cenas, assim como outras disciplinas do curso, ajuda a desenvolver outras áreas de atuação que não seja só a performance no palco. Entender produção cultural é fundamental para quem quer ser artista hoje. A mostra é um laboratório vivo do ofício teatral", completa a professora Kenia Dias.

Outra aluna que faz parte da produção do Cometa Cenas e enaltece a importância da mostra para o seu aprendizado é Yasmin de Cássia, 19 anos, moradora do Gama. "Receber o público e lidar com todas as situações decorrentes da logística de uma mostra deste tamanho é um desafio engrandecedor. Mas a bagagem de aprendizado que levamos é imensa", destaca.

Coordenador de comunicação da mostra, Mateus Cyerre, 20, ressalta a relevância do Cometa Cenas para o nerworking entre os artistas e estudantes que fazem arte em Brasília. "Antes de entrar na equipe, não tinha uma visão tão clara de como funciona o trabalho do artista cênico. Aqui, temos a chance de construir pontes com os mais diversos artistas e grupos e entender melhor como a nossa carreira vai crescer a partir disso", disse.

Legado

Agente multicultural e mestre em artes cênicas pela UnB, Ava Scherdien fez sua dissertação de mestrado com base na mostra Cometa Cenas. "É o evento mais antigo da UnB, é o evento mais antigo de teatro da cidade, ele é mais antigo do que o coral da UnB, que é um patrimônio", comenta. "Nós queremos que o Cometa também vire patrimônio e estamos lutando para isso", afirma. "A grande maioria das pessoas que tem uma carreira e um currículo artístico em Brasília hoje já passaram pelo Cometa Cenas. A mostra abraçou também muitos jovens que estavam fora da universidade", completa.

Agraciada com o Prêmio Jorge Laffond de Arte e cultura LGBTQIA+ na categoria Produção Cultural pelo Distrito Drag (2025), Ava atribui parte do sucesso ao início de sua carreira, no Cometa Cenas. "Foi a mostra que me fez ter prazer em fazer produção cultural em Brasília e que fez muita gente criar paixão pela iluminação, atuação, figurino, etc", salienta.

Brasília 65 anos

Parabéns, Brasília!

Nos 65 anos da nossa capital, a CEB presenteia a cidade com LED, energia limpa e inovação

Construção de novas usinas fotovoltaicas

Substituição de luminárias por modelos em LED

Gestão das usinas hidrelétricas que geram energia e abastecem o DF



Ligue 155
Baixe o app Ilumina DF
ceb.com.br



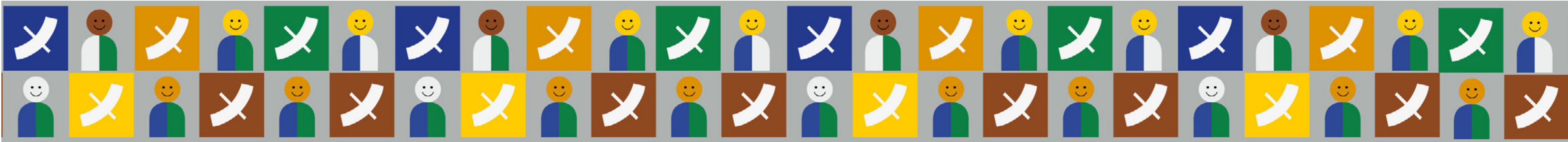








Eufrázio



Espaço de **acolhimento**

Desde 2017, o Distrito Drag vem se consolidando como um polo transformador, com ações voltadas à inclusão da população LGBTQIA+

» MILA FERREIRA

Fotos: Luís Nova/CB/D.A Press



Sob a liderança de Ruth Venceremos, o Distrito Drag emprega 20 pessoas diretamente

Para além de abrigar o centro do poder político do país, Brasília também tem se destacado cada vez mais pela união de forças em favor da dignidade e do protagonismo da população LGBTQIA+. Criado em 2017, o Distrito Drag tem sido um polo criativo e multiplicador de cultura, filantropia e projetos que levam cidadania às pessoas em situação de vulnerabilidade, por conta da orientação sexual ou identidade de gênero.

Ex-trabalhadora sexual, nascida e criada em Brasília, Kiki Klein, 57 anos, saiu das ruas graças ao acolhimento e à oportunidade dada pelo Distrito Drag. Hoje ela atua na militância pela visibilidade transexual e luta desde 2023 pela retificação do nome de pessoas trans nos documentos. "A mulher trans é uma das mais discriminadas na sociedade. Daí, o que resta muitas vezes é trabalhar na noite. Muitas de nós não têm nem mesmo o título de eleitor, que é imprescindível para exercer a cidadania", afirma. "Trabalhamos para ajudá-las a conquistar esse direito básico. É muito gratificante", completa.

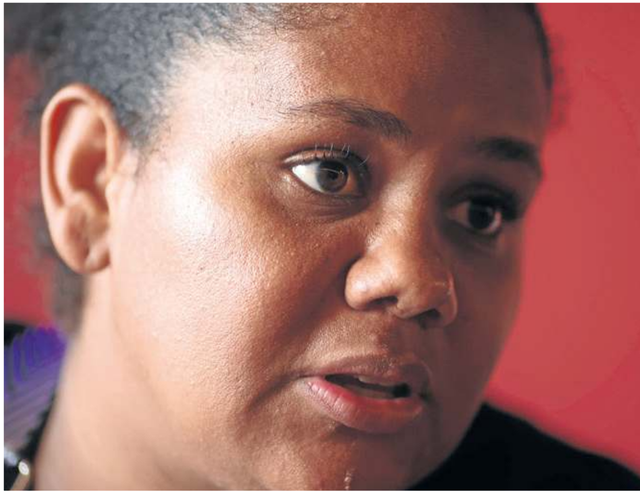
Uma das principais colaboradoras do Distrito Drag hoje, Kiki tem o apoio da instituição para buscar parcerias e financiamento para apoiar pessoas que lutam pelo reconhecimento da própria identidade de gênero. "De dois anos pra cá, retificamos o nome de 110 pessoas. No meu trabalho aqui, ajudo, também, na parte dos direitos sociais. Nós atuamos, principalmente, pessoas em situação de vulnerabilidade e que vêm da periferia. Nós as selecionamos e encaminhamos aos endocrinologistas para ter acesso aos hormônios e também indicamos psicólogos", explica.

O Distrito Drag começou como um coletivo de artistas drag e se transformou em uma Organização da Sociedade Civil (OSC). "Quando nos tornamos uma OSC, conseguimos fazer muito mais pela nossa comunidade, articular parcerias, buscar recursos públicos por meio de editais, etc. Buscamos fazer o que o Estado, muitas vezes, não consegue. Como chegar lá na ponta e saber quem é essa população vulnerável", explica Ruth Venceremos, 40 anos, fundadora do Distrito Drag.

Entre os projetos desenvolvidos pelo Distrito Drag, estão cursos de formação livre em várias áreas para capacitar pessoas LGBTQIA+ com o objetivo de inseri-las no mercado de trabalho. "O projeto é o Qualifique-se Mais. Tivemos vários cursos, como corte e costura, produção cultural e capacitações para o mercado cultural. Tivemos recentemente um curso de socorrista e brigadista que ajudou muitos participantes a conseguirem emprego", detalha Ruth. "Muita gente da nossa comunidade não tem emprego não é porque não quer e, sim, porque não tem oportunidade. Por isso, buscamos ajudar em ações de geração de emprego e de renda", acrescenta.



Kiki Klein: mutirões de retificação de nome de pessoas transexuais



Alessandra: apoio a mulheres em situação de vulnerabilidade

Sem custo

Outra frente de atuação é o projeto Saúde Sem Preconceito, uma parceria com médicos endocrinologistas e, também, psicólogos, que ajudam pessoas da comunidade sem custos. "Temos também um fundo emergencial formado por doações recebidas, que usamos para ajudar pessoas da nossa comunidade que se encontram em situação de vulnerabilidade", acrescenta Ruth Venceremos.

A primeira ação realizada pelo distrito, que impactou culturalmente e socialmente milhares de pessoas na capital do país, foi o Bloco das Montadas, que sai anualmente no carnaval de rua desde 2018. "O bloco é um espaço de alegria e de acolhimento, principalmente para os jovens que sofrem com preconceito e discriminação. É um espaço em que esse jovem e as pessoas da comunidade começam a se reconhecer no outro e se afastam do sentimento de isolamento", diz Ruth. "Eu venho de uma geração que nasceu com desamparo cultural, nós não tínhamos referências positivas. Queremos mudar isso na realidade desses jovens de Brasília", completa.

As ações transformadoras desenvolvidas pelo distrito têm mudado a realidade da cidade e das pessoas que aqui vivo. "Quando vejo a grandeza do Distrito Drag, a primeira sensação é de pertencimento, e a relação com Brasília é muito forte. Impactamos tanto pessoas que nasceram aqui e as que escolheram a cidade para viver. Nossa relação com a cidade é de resistência e de sobrevivência", ressalta a fundadora. "Fazemos uma analogia da arte drag com a criação de Brasília. A arte drag é a arte da transformação, que tem tudo a ver com a estética de Brasília, que é uma cidade montada e projetada. As pessoas classificam Brasília como uma cidade conservadora. Eu discordo. Para mim, é uma cidade inspiradora", destaca.

No Distrito Federal, a estimativa é de que tenha 113 mil pessoas LGBTQIA+, segundo pesquisa feita pelo IPEDF. "Sabemos que há muita subnotificação. Nosso objetivo é chegar aonde esse grupo vulnerável está e nossa missão é bem mais grandiosa. Quando atendemos uma pessoa da comunidade, atendemos a família toda. Nossa ação também impacta diretamente muitas famílias", conta Ruth.

O alcance do Distrito Drag vai além do apoio à população LGBTQIA+. Os projetos impulsionados pela instituição também alcançam famílias de diversas regiões administrativas do DF. Há cinco anos, Alessandra de Oliveira Alves, 35, líder comunitária em São Sebastião, é uma das agentes transformadoras que, com apoio do instituto, leva ações sociais até mulheres em situação de vulnerabilidade social e vítimas de violência doméstica.

"Temos um trabalho de distribuição de cestas básicas e uma parceria com a Fiocruz também para levar conscientização no combate ao câncer do colo do útero", elenca Alessandra.



Minha Brasília

MARIA LÚCIA VERDI

Até hoje a aventura continua



Possuir uma cidade, dizer "a minha" não é nada simples. Cheguei de Porto Alegre em 1971, numa cidade vermelha, nua, vestida de pó e sonho, e foi um susto. Tudo diverso do conhecido, os espaços me deixando tonta, o silêncio e o vazio me desafiando. Para trás haviam ficado avós, tios, primos, colegas de escola, namoradinho.

Reinventar-se em Brasília, a capital sonhada, projetada, construída com esforço épico foi uma aventura interior. Lembro-me da revolta provocada com a instalação do primeiro semáforo na cidade, sacrilégio contra o projeto de Lucio Costa... Até hoje essa aventura continua, os espaços e o silêncio ainda me desafiam, apesar das modificações urbanas e da quantidade de veículos.

A cidade em construção começou a me conquistar pelo céu, a abertura do horizonte, e isso continua. Hoje, o jardim em que se transformou a cidade é tão importante quanto o céu — árvores, plantas e flores, abraçando-nos tanto quanto a imensidão. São "coisas" das quais sinto falta visceral quando me afasto por mais tempo.

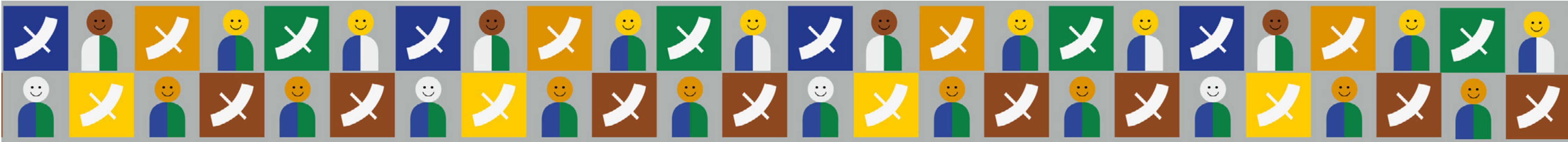
Os prédios escultóricos de Niemeyer foram e são outros elementos de sedução. Reportavam-me a outras dimensões, um outro barroco, um simbolismo futurista, algo que não sabia nem queria saber nomear, deixando-me apenas encantar com esculturas à céu aberto. Naqueles primeiros tempos, outro fator de enraizamento foram os espaços culturais e os encontros com os amigos no Teatro Nacional, na Escola Parque, nas sessões de cinema na Cultura Inglesa, um pouco depois os concertos Cabeças, as peças do Hugo Rodas... Éramos poucos, vivíamos a ditadura do melhor modo possível, com cinema, música, teatro, debates, ainda no ritmo do sex, drugs and rock and roll dos anos sessenta...

A minha Brasília de hoje é outra, somos todos outros e tantos que foram referência já não estão. Wladimir Carvalho é a sala de cinema do Brasília; Hugo Rodas, uma sala de teatro na icônica 508, agora Espaço Cultural Renato Russo; a Ponte Honestino Guimarães resiste. As poderosas construtoras colocam mais e mais prédios em espaços livres nas superquadras, arquiteturas frequentemente questionáveis — estamos em Brasília ou num desfile ostentador que contrasta com os puxadinhos das áreas comerciais?

Mas é aqui onde decidi me fixar após a aposentadoria, depois de quase vinte anos fora do país. E por quê? Filha e neto são a primeira resposta, porém há mais. Há essa necessidade do espaço aberto que ainda existe, esse horizonte que a cidade afirma, ecoando pergunta interminável quando me perco nos amanheceres e nos pores do sol. Num poema antigo, no qual a cidade fala, escrevi: "Não busquei meu cenário. Meus labirintos são outros. Pássaro baixei à terra. Como domesticar-me? "

Sonho que Brasília resista à domesticação, à vulgarização e que, assim como o país da qual é o emblema, consiga lutar contra as vozes nacionais e internacionais que a tudo intencionam transformar em mercadoria. Ainda, no citado poema: "Ouço sem tréguas, vejo sem descanso Ecos da dor em meu planalto. (...) Eu, matéria imaginária, centro separo decido discuto divido. Esta lógica não me pertence. Eu, a cidade impossível, habitante de todos os homens. Travestida".

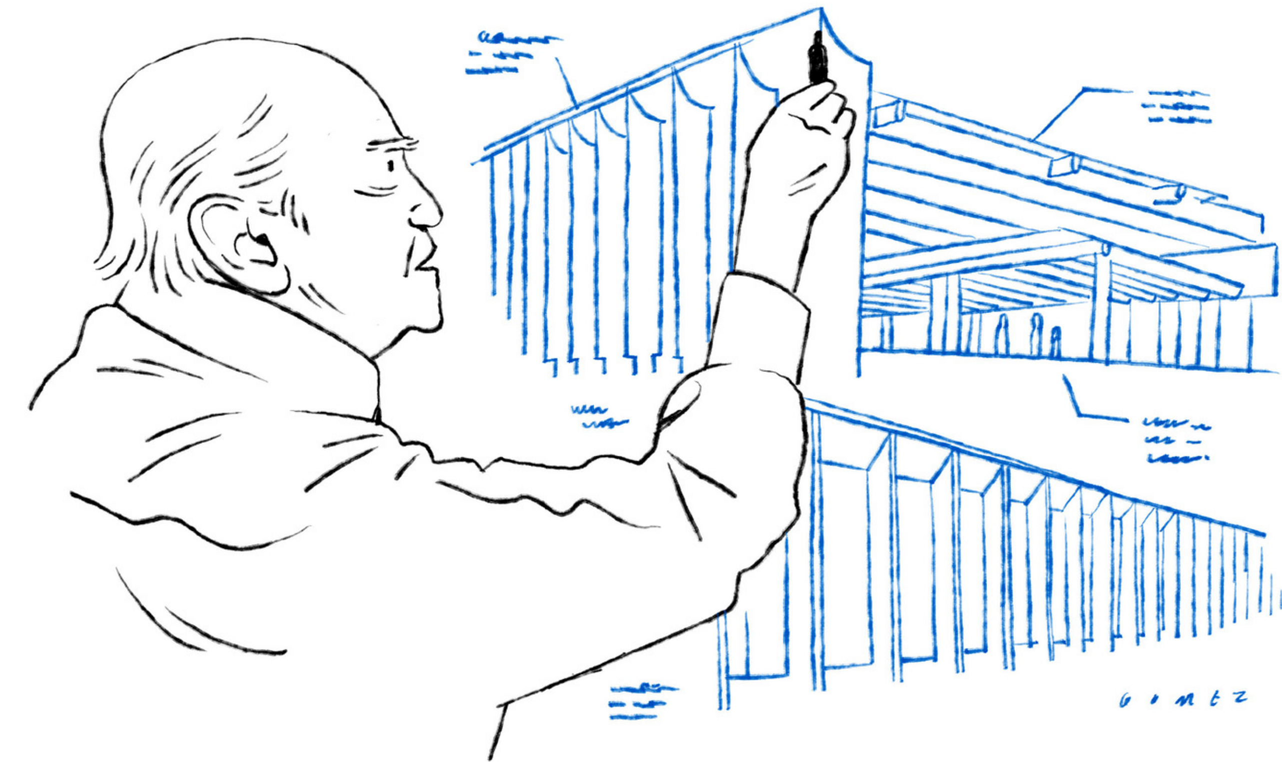
Que a cidade não perca a capacidade de nos assombrar com a beleza, de simbolizar um Brasil mais unido, em busca de alguma justiça social. Que não perca a aura que a diferenciou de todas, entusiasmando o mundo. Aqui temos nossa descendência hoje à sombra de um futuro assustador, o Cerrado ameaçado, todos os biomas em perigo, os povos que os protegem também. Isto é quase uma reza, e não sou religiosa — que os legisladores acordem. Brasília e o Brasil merecem uma outra realidade.



ARTIGO

LUCIANA SABOIA E CAROLINA PESCATORI, PROFESSORAS DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UnB

Paisagem e identidade em Niemeyer



A plasticidade do concreto armado e a monumentalidade das obras governamentais projetadas por Oscar Niemeyer em Brasília são reconhecidas como contribuições do movimento moderno brasileiro no século 20. Muito já foi discutido sobre a monumentalidade e leveza de volumes exuberantes e curvas traçadas pelas linhas modernas de Niemeyer.

Entretanto, o caráter de identidade em obras entre a escala do edifício e da paisagem não foi suficientemente analisado. Há uma indissociabilidade entre o projeto de arquitetura e o do urbanismo, como no caso do Instituto Central de Ciências na Universidade de Brasília (ICC), conhecido como "minhocão", e por outro lado a arquitetura nada monumental dos equipamentos comunitários no caso da superquadra, onde há uma composição entre os espaços abertos e a arquitetura cotidiana de escolas, bibliotecas e igreja na primeira unidade de vizinhança do Plano Piloto.

O projeto do ICC, partido desenvolvido por Oscar Niemeyer em 1961, integrou os cinco institutos de ciências — matemática, física, química, biologia e geociências. O edifício-rua ou cidade-edifício ocupa a área central do campus da universidade com seus mais de 700m de comprimento. O edifício poderia representar uma obstrução mas, como contrapartida, permite ser atravessado em duas partes centrais e nas extremidades, o que garante a ligação entre, reforçado pelo jardim central ladeado por corredores-ruas. Jardim esse que se estende ao exterior de um campus-parque, como é caracterizado o território da UnB, um jardim naturalista projeto de extensão, o Jardim de Sequeiro, idealizado pelo professor Júlio Pastore.

A plataforma opera como uma grande base voltada para o interior mas, simultaneamente, conectada ao exterior pelos seus acessos centrais, dois amplos halls de entrada, e pelas extremidades norte e sul. A fim de ampliar a sua vocação ao social, a plataforma-jardim divide percursos pedonais e de veículos. Para isso, cria uma rua para veículos em seu subsolo que corta toda a edificação. Possibilita, assim, a interface entre um interior da edificação e o exterior de espaços coletivos abertos para paisagem, com a interpenetração de percursos, a ampliação de visuais e a invenção de um externalidade em continuum espacial com sobreposição em níveis.

Na paisagem urbana das superquadras, particularmente da SQS 308, vemos a criação de 'micro-espacialidades' entre os diferentes edifícios, que se articulam com o solo e com os elementos de paisagismo, compondo recortes e nichos de espaços abertos menores, onde nos sentimos acolhidos e somos convidados a experimentar e usar os espaços de maneira livre e não programada.

> **"Esses vazios, espaços abertos e definidos em projeto deixam de ser espaços geométricos e abstratos para tornarem-se espaços livres que pertencem a uma paisagem própria"**

Assim, os amplos espaços da superquadra são articulados com a infraestrutura e com equipamentos urbanos que costuram os 'vazios' na paisagem. Esses intervalos, distâncias a percorrer, moldam o relevo com paredes (arrimos, taludes) e tetos (pilotis) e criam ritmos, percursos e marcações na paisagem onde predomina a horizontalidade.

Os equipamentos da quadra-modelo, especialmente a biblioteca e as escolas, estabelecem diferentes relações com essa generosa paisagem urbana. A biblioteca captura o exterior em seu interior com a abertura zenital que dá vida ao seu jardim, como uma caixa de luz que propicia introspecção e acolhimento. De forma análoga, o Jardim de Infância, elevado do nível do solo na fachada frontal e acessado por rampas laterais, recria o tradicional pátio interno escolar enquanto um jardim.

Esses vazios, espaços abertos e definidos em projeto deixam de ser espaços geométricos e abstratos para tornarem-se espaços livres que pertencem a uma paisagem própria. Perspectivas livres e espaços amplos sem determinação passam a ser definidos como paisagens que lutam por reconhecimento, que se abrem ao 'devir', como possibilidade de realização.

São paisagens potenciais que constroem territorialidades a partir da diversidade de apropriações ou não desses lugares. Essas paisagens se reconfiguram ao longo do tempo, formam-se em determinadas circunstâncias e podem dissolver-se logo em seguida. Outras narratividades urbanas a partir do projetado.

A Nova Capital foi feita de *sonhos*

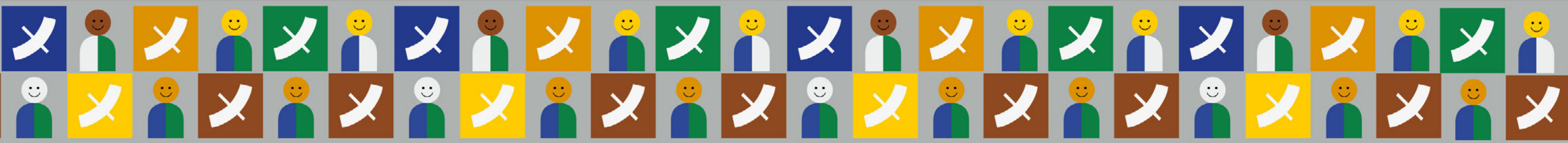
De **aço**
De **vidro**
De **alimento**
De **papel**
De **concreto**

De **indústria**
E onde tem indústria tem desenvolvimento, emprego, renda, tecnologia e inovação.
Onde tem indústria tem futuro.

SESI Serviço Social da Indústria
SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Parabéns, Brasília, pelos 65 anos

Eufrázio





Tradicional chorinho brasiliense atrai pessoas de todas as idades para curtir o domingo no Eixão

Música que nos **aproxima**

Grupos de diversos gêneros musicais se apresentam no Eixão do Lazer e fazem do Plano Piloto um grande ponto de encontro

» HENRIQUE SUCENA*

O Eixão do Lazer, que atravessa as asas do Plano Piloto aos domingos, virou tradição entre os brasilienses. Além do espaço aberto para corredores e ciclistas, o ambiente também é povoado por feiras e rodas de música, que animam as pessoas com gêneros como o choro, o pagode, o axé e o jazz. Grupos como o Choro no Eixo, na altura da SQN 207, atraem amantes da boa música e até os que passeiam pela rua, que acabam curiosos pelo ritmo e energia que vêm das tendas.

Breno Alves, que toca pandeiro no Choro no Eixo, explica que a iniciativa começou no fim da pandemia, com o grupo sentindo que a população precisava desse espaço de lazer. Hoje, o local se tornou um ponto de encontro para quem aprecia a música, com pessoas se reunindo para dançar e curtir o som do grupo.

"Todo domingo, a gente está aqui, a partir do meio-dia, e as pessoas vêm em peso. Nós temos um público tradicional, que vem sempre, mas a gente vê também uma chegada muito grande de pessoas que estão dando uma passeada aqui, no Eixão e, de repente, se encantam pelo projeto", explica o pandeirista.

Cidade eclética

Convidado frequente do Choro no Eixo, o instrumentista Pablo Fagundes é apaixonado pelo estilo musical, o qual ele considera o mais tradicional da cidade. "Brasília é conhecida como a Capital do Rock. Mas isso é um cenário muito antigo, que não é a realidade de hoje. Hoje, Brasília é a Capital do Choro. A cultura do Choro está aí em tudo que é esquina, tudo que é bar da cidade", afirma o músico, que toca harmônica.

Brasiliense e muito orgulhoso de sua cidade, o artista diz que as apresentações no Eixão são os eventos mais democráticos da capital. Os espectadores que curtem a música do grupo podem levar coolers com bebida e comida, ou aproveitar os food trucks que cercam a roda de choro. Segundo ele, essa acessibilidade é importante para trazer a cultura ao cotidiano das pessoas e desenvolver uma identidade do povo brasiliense.

O Axé no Eixo, também nas proximidades da SQN 207, se faz presente nos domingos, com rodas de diversos gêneros musicais. Cláudio Lopes, ou Claudinho Karamba, é integrante do grupo de pagode Rapaziada Nota Mil, que toca frequentemente no evento. "Filho de Brasília", como ele mesmo se descreve, Claudinho nasceu na cidade um ano depois da fundação e, hoje, se mostra orgulhoso de contribuir para a cultura local.

"Nós adoramos esse espaço. Tem gente de todo o DF vindo para cá. Semana passada, tinha até um grupo grande de Valparaíso também. A movimentação tem aumentado bastante com a diminuição das chuvas e a expectativa é continuar melhorando. Nós não temos uma estrutura tão grande para proteger todo mundo da chuva, então agora, com esse clima gostoso, a galera vem", acredita.

Ele ressalta que a relação de Brasília com a arte e a cultura é muito boa, dizendo que hoje os grandes grupos de pagode no mercado são da capital, como o Menos é Mais e o Di Propósito. "Há muito tempo nós estávamos lutando para ter um grupo de pagode daqui se destacando lá fora. Hoje, graças a Deus, estamos aqui para ver Brasília virar a cidade do pagode e do choro", celebra.

Fotos: Henrique Sucena/CB/D.A Press



Cristiane adora curtir o som que vem do Choro no Eixo



Rodrigo caiu na dança sob o pagode do Rapaziada Nota Mil



Durante o passeio, Daniela e Ramon aproveitam a boa música

A beleza da arte brasiliense atrai até os moradores que vêm de outras cidades. Cristiane Bernardes e Rodrigo Santana vêm de São Paulo e Salvador, respectivamente, mas garantem que a cultura no DF não deve nada às ricas tradições das cidades onde nasceram. A paulistana diz que procura o Choro no Eixo quase todos os domingos, onde dança e aproveita o calor da cidade.

"Praticamente todo domingo, desde que começou o projeto, venho aqui no Choro no Eixo. Eu sou paulistana e me apaixonei pelo choro quando vim para Brasília, há 22 anos. A cultura do choro aqui é muito forte, é incrível. Eu costumo encontrar meus amigos e sair para um sambinha, estou sempre buscando algo. Hoje, eu me sinto brasiliense, é a cidade da minha vida", afirma Cristiane.

Rodrigo compartilha com Cristiane o amor pela música e a dança. O baiano mantém suas raízes, indo com os amigos ao projeto Axé no Eixo para curtir um show de pagode. Ao chegar, caiu na dança com outra mulher que curtia a música e divertiu outros espectadores que acompanhavam o show. Morando em Brasília há mais de duas décadas, ele se declara à sua atual casa e ao que encontra no centro do país.

"Quando eu penso em Brasília, penso nisso aqui. Eu penso em cultura, penso em lazer, penso em qualidade de vida. Brasília é isso. É extremamente importante o fomento com relação ao transporte público, que agora tá liberando no fim de semana e nos feriados, para inserir a sociedade nesse contexto cultural e de lazer que Brasília propicia", afirma o advogado baiano, adotado pela capital brasileira.

Lazer

Assim como Rodrigo, vários brasilienses passam pelo asfalto do Eixão aos domingos e são atraídos pelo som que vem do gramado entre a via e os Eixinhos. Daniela e Ramon Batista gostam de deixar o Guará, onde moram, para curtir um domingo de sol na rua que corta as asas do Plano Piloto ao meio. Os dois passeavam com patinetes elétricos quando se encantaram ao ouvir o som do Choro no Eixo.

"A gente veio para curtir e paramos para apreciar o chorinho, que gostamos bastante. A gente vem para o Eixão pelo menos umas duas vezes por mês. A qualidade de vida aqui em Brasília é muito boa em relação a outros lugares, tanto em questão de segurança, quanto da quantidade de verde, que na maioria das outras cidades não tem mais. Ter esses lugares públicos como o Parque da Cidade e o Eixão é muito bom, e é importante ocupar esses espaços abertos com cultura ao ar livre, porque permite que qualquer pessoa possa vir", diz Daniela.

*** Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira**



Minha Brasília

ADRIANA BERNARDES

Meu lugar de luta e de paz



Brasília preenche boa parte do que considero essencial para ser feliz. Reler a frase me remete a 2005, quando cheguei com uma mala de roupas e um currículo debaixo do braço. Há duas décadas, não imaginava ser possível uma conexão tão profunda com a cidade, nas sutilezas do dia a dia e nas questões monumentais também. Naqueles idos, Brasília soava para mim como algo impessoal e impenetrável.

Vim de Minas em busca de sonhos, como vieram meu conterrâneo Juscelino Kubitschek, e milhares de brasileiros. Mergulhei na cidade. Não só a que tem forma de avião, mas em todas as brasílias que Brasília produziu.

Desde sempre, sou aluada. Aquele tipo de pessoa que não pisa fora dos caixotes de concreto sem buscar o pôr do sol, as estrelas e a lua. Não demorou para eu perceber que, às seis da tarde, o vento para de soprar. Os pássaros silenciam, e o sol se põe devagar aquarelando as nuvens. A cidade segue seu ritmo frenético. Eu paro. Respiro fundo e me deixo enredar pelo cenário-pintura como os de Tarsila do Amaral.

Mas é claro, nem tudo são flores, ou melhor, ipês floridos. Com o passar dos anos, descobri uma Brasília que desafia o corpo e a mente. Quase tudo o que acontece no Brasil é decidido na Praça dos Três Poderes. De tempos em tempos, florescem políticas públicas que reduzem a fome; que incluem; que distribuem renda, promovem o crescimento econômico e fazem o Brasil caminhar para uma sociedade mais justa. Outras vezes, elas arrastam o país para realidades que oprimem e massacram. Dali saem as decisões que condenam 59 milhões de brasileiros a viver na miséria. E garante aos 1,536 milhão dos superricos, as benesses de acumular mais e mais capital.

Também é nos Três Poderes que todos os anos os indígenas e as margaridas gritam por garantias de direitos fundamentais. É onde se colocam cruzes no gramado exigindo políticas que reduzam os feminicídios com políticas públicas. Onde milhares tomam a praça e o gramado celebrando as eleições diretas, democráticas e por meio das urnas eletrônicas, um dos sistemas mais avançados e seguros do mundo. Minha Brasília é isso: um convite diário à reflexão e celebração de conquistas históricas.

Vale destacar que sempre no auge de setembro, sol fervendo, umidade batendo 10%, 12% numa secura desértica, 20 anos depois de desembarcar na cidade, ainda me emociono com as primeiras chuvas. Que coisa linda! Um alívio depois de uma longa e sofrida estiagem. Aprendi com os brasilienses a correr para a janela e gritar e rir e cantar a chegada da chuva do pequi.

Brasília tem seus pontos de refúgio. Vez ou outra, quando um sentimento triste me alcança, subo na Torre de TV e aprecio a grandeza da cidade. Carros, pessoas e meus problemas se amiúdam lá de cima. As coisas ruins se dissipam. Enfim, minha Brasília é intensa, irrequieta e instigante. Meu lugar de luta e de paz.

Eufrázio



Para **proteger** nosso **bioma**

Idealizada por jovens de várias áreas, a associação A Vida no Cerrado (Avinc) trabalha na divulgação científica do nosso habitat

» LETÍCIA MOUHAMAD

O sentimento de inquietação e a busca por pertencimento foram a faísca para a idealização de uma organização sem fins lucrativos que luta para proteger e valorizar o Cerrado, um dos ecossistemas mais ricos em biodiversidade do mundo. Concebida durante a pandemia, a associação A Vida no Cerrado (Avinc) iniciou sua atuação na internet, com a divulgação científica sobre o bioma, até então pouco mencionado em discussões acerca da conservação ambiental no país.

Biólogo e vice-diretor da Avinc, Bruno Camargos, 27 anos, conta que é comum ouvir as pessoas reduzirem o Cerrado às suas árvores retorcidas ou se referirem ao bioma como um local meramente desértico. "É muito difícil falar de biomas não florestais, como o Cerrado, em um país que tem Mata Atlântica e Amazônia. Em 2020, conheci o trabalho de Cayo Alcântara, diretor-executivo da Avinc, que fazia divulgação científica exaltando esse tipo de bioma e me interessei. Com Vitor Senna (também voluntário), participamos do processo seletivo para integrar a associação e fomos aprovados", diz o ativista.

Aos poucos, a Avinc se expandiu e, hoje, conta com 46 voluntários, dos quais 20 vivem no Distrito Federal. Além da divulgação científica, o grupo trabalha com educação socioambiental, promovendo ações em escolas, parques, feiras e demais espaços de ensino, e incidência política, contribuindo para a formulação de políticas públicas em defesa do Cerrado, com a criação e monitoramento de projetos de lei.

"A virada de chave ocorreu quando saímos das redes e começamos a levar nossas ações para os territórios, que se estendem a várias outras Unidades da Federação enquadradas no bioma", acrescenta Bruno. Para Wanderson Costa, 24, mobilizar-se junto a outros jovens pela proteção e valorização do Cerrado significa pertencimento e identificação. "Queremos todos adiar o fim do mundo", diz, aos risos. "Além de incentivar as pessoas a se reconhecerem como parte de um território", completa.

Para Laís Menezes, 24, e Maria Alice dos Santos, 24, o sentimento é semelhante. "Ser parte da organização é um reconexão com as minhas raízes, que brotaram deste contato com o bioma", pontua Laís. "Estamos em um espaço que instiga a transformação e a participação da juventude nos processos de tomada de decisão em prol da conservação desse ecossistema", sustenta Maria Alice.

Mariana Campos/CB/D.A Press



Na foto, Vitor Sena (E), Bruno Camargos, Davi Paes, Luiz Trindade, Wanderson Costa, Lucas Dias, Maria Alice dos Santos e Laís Menezes

Parques ecológicos

"Brasília, além de ser o centro das decisões do país, é o coração do Cerrado que, por sua vez, é o coração do Brasil", afirma o biólogo Vitor Sena, 28, ao explicar que o quadradinho é a única Unidade da Federação composta somente por Cerrado. O ativista lembra, ainda, que a capital é conhecida como o local onde é possível ver o horizonte de qualquer ponto da cidade. Segundo Vitor, a característica, que garante ainda mais beleza a Brasília, deve-se aos planaltos do bioma.

"A cerca de 50km do Plano Piloto, temos a Estação Ecológica Águas Emendadas, unanimidade no mundo por unir as três bacias hidrográficas mais importantes do país — Tocantins-Araguaia, Platina e São Francisco —, das quais duas vertem em destinos opostos", ressalta o biólogo, lembrando que, para além dos monumentos, são as cachoeiras e os parques ecológicos que engradecem e harmonizam a cidade.

O estudante de medicina veterinária Luiz Trindade, 20, menciona também a excelência da Universidade de Brasília (UnB) no desenvolvimento de estudos sobre o Cerrado. "Conheço pessoas que vêm de todos os pontos do país para estudar na UnB, pois temos os principais polos de pesquisa do Brasil. O setor do Hospital Veterinário (da universidade) que cuida de animais silvestres, por exemplo, é referência no Brasil", conta o jovem, que, desde cedo, sonhou em trabalhar com os bichos do Cerrado. "Me chamavam de amigo dos animais na infância", diz.

Apesar de desafiador, o ativismo tem gerado frutos e conquistado mais voluntários. Prova disso é que, a fim de expandir o conhecimento sobre o Cerrado, a Avinc propôs um projeto de lei que inclúisse a Semana do Cerrado no calendário escolar em setembro, mês em que é celebrado o Dia Nacional do

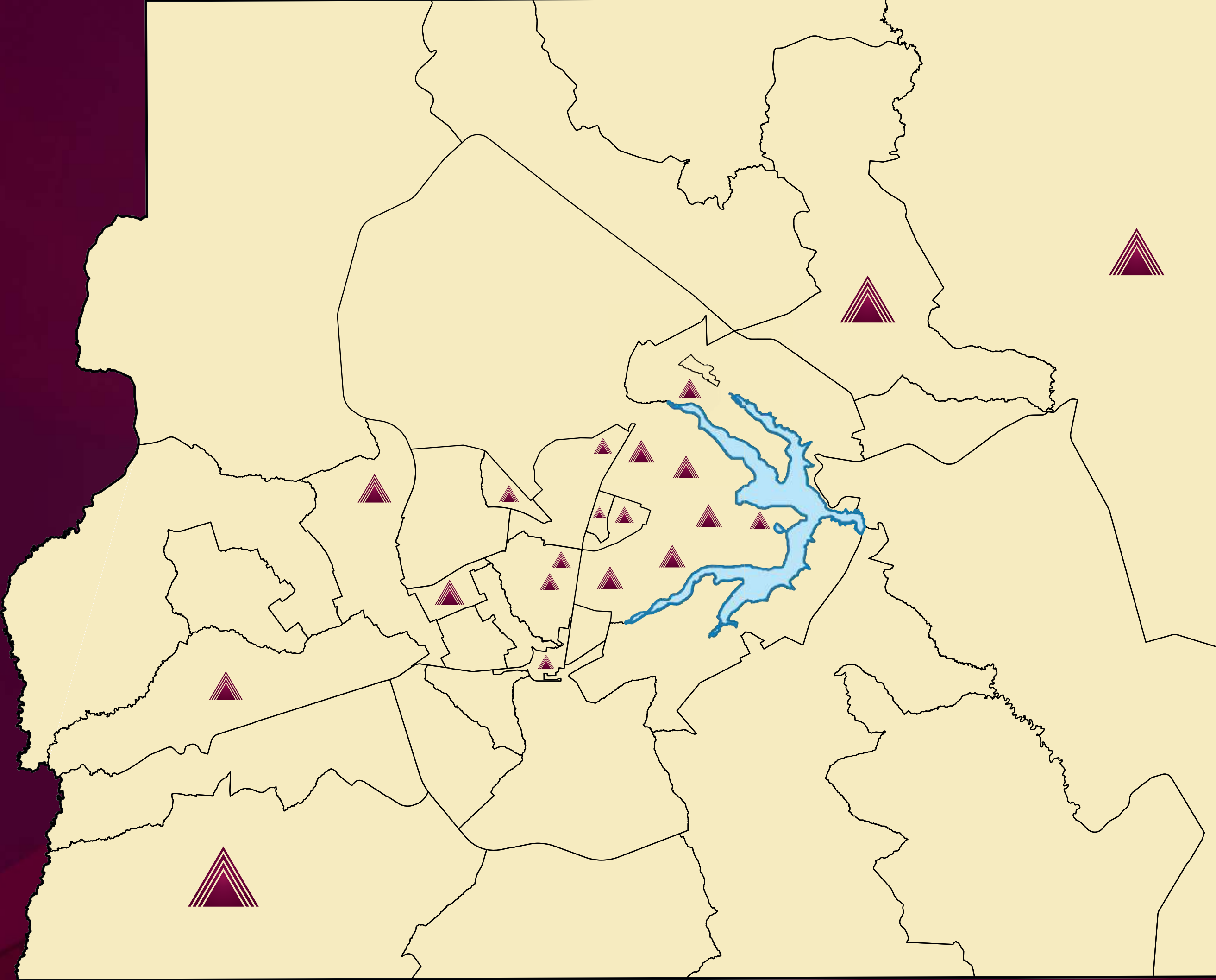
Cerrado e, em 2022, a lei foi aprovada pela Câmara Legislativa do DF (CLDF). A ação contribui para que as instituições promovam iniciativas voltadas para informar e conscientizar sobre o bioma, por meio de painéis, seminários, palestras e outras ações educativas.

"Acredito muito que toda política pública nasce de um sonho. Houve um tempo em que eu acordava depois de sonhar toda a noite com o Cerrado. E

, foi dessa inquietação, que decidi entrar para a Avinc e tentar fazer a diferença", pontua o estudante Davi Paes, 26. Em concordância, o estudante de ciências ambientais Lucas Dias, 26, conta que, por meio da militância em defesa do bioma, conseguiu unir duas áreas que tanto aprecia, a ecologia e a educação, tornando-se coordenador do Núcleo de Educação Socioambiental da Avinc. "Eu me sinto contemplado no projeto", diz.

» LEIA MAIS sobre o Cerrado na página 25

A **CONBRAL** tem um **LAR** para chamar de seu no **nosso quadradinho**



Brasília, nossa origem, nosso orgulho.

No aniversário da capital que nos acolheu e inspirou, celebramos não só a cidade, mas também a história que construímos juntos.

Há 56 anos, a **CONBRAL** nasceu em Brasília, com o propósito de transformar sonhos em realidade.

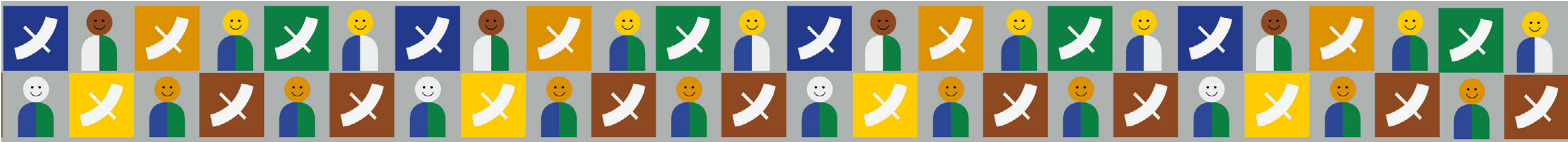
Desde então, já entregamos milhares de lares e edifícios comerciais, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento da cidade que nos viu nascer.

PARABÉNS, BRASÍLIA!

CONBRAL CONSTRUTORA BRASÍLIA



Eufrázio





Um canto coletivo

Criado em 1981, o Coral da UnB é referência nacional e reúne pessoas de várias idades em torno da energia que é emocionar o público

Éder Camúzis: "Fazemos questão de carregar no peito, e na voz, a afirmação de que 'nós somos de Brasília'"

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Cantar vai muito além do entretenimento: é uma prática capaz de transformar o estado emocional, aliviar o estresse e até melhorar a saúde física. Márcia Maria Prates, de 72 anos, afirma que esse potencial é real. "Existe aquele ditado, né? 'Quem canta os males espanta'! E espanta mesmo, viu?", brinca.

A aposentada faz parte do Coral da Universidade de Brasília, um dos coros mais antigos da cidade, criado em 1981 por um grupo de alunos da instituição. Mineira de Belo Horizonte, ela veio para Brasília em 1976 para acompanhar o marido, que havia passado em um concurso. Em 1985, após se divorciar, resolveu retornar ao movimento do canto coral. "Sempre cantei em corais, desde criança, mas parei quando me mudei para cá. Aí, quando me divorciei, resolvi voltar a praticar meus hobbies e entrei para um coral", relembra.

Após alguns anos em outro grupo, foi chamada, em 2002, para fazer um teste para o Coral da UnB. Foi aceita e permanece até hoje, sendo uma das integrantes mais antigas. "Cantar em coral mudou meu astral. A música tem um poder impressionante na nossa vida, ela traz leveza. Além disso, cantar em grupo fortalece laços e nos dá a sensação de pertencimento. Conviver, aprender com os outros e fazer novas amizades é maravilhoso", declara a aposentada.

Márcia afirma que grupos como esse são essenciais para a saúde mental dos moradores da capital. "Como a cidade recebe pessoas de todas as partes, é comum que muitos se sintam sozinhos ou deslocados. Por isso, participar de grupos é tão importante. Essas conexões fazem muita diferença", diz.

Vindo do Maranhão, o estudante de direito Pedro Henrique Santos, de 19 anos, afirma que resolveu ingressar no coral, pois tinha a vontade de participar da história da universidade. "É um projeto muito antigo que marca esse ambiente universitário e participar dele traz um senso de pertencimento", explica. Apaixonado por música, ele afirma que também entrou no projeto para criar vínculos e aprofundar seu gosto pelo mundo musical. "Eu sempre quis que a música estivesse presente na minha vida, independentemente da área profissional que eu seguisse, então resolvi por em prática essa ideia já na universidade", diz.

O impacto do Coral na vida de Pedro foi profundo. Além de promover um forte sentimento de pertencimento, o coral proporcionou uma rica troca de conhecimentos e experiências com pessoas de diferentes áreas, formações e trajetórias. Ele destaca o quanto é enriquecedor conviver com integrantes tão diversos, desde estudantes até mestres e veteranos do grupo. Para ele, cantar no coral é um momento de paz, lazer e bem-estar, mesmo exigindo dedicação e estudo.

Premiações

Atualmente, o Coral da UnB conta com 40 integrantes de diferentes idades e profissões. Reconhecido como um dos principais coros de Brasília, o grupo já conquistou diversas premiações em concursos nacionais e internacionais, como três diplomas de ouro no Concurso Internacional de Coros em Calella, Barcelona, o diploma de ouro e prêmio de melhor performance no Festival Lisboa Canta (2024) e outros.

Éder Camúzis, regente do coral há 24 anos, destaca que o grupo leva elementos da cidade mundo afora. "Fazemos questão de carregar no peito, e na voz, a afirmação de que 'nós somos de Brasília', exaltando com orgulho e celebrando toda a beleza e singularidade dessa cidade maravilhosa", celebra.

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Edgar Raman: "A gente vê as pessoas dançarem. Isso não tem preço"



Márcia Maria: "A música tem um poder impressionante na nossa vida"

Segundo Éder, a capital é uma cidade que canta, onde a música está presente de forma marcante, especialmente por meio do movimento coral, amplamente reconhecido. "Costumo brincar que não temos praia, mas temos muitos corais, bandas e músicos talentosos", destaca. Ele afirma que Brasília é conhecida como a cidade do rock, mas também é a cidade do coral. "Quando participamos de festivais pelo Brasil e mencionamos que somos um coro daqui, sempre percebemos um grande respeito por parte dos outros estados", completa.

Assim como Márcia, o regente também reconhece o poder da música para a qualidade de vida. "A música é terapêutica, e a música coral ainda possui uma série de elementos agregadores", explica. Ele cita que, além de exercitar os músculos utilizados no canto e a respiração, estar em um coro é uma experiência coletiva que promove pertencimento e conexão.

A professora de inglês Carolina Mendes, de 43 anos, afirma que cantar no coro é seu momento de terapia. "Aqui é onde me sinto leve, focada no que me faz bem, que é cantar. É maravilhoso estar cercada de pessoas unidas pela paixão pela música e movidas pelo amor à arte", conta. Graças a esse amor pelo canto, ela resolveu ingressar no Coral da UnB.

Alívio

Carolina destaca que, graças ao coral, teve a oportunidade de conhecer lugares que talvez nunca conheceria, participando de concursos em diversas regiões do Brasil e do mundo. "Esses concursos geram muita tensão, mas ensinam muito sobre o preparo necessário para ser avaliado", explica. Ela afirma ainda que aprende muito e também transmite seus conhecimentos ao público.

"É uma experiência rica, que vivo internamente, mas que também alcança quem está na plateia. O coral oferece acesso a uma variedade de repertórios, gêneros e estilos musicais, revelando a imensidão de formas de produzir e vivenciar arte", compartilha.

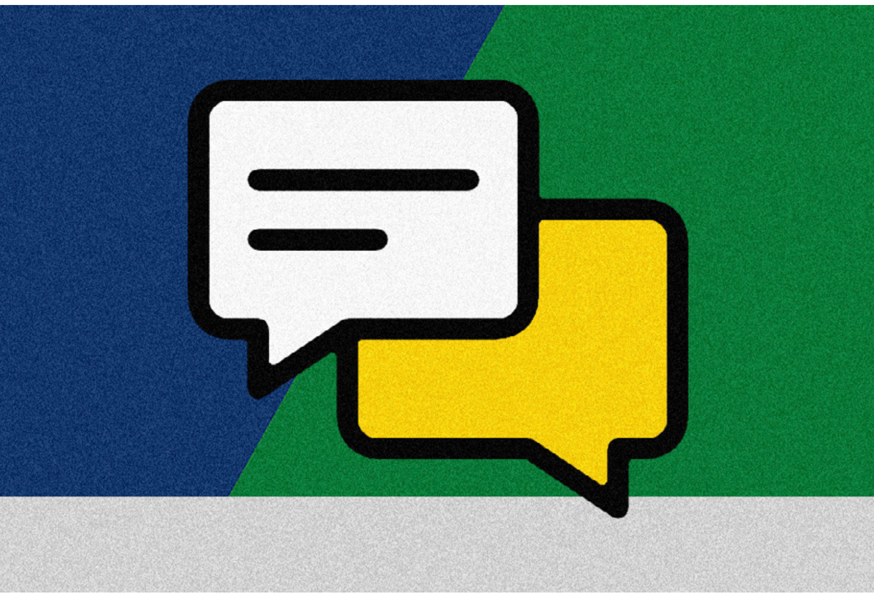
Edgar Raman iniciou sua história no canto coral ainda na infância, no colégio. Agora, aos 66 anos, é médico epidemiologista e professor da Universidade de Brasília desde 1997. Nascido na Colômbia, chegou a Brasília para estudar, passou pelo Rio de Janeiro e pelos Estados Unidos, até retornar à capital federal como docente.

Ele conta que, desde sua época de universitário, sonhava em fazer parte do Coral da UnB, grupo do qual participa desde 2005. Para Edgar, o canto coral é mais do que um hobby ou válvula de escape: é trabalho, dedicação, escuta, disciplina e, principalmente, emoção. "A gente canta e encanta, e depois vê a emoção do público, vê as pessoas dançarem. Isso não tem preço", celebra.

Ele fala com brilho nos olhos sobre a alegria das viagens, dos festivais, dos concursos. Ao refletir sobre a importância de grupos como o coral para a comunidade de Brasília, Edgar destaca o papel transformador da arte e ressalta o aprendizado contínuo proporcionado pela convivência com diferentes culturas e crenças: "Não é apenas tolerância, é respeito", afirma.

Minha Brasília

ANA RAQUEL LELLES



Contemplo a vista

A prosa está animada para um sábado, até que a garçonete, com copos de plásticos, avisa que o bar na 410 Norte está fechando. Olho para meus amigos — um brasiliense, cuja família veio do Rio, e uma mulher que cresceu na Asa Sul em meio a cultura baiana — e sei que é o horário de partir. Ainda é estranho, já que de onde venho, a capital mineira, o horário de partida é apenas quando o sol aparece. Peço um carro de aplicativo, despeço e entro no veículo.

Contemplo a vista por fora da janela: a cidade sem prédios altos nem morros. Brasília é mais escura durante a madrugada, iluminação que convida para dormir, já que, a noite não é uma criança aqui. Mas o dia compensa. Cada raio de sol é uma oportunidade de encher o corpo de serotonina. Seja pelas paisagens que lembram um museu a céu aberto; o calor típico do Cerrado; as feiras com comidas, bebidas e artesanatos; o samba e o pagode, que ecoam na cidade, apesar do rock ainda ser presente; e as pessoas…

Comento com o motorista como o brasiliense pode aparecer como alguém frio, com medo de intimidade. "Isso é culpa dessa localização. Pensa só, os candangos deixaram tudo de lado e vieram para o meio do nada construir uma nova etapa, não só na vida deles, mas no Brasil. E aí, os laços foram sendo criados como uma proteção. E como você já tem tudo dentro, é difícil deixar uma nova pessoa entrar", responde, com um bom humor invejável para quem está trabalhando àquelas horas da noite.

Fiquei em silêncio, refletindo como foi difícil encontrar amigos no DF. Mas minha mente me leva para festas em que fui sozinha e voltei com memórias de danças e cantos desafinados ao lado de desconhecidos que me desejam feliz aniversário. A tática para me aproximar é sempre a mesma. Soltando o mineres, pergunto o típico: "De onde você é?". A resposta sempre me leva para conhecer a árvore genealógica. "Minha avó veio de Pernambuco, conheceu um paulista. Aí, já sabe, né?!", relata o motorista.

Penso na mistura cultural que cresce, como se um pedaço de cada estado se unisse em um cuscuz - prato este que comecei a comer aqui, assim como carne de sol, tapioca e as famosas "jantinhas", que conhecia apenas como uma refeição com espetinho. Essa reflexão me leva direto a domingos no Eixão, em que, ao som de chorinho ou jazz, um debate sobre chope rende uma tarde de conversas sobre diferenças entre as regiões do Brasil.

Diferente do inverno mineiro, não há frio em Brasília. O que há é uma queda na temperatura que faz os brasilienses saírem, pela primeira vez no ano, com blusas de manga comprida e jaquetas. Outra característica daqui são as intensas secas, que fizeram meu nariz sangrar no primeiro ano. Já me acostumei, assim como com os endereços. Certa vez, uma amiga mineira, carinhosamente, se referiu a Superquadra Norte (SQN) como a gíria Só Que Não.

Na Asa Norte, o carro sobe o Eixinho aos 60 km/h, mas precisa diminuir a velocidade por conta de uma blitz policial logo a frente. A educação no trânsito no DF é algo que me encanta, ter as rotas facilitadas por um carro, o que é a realidade de muitos que usam o transporte público.

Outra reclamação que escuto é a "falta de entretenimento". Não nego que me decepcionei, digo ao motorista. "Isso é no Plano. Tem muita coisa bonita para lá", responde. Concordo. Certa vez, fui domada pela adrenalina da esperança de ganhar uma leitoa em um bingo no Guará. Que diversão!

Seja no Plano Piloto ou nas cidades satélites, Brasília tem um frescor. Assim como meu conterrâneo, Juscelino Kubitschek, deixei as montanhas mineiras para explorar um novo horizonte. Apesar das 12 horas que me separam de BH, me sinto em casa no meio Cerrado. Agradeço ao motorista e entro na quadra, atravessando os pilotis brancos para entrar no prédio. Aviso aos amigos da minha chegada, preparada para dormir junto à cidade.

Eufrázio



Juntos para **conservar o Cerrado**

A rede de pesquisa se divide em cinco projetos que, no final, se unem no mesmo propósito: trabalhar arduamente para conscientizar sobre a importância e criar propostas para evitar a devastação do bioma

Bruna Gaston/CB/D.A Press



O grupo de alunos e professores acreditam que a defesa do Cerrado pode conectar os brasilienses

» ARTHUR DE SOUZA

A luta para preservar o meio ambiente une cada vez mais pessoas. Um dos exemplos é a Rede de Pesquisa Biota do Cerrado, iniciativa colaborativa que reúne professores, estudantes e pesquisadores de diversas universidades, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a diversidade que existe nesse bioma. Na Universidade de Brasília (UnB), o grupo é composto por um grupo que, unido, trabalha para conscientizar a população sobre a importância do Cerrado brasiliense.

Uma das coordenadoras do projeto é Dione Moura, 59 anos. Ela conta que sua conexão com o bioma teve início antes mesmo de se mudar para Brasília. “Quando morava em Goiás, ainda criança, lembro que meu pai era muito cuidadoso com as questões ambientais”, comenta. “Ele não deixava, por exemplo, ninguém caçar passarinhos no nosso quintal. A gente tinha também um lago no quintal da casa ,que ele preservava. Então, acho que veio do meu pai essa paixão pelo Cerrado”, acrescenta.

Segundo Dione, a paixão por Brasília veio de ainda mais longe. “Tem pouco mais de um século”, brinca. “Meu avô gostava muito de política e ele ficou sabendo que ia ter uma nova capital, no Centro-Oeste, que ia se chamar Brasília. Isso virou um sonho, tanto que uma das filhas dele, minha tia-avó, chamou-se Brasília”, recorda a professora.

Além dela, Tarcísio Abreu, 49, também trabalha como pesquisador na Rede de Biota do Cerrado, no projeto de mudanças climáticas. “A gente consegue fazer previsões sobre as espécies e quais os impactos das mudanças climáticas sobre as populações de animais e de plantas”, explica. De acordo com ele, isso é importante para tentar criar um panorama do que pode acontecer e o que pode ser feito para evitar os cenários, sejam eles os mais pessimistas. “Trazemos isso tudo tentando buscar soluções. Como a gente consegue encarar esses eventos extremos, que estão cada vez mais frequentes”, ressalta.

Biodiversidade

Isabel Schmidt, 44, destaca que a Universidade de Brasília, desde a sua formação, tem essa ideia de unir as várias áreas do conhecimento. “Na Rede Biota Cerrado, a gente conseguiu fazer isso de um jeito muito bom. Juntamos pessoas que trabalham em várias áreas do conhecimento biológico sobre o Cerrado e especialistas da comunicação, que nos ajudam a traduzir esse conhecimento para a população, de forma geral”, descreve. “Ter, dentro da mesma universidade, pessoas que entendem muito bem da comunicação e da divulgação da ciência, é uma das belezas desse projeto”, observa a professora.

Humberto Nappo, 26, é bolsista da Rede Biota e, segundo ele, a conexão do projeto com a cidade se dá pelo fato de que Brasília está no coração do Cerrado. “Aqui, a gente tem amostras de espécimes da herpetofauna, especialmente do Cerrado”, afirma. “São animais que foram identificados há décadas e que não se tem mais registro há muito tempo. Então, acredito que esse testemunho da biodiversidade que há em Brasília — e que talvez não exista mais — seja uma forma das pessoas se conectarem com o que tem de natural no Cerrado brasiliense”, avalia. “Trabalhando na manutenção e na expansão da coleção herpetológica da Universidade de Brasília, sinto que estou atuando no sentido de possibilitar que mais pessoas conheçam a biodiversidade do Cerrado, passando a amar e defender esse bioma”, complementa.

Sensibilização

Isac Venâncio, 28, também é bolsista do projeto e um dos responsáveis por criar o único guia sobre as espécies de lagartos que existem no DF. O estudante afirma que a ideia é trazer essa integração do público com a ciência. “O guia foi montado num site e agora a gente está trabalhando também nas redes sociais, onde vamos fazer publicações para tentar sensibilizar o público e trazer um pouco do conhecimento que buscamos em campo e transformar isso, de uma forma mais didática, para o público”, esclarece.

Mestranda na UnB, Ana Caroline Aragão, 24, ressalta que o projeto tem tudo a ver com Brasília. “Ele é realizado por pesquisadores da UnB, está dentro de uma área de preservação ambiental que também está inserida na capital do país e, por meio desse projeto, a gente consegue dar contribuições valiosas sobre a conservação de populações naturais do Cerrado”, comenta.

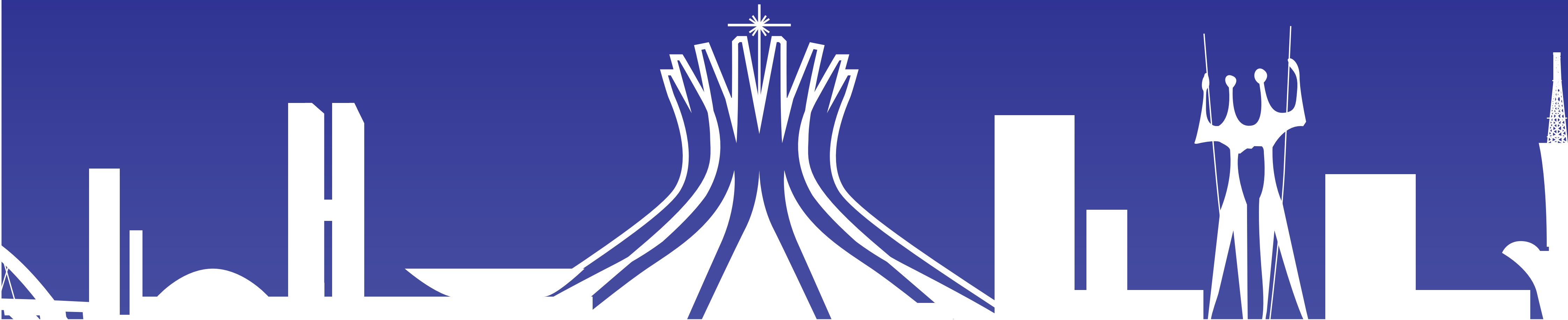
Veronica Slobodian, 38, chefe do Departamento de Zoologia da instituição, explica que sua parte dentro do projeto é entender quais são os peixes que existem nas regiões que são investigadas no DF. “Com base nesses dados, montamos projetos de conscientização. Um deles é um jogo, aplicado no Museu de Biologia da UnB, em que as pessoas participam de uma exposição virtual dos peixes e tentam criar mecanismos para que eles não sejam ameaçados de extinção”, argumenta.

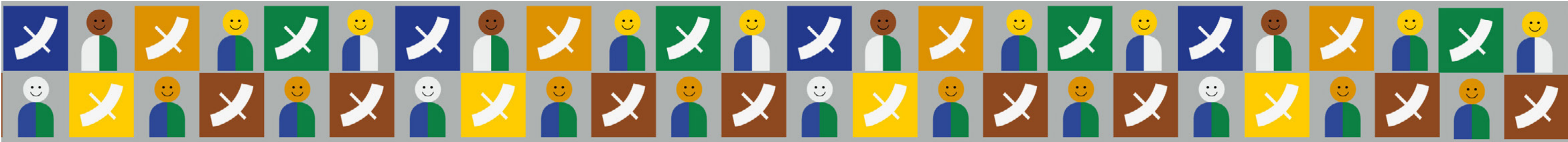


Parabéns, Brasília!

65 Anos!

A Click Net nasceu em Brasília. E como bons brasilienses, seguimos firmes, conectados e apaixonados pela nossa cidade!





Entre as asas do avião

No Sudoeste e no Noroeste, atividades gratuitas ou colaborativas se transformam em espaços de convivência da vizinhança

» MARIANA REGINATO*

Localizados nas proximidades das asas Sul e Norte, o Sudoeste e o Noroeste, respectivamente, reúnem diversas atividades para o público da capital. Idealizado por Lucio Costa, o Sudoeste surgiu oficialmente em 1987 para abrigar a população que crescia na capital da República. Área tombada de Brasília, os prédios, assim como nas asas, não podem ter mais de seis andares. A localidade se separou do Cruzeiro e é a Região Administrativa 22, que engloba a Octogonal.

Um dos espaços que mais reúne atividades para todas as idades é o Parque Bosque do Sudoeste. Foi inaugurado em 2013 e possui quadras poliesportivas, quadras de areia, ciclovia e aparelhos de ginástica. Durante a semana, o local engloba atividades pagas e gratuitas para os moradores se exercitarem em conjunto. O Parque Bosque oferece aulas gratuitas de dança, oficina de xadrez, chorinho no parque, Lian Gong, que é uma ginástica terapêutica, aulas de patins e crochê terapia. De forma paga, estão disponíveis turmas de futebol, futevôlei, beach tennis, yoga, zumba e funcional.

Tereza Canal, educadora física de 51 anos, é responsável pelas atividades no local. Ela nasceu no Rio Grande do Sul e chegou em Brasília em 1998. Em 2010, decidiu fazer a faculdade de educação física. Segundo ela, as aulas servem para ajudar a comunidade e sempre que recebe bom retorno dos participantes percebe a importância das atividades. "Ajudar os outros é uma experiência gratificante, promover momentos felizes, bem-estar ao próximo, fazer diferença na vida das pessoas é contribuir com nossa parte para um mundo melhor", destaca.

"Sempre temos algo a fazer pelo próximo, se cada um de nós fizermos um pouco, teremos uma sociedade mais junta, unida e feliz. A procura pelas atividades aumentando a cada dia, vejo que não tem relatos de depressão, ansiedade ou adoecimentos nesses grupos ativos", ressalta.

A primeira atividade organizada no local foi a aula de patins com o professor Iran Sotero. Assim que o parque foi inaugurado, Iran viu como uma oportunidade e começou a usar o espaço para suas aulas. "Eu tinha sempre em média 15 ou 20 alunos. Em 2019, uma aluna começou a cuidar das minhas redes sociais e aumentou para 40 ou 50 alunos por turma", conta Iran. O projeto é chamado Projeto Família e agrega pais e filhos na mesma aula.

Iran relata que viu muitos pais e filhos melhorarem a relação entre eles por meio das aulas. "Cansei de ver pais e filhos chegarem às aulas um gritando com o outro e depois de um mês, dá para perceber que estão em harmonia. Vale muito mais uma hora de patinação do que ficar três horas vendo um filme com seu filho sem interação", reflete o professor.

Outra atividade do Bosque do Sudoeste é a vida em movimento, aulas de dança abertas três vezes na semana. A professora Áudila Badaró é profissional de educação física há mais de 10 anos.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A Press



Professora Áudila Badaró dá aulas de dança gratuita no Parque Bosque do Sudoeste



As alunas se reúnem no parque três vezes na semana, nas segundas, quartas e quintas, às 17h

"A aula tem o benefício de ser gratuita e acredito que gera mais leveza e mais interesse dos alunos de virem para as aulas", destaca a professora. Segundo ela, as pessoas vivem em uma época de muita ansiedade, e a atividade física é um pilar essencial para combater esse mal.

Para Áudila, um dos aspectos mais importantes da aula é a convivência e amizade entre as alunas. "A gente não veio para vivermos sozinhos. A gente veio para viver em comunidade. Às vezes, alguma aluna chega mais cabisbaixa, e quem está do lado a estimula e a motiva. A gente chega na aula de um jeito e sai de outro, aqui é o momento de extravasar", ressalta.

Fabíola Torino, aluna de Áudila, é nascida no Rio Grande do Sul e a aula é um dos momentos que a faz se sentir em casa fora de sua cidade natal. "Como muitas famílias aqui, em Brasília, são de outros estados, as pessoas, às vezes, ficam sem família, ficam muito sozinhas", diz, acrescentando que as aulas são momentos de convivência também.



Ajudar os outros é uma experiência gratificante, promover momentos felizes, bem-estar ao próximo, fazer diferença na vida das pessoas é contribuir com nossa parte para um mundo melhor"

Tereza Canal, *educadora física*

Quadras

O Noroeste é a região mais nova de Brasília com as construções iniciadas em 2009. A região tem o Parque Burle Marx, que está sendo adaptado para receber atividades, mas, no momento, a maioria dos esportes e encontros são organizados nas quadras poliesportivas espalhadas pelo bairro.

Ugo Eichler é biólogo e se mudou para o Noroeste, em 2018, onde começou a fazer aulas de beach tennis nas quadras do bairro. Porém, com a pandemia, o isolamento se instaurou, e a prática esportiva teve uma pausa. Mas depois da crise sanitária, Ugo se juntou com outros três moradores e voltaram a jogar de manhã cedo em uma das quadras. "Hoje, esse grupo do beach tennis tem mais 350 pessoas", conta o biólogo. A comunidade do bairro mantém três quadras no Noroeste e se ajudam para que todos possam jogar.

Os moradores separaram os custos e compraram um pequeno trator para cuidar da areia, além de dividirem materiais como rede, bolinhas e marcação. "A gente se dispôs a melhorar e a cuidar da quadra para a saúde nossa e do esporte. E, com isso, a gente foi construindo uma comunidade engajada em proteger e conservar o espaço que a gente utiliza, além de criar relações", conta Ugo.

O que começou como uma válvula de escape na pandemia, hoje permeia a vida dos moradores que usam o esporte para conhecer os vizinhos e aproveitar o espaço do bairro. "Atualmente, a gente vê esse grupo muito ativo, com várias amizades sendo formadas e as pessoas praticando esporte, as tirando daquela monotonia do dia a dia de casa. Então, isso acaba movimentando as pessoas e também criando um uso desse espaço público que existe aqui, no Noroeste", argumenta o biólogo.

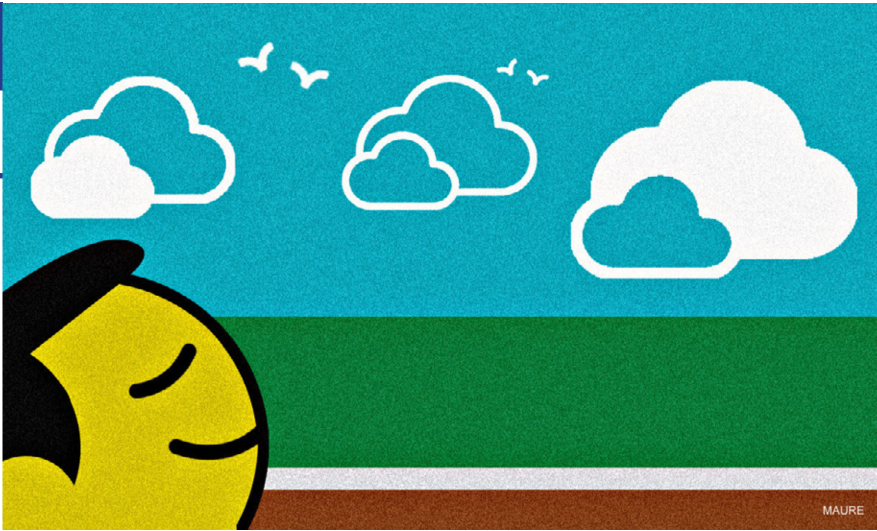
***Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira**



Minha Brasília

PATRICK SELVATTI

Envelhecer sem perder a ternura



Há período de seca e época de chuva, mas, em qualquer mês do ano, tem sempre aquele dia em que Brasília amanhece com céu de brigadeiro. E é nessas datas que eu, como todo apaixonado, me pego surpreendido pela cidade como se fosse a primeira vez. São 22 anos, algo em torno de 8 mil dias e 190 mil horas. Tempo demais, véi! E quem diria: parece ontem que eu cheguei aqui, achando tudo grande e distante demais. Distante, principalmente, da minha casa.

A capital do país quase nunca se abre com promessas fáceis: os eixos e as asas não te aconchegam imediatamente com abraços, mas as tesourinhas também não cortam seus sonhos. Ela te conquista aos poucos, de forma silenciosa, em meio a traçados e caracteres alfanuméricos que não são exatamente decifráveis ao primeiro olhar e a uma temperatura complexa de mensurar à flor da pele.

Acho curioso pensar que, quando cheguei aqui, aos 23 anos, Brasília tinha 43 — um pouco mais jovem do que eu hoje. Eu envelheci, e ela também. Agora, aos 65, é possível contemplar com maior nitidez as rugas e as cicatrizes. As marcas de idade são inerentes a quem atravessa o tempo, por mais que as obras urbanísticas em expansão tentem maquiá-las com suntuosos viadutos, edifícios alcançando o céu e novos parques se abrindo na imensidão verde do quadradinho.

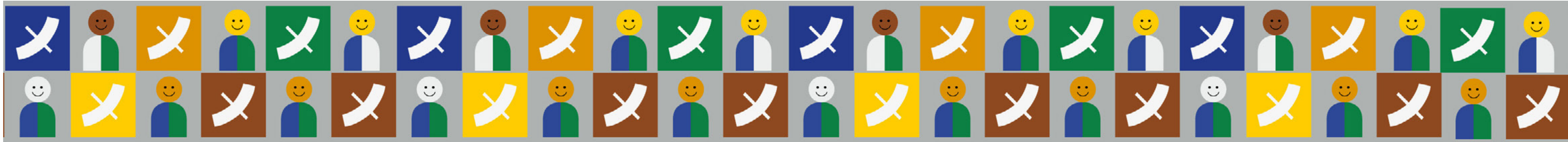
Já os machucados nem sempre podemos evitar, e alguns até parece que nós sentimos juntos a dor. Como quando o patrimônio foi invadido e apedrejado no lamentável episódio recente de vandalismo e extremismo. Aquilo feriu pessoalmente cada um de nós que amamos esta cidade.

Mas nada apaga o vigor que se perpetua na alma da nossa capital. Ela acumula tradição nas esquinas que dizem não existir por aqui, resistência nos inúmeros becos que servem de respiro entre as não raras casas geminadas e esperanças nas pequeninas janelas dos milhares blocos residenciais — com ou sem cobogó. A cidade não possui mar, mas, além do panorâmico lago Paranoá, tem bar, onde a galera se encontra e, sem perceber, muitas vezes, em meio a conversas fiadas surfadas nas calçadas das quadras comerciais, ajuda a escrever capítulos poéticos que mergulharão na memória local.

Ainda que distante de onde eu vim, Brasília se tornou a minha casa. Para quem, como eu, adora viajar, é um alento quando o avião se aproxima da capital, e a gente consegue visualizar, ainda andando nas nuvens, a maquete tão característica que sinaliza o nosso lar. Nesses minutinhos que antecedem o pouso, é como se pudéssemos sentir invadir nossas narinas o aroma dos ipês e do kibeirute fritinho na hora — e até mesmo aquela sensação inconfundível de secura no nariz.

Hoje, ao ver Brasília celebrar mais um ano, é como se eu estivesse observando uma avó que envelhece sem perder a ternura. Ao contrário: quanto mais avança o tempo, maior fica o cuidado. E é bom que a capital não busque parecer jovem, mas se mantendo uma senhora elegante, de olhar futurista, e que será sempre um avião!

Eufrázio





Guilherme Felix/CB/D.A Press

Estagiários do Correio: uma nova geração de repórteres que tem o compromisso com a cidade

Histórias de vida e de jornalismo

O **Correio Braziliense** completa 65 anos e, desde então, participa da vida da cidade. A Redação do jornal preserva o legado de grandes profissionais e reforça o compromisso com novas gerações

» EDUARDO FERNANDES

Quando Brasília foi inaugurada, 65 anos atrás, havia apenas o desejo inquieto de Juscelino Kubitschek em tornar este lugar uma referência para todo o país. Isso, claro, tanto do ponto de vista modernista quanto arquitetônico. O que ele não sabia era que, com o nascimento da cidade, novos frutos apareceriam desta terra. Além das belezas erguidas com concreto, como a Catedral e o Museu Nacional, existe aqui outro patrimônio, sinônimo de resistência e de esperança: o **Correio Braziliense**.

Em 21 de Abril de 1960, nasciam Brasília e o **Correio**. Idealizado por Assis Chateaubriand, fundador do grupo Diários Associados, o nome do veículo é uma homenagem ao jornal mensal criado pelo jornalista Hipólito José da Costa, que circulou entre os anos de 1808 e 1822.

Assim, do sonho de Hipólito, veio a realização de Chateaubriand, que construiu um verdadeiro império da comunicação, com diversos jornais e emissoras de rádio e televisão integrando o grupo do Diário dos Associados. Um deles, o **Correio Braziliense**, referência na cidade pelo compromisso com a notícia, coberturas robustas e memórias acumuladas nesses anos todos. Neste veículo existe a certeza de que o bom jornalismo nunca morre, muito menos os responsáveis por tornarem esse lugar tão fundamental para Brasília.

Figuras ilustres do jornalismo nacional passaram pela redação, como o cineasta/jornalista Glauber Rocha. Era responsável por escrever artigos políticos para o jornal, entre os anos de 1977 e 1979. Millôr Fernandes, um dos mais importantes cronistas do Brasil, foi colunista do jornal em 1996. Vários são os nomes que fizeram do **Correio** o que ele é hoje, incluindo aqueles que chegaram e permaneceram, tanto os mais velhos quanto os novos, em um belíssimo encontro de gerações.

Arquivo CB/CB/D.A Press

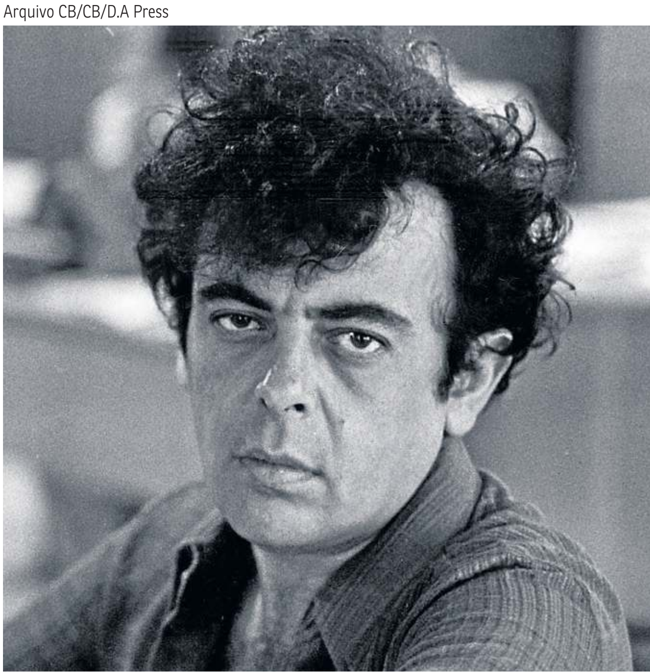
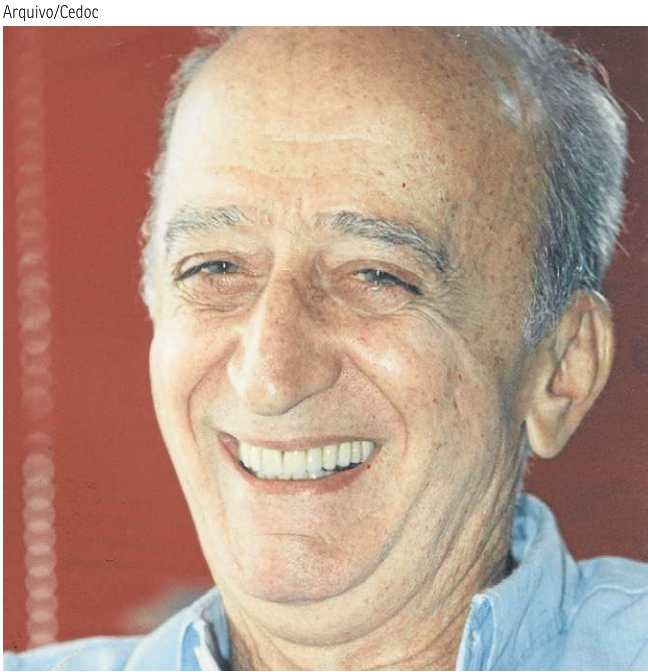


Foto clássica de Glauber Rocha na antiga redação do Correio

Arquivo/Cedoc



Millôr Fernandes foi colunista do jornal em 1996

Bruna Gaston/CB/D.A Press



Severino Francisco, Liana Sabo e Irlam Rocha Lima: dedicação ao jornalismo e a Brasília

Longa trajetória

Uma dessas histórias que se misturam com a trajetória do jornal, é a da jornalista Liana Sabo, colunista de gastronomia. Com 57 anos de casa, ela participou de coberturas que marcaram a história, principalmente política de Brasília. Desde a morte de Juscelino Kubitschek até a posse de José Sarney, Liana esteve lá. "O **Correio** também sou eu. Cheguei aqui menina, vindo do Rio Grande do Sul. Estive nos Estados Unidos e conversei com o presidente Richard Nixon, cobri guerras pelos corredores de Brasília. Fiz de tudo no jornalismo", relembra.

Liana não somente escreveu sobre histórias, como também se tornou uma. Depois de ser repórter geral, produzir matérias sobre a Presidência da República e inúmeras outras, foi escolhida para um desafio entre os muitos que teve de superar: falar sobre mulheres. "Um editor do **Correio** na época veio até mim e me disse que faríamos uma espécie de suplemento feminino para o jornal", conta. De início, Liana não sabia o que fazer.

Afinal, estava acostumada com os assuntos voltados para a política. De acordo com ela, não sabia o que mulheres gostavam de ler, de fazer, de experimentar. Teve que mergulhar nesse que era, para Liana, um mundo cheio de possibilidades. Leu revistas, estudou sobre temas e resolveu tentar — assim como sempre tentou. No projeto, intitulado de *Mulher*, a jornalista escrevia sobre moda, maquiagem, artesanato e feminismo. Neste espaço, começou também a produzir reportagens sobre gastronomia.

Na cidade, esse ecossistema era pouco explorado. Aquela repórter que começou em política resolveu revolucionar o que antes nem era cogitado para existir. Se hoje existem blogs de culinária, cursos de gastronomia em Brasília, acredite: é graças a Liana Sabo. "Posso dizer que criei o jornalismo gastronômico aqui", finaliza. Há quase duas décadas ela assina o Favas Contadas, blog de gastronomia do **Correio**. Desde então, esse tem sido o seu lugar.

Sempre repórteres

Imagine conhecer Cazuza, jogar futebol com Chico Buarque e ser amigo de Gilberto Gil. Irlam Rocha Lima, prestes a fazer 50 anos de **Correio**, sabe como ninguém o valor de boas histórias. "Entrevistei Renato Russo, tomei uma cerveja com o Dominguinhos. Esse jornal é a extensão do que eu sou. Vim do nada, lá da Bahia. Comecei no esporte e agora estou aqui (em Cultura). Trabalhar nesse jornal é o maior prazer da minha vida", afirma Irlam.

E olha, do alto de suas oito décadas de vida, o vigor permanece o mesmo. O caminhar ainda acelerado é uma provocação ao tempo: "Só vou parar quando não der mais", brinca o jornalista. Todos os dias, o olhar atento em frente ao computador permanece o mesmo. As matérias de música e arte continuam com a mesma paixão que vem com ele desde o começo. Irlam está à frente da coluna *Sons da Noite* e do blog *Trilha Sonora*, mas não gosta de se chamar de colunista. "Serei repórter até o fim. O resto, bem, é consequência".

De lendas jornalísticas apaixonadas pela cidade, o **Correio** tem uma grande lista. Cronista do jornal desde 2005, Severino Francisco é um amante da palavra. Literatura, arte e filosofia foram os combustíveis para que ele chegasse ao cargo que ocupa hoje, como subeditor da Editoria de Cultura. No entanto, não se engane, essa ocupação está longe de ser, realmente, um ofício. Foi, na verdade, a maneira que ele encontrou de canalizar tanta inquietação.

"Nunca pensei em ser jornalista. Minha relação sempre esteve entre a leitura e a escrita", destaca. Severino começou no **Correio** em 1980 e estendeu sua passagem até 1990. Mal sabia ele que, 15 anos depois, retornaria. "Vivi mais tempo na rua e no **Correio** do que em qualquer outro lugar. Vivo esse jornal, todos os dias é uma luta e um leão. Mas nunca me canso, tenho energia de sobra", completa. Severino conheceu Athos Bulcão e até tomou um porre com Vinicius de Moraes. Sua grande paixão é Brasília. Essa cidade é a sua casa.

De olho no futuro

Como um bom jornal, as histórias nunca param de ser contadas. Por isso que uma nova geração é tão importante, para continuar caminhando pelas estradas construídas por Liana, Irlam e Severino. Desde pequena, Giovanna Sfalsin, 19, se considera comunicativa e curiosa. "Queria entender o porquê das coisas, ouvir histórias e compartilhar tudo que aprendia. Sempre gostei de ajudar as pessoas e, de alguma forma, sempre vi na comunicação uma ponte para isso", ressalta. Estagiária da editoria de Cidades desde o ano passado, descobriu no jornalismo uma maneira de se conectar com as pessoas.

Estar no **Correio** tem sido uma experiência marcante. É uma escola, sem dúvida. E trabalhar na editoria de Cidades torna tudo ainda mais especial, porque é onde o jornalismo ganha rosto, nome e emoção. A gente fala com gente real e conta histórias que muitas vezes passam despercebidas", descreve.

Viver coisas diferentes e conhecer pessoas é o que motivou Emanuely Araújo Santos, 20, a cursar jornalismo. Em um jornal tão tradicional, ela traz ao mundo digital uma nova era para o **Correio**, sendo uma jovem promissora na editoria de Multimídia. "Quando era pequena, meu pai comprava o **Correio** e pegava a seção de política. Eu ficava com a de diversão e arte. E hoje em dia ler uma matéria que eu escrevi ou da qual participei, além de ser superlegal, é algo que eu acredito que só o **Correio** poderia me proporcionar", enfatiza.

Quando mais novo, Arthur Ribeiro, 24, gostava de se aventurar na escola ao tentar escrever poemas. "Lembro de falar aos meus pais que queria escrever um livro", conta. Dessa forma, começou a trabalhar com as palavras. Aficcionado por esportes, o jovem não é daqueles que só fala de futebol. Se quiser saber sobre basquete, Fórmula 1 e futebol americano, ele é uma enciclopédia viva.

"O **Correio** foi a minha principal escola de jornalismo. Passei seis meses como estagiário de Cidades e hoje estou na editoria de Esportes. Aqui aprendi todas as ferramentas para ser um jornalista, desde a ética, a qualidade na escrita, a apuração, saber ouvir e conseguir superar a timidez", revela.

Como jornalista esportivo, pôde realizar muitos dos meus sonhos de infância, estando em eventos que ele somente imaginava. Cobrir eventos que só via na televisão, como Fórmula 1, Libertadores, Copa do Brasil, NFL, basquete, tênis. "Me sinto realizado, ainda mais por poder escrever sobre aquilo que amo", ressalta.

Mesmo aos 19 anos, Maria Luísa Magalhães carrega de berço um amor por filmes e livros. "Por isso mee encontrei no curso de jornalismo, e hoje não me imagino fazendo outra coisa. Gosto das aulas, dos trabalhos e da profissão, tudo me reforça diariamente que é o que nasci para fazer", comenta.

A experiência no jornal, que começou no ano passado, tem sido maravilhosa. Estagiar em Cultura é estar onde ela sempre quis, escrevendo sobre assuntos dos quais um dia imaginou, mas que não achou que aconteceria — pelo menos não tão rápido.

"Trabalhar no **Correio**é muito significativo. Mais que um nome no currículo, tudo depende de como a pessoa se porta no estágio para elevar a experiência e realmente aprender algo que vai ficar com você durante toda sua carreira", finaliza.

BRASÍLIA 65 ANOS DE OUSADIA

PAULOOCTAVIO 50 ANOS DE REALIZAÇÕES


Início das obras junho de 2025


Início das obras abril de 2025


Início das obras abril de 2025


Inauguração em 26 de abril de 2025

A PaulOOctavio celebra os **65 anos de Brasília** presenteando a cidade com quatro inovadores empreendimentos, entre eles, o Planaltina Shopping, o Residencial Desembargador Souza Prudente, o PO Capital 1 e o Residencial Fernando de Noronha, obras que irão valorizar o DF, gerar empregos e desenvolvimento para o nosso quadrilátero. O **Planaltina Shopping** vai proporcionar opções de consumo, lazer e diversão para a histórica cidade de Planaltina. O **Residencial Desembargador Souza Prudente** vai oferecer apartamentos de alto luxo na SQN 109, o **PO Capital 1** chega para valorizar o SRTVN com um centro empresarial sofisticado e planejado com lajes corporativas e o **Residencial Fernando de Noronha** chega para consolidar mais uma fase do Península Resort Residencial.

